



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
CURSO DE DOUTORADO ACADÊMICO EM LETRAS:  
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS**

**CARLENE FERREIRA NUNES SALVADOR**

**ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO DAS  
SÉRIES B, C E D EM JORNAIS DIGITAIS POPULARES:  
construção de um dicionário eletrônico**

**VOLUME I**

**BELÉM  
2017**

CARLENE FERREIRA NUNES SALVADOR

ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO DAS SÉRIES B, C  
E D EM JORNAIS DIGITAIS POPULARES: construção de um dicionário  
eletrônico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos:  
descrição e análise de línguas naturais

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Abdelhak Razky

BELÉM  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca do ILC/UFPA-Belém-PA**

Salvador, Carlene Ferreira Nunes, 1977-  
ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO DAS SÉRIES  
B, C E D EM JORNAIS DIGITAIS POPULARES: construção de um dicionário  
eletrônico / Carlene Ferreira Nunes Salvador; orientador, Abdelhak Razky. –  
2017.

505 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Doutorado em Letras, Belém, 2017. Volume I, II e III (CD).

1. Linguística de *Corpus*. 2. Lexicologia. 3. Língua portuguesa – Brasil  
- Lexicografia. 4. Linguística – Ensino auxiliado por computador. I. Razky,  
Abdelhak, **orient.** I. Título.

CDD: 22. ed. – 413.028

CARLENE FERREIRA NUNES SALVADOR

ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO NAS SÉRIES B, C  
E D EM JORNAIS DIGITAIS POPULARES: construção de um dicionário  
eletrônico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título  
de Doutor em Letras.

APROVADA EM: 27/03/2017

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Dr.º Abdelhak Razky - Orientador  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Universidade de Brasília- UnB

---

Prof.ª Dr.ª Maria Luísa Ortíz Alvarez – Membro externo  
Universidade de Brasília - UnB

---

Prof.ª. Dr.ª Aparecida Negri Isquerdo – Membro externo  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

---

Prof.ª Dr.ª Marilucia Barros de Oliveira – Membro externo  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof.ª Dr.ª Regina Célia Fernandes Cruz – Membro externo  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof.ª Dr.ª Marília Ferreira - Suplente  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof.º Dr.º Sidney da Silva Facundes - Suplente  
Universidade Federal do Pará - UFPA

*Aos meus filhos, os amores da minha vida, aqueles que fazem o meu existir mais doce.  
Ao meu esposo, meu grande amor, companheiro e incentivador de minhas muitas batalhas.  
Ao meu pai, homem reto e digno, que ao segurar o cabo de sua enxada me permitiu estudar.  
À minha mãe e ao meu sobrinho Helmes, fontes de inspiração e de incentivo (In Memoriam).  
Ao meu amigo Fábio Xavier (In Memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Quando deixei minha cidade natal, Jacundá, em 1992 eu tinha apenas o intuito de conseguir estudar e tentar de alguma forma mudar o curso de minha vida, mas nunca imaginei alçar voos tão altos. Durante esta longa jornada, precisei da ajuda de muitas pessoas com as quais pude contar e a quem não poderia deixar de agradecer sinceramente.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por nos dar o feixo de luz que permeia nossas vidas;

À minha irmã Ozanira Nunes, a quem sempre posso recorrer;

À minha sobrinha Helma Nunes, por ter sido um porto seguro e alguém com quem sempre pude contar;

Aos meus irmãos, em especial ao meu irmão Regio Nunes, pela ajuda constante e parceria ao longo da vida;

Ao meu orientador, Abdelhak Razky, homem calmo, sereno e que por sua sabedoria de vida me guiou em direção a um trabalho de excelência e respeito ao próximo;

À professora Regina Cruz, por ser grande incentivadora na minha vida acadêmica;

À professora Maria Luísa Ortíz Alvarez, uma pessoa excepcional que me acolheu em Brasília e me possibilitou viver um pouco do seu dia a dia, por suas valiosas contribuições no exame de qualificação e pelas aulas inspiradoras de fraseologia;

Aos mestres do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA;

Aos colegas do projeto *GeoLinTerm*, com quem compartilhei esses quatro anos de trabalho, angústias e sucessos;

À Rejane Garcez, por ser calma quando eu fui tempestade;

À Eliane Costa, pela ajuda com o *WordSmith* e pela amizade;

À Rosângela Oliveira pela amizade e pela ajuda com a limpeza dos textos;

Ao Arlon Martins, pela ajuda com o *Lexique Pro*, pela disponibilidade e por sua amizade;

À Brayna Cardoso, minha amiga de todas as horas;

Ao José Barros, pela amizade e pela ajuda com a parte tecnológica do trabalho;

Ao Lucian e ao Rafael, por me ajudarem, cuidando dos meus filhos quando eu não o podia fazer;

Às minhas amigas da vida toda, Janaína Cheab, Juliane Ferraz, Cristina Tereza Cheab e Milene Guimaraes, pelo incentivo constante e por compartilharmos a mais bela amizade que uma pessoa pode ter;

À amiga Léa Fernandes, pela revisão textual e normalização desta tese;

À amiga Edinerlis, Didi, pela ajuda com a leitura dos textos em francês e pela nossa rica amizade;

Ao amigo Denílson, pela ajuda com a leitura dos textos em inglês e pela nossa linda amizade de tantos anos;

Aos validadores da pesquisa;

À Fapespa, pela concessão da bolsa de estudos;

Aos coordenadores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras pelos serviços prestados aos discentes;

Enfim, a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram para que este trabalho fosse realizado.

## RESUMO

Esta pesquisa, de base fraseológica e de cunho quali-quantitativo, apresenta um apanhado de unidades lexicais fixas, as quais se configuram como sequências portadoras das vivências de uma ou mais gerações e funcionam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano. O que caracteriza o fraseologismo é a convencionalidade do agrupamento e a sua memorização como um bloco coeso, sua sequência é recuperada da memória como um todo e reconhecida como uma unidade informacional. Neste sentido, o presente trabalho de doutoramento, tem por objetivo produzir um dicionário fraseológico do futebol, em versão impressa e eletrônica, a partir de um *corpus* coletado de textos oriundos de jornais populares brasileiros que circulam em formato impresso e digital, em cinco capitais brasileiras: Belém, Goiânia, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro. Os textos dos jornais que serviram de base para a análise fraseológica são referentes ao recorte temporal de 2008 a 2015, período que compreende um pós-Copa e a realização de duas Copas do Mundo da FIFA, o que leva a crer que há uma propensão natural à produção dessas estruturas, e que leva a verificar o grau de cristalização dessas unidades fraseológicas, tendo a coleta iniciada em 2014 e finalizada em 2016. A Linguística de *Corpus* forma parte dos procedimentos metodológicos e da abordagem empírica empregada para a compilação e a extração dos dados de acordo com Berber Sardinha (2004) e Tagnin (2005). A fundamentação teórica adotada está circunscrita à taxonomia proposta por M. Gross (1982), G. Gross (1996) e Mejri (1997, 1998, 2002, 2012), Xatara (1994,1998), Ortiz-Alvarez (2000, 2012) e Oto-Vale (2002) para a identificação dos critérios e a análise dos fraseologismos. O software *Lexique Pro* foi utilizado como ferramenta de organização do dicionário eletrônico. Para uma abordagem específica sobre a fraseologia, foram utilizados os preceitos desenvolvidos por Mejri (1998, 2012), no qual o autor explicita que subjacentes aos comportamentos sintáticos das sequências fixas, estão mecanismos semânticos profundos. Considerados sob esse viés, os estudos na área da Fraseologia não só permitem refletir sobre questões no campo da linguagem, como também contribuem para compreender determinada comunidade por meio do registro e análise das expressões que compõem seu acervo linguístico. Após a compilação dos dados e aplicação dos testes fraseológicos, foram encontrados 1.318 fraseologismos, os quais revelam presença expressiva de fraseologismos nos textos investigados; alguns exemplos bastante emblemáticos podem ser notados: *pisar na bola*, no sentido de cometer um erro, *gol de bicicleta*, uma alusão ao gol que é feito com as pernas lançadas ao alto, movimento que imita o pedalar de uma bicicleta e *lá onde a coruja dorme*, uma referência ao canto esquerdo superior do goleiro. O *corpus* evidencia, assim, marcas incontestes dessa fraseologia no léxico, razão pela qual se faz necessário investigar essas marcas.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Fraseologismos. Futebol. Dicionário fraseológico.

## ABSTRACT

One of the knowing the social thought history through centuries is present in a vast number of expressions that can convey the way one or more generations live and can work as conduct instruments able to be applied in daily life. The factors that allow its union under the hypernymy phraseology are essentially semantic, that is, its signification is established from a set of elements that constitute them and its high level of lexicalization. What characterizes the permanent expression is the conventionality of the group and its memorization as a cohesion block, its sequence is recovered from the memory as a whole and recognized as an informational unity. The studies of the phraseological units of the common language have long been carried out through the organization of repeated expressions, orally or in writing, in important works of literature from different eras. In turn, common language phraseology encompasses the study of quite different units: proverbs, dictations, idioms, phrases, and utterances. However, the study of these units in specialty languages has only recently begun to gain ground due to the advancement of the sciences and the need to understand the languages of the specific areas that are developed, in view of the new technologies and linguistic mobility to which the Man is exposed. In this sense, the present PhD work aims to identify, describe and analyze in written texts from the Sport Notebook section of five Brazilian capital newspapers: *Amazônia Jornal / Belém*, *Daqui / Goiânia*, *Diário Gaúcho / Porto Alegre*, *Massa / Salvador* e *Meia Hora de Notícias / Rio de Janeiro* the phraseology related to the universe of football series B, C and D of the Brazilian championship. The data were collected in the time-cut from 2008 to 2015, which includes a post and a FIFA World Cup pre-match, which leads us to believe that there is a natural propensity to produce these structures, as well as verify the degree of crystallization Of these phraseological units. Corpus linguistics is part of the methodological procedures and the empirical approach used to compile and extract data according to Berber Sardinha (2004) and Tagnin (2005). The theoretical basis adopted is limited to the taxonomy proposed by Gross (1982), Gross (1996) and Mejri (1997, 1998, 2002, 2012), Xatara (1994, 1998); Ortiz-Alvarez (2000 ; 2012) and Oto-Vale (2002) for the identification of the criteria and the analysis of the phraseological units. For a specific approach to phraseology, we rely on the precepts developed by Mejri (1997; 2012), in which the author explicitly states that underlying syntactic behaviors of fixed sequences are deep semantic mechanisms. Considered under this bias, the studies in the area of phraseology not only allow to reflect on questions in the field of language, but also contribute to understand a particular community by recording and analyzing the expressions that make up its linguistic heritage. 1318 phraseological units were found and the data obtained reveal a considerable presence of phraseologies in the texts investigated. Some very emblematic examples: *pisar na bola*, *gol de bicicleta* and *lá onde a coruja dorme*. The *corpus* evidences, therefore, uncontested marks of these phraseologies in the lexicon, reason for which it is necessary to investigate these marks.

**Keywords:** Phraseology. Phraseologisms. Soccer. Phraseological Dictionary.

## RÉSUMÉ

L'une des formes de connaissance de l'histoire de la pensée sociale au cours des siècles se présente dans une large gamme d'expressions, lesquelles sont porteuses d'expériences d'une ou de plusieurs générations, et elles fonctionnent comme des instruments de conduite capables d'être appliqués dans la vie quotidienne. Les facteurs qui permettent leur union sous l'hyperonyme phraséologie sont de caractère sémantique, c'est-à-dire, sa signification est établie à partir de l'ensemble des éléments qui les composent, et son degré élevé de lexicalisation. Ce qui caractérise l'expression figée est le caractère conventionnel du groupement de propriétés combinatoires et sa mémorisation sous la forme de bloc en cohésion, sa séquence est récupérée de la mémoire dans son ensemble et reconnue comme une unité informationnelle. En ce sens, ce travail de doctorat vise à identifier, décrire et analyser dans des textes écrits dans la section Sport de cinq journaux des capitales brésiliennes : « Amazônia Jornal » à Belém, « Daqui » à Goiânia, « Diário Gaúcho » à Porto Alegre, « Massa » à Salvador, et « Meia Hora de Notícias » à Rio de Janeiro, la phraséologie inventoriée dans l'univers du football des ligues B, C et D du championnat brésilien. Les données ont été recueillies dans le cadre du temps 2008-2015, une période qui comprend la réalisation de deux Coupes du Monde de la FIFA et la période après Coupe, ce qui nous amène à croire qu'il y a une propension naturelle à la production de ces structures et qui nous conduit à vérifier le degré de figement de ces unités phraséologiques. La linguistique de corpus fait partie des procédures méthodologiques et de l'approche empirique utilisée pour la compilation et l'extraction de données selon Sardinha (2004) et Tagnin (2005). L'apport théorique adopté s'inscrit dans la taxonomie proposée par Gross (1982), Gross (1996) et Mejri (1997, 1998, 2002, 2012), Xatara (1994,1998); Ortiz-Alvarez (2000, 2012) et Oto-Valley (2002) pour l'identification des critères et l'analyse des unités phraséologiques. Le logiciel Lexique Pro a été utilisé comme un outil d'organisation pour un dictionnaire électronique. Pour une approche spécifique de la phraséologie, on s'appuie sur les principes développés par Mejri (1997, 2012), dans ces travaux l'auteur explicite que sous-jacents aux comportements syntaxiques des séquences figées, on trouve les mécanismes sémantiques profonds. Considérées sous cet angle, les études en phraséologie permettent non seulement de réfléchir sur les questions dans le domaine du langage, et aussi de contribuer à la compréhension une communauté donnée à travers les registres et l'analyse des expressions qui composent le répertoire linguistique. On a trouvé 1318 unités phraséologiques, et les données montrent une présence considérable de phraséologies dans les textes étudiés ; quelques exemples très emblématiques peuvent être remarqués : *pisar na bola*, *gol de bicicleta*, *lá onde a coruja dorme*. Le *corpus* met en évidence, donc, des marques incontestables de ces phraséologies dans le lexique, ce qui explique la raison pour laquelle il est nécessaire d'étudier ces marques.

**Mots-clés** : phraséologie, séquence figée, football.

## LISTA DE ABREVIATURAS

FIFA	Fédération Internationale de Football Association
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
IFFHS	Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol
UF	Unidade Fraseológica
PB	Português Brasileiro
UFE	Unidade Fraseológica Especializada
LC	Linguística de <i>Corpus</i>
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
Loc	Locução
Prep	Preposição
Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
WST	<i>WordSmithTools</i>
Ex.:	Exemplo
GNFB	Glossário de Neologismos do Futebol
DEs	Dicionários especiais
DLG	Dicionário de Língua Geral

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Língua geral x Língua especializada
- Figura 2 – Resumo das obras fraseológicas de 1900 a 2000
- Figura 3 – Interface do software *WordSmith Tools 6.0*
- Figura 4 – Lista de palavras do *corpus* de estudo
- Figura 5 – Lista de palavras em ordem alfabética
- Figura 6 – *KeyWords* do *corpus*
- Figura 7 – Lista de concordância para a unidade fraseológica *Na cara do gol*
- Figura 8 – Clusters a partir das linhas de concordância geradas para a palavra ‘bola’
- Figura 9 – Contexto de uso para a palavra ‘bola’
- Figura 10 – O *lead* da notícia coletada
- Figura 11 – Participantes de uma partida de futebol conforme suas posições
- Figura 12 – Jornal *Amazônia*
- Figura 13 – Jornal *Daqui*
- Figura 14 – Jornal *Diário Gaúcho*
- Figura 15 – Jornal *Meia Hora de Notícias*
- Figura 16 – Jornal *O Massa!*
- Figura 17 – Exemplo de notícias retiradas de um dos sites consultados
- Figura 18 – A notícia como ela aparece no site
- Figura 19 – Organograma do *corpus*
- Figura 20 – Jornais em que os textos foram coletados conforme a região
- Figura 21 – Exemplo de código de nomeação de artigo
- Figura 22 – Textos selecionados para a *WordList*
- Figura 23 – Lista de palavras gerada pelo *WordList*
- Figura 24 – Lista de palavras do *corpus* de estudo
- Figura 25 – *WordLists* das Séries B, C e D
- Figura 26 – Criando uma *KeyWords*
- Figura 27 – *KeyWords*: palavras-chave do *corpus*
- Figura 28 – Linhas de concordância para a palavra ‘time’
- Figura 29 – Clusters para a palavra ‘time’
- Figura 30 – Campos semânticos
- Figura 31 – O verbete no *Lexique Pro* no modo *editar*
- Figura 32 – Verbetes da variante
- Figura 32 – Alimentação do banco de dados no modo *ver*
- Figura 34 – Explicando os campos do verbete
- Figura 35 – Explicando os comandos *Lexique Pro*
- Figura 36 – Exportar documento
- Figura 37 – Etapas da pesquisa que resultou nesta Tese
- Figura 38 – Encontrando a fraseologia no *corpus*
- Figura 39 – Verbo *jogar* como base de categoria verbal e nominal
- Figura 40 – Síntese dos aspectos referentes à fixação
- Figura 41 – Verbo “bater” e sua acepção no *corpus*
- Figura 42 – Gradação das cores para a estrutura *Clima de*
- Figura 43 – Do específico para o geral
- Figura 44 – Do geral para o específico
- Figura 45 – Estrutura do verbete entrada-principal
- Figura 46 – Unidade-entrada variante

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Corpus de estudo e *corpus* de referência
- Quadro 2 – Critérios adotados na seleção do *corpus*
- Quadro 3 – Fraseologias encontradas a *olho nu*
- Quadro 4 – Dados do *corpus*
- Quadro 5 – Tokens e Types no *corpus*
- Quadro 6 – Questões norteadoras para o registro de fraseologismos em dicionários
- Quadro 7 – Verbetes principal
- Quadro 8 – Verbetes para variante e sinônimo

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Ufs conforme o campo semântico
- Gráfico 2 – UFs conforme o padrão sintático
- Gráfico 3 – Tipologia das Ufs
- Gráfico 4 – Entradas e variantes

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Estudos fraseológicos no Brasil
- Tabela 2 – Quantidade textos do *corpus* conforme a série
- Tabela 3 – Ficha fraseológica
- Tabela 4 – Palavras do *corpus* de estudo
- Tabela 5 – Fraseologismos mais frequentes no *corpus*
- Tabela 6 – Fraseologismos conforme o campo semântico
- Tabela 7 – Padrão sintático das unidades fraseológicas
- Tabela 8 – Tipologia da fraseologia do futebol
- Tabela 9 – Variação morfossintática no *corpus*

## Sumário

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 OBJETIVOS .....</b>	<b>16</b>
1.2.1 Geral .....	16
1.2.2 Objetivos específicos .....	17
<b>1.3 APORTE TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.4 METODOLOGIA .....</b>	<b>19</b>
<b>1.5 ORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA DA TESE .....</b>	<b>22</b>
<b>2 ESTUDOS FRASEOLÓGICOS.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO DA FRASEOLOGIA E NOÇÕES DE BASE.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 FRASEOLOGISMOS: nomenclaturas e critérios de identificação .....</b>	<b>38</b>
2.2.1 A polilexicalidade .....	46
2.2.2 A fixidez.....	47
2.2.3 A idiomaticidade.....	50
2.2.4 A congruência .....	53
2.2.5 A previsibilidade e a frequência.....	54
<b>2.3 TIPOLOGIAS FRASEOLÓGICAS.....</b>	<b>55</b>
2.3.1 As colocações .....	55
<b>2.3 AS PERSPECTIVAS DAS ESCOLAS FRASEOLÓGICAS .....</b>	<b>56</b>
2.3.1 A Escola Russa.....	56
2.3.2 A Escola Canadense .....	57

2.3.3 A Escola Hispânica .....	57
2.3.4 A Escola Francesa .....	59
2.3.5 Estudos fraseológicos no Brasil.....	65
<b>2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE O FUTEBOL .....</b>	<b>68</b>
<b>2.5 A LINGUÍSTICA DE <i>CORPUS</i> .....</b>	<b>71</b>
2.5.1 O conceito de <i>corpus/corpora</i> .....	73
2.5.2 Tipos de <i>corpora</i> .....	74
2.5.3 <i>Corpus</i> de referência .....	77
<b>2.6 O TRATAMENTO SEMIAUTOMÁTICO DOS DADOS .....</b>	<b>78</b>
2.6.1 <i>Wordsmith Tools</i> 6.0.....	78
<b>2.7 OS TEXTOS JORNALÍSTICOS.....</b>	<b>84</b>
2.7.1 Os <i>leads</i> .....	84
2.7.2 A coluna <i>Caderno de Esportes</i> .....	86
<b>3 DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO.....</b>	<b>88</b>
3.3 O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DOS FRASEOLOGISMOS.....	91
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>99</b>
<b>4.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....</b>	<b>100</b>
4.1.1 Futebol em perspectiva histórica .....	100
4.1.2 Consolidação do futebol moderno .....	101
4.1.3 O futebol no Brasil: fixação e disseminação .....	104
4.1.4 O Campeonato Brasileiro das séries B, C e D .....	109
<b>4.2 ETAPAS METODOLÓGICAS PARA A COLETA, A COMPILAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>111</b>

4.2.1 Os jornais fontes da coleta .....	113
4.2.2 Da coleta, limpeza e nomeação do <i>corpus</i> .....	119
4.2.2.2 Da compilação do <i>corpus</i> .....	131
<b>4.3 ORGANIZAÇÃO DO DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO.....</b>	<b>139</b>
4.3.1 A ficha fraseológica.....	139
4.3.2 A organização do dicionário.....	142
4.3.2.1 Campo semântico .....	142
4.3.2.2 O <i>software Lexique Pro</i> .....	144
<b>4.4 ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL .....</b>	<b>145</b>
<b>4.5 ORGANIZAÇÃO MICROESTRUTURAL.....</b>	<b>146</b>
<b>4.6 A VOZ DOS ESPECIALISTAS DA ÁREA: O TESTE DE FIABILIDADE.....</b>	<b>155</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>158</b>
<b>6 O DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO DO FUTEBOL.....</b>	<b>194</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>198</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>205</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....</b>	<b>218</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem do futebol, disseminada pela mídia, constitui uma modalidade, que há muito vem despertando o interesse nos meios acadêmicos e, com igual ênfase, em outros segmentos da sociedade. No Brasil, os mais representativos meios de comunicação em massa da mídia impressa, dedicam diariamente páginas, e até cadernos inteiros ao futebol, principalmente em dias que antecedem ou sucedem aos jogos, propiciando a redatores e jornalistas, ampla oportunidade para a criação de expressões relativas ao exercício desse esporte. A prática maciça do futebol, em todas as regiões do Brasil e a sua condição de fenômeno socioantropológico, determinam o surgimento de uma variante linguística peculiar a essa prática, por si só, suficientemente capaz de influenciar a linguagem dos cronistas que militam na imprensa esportiva.

Por conta da dinâmica natural da língua e por constituir-se como um domínio em constante movimento, a linguagem do futebol, utilizada em diferentes esferas da sociedade, isto é, a linguagem utilizada por homens, crianças e mulheres, apresenta fluxo contínuo, o que justifica investigações constantes dessa linguagem, de forma que seja possível registrar e atualizar essa dinâmica. Nestes termos, esta tese apresenta como tema o *ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO DAS SÉRIES B, C E D EM TEXTOS DE JORNAIS DIGITAIS POPULARES: construção de um dicionário eletrônico* e tem o intuito de identificar, descrever e analisar as unidades fraseológicas presentes em textos escritos em jornais populares digitais sobre notícias das séries B, C e D do Campeonato Brasileiro, tendo como base para constituição do *corpus* cinco jornais, distribuídos em cinco capitais brasileiras: Belém, Goiânia, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro. Para o completo entendimento dos propósitos desta pesquisa elenca-se nos capítulos a seguir os motivos que levaram à escolha do tema, a justificativa, os objetivos, a fundamentação teórica e conceitual que guiaram esta empreitada, além do contexto da pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados, os resultados obtidos, a apresentação do dicionário e as considerações finais.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema desta tese deu-se em função de alguns fatores. O primeiro deles surgiu após pesquisa bibliográfica realizada pela autora em *sítes* da internet<sup>1</sup> e dicionários impressos<sup>2</sup>, relacionados ao futebol brasileiro, nos quais se percebeu que apesar do vasto número de trabalhos nesta área - dicionários, glossários, vocabulários, dicionários terminológicos, dicionários técnicos, dicionários de gírias, *blogs* futebolísticos, canais de esporte, revistas especializadas, etc. – em apenas um deles, em âmbito nacional, havia sido tratado sob o viés fraseológico, uma vez que essas pesquisas têm-se limitado à descrição dos termos<sup>3</sup>.

Não obstante, constatou-se nos estudos a que se teve acesso, que eles não apresentam base científica, e nos casos em que há base científica, não há base teórica, ou base terminológica ou base fraseológica (Capítulo 2), assim como também não apresentam base metodológica, isto é, não apresentam ou

---

<sup>1</sup> Para melhor entendimento ver:

[www.placar.com.br](http://www.placar.com.br)

[www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br)

<http://www.ogol.com.br/>

<http://www.resenhagol.com/futebol>

<http://www.futnet.com.br/>

<http://esporte.ig.com.br/futebol/>

<http://www.brasileiraoserieb.com/>

<http://www.seriec.com.br/blogdopanza/>;

<http://www.serieed.com.br/>

<http://brasileiroserieed.blogspot.com.br/>

E mais especificamente sobre a linguagem do futebol:

<http://www.suapesquisa.com/futebol/vocabulario.htm>

<http://www.detrivela.com.br/diversos/girias.htm>

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com\\_content&view=article&id=913&Itemid=](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=913&Itemid=)

<http://leiagunz.blogspot.com.br/2010/10/termos-expressoes-populares-e-girias-do.html>

<http://jangedabrazil.com.br/revista/junho91/a191006a.asp>

<http://morrinhoartilheiro.blogspot.com.br/2013/02/futebol-varzea-girias.html>

<http://portaldasgirias.blogspot.com.br/2010/05/giria-de-futebol.html>

Dentre um universo de 178.000,000 ocorrências para a pesquisa simples sobre “gírias do futebol”.

<sup>2</sup> Houaiss (2002); Michaelis (2010); Aulete (2009); Bueno (2007); Cegalla (2005); Aurélio (2010) e Luft (2009).

<sup>3</sup> Neste caso, referem-se aos trabalhos encontrados na internet, tais como aqueles descritos em *blogs* e *sítes* relacionados ao futebol, os quais não apresentam base científica em sua construção, ou quando isso ocorre, em que não é possível identificar sua base metodológica.

não deixam claro quais foram as técnicas de coleta utilizadas. Em casos de dicionários e glossários, não fica claro também nos trabalhos encontrados, o modo como os dados foram compilados, as frequências de uso, a apresentação de contextos de ocorrência, não apresentam referência de uso, não têm abonação, tampouco apresentam os critérios de seleção adotados para a organização da macro e da microestrutura, além de apresentarem número reduzido de termos.

Destaca-se como o segundo motivo da escolha, o fato de o futebol ser um esporte que mobiliza milhões de pessoas em todo o mundo e, por consequência, ser o responsável também por grandes arrecadações financeiras, alavancando a economia do setor de desportos. De tão forte, essa relação, futebol e povo brasileiro, é vista como parte da própria identidade do país e como não poderia deixar de ser, está presente também, na estrutura do léxico que o representa, o que justifica o interesse pelo tema, uma vez que a investigação linguística que ora se apresenta está pautada no estudo da fraseologia desse âmbito esportivo, que está em constante movimento e, por conseguinte, constitui-se como um campo cuja dimensão de riqueza lexical, especialmente em nível nacional, imponha que sejam desenvolvidos trabalhos acadêmicos com uma visão científica que possam acompanhar o fluxo das mudanças lexicais e fraseológicas desse domínio discursivo.

Por fim, dado o caráter inédito a que este trabalho de doutoramento se propunha, tornou-se necessário encontrar em meio às pesquisas linguísticas sobre a temática do futebol, um objeto de investigação que ainda não tivesse sido tratado anteriormente. Neste sentido, partindo principalmente das pesquisas efetuadas em âmbito nacional, verificou-se que a fraseologia do futebol já fora eleita o tema da Dissertação de Mestrado de Matuda (2011), porém em sua pesquisa, a autora pautou sua abordagem baseada na Linguística de *Corpus*, apresentou um glossário bilíngue Português/Inglês, elegendo em sua análise apenas as fraseologias em que o termo *gol* aparecia como elemento constituinte daquilo que ela convenciou chamar de unidade fraseológica (UF). Considerando o que foi exposto, esta tese difere do trabalho supracitado por ter eleito para a constituição do *corpus*, somente textos de jornais populares cujos conteúdos estão relacionados às séries B, C e D do Campeonato Brasileiro, portanto,

saindo do eixo das notícias vinculadas à série A dessa mesma competição, veiculadas em formato digital, com alta tiragem impressa, vendidos a um preço acessível (R\$1,50 no máximo) a grande parte da população de cinco capitais brasileiras: Belém, Goiânia, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro, num recorte temporal de oito anos (2008 a 2015), período que compreende um momento pós-Copa do Mundo, em que os acontecimentos ocorridos ainda estão na *boca da povo*, a realização da Copa de 2010 e o momento que antecede a preparação para a Copa de 2014, evento realizado no Brasil, o qual fomenta e torna-se propício à produção fraseológica. Difere também pelo fato de adotar-se os pressupostos teóricos fraseológicos da corrente francesa presente em M. Gross (1982), G. Gross (1996) e sobretudo Mejri (1997; 1998; 1999; 2002; 2012), além de apresentar o maior número de fraseologismos<sup>4</sup> encontrados, e não somente aqueles casos que se constituem em torno do item lexical *gol*.

## 1.2 OBJETIVOS

Apesar de a temática futebolística já ter sido exaustivamente estudada em outras áreas do conhecimento, como a História, a Antropologia, a Sociologia, o Desporto etc., trabalhos na área da linguagem, especificamente sobre fraseologia do futebol ainda são pontuais, de forma que o objetivo geral desta tese consiste em:

### 1.2.1 Geral

- Produzir um dicionário fraseológico do futebol, em versão impressa e eletrônica, a partir de um *corpus* coletado de textos oriundos de jornais populares brasileiros que circulam em formato impresso e digital, em cinco capitais brasileiras: Belém, Goiânia, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro.

---

<sup>4</sup> Dentre as diversas nomenclaturas existentes no âmbito dos estudos fraseológicos, as quais serão descritas ao longo deste trabalho, optou-se por adotar, nesta pesquisa, a denominação proposta por Mejri (1997) e investigar os fraseologismos ou unidades fraseológicas enquanto fenômeno que se exprime por meio das associações sintagmáticas recorrentes.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Para conseguir realizar o objetivo geral, partiu-se dos seguintes objetivos específicos:

- Definir o repertório de composição do *corpus*;
- Coletar textos da seção *Caderno de Esporte* de cinco jornais brasileiros, com vistas a executar a compilação e a extração dos fraseologismos mais frequentes;
- Verificar se a linguagem empregada por redatores de jornais populares, com o intuito de aproximação da realidade linguística de seus leitores e destinados ao público de menor aquisição financeira, apresenta produtividade fraseológica em relação ao domínio do futebol;
- Elaborar o verbete para compor o dicionário fraseológico;
- Organizar o dicionário impresso e eletrônico fraseológico do futebol.

Para alcançar os objetivos fixados, foram analisados textos escritos da área do futebol. A escolha da composição do *corpus* sob análise se justifica, em parte, pela comunicação e pela transferência de conhecimento instaurado entre os interlocutores do universo discursivo dessa vertente da língua e pela carga de informação que os textos recolhidos veiculam.

### 1.3 APORTE TEÓRICO

Uma das formas de conhecimento da história do pensamento social no decorrer dos séculos está presente em um vasto número de combinações sintagmáticas, as quais seriam portadoras das vivências de uma ou mais gerações e que funcionariam como instrumentos de conduta aptos para serem aplicados no cotidiano. Nesse contexto, os estudos fraseológicos apresentam em seu escopo exemplares que representam a literatura da área que abrangem desde o modelo clássico, passando pelo Estruturalismo, pelo Gerativismo, até o modelo Cognitivista. Os fraseologismos, nesse sentido, são concebidos e conceituados conforme as concepções linguísticas de cada teórico da área. Dessa gama de investigações sobre a Fraseologia emanam as controvérsias relacionadas à sua área de atuação, seu objeto de estudo, e sua delimitação,

além da abundante diferença terminológica, associada à linha de pensamento de seus autores.

Pesquisas no âmbito fraseológico trazem ao cenário das investigações linguísticas, contribuições no sentido de possibilitar à usuários não-especialistas em determinadas áreas, o entendimento de unidades tais como *dentro das quatro linhas*, referência à delimitação espacial do campo de futebol, *arco listrado*, a baliza no campo de futebol, dentre outros exemplos. Assim, as ciências relativas ao domínio das grandes áreas, como a Informática, as Engenharias, o Direito, a Ecologia, o Desporto, enfim, todos os ramos de cada ciência apresentam linguagens específicas, as quais necessitam de estudos paralelos, até os de base linguística, para se acompanhar o entendimento dos sentidos que elas veiculam.

A fundamentação teórica adotada, nesta tese, está circunscrita à taxonomia proposta por Maurice Gross (1982; 1993), Gaston Gross (1988; 1996) e sobretudo Mejri (1997; 1998; 1999; 2002; 2012), no que diz respeito ao processo de identificação, delimitação e segmentação dos fraseologismos. A Linguística de *Corpus* forma parte dos procedimentos metodológicos e da abordagem empírica empregada para a compilação e a extração dos dados de acordo com Berber Sardinha (2004) e Tagnin (2009).

Para a identificação e análise dos fraseologismos encontradas no *corpus*, foi utilizado o conjunto de critérios sugeridos por Mejri (2012), no qual o autor explicita que subjacentes aos comportamentos sintáticos das sequências fixas estão mecanismos semânticos profundos. Considerados sob esse viés, os estudos na área da Fraseologia não só permitem refletir sobre questões no campo da linguagem, como também contribuem para compreender determinada comunidade por meio do registro e da análise das expressões que compõem seu acervo linguístico.

## 1.4 METODOLOGIA

A fim de alcançar as metas traçadas para a realização da investigação ora descrita, estabeleceu-se um *corpus* constituído por textos escritos, coletados a partir de coleta sistemática na mídia impressa *on-line* em cinco jornais populares das seguintes capitais brasileiras: Belém, Goiânia, Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro. Os textos recolhidos foram publicados regularmente e situados num recorte temporal compreendido entre os anos de 2008 e 2015. Os dados coletados, conforme orientação de *corpus* apresentada por Berber Sardinha (2004) e Tagnin (2009), serviram de base para a extração dos candidatos a fraseologismos, os quais, após serem submetidos a testes específicos, foram objeto da análise fraseológica realizada e posteriormente, foram dispostos no dicionário apresentado nos Volume II (impresso) e Volume III (eletrônico) .

Optou-se por seguir, cronologicamente, a recolha de textos publicados entre os anos de 2008 a 2015, em decorrência do período pós-Copa do Mundo de 2006, cujos resultados, supunha-se, ainda estavam na *boca do povo* brasileiro, a realização da Copa de 2010 e o momento de organização da Copa do Mundo do Brasil. Ressalta-se que a Copa do Mundo de 2014 simbolizou a volta do Brasil como país sede dessa competição depois de mais de 60 anos. Esse retorno, de certa forma movimentou tanto a economia quanto despertou a produtividade linguística do brasileiro voltada para a temática do futebol.

Os princípios orientadores da Linguística de *Corpus* foram utilizados na pesquisa, como abordagem metodológica, a qual orientou o processo de coleta de dados em termos quantitativos e qualitativos, tomando por base Berber Sardinha (2004, 2009) e Tagnin (2004). O *corpus* constituído foi preparado e sistematizado para emprego das ferramentas presentes no *software WordSmith Tools*, em sua versão 5.0 (SCOTT, 2008). Berber Sardinha (2004), em seu artigo *Linguística de Corpus*, pontua que a definição mais apropriada para *corpus* é:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser

processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (BERBER SARDINHA, 2004, p. 04).

Seguindo a orientação do autor supracitado, o *corpus* aqui apresentado é composto apenas de textos escritos, os quais apesar de apresentarem uma versão impressa exatamente igual, vinculados em sua versão digital, sobre futebol de modo que se conseguisse realizar a compilação necessária.

Nesse contexto, é do conhecimento coletivo que os chamados *jornais populares* dedicam inúmeras páginas, cadernos ou suplementos ao noticiário esportivo, o que fornece uma fonte abundante de dados, fato constatado no decorrer da pesquisa. O *Caderno de Esportes* é uma das diversas seções em que está dividido um jornal, trazendo informações sobre as mais variadas modalidades esportivas praticadas no Brasil e no mundo, no entanto, para os propósitos desta tese, coletou-se apenas notícias referentes ao futebol de campo masculino.

A escolha dos órgãos da mídia impressa que contribuíram para o levantamento do *corpus*, objeto desta investigação, não foi aleatória, mas decorrente da grande circulação em nível local desses jornais, fato que lhes assegura, uma posição de destaque em relação aos seus congêneres. Os passos da coleta em cada jornal obedeceram aos seguintes critérios: a) alta tiragem impressa; b) baixo valor de revenda; c) conteúdo de informações a respeito do futebol; d) público-alvo; e) tratar apenas de futebol de campo masculino. Assim, as publicações em atividades desportivas relacionadas ao futebol de campo masculino estão representadas no *corpus* pelo material coletado nos jornais *Amazônia*, de Belém, Pará; *Daqui*, de Goiânia, Goiás; *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul; *O Massa!*, de Salvador, Bahia e *Meia Hora de Notícias*, do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

A hipótese inicial é de que a linguagem utilizada pelos articulistas dos jornais analisados, em suas edições diárias, adequa-se consoante o domínio léxico-fraseológico de seus leitores. O caráter sensacionalista desses tabloides faz com que os redatores elaborem as notícias, de forma tal que a linguagem

esteja basicamente constituída por expressões facilmente decodificáveis por seus leitores. Tal fato é constatado em manchetes: *A noite em que o Gigante da colina foi enorme!* e leads: *Vasco da Gama na Série B, duelos de gente grande envolvem o alvinegro carioca*, exemplos que ilustram esse tipo de produção, o que também se verifica na própria diagramação das colunas esportivas, onde a busca da inventividade e da originalidade se fazem presentes.

Em face dos elementos supracitados, a presente investigação obedeceu às seguintes orientações metodológicas:

- A primeira etapa constituiu o levantamento bibliográfico, envolvendo questões acerca do campo teórico investigativo da Fraseologia e o processo que circunda a materialização dos fraseologismos, além de tratar das inúmeras nomenclaturas utilizadas para referir-se ao fenômeno;
- Paralelamente, realizou-se o arrolamento bibliográfico sobre o histórico do futebol, as regras que regem a sua prática, assim como os sujeitos que circundam o seu exercício. Foram consultados, também, glossários, dissertações, teses e obras temáticas que abordaram o assunto, visando a apresentação panorâmica desse esporte em nosso país;
- A terceira etapa constituiu o processo de coleta do *corpus*: a amostra sob análise foi retirada de jornais populares brasileiros, que traziam em suas páginas notícias futebolísticas a respeito do Campeonato Brasileiro das séries B, C e D. Cronologicamente, o recorte estabelecido abrangeu o período de 2008 a 2015 (mídia *on-line*). A coleta dos textos iniciou-se no ano de 2014 e foi concluída em janeiro de 2016.
- Na quarta etapa foram realizadas a compilação e a extração dos dados, processos viabilizados pelo uso do *software WordSmith Tools Versão 5.0* (SCOTT, 2008). Nesta etapa, as ferramentas *WordList* e *Concordance* subsidiaram a procura pelos candidatos a fraseologismos da amostra observada;
- A quinta etapa envolveu a aplicação dos testes fraseológicos sugeridos por Mejri (2012), o que permitiu assegurar o caráter fraseológico de cada ocorrência;

- A sexta etapa, realizada com o apoio do *software Lexique Pro Versão 3.6* (SIL, 2010), foi dedicada à elaboração do Volume II, o dicionário. Houve a preocupação em listar informações gramaticais, campos semânticos, definições, variantes, remissivas. Alguns fraseologismos, quando foi possível ilustrar, apresentam ilustração, outros apresentam vídeos, apenas na versão eletrônica, que mostram características do verbete, além de comentários e abonações acerca de cada unidade-entrada. Por fim, foi gerada a versão eletrônica do dicionário, a qual constitui o Volume III desta tese.

As demais especificações acerca do tratamento metodológico estão descritas com maior profundidade no capítulo 4.

#### 1.5 ORGANIZAÇÃO DA ESTRUTURA DA TESE

Com vistas a estabelecer a organização desta tese, ela foi dividida em três volumes. O **Volume I**, organizado em capítulos divididos em itens e subitens, apresenta as *Considerações Iniciais*, a *Revisão teórica e Revisão da Literatura*, os *Procedimentos metodológicos*, a *Apresentação dos Resultados*, a *Análise fraseológica*, as *Considerações Finais* e as *Referências*. O **Volume II**, constituído pelo *Dicionário fraseológico do futebol*, traz informações sobre *Organização e Orientação aos consulentes*, assim como um *Índice remissivo*. O **Volume III**, apresentado em versão CD, constitui a versão eletrônica do dicionário fraseológico.

Nas *Considerações Iniciais* é apresentada a escolha do tema e a justificativa desta investigação, os objetivos que levaram a tratar sobre a fraseologia do futebol. No item seguinte elenca-se a metodologia adotada para a elaboração deste trabalho com base na seleção e a opção decorrente da escolha relativa à um trabalho e base exploratória (GIL, 2010), organização e compilação dos dados para a escrita do dicionário da fraseologia do futebol intitulado *Organização da estrutura da tese*.

No Capítulo 2, dividido em duas grandes seções, é apresentado o quadro teórico dos estudos fraseológicos, a revisão dos fundamentos conceitual e teórico que nortearam este estudo.

Em seguida, tratou-se do objeto de estudo da Fraseologia, os fraseologismos, elencando os critérios de identificação e classificação dessas unidades. Nesse contexto, são mostradas também as escolas que serviram de base teórica para a pesquisa, reservando um momento para o posicionamento frente aos referenciais adotados.

Logo depois, são abordados brevemente alguns aspectos da Linguística de *Corpus* e como sua abordagem ajudou na coleta dos dados, fazendo também um breve apanhado sobre o texto jornalístico e o *Caderno de Esporte* como fonte de investigação linguística.

No capítulo 3 discorre-se acerca do dicionário fraseológico levando em consideração as etapas a que o elaborador de um dicionário desta natureza recorre, aos princípios da Fraseologia e da Metafraseologia para oferecer ao público uma obra coerente e satisfatória, levantando questionamentos ao longo do processo: quais unidades constituirão a obra? Quais elementos entrarão na microestrutura de cada verbete? Tratar-se-á de uma obra monolíngue, bilíngue ou multilíngue? Respostas que irão determinar o tipo de dicionário fraseológico a ser elaborado.

O capítulo 4 é dedicado aos *Procedimentos Metodológicos* adotados na tese. Dividido em duas seções, a primeira refere-se à contextualização do futebol e como os textos produzidos nesta área contribuíram para a realização desta investigação. Ainda no contexto da pesquisa, expõe-se como se delimitou o *corpus* coletado, os critérios adotados para a seleção, os jornais escolhidos, o período de recolha dos textos, entre outros fatores. E, na segunda seção, tratou-se da organização do dicionário, do ponto de vista da sua composição. Neste momento, são elencados os *softwares* utilizados, as questões de macro e microestrutura referentes à organização do dicionário fraseológico, bem como a organização dos verbetes.

O capítulo 5 corresponde ao núcleo da investigação, nele é apresentada a seleção dos fraseologismos, a interpretação dos dados e a análise dos resultados obtidos em relação à fraseologia do futebol. Este capítulo descreve detalhadamente os dados obtidos, seguidos da interpretação e da análise dos fatos linguísticos surgidos durante a realização da pesquisa.

Nas considerações finais, as conclusões acerca do estudo realizado retomam os aspectos mais relevantes da pesquisa que foram previamente abordados, de modo a finalizar a discussão e a propor a continuidade de trabalhos futuros.

O capítulo 6 apresenta o dicionário com 1318 entradas, resultado da pesquisa. Ao final, elenca-se o índice remissivo referente ao dicionário das unidades fraseológicas do futebol.

Com o objetivo de evitar problemas autorais referendou-se em apêndice A e B as fontes das imagens e vídeos utilizados no dicionário.

## 2 ESTUDOS FRASEOLÓGICOS

Este capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, de base teórica, a escrita versa sobre o campo de investigação da Fraseologia e do fenômeno que ela analisa, os fraseologismos. Na segunda seção, é apresentada a revisão da literatura, que se volta para os trabalhos realizados acerca da temática fraseológica, aos pesquisadores e suas escolas, para em seguida apresentar uma breve descrição das investigações realizadas em torno do tema futebolístico.

### 2.1 O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO DA FRASEOLOGIA E NOÇÕES DE BASE

A Fraseologia, no sentido de investigação fraseológica, constitui-se uma disciplina relativamente nova. Charles Bally, em 1905, já utilizava o termo *Phraséologie*. Foi este linguista quem atentou para a existência de expressões fixas e de combinações estáveis, em que associações e agrupamentos gerados podem ser passageiros ou passam a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis, ajudando assim, a delimitar o objeto de estudo da Fraseologia, campo definido por ele como uma sub-macroárea da Lexicologia, o qual se dividiria em *Fraseologia popular*, que estuda os idiomatismos, os provérbios, as gírias, os ditados, e em *Fraseologia técnico-científica*, que se ocupa do estudo das expressões terminológicas, cujo objetivo é o estudo das leis que condicionam a falta de liberdade das palavras e de seus significados.

Para González Rey (2002, p. 22), o francês Charles Bally é considerado o “pai da Fraseologia”. Discípulo de Sausurre, Bally escreveu *Précis de Stylistique* (1905) e *Traité de Stylistique* (1909) e seus estudos impulsionaram outros trabalhos, que aprimorados, abriram novos caminhos e conceitos. Apesar da vanguarda do pensamento de Bally na França, foi na antiga URSS que sua obra ganhou força e visibilidade. Os estudos desenvolvidos pelos linguistas russos Polivanov e Vinogradov constituem um marco para o avanço dos estudos sobre os fraseologismos. Polivanov porque introduziu, na Rússia, por volta dos anos 1920, as ideias de Bally, e Vinogradov por classificar as unidades fraseológicas e reivindicar à Fraseologia, o *status* de disciplina autônoma (1946).

Com isso, a investigação russa começou a determinar precisamente o estado dos elementos do fraseoléxico dentro das locuções (KLARE, 1986).

A relação de dependência ou de autonomia da Fraseologia em relação à Lexicologia tem dividido os estudiosos da área desde os estudiosos da escola russa de Fraseologia, de tal maneira que essa discussão ainda ocupa o bojo dos estudos mais atuais. Dentre os que defendem a condição de campo investigativo autônomo incluem-se Zuluaga Ospina (1980), Carneado Moré (1985) e Tristá Pèrez (1988), estudiosos que foram influenciados sobremaneira pelos estudos dos fraseólogos russos. Quanto à visão soviética de fraseologia, Klare (1986), afirma que:

[...] a investigação soviética tende a compreender a fraseologia como disciplina lingüística autônoma e para excluí-la assim da lexicologia e estabelecê-la num grau equivalente ao lado da lexicologia como disciplina lingüística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando à questão de estas especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da lexicologia. (KLARE, 1986, p. 356).

A despeito dos estudos realizados por Bally, o que se percebe é que a indefinição deste campo, quanto ao seu enquadramento, se disciplina linguística ou se sub-área da Lexicologia, ainda persiste.

Desta forma, estudos fraseológicos como área específica começaram a tomar vulto nos anos 1980. Welker (2004) cita os trabalhos de Makkai (1971), Rothkegel (1973) e Burger (1973) como os primeiros estudos realizados fora da antiga União Soviética. Apesar da ampla divulgação dada aos estudos dos russos, Klare (1986) apresenta sua perspectiva divergente sobre o assunto:

Ressaltamos mais uma vez insistentemente o facto de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico (cp. também B. Hansen;K. Hansen/A. Neubert/M. Schcntke, «Englische Lexikologie», LÍpsia 1982, p. 12). Por isso a fraseología continua para nós uma subdisciplina da lexicología. (KLARE, 1986, p. 22).

Neste contexto de dependência ou não-dependência, fica clara a posição do autor quanto ao *status* da Fraseologia como subdisciplina da Lexicologia, baseado principalmente, na teoria de Pottier (1974) sobre as *lexias*. Bernard Pottier apresenta a terminologia daquilo que ele convencionou chamar de elementos lexicais ou *lexemas* (*les lexies*, em português: as *lexias*). Para ele, essas unidades estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística, que abrange as unidades denominativas, as quais exercem função denominativa para fenômenos da realidade. Estas condições não só são cumpridas por palavras simples (*lexias simples*), mas também pelas palavras compostas (*lexias compostas*) e pelas palavras complexas (*lexias complexas*).

Das *lexias complexas*, fazem parte os fraseologismos possuindo, como unidades denominativas, a equivalência de palavras. Deste modo, para Pottier (1974), as *lexias simples*, compostas e complexas constituem *lexemas* de estrutura formal diferente. Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos estruturam-se de vários componentes que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para o autor, um critério essencial para a classificação da Fraseologia no campo geral da Lexicologia como subdisciplina lexicológica.

Assim como Pottier (1974), sobre a autonomia da Fraseologia, Coseriu (1977) postula que ela é considerada um ramo da Lexicologia por se preocupar com as combinações de palavras que podem ser analisadas no mesmo âmbito das palavras simples, e, sendo assim, não deve ser avaliada como uma disciplina independente.

Na concepção de Fleischer (1997), a Fraseologia é o campo de estudos que trata de grupos de palavras e frase, que se unem de maneira mais ou menos fixa e cujo sentido é entendido pelo conjunto de seus componentes.

Para Tristán Perez (1998), a Fraseologia se constitui como uma vertente especial da Linguística e tem uma metodologia específica para o estudo de seu objeto, a pluriverbalidade, a estabilidade e o sentido figurado.

Para Rodriguez (2004), a Fraseologia se consolida verdadeiramente como uma disciplina linguística independente, formando-se, desse modo, toda

uma escola russa de Fraseologia, diversificada em estudos descritivos sincrônicos, contrastivos e históricos, a partir de 1956, em Leningrado.

Ruiz Gurillo (1997) defende que a Fraseologia deve ser considerada uma disciplina autônoma pelo fato de ela dispor de um objeto de estudo independente e também de um método científico e descritivo relativamente específico. A autora esclarece que a Fraseologia é uma ciência que se caracteriza por ser interdisciplinar, dialogando com diversas áreas do saber, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística e a Linguística Aplicada.

Montoro del Arco (2006) destaca duas possibilidades de entendimento frente ao campo investigativo fraseológico: a primeira delas é considerá-la em sentido amplo e compreendê-la como corrente ou ramo de estudo dentro da Linguística, enquanto a segunda possibilidade se configura a partir de perspectiva restrita, considerando-a como disciplina autônoma, a qual se ocupa do estudo de um determinado fenômeno, as unidades fraseológicas.

Ramos Nogueira (2008, pp. 43-44) acredita que a “Fraseologia é uma disciplina científica que se ocupa dos estudos do léxico, observando a contextualização das unidades fraseológicas que a compõem”.

Outros estudiosos colocam em questão o caráter autônomo da Fraseologia com o argumento de que os fraseologismos não possuem uma classificação unitária do sistema léxico-semântico e que os fenômenos utilizados para os explicar não são exclusivos, uma vez que princípios como a combinabilidade e a idiomaticidade são relacionados a outros processos linguísticos, como afirma Školníková (2010).

Ortíz Alvarez e Unternbaümen (2011) definem a Fraseologia como:

A ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica (ORTÍZ-ALVAREZ; UNTERNBAUMEN, 2011).

Diante das definições apresentadas, percebe-se, que independentemente do *status* de disciplina ou de sub-disciplina, a área da Fraseologia tem despertado o interesse de muitos linguistas, provavelmente porque esses estudiosos tenham percebido o papel que os fraseologismos desempenham no desenvolvimento da competência discursiva dos falantes de uma dada língua.

Neste âmbito, neste trabalho, corroboram-se as premissas estabelecidas pelos linguistas russos ao considerar a Fraseologia como disciplina independente, por entender que ela possui método específico e possibilita a análise dos fraseologismos a partir do conjunto de seus constituintes e não apenas como palavras simples.

Sobre as propriedades fraseológicas, Roncolato (1996) destaca que Michel Bréal foi o primeiro a defini-la conceitualmente:

Em sua obra *Essai de Semantique* (1897), Michel Bréal fala de “formules”, “locutions”, e “groupes articules”. Os “groupes articules” abrangem todo tipo de expressões fixas. Bréal reconheceu vários tipos de arcaísmos nas expressões fixas, o emprego de formas gramaticais que não se usam na língua atual e construções sintáticas próprias de estágios linguísticos anteriores. Outra descoberta deste pesquisador é o reconhecimento das expressões fixas como unidades compactas. (RONCOLATTO, 1996, p.13).

Como relata a autora, por ter sido o primeiro a registrar conceitualmente e a discriminar o caso dos fraseologismos, o trabalho de Bréal tornou-se o ponto de partida para os estudos da Fraseologia.

Também neste âmbito, Saussure (2006 [1969]) relata a ocorrência na língua de um fenômeno caracterizado como *frases feitas*. Para o autor genebrino, essas unidades pertencem à língua e se constituem pelo uso, de forma que não podem ser alteradas. Assim, o autor apresenta a seguinte reflexão:

Há primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas. Esses termos não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição. Podem-se também citar as palavras que, embora prestando-se perfeitamente à análise, se caracterizam por alguma anomalia morfológica mantida unicamente pela força de uso. (SAUSSURE, 1969 [2006], p. 144).

Seguindo a perspectiva estruturalista proposta por Saussure, Charles Bally, em seu *Traité de Stylistique Française* (1951), propõe uma primeira classificação para o fenômeno fraseológico, apresentando de modo precursor, os diferentes graus de fixação para essas unidades:

- a) séries fraseológicas ou agrupamentos usuais, quando o grau de coesão é relativo. Nesse caso, as palavras que compõem a expressão têm, isoladamente, autonomia, mas não no conjunto. Como exemplos, ele cita *amar loucamente* e *desejar ardentemente*;
- a) unidades fraseológicas, quando o grau de coesão é absoluto. Nesse caso, as palavras perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo significado, que não é o resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Exemplos desse tipo são as locuções adverbiais e verbais, como *ainda há pouco*, *mais ou menos* etc. (BALLY, 1951, p. 34).

Como exposto anteriormente, a obra do discípulo de Saussure extrapola as fronteiras dos estudos franceses e chega à Rússia, ganhando grande visibilidade e seguidores. No caso dos pesquisadores russos, são eles, provavelmente, os responsáveis pela categorização das combinações estáveis, e seus estudos apontam para a consolidação dessas combinações na língua graças à repetição, à estabilidade na composição lexical, à ordem das palavras, estabelecendo a presença de combinações variáveis e invariáveis das palavras, “[...] uma unidade fraseológica é uma combinação estável de palavras com um significado total ou parcialmente figurativo<sup>5</sup>” (KUNIN, 1970, p. 210).

A partir da década de 1950, muitos trabalhos começam a apresentar a temática fraseológica, dentre esses autores, destacam-se: Júlio Casares, que ainda em 1950, lança o livro *Introducción a la Lexicografía Moderna*, uma referência constante para os estudos fraseológicos. É o caso também de Algirdas Julien Greimas, que, em 1960, publica no *Cahiers de lexicologie*, o capítulo intitulado “Idiotismes, Proverbes, Dictons” e Eugenio Coseriu, que, em 1977, publica *Las Solidariedades Léxicas*.

Para Fiala (1988), a fraseologia de uma língua é “[...] constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e

---

<sup>5</sup> “[...] a phraseological unit is a stable combination of words with a fully or partially figurative meaning<sup>5</sup>” (KUNIN, 1970, p. 210).

gramaticais” (FIALA, 1988, p. 32). E tais unidades aparecem como fixações, isto é, conjuntos mais ou menos longos de formas simples, construídas em contextos restritivos, capazes, contudo, de algumas variações.

Neste sentido, Gülich (1997, p.144) também faz sua contribuição no sentido de definir fraseologia como “um tipo de conceito mais abrangente para diversos tipos de estruturas formuláicas”.

O *Diccionario de la Real Academia Española* (2001) registra a seguinte definição para o fenômeno fraseológico:

1) Conjunto de modos de expressão peculiares de uma língua, grupo, época, atividade ou indivíduo. 2) Conjunto de expressões intrincadas. Às vezes, palavreado. 3) Conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixas, modismos e refrões existentes em uma língua, no uso individual ou no de algum grupo<sup>6</sup> (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, p. 53).

Ortíz Alvarez (2002) entende os fraseologismos como:

[...] o conjunto de combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, e que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos. Nela se incluem todas as combinações onde os componentes possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações sem perder o significado total da expressão) (ORTÍZ ALVAREZ, 2002, p. 199).

Depreende-se da citação que, para a autora cubana, a fraseologia deve ser vista como uma ferramenta de que o falante utiliza, naturalmente, para descrever o mundo real, tornando-se assim, um importante veículo de identidade e de cultura.

Tendo sido pesquisado com base em diferentes enfoques, nos últimos anos, cresceu significativamente o interesse pelos estudos fraseológicos, o que permitiu a criação de uma teoria fraseológica que discute a diversidade de combinações, a classificação e a delimitação das unidades que a integram.

---

<sup>6</sup> Texto original: “1. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época actividad o individuo. 2. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces. Palabrería. 3. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo”.

Zuluaga Ospina (2002, p. 98) define fraseologismo como “[...] combinações, construções linguísticas compostas, no limite entre livres e fraseológicas”, indicando que não se identificam, propriamente, com nenhuma dessas duas classes, se encaixando melhor como um fenômeno de intersecção, apresentando características comuns tanto com uma quanto com outra.

Gonzalez Rey (2004), ao mesmo tempo que define a área de investigação trata de seu objeto de análise:

Estudo científico da combinatória fixa das línguas, com um material classificado como heterogêneo (expressões idiomáticas, frases feitas, fórmulas rotineiras, colocações, refrões e outras parêmiias), mas com umas características comuns (pluriverbalidade, fixação dos componentes, idiomaticidade e, não raro, iconicidade da sequência fixada, repetição no discurso e institucionalidade, ou seja, reconhecimento pela comunidade de falantes.)(GONZALEZ REY, 2004, p. 115).

A definição supracitada explicita parte das características comuns à essas unidades. Entretanto, a discussão não se esgota em si.

Para Ramos Nogueira (2008, pp. 43-44), essas construções são formadas por meio da combinação de dois ou mais elementos, com certo grau de fixação, cunhadas ao longo dos anos (colocações, locuções ou expressões idiomáticas e, ainda as parêmiias: refrões e provérbios e outros enunciados fraseológicos), cada uma com as suas características.

Glenk (2011) assume que a fraseologia de uma língua abrange os mais diversos tipos de combinações de palavras: colocações, expressões idiomáticas, fórmulas discursivas e de rotina, provérbios etc., a característica dessas unidades polilexicais é que não permitem muitas modificações (diz-se também que apresentam um ‘alto grau de fixidez’), assim, costuma-se dizer *vinho tinto* e não *vinho vermelho*; *sem pé nem cabeça* e não *sem cabeça nem pé*; *tirar um barato* e não *tirar baratos*; usa-se dar *bom dia* só até o meio-dia e não até o fim do dia, e assim por diante. Além disso, muitos desses fraseologismos são idiomáticos, isto é, não podem ser compreendidos literalmente: se alguém roda a baiana, muito provavelmente não se rodou uma mulher que nasceu no estado da Bahia.

A fraseologia da língua comum abrange o estudo de unidades bastante diversas: provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções. Os fatores que permitem sua união sob o hiperônimo fraseologia são de caráter semântico, isto é, sua significação, estabelecida a partir do conjunto dos elementos que as formam, e o seu elevado grau de lexicalização. Portanto, considera-se que, sob o rótulo fraseologia, é possível abrigar unidades sintagmáticas que, embora diversas do ponto de vista estrutural, possuem, pelo menos, duas propriedades fundamentais comuns, quais sejam: são estruturas formadas por mais de uma palavra, mas com sentido único. Desse modo, considera-se ser possível manter certa unidade em relação ao objeto de estudo da fraseologia da língua comum, sem deixar de levar em conta as propriedades específicas de cada um de seus tipos.

A língua apresenta estruturas que só podem ser entendidas no seu conjunto. Atualmente, expressões do tipo *com certeza*, *a menos que*, *tomar parte em pagar o pato*, *a cavalo dado não se olha os dentes* e muitas outras cristalizadas em Português Brasileiro (PB) são tratadas como fraseologia da língua comum.

Para alguns autores, a fraseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os ditados, as locuções e as lexias compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuem estruturas extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, locuções, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante. Observa-se, portanto, que há uma diversidade de unidades que são consideradas fraseológicas, do mesmo modo que há diversidade em relação a sua denominação, fatores que não influenciam a sua utilização, pois o mais importante é que os falantes nativos de uma língua saibam reconhecê-las e utilizá-las adequadamente.

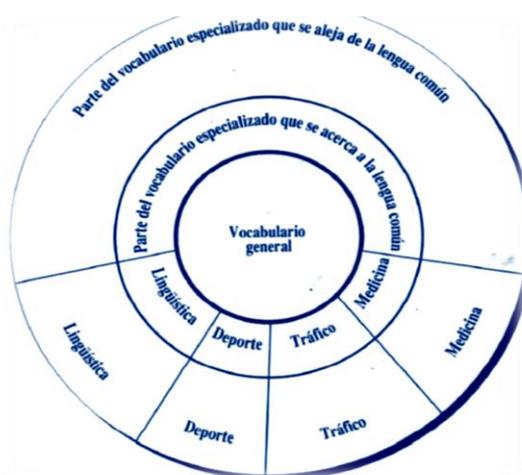
Bevilacqua (1996) postula que a fraseologia da língua comum apresenta as características de “[...] impossibilidade de alteração da ordem de seus componentes, de inserção de outros componentes e de substituição de determinado componente ou de determinada categoria gramatical”

(BEVILACQUA, 1996, p. 846), embora sejam permitidas alterações de tempo verbal.

Ainda conforme a mesma autora é possível dividir os estudos fraseológicos em duas partes: a fraseologia da Língua Comum e a fraseologia de Especialidade como a combinação de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que “[...] não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos” (BEVILACQUA, 1996, p. 846).

A partir dos anos 1990 cresceu sobremaneira o interesse pelo estudo da Fraseologia especializada e de seu objeto de estudo, as Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE). Parte desse interesse deu-se pela necessidade de produção de textos especializados, principalmente por parte dos mediadores linguísticos – redatores ou jornalistas – motivada pela divulgação cada vez maior de temas relacionados às ciências e às técnicas, bem como aos ofícios. Essa motivação fez com que se começasse a pensar que outras unidades linguísticas, além dos termos, também transmitem conhecimento especializado e caracterizam o discurso de uma temática específica. A **Figura 1** ilustra partes do acervo da língua geral e da língua de especializada.

**Figura 1 - Língua geral x Língua especializada**



Fonte: [www.google.com.br/fraseologia\\_images](http://www.google.com.br/fraseologia_images)

O campo da linguagem especializada, como mostra a **Figura 1**, faz uso do acervo comum, isto é, elas estão intimamente ligadas, entretanto, mesmo não havendo consenso entre os autores a diferença básica entre as duas é que, para a maioria dos estudiosos da área, as unidades fraseológicas especializadas apresentam como um de seus elementos constituintes um termo, considerado como seu núcleo, como em *pisar na bola*, em que ‘bola’ se constituiria como o termo núcleo, uma vez que remete ao campo da especialidade estudada. O que se percebe é que, de autor para autor, ainda que seja o mesmo objeto de estudo, cabem interpretações heterógenas e contrárias, com uma proliferação de denominações diferentes.

Kjeller (1990) propõe a seguinte distinção entre fraseologia da língua comum e fraseologia da língua especializada:

- fraseologia terminológica: denota a teoria fraseológica no sentido terminológico;
- léxico-fraseologia: denota a teoria fraseológica nas combinações lexicológicas de palavras na língua geral;
- fraseologia de língua para fins específicos: denota o inventário de combinações fraseológicas de palavras em línguas para fins específicos. (Kjeller, 1990, pp. 5-6).

A autora dinamarquesa classifica as unidades fraseológicas em três grupos:

1. combinações completamente estáveis (fixas ou fraseológicas)
2. combinações semifixas (possuem certa estabilidade sintático-semântica, porém admitem comutação limitada de seus componentes).
3. combinações livres (aceitam maior comutação) (Kjeller, 1990, pp. 5-6).

Deste ponto de vista, as unidades fraseológicas são combinações fixas identificadas por meio da comutação, fenômeno que permite determinar-lhes o grau de fixação de estabilidade sintática e semântica.

Pavel (1993) define as UFE considerando-as do ponto de vista da co-ocorrência, da frequência e da previsibilidade com que acontecem:

par phraséologie spécialisée, nous entendons la combinatoire syntagmatique des unités terminologiques, prises comme noyaux de cooccurrences usuelles ou privilégiées dans les textes d'une spécialité. Ces solidarités lexicales présentent divers degrés de figement (combinaisons fixées, restreintes, libres), de commutabilité, de compactage, de fréquence, de spécialisation et de prévisibilité léxico-sémantique (...) Les unités phraséologiques sont du type Nom+Nom, Nom+Adjectif, Nom+Verbe, Verbe+Nom (PAVEL, 1993, p.10).

Isto significa que, para a autora, os fraseologismos são estruturas pluriverbais, constituídas a partir de um termo-núcleo, o qual caracterizará um domínio específico.

Ainda na escola canadense, Gouadec (1994) considera as unidades fraseológicas como *entidades fraseológicas*. Partindo principalmente, do ponto de vista da tradução, ele institui o termo Esteriotipia, privilegiando também a frequência e fixação, para caracterizar essas unidades que para ele são fórmulas, expressões, frases feitas, ou seja, o autor atribui à esteriotipia e à frequência, as propriedades que permitem a sua identificação como UFEs. Ao aceitar essa concepção, entende-se que tanto termos quanto fraseologia 'são caracteres especializados', sendo que os termos designam objetos e conceitos, enquanto a fraseologia é fórmula que expressa conteúdo próprio de um âmbito.

Desmet (1995) classifica as combinações ou unidades fraseológicas como estruturas que exigem condições sintáticas e restrições estilísticas que determinem as combinações de termos com outras unidades do discurso especializado. Para a autora, essas combinações não são nem totalmente fixas nem totalmente livres, e podem apresentar base nominal, verbal ou adjetival. Também para ela, essas unidades estão fixadas entre o léxico e a sintaxe, principalmente da linguagem especializada, sendo necessário um estudo baseado em *corpus* textual, relacionando o estudo do léxico especializado a outras áreas, principalmente à Linguística de *Corpus*.

Também Cabré, Estopá e Lorente (1996), baseadas em um estudo de *corpus* textual, apresentam uma tipologia estrutural para as unidades terminológicas, visando principalmente definir a unidade terminológica sintagmática, a qual classificam como unidade polilexemática. Segundo as

autoras, elas são “unidades linguísticas formadas por mais de um lexema” (CABRÉ; ESTOPÁ; LORENTE, 1996, p. 66) e seu reconhecimento é de difícil acesso, uma vez que mesmo os programas computacionais não conseguem separar dentro de um *corpus* o que sejam fragmentos de discurso e da fraseologia propriamente dita, sendo vital neste processo a figura do investigador ao observar os dados de que faz uso.

Outra pesquisadora canadense, L’Homme (2000), enfatiza que a combinatória se dá sempre entre um termo e outro item lexical, isto é, são binárias. Num contexto mais recente, a autora aprimora a sua classificação, e estabelece que:

As combinatórias do tipo *verbo + nome* podem ser invertidas (nome + verbo) e receber o acréscimo de preposição (verbo + preposição + nome); As combinatórias do tipo *adjetivo + nome* podem ser invertidas (nome\_ adjetivo); As combinatórias do tipo *nome + nome* podem receber o acréscimo de preposição (nome + preposição + nome) (L’HOMME, 2004, p. 113).

Em âmbito nacional, Bevilacqua (2004), ao tratar da fraseologia e da unidade fraseológica especializada eventiva, propõe e define as unidades eventivas (UFE eventivas) como:

[...] unidades formadas por um núcleo eventivo, considerado como tal por ser de base verbal ou derivada de verbo (normalização ou particípio), e por um núcleo terminológico (termo). Entre estes dois núcleos se estabelecem relações sintáticas, mas principalmente semânticas determinadas pelas propriedades do texto em que são utilizadas. Portanto, são unidades que se conformam no e pelo texto em que são utilizadas. Cumprem, tal como os termos, a função de representar e transmitir conhecimento especializado. (BEVILACQUA, 2004, pp. 16-17).

Neste caso, a autora considera que tais unidades têm a função de transmitir conhecimento especializado relativo à determinada área do saber. Para tal, estabelece simplifadamente, os critérios para sua identificação: verbo mais nome (V+N); nome deverbal + sintagma preposicional (Ndev + SP); e nome + particípio (N+Part), as quais indicam processos especializados fraseologicamente pertencentes a uma área de saber, no caso, o da energia solar. *Grosso modo*, o caso das UFEs pode ser visto de três maneiras:

- A fraseologia especializada constitui-se de todas as unidades sintagmáticas, ou seja, todas aquelas construções formadas por mais de um elemento linguístico (*auxiliar técnico, árbitro principal, etc.*)
- Outros autores consideram que são unidades que incluem um termo com o qual co-ocorre um verbo (*cortar pela linha de fundo*), uma preposição (*na cara do gol*), um advérbio (*politicamente correto*).
- Há ainda autores que propõem que estas unidades podem ser maiores tais: *bola ao mato que o jogo é de campeonato* ou *dorme fora da zona de rebaixamento*.

Em face da especificidade dos textos coletados, isto é, textos jornalísticos sobre notícias de futebol, este trabalho apresenta casos de fraseologismos especializados, os quais também serão apresentados no Capítulo 4 e dispostos no dicionário.

## 2.2 FRASEOLOGISMOS: NOMENCLATURAS E CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO

Os fraseologismos são o objeto de estudo da Fraseologia. Caracterizam-se como sequências lexicais constituídas por, pelo menos, dois elementos que se apresentam de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, são convencionalizados pelo uso e evidenciam parte da competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, ainda que de forma inconsciente.

Tendo sido Bally (1951) o primeiro a estabelecer a definição e os limites da Fraseologia, como tratado anteriormente, foi esse autor também quem primeiro descreveu os traços recorrentes dos fraseologismos, baseado principalmente no grau de fixação dessas estruturas, o que ele convencionou chamar de *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais*, quando há relativo grau de coesão e *unidades fraseológicas*, quando o grau de coesão é absoluto. Nesse caso, as palavras simples perdem sua significação e o conjunto delas oriundo, adquire um novo significado, que não é o resultado da soma dos significados de cada um dos elementos.

Esses critérios não levam ao problema da univocidade de significado, já que os significados de uma língua se estabilizam pelo seu uso em sociedade. Isso é o que Saussure (1969) chama de cristalização social:

É necessário acrescentar uma faculdade de associação e de coordenação, que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que tem o maior papel na organização da língua enquanto sistema (ver página 170 e seguintes). Mas, para bem compreender esse papel, é necessário sair do ato individual, que é apenas o embrião da linguagem, e abordar o fato social. Entre todos os indivíduos assim ligados pela linguagem estabelece-se um tipo de meio: todos reproduzirão, não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente, os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. Qual é a origem dessa cristalização social?<sup>7</sup> (SAUSSURE, 2006 [1969], p. 29).

Mesmo com o número crescente de pesquisas no campo da Fraseologia, percebe-se que ainda há falta de consenso entre os estudiosos da área a respeito da sua taxonomia, o que impossibilita também a consonância no que tange à classificação e à catalogação fraseológica. Ozhegov (1957) chama a atenção para essa confusão no campo das distintas denominações atribuídas ao fenômeno fraseológico presente em diferentes autores, o qual aponta que “uma confusão deste tipo é quase impossível de se achar num outro ramo da Linguística” (OZHEGOV, 1957, p. 44). A confusão percebida por ele continua até os dias atuais. Desta forma, é comum encontrar denominações diversas para o mesmo fenômeno: *adágio*, *dito*, *apoteagma*, *refrão* e *frases feitas*, como sinônimos de *provérbios*, por exemplo.

Hausmann (1990) denomina os fraseologismos de colocações e estabelece que elas sejam formadas, basicamente, por dois elementos, um dos quais é considerado como base e o outro, o colocado ou o elemento coocorrente. A base é um elemento semanticamente autônomo, ao passo que o coocorrente

---

<sup>7</sup> Il faut ajouter une faculté d'association et de coordination, qui se manifeste dès qu'il ne s'agit plus de signes isolés; c'est cette faculté qui joue le plus grand rôle dans l'organisation de la langue en tant que système (voir p. 170 sv.). Mais pour bien comprendre ce rôle, il faut sortir de l'acte individuel, qui n'est que l'embryon du langage, et aborder le fait social. Entre tous les individus ainsi reliés par le langage, il s'établira une sorte de moyenne: tous reproduiront, - non exactement sans doute, mais approximativement – les mêmes signes unis aux mêmes concepts. Quelle est l'origine de cette cristallisation sociale? (SAUSSURE, 1969 [2006], p. 29).

está restringido semanticamente por ela. O autor as considera também como unidades semilexicalizadas e que possuem um valor semicomposicional, ou seja, seu significado não pode ser deduzido de forma independente por cada um dos elementos que a compõem, mas pelo conjunto desses elementos.

Ao classificar os fraseologismos da língua de especialidade como “[...] a *combinatória sintagmática das unidades terminológicas*, pertencentes a uma estrutura conceitual coerente”, Pavel (1993, p. 69) estabelece que as unidades terminológicas se constituem como núcleos coocorrentes usuais ou privilegiados nos textos de uma especialidade.

*Grosso modo*, essa premissa significa que, para a autora, os fraseologismos são unidades pluriverbais, constituídas a partir de um termo considerado como seu núcleo, pertencentes a um domínio específico do conhecimento. Explica ainda que estes termos considerados núcleos podem ser de caráter nominal, adjetival ou verbal, relacionados a entidades, propriedades, processos e relações entre conceitos. Assim, para a pesquisadora canadense, o conjunto das combinações típicas constitui a fraseologia de determinada área especializada.

Neste sentido, segundo Pavel (2003), três fatores extralinguísticos caracterizam a fraseologia de uma linguagem especializada:

[...] o perfil temático do domínio, a natureza imprevisível das renovações conceituais dentro de uma especialidade e a evolução subsequente da linguagem (norma, social) dentro da comunidade que os adota. O conhecimento dessas particularidades contribui consideravelmente para uma comunicação LE<sup>8</sup> eficaz. (PAVEL, 2003, p.11).

Por sua vez, Blais (1993, p. 52) apresenta a constituição de fraseologismos como “combinação de elementos linguísticos, própria a um

---

<sup>8</sup> A autora considera LE a Língua de Especialidade.

domínio, em que um deles é um termo núcleo relacionado semântica e sintaticamente e para os quais existe uma restrição paradigmática<sup>9</sup>.

A partir dessa concepção, a autora sugere uma classificação tipológica tendo o termo como o núcleo, apresentando estruturas do tipo: termo núcleo mais adjetivo (TN+Adj); nome mais termo núcleo (N+TN); nome mais preposição mais artigo mais núcleo (N+Prep+Art+N); verbo mais artigo mais termo núcleo (V+Art+TN), entre outras possibilidades. Esses casos trazem à tona a discussão e as divergências existentes para a definição dos limites do que seja termo e do que seja fraseologia. Também a autora admite a dificuldade de definir claramente esses limites, uma vez que para ela, um termo designa uma noção, enquanto um fraseologismo se refere a duas ou mais noções.

Em ambos os casos, as autoras fazem uso dos mesmos critérios adotados na fraseologia da língua comum transpondo-os para a fraseologia das linguagens especializadas, entre eles, o critério da pluriverbalidade, da estabilidade semântica e sintática, da comutabilidade e da inserção, base para a proposta de classificação feita por Pavel (1993) “combinações fixas, que não admitem troca; combinações semifixas, que admitem a possibilidade de troca e combinações livres, que admitem troca máxima de seus constituintes” (PAVEL, 1993, p. 14).

Resumindo a proposta de Pavel (1993), pode-se afirmar que para a autora, os fraseologismos representam unidades pluriverbais, constituídas a partir de um termo considerado como núcleo, pertencentes a um domínio específico do conhecimento. Esses termos podem ser de caráter nominal, adjetival ou verbal, relacionados a entidades, propriedades, processos e relações entre conceitos.

Com a visão mais voltada para o trabalho de tradução, Gouadec (1994) denomina de *entidade fraseológica* a representação de uma cadeia de caracteres especializados, constituída por elementos variáveis e invariáveis de um domínio de conhecimento, obedecendo a critérios de frequência e fixação.

---

<sup>9</sup> “combinasion d’éléments linguistiques propre à um domine de spécialité, dont l’um est un terme noyau, qui son liés sémantiquement et syntaxiquement et pour lesquels il existe une contrainte paradigmatische.” (BLAIS, 1993, p. 52).

De acordo com tal orientação, os fraseologismos são tidos como fórmulas, expressões ou frases feitas. Neste caso, tanto os termos quanto os fraseologismos são “cadeias de caracteres especializados”, de forma que os primeiros designam objetos e conceitos, enquanto os segundos são tidos como fórmulas que expressam um conteúdo próprio de um âmbito.

Neste contexto, as cadeias de caracteres especializados, apresentam estruturas invariáveis e variáveis, sujeitas a alterações das suas partes constituintes, segundo o tipo de domínio ou situação de uso”, houve por parte de Gouadec (1994, pp. 172-173), a necessidade de se inserir critérios interdependentes para seu conhecimento, que são: a estereotipia, ligada às condições de uso das fraseologias, relacionadas a fatores referentes à área, ao tipo de documento, ao locutor/enunciador e à frequência, ou seja, relativa ao número de vezes que aparece na área.

Sob o bojo das *entidades fraseológicas*, Gouadec (1994), inclui um conjunto flexível de combinações, como palavras, grupos de palavras, termos, locuções, expressões, proposições, sem a preocupação de estabelecer categorias nem critérios morfológicos, indicando ainda quatro características relevantes para seu reconhecimento: a especialização, a repetição, o risco inerente à sua manipulação e a vantagem de dominar seu uso. Nesse contexto, o autor postula como critérios fundamentais para a identificação desse tipo de unidade a estereotipia, vista como um conjunto de caracteres estabilizados e recorrentes em uma área, e a frequência com que ocorrem em tal área. Concebe ainda que tais unidades se constituem de elementos invariáveis e variáveis, indicando, desse modo, a possibilidade de alterações no interior de uma mesma unidade, na qual pode ocorrer inserção e/ou supressão de um ou mais de um elemento ou alteração de ordem. A partir desses critérios (estereotipia, frequência e conformação por meio de invariáveis e variáveis), esses conjuntos de caracteres especializados assumem o caráter de matriz. Sua proposta é eminentemente funcional.

Também Ortíz Alvarez (2001) afirma que ao efetuar pesquisa em dicionários especializados, a gama de nomenclaturas continua, foram encontrados *ditos populares, frases feitas, clichês, locuções, refrões e*

*expressões idiomáticas*. Para a autora, essas unidades apresentam traços em comum: são padronizadas e convencionalizadas como resultado da sua evolução dentro de uma determinada comunidade linguística.

Para a Unidade Fraseológica (UF), Corpas Pastor (2010) propõe a seguinte definição:

[...] uma combinação estável de, pelo menos, duas palavras que, conforme as diferentes correntes terá como limite superior o sintagma ou a oração composta e apresentará como traços inerentes a fixação ou a idiomaticidade por si mesmas, ou então uma combinação de ambos os critérios. (CORPAS PASTOR, 2010, p. 126).

Definindo uma taxonomia do que a autora convencionou chamar de unidades fraseológicas, Corpas Pastor (2010) descreve um primeiro nível de estruturação dessas unidades, o qual seria organizado em três esferas. Na primeira esfera, a autora situa as *colocações*, fixadas pelo uso, com algum grau de restrição combinatória. Na segunda esfera estão as *locuções*, fixadas no sistema. As unidades destas duas esferas, destaca a autora, não chegam a formar enunciados completos em si mesmos, nem realizam atos de fala, porque precisam da combinação com outros elementos no discurso. Esse é o ponto em que se diferenciam das unidades da terceira esfera, os *enunciados fraseológicos*, os quais constituem enunciados e atos de fala em si mesmos. Além disso, os enunciados fraseológicos (parêmiás e fórmulas) estão fixados na fala e formam parte do acervo sociocultural da comunidade do falante.

Na tentativa de apresentar propriedades que permitam delimitar os fraseologismos, os quais denomina de fraseo-lexemas, Barros (2004) apresenta algumas características de reconhecimento:

- a) não autonomia de um componente em relação aos outros que compõem a unidade léxico-semântica sem que haja modificação de sentido: Ex.: jogo e aberto em *jogo aberto*;
- b) impossibilidade de comutação de um componente sem acarretar mudança de sentido. Ex.: *mesa redonda*/mesa quadrada;
- c) não separabilidade dos componentes: Ex. pontapé inicial / ponta pé inicial;

- d) particularidade da estrutura interna. Ex.: ausência de determinação significa integração dos elementos constitutivos: ter medo, fazer justiça, ser de bom tamanho.
- e) a existência de uma definição especializada para o sintagma analisado;
- f) a compatibilidade sistêmica do sintagma: a relação do sintagma analisado com um conjunto de unidades de um sistema terminológico;
- g) a substituição do elemento específico de um sintagma terminológico por um outro ou do sintagma inteiro por um termo lexemático. Ex.: porta do leme/abrir a porteira. Porta do leme não é uma porta que possa ficar aberta ou fechada, e abrir a porteira/vencer43q.
- h) a produtividade (ou não) do sintagma na comunicação: é determinada pela facilidade de uso de tal termo sintagmático em textos especializados.
- i) imprevisibilidade semântica: o sentido de cada palavra do sintagma é conhecido separadamente, mas o sentido particular do termo sintagmático não o é (ex.: erva/de/Santa Luzia – erva de Santa Luzia). Quanto mais um sintagma é imprevisível, mais tem probabilidade de ser lexicalizado.
- j) a recorrência: nele se leva em conta o caráter único e constante do significado, a estabilidade da relação entre a sequência sintagmática e um significado único. O emprego prolongado de uma sequência sintagmática conduz a uma integração semântico-sintática muito forte e à memorização por parte dos usuários.
- k) a frequência de co-ocorrências: sempre a mesma associação de palavras no domínio (BARROS, 2004, p. 102-105)

Ao permitir a descrição de seus traços gramaticais, semânticos e morfológicos, a análise linguística destas unidades vem contribuindo para uma melhor identificação das fraseologias.

Para que um agrupamento de palavras possa ser considerado uma unidade fraseológica, ela tem de cumprir alguns critérios que permitam identificá-las. Nesse processo de identificação das unidades fraseológicas, algumas características parecem ser mais recorrentes que outras como é o caso da polilexicalidade, da relação semântica interna que os componentes da combinatória mantêm entre si e da estabilidade ou fixação de seus componentes. Apresenta-se, a seguir, critérios utilizados por diferentes autores na busca de melhor identificar a estrutura que circunda essas unidades.

A frequência com que ocorrem, a institucionalização, a fixação, a idiomaticidade, a variação e a gradação, são para Corpas Pastor (1996) as características linguísticas que distinguem os fraseologismos, para a autora, unidades fraseológicas, de outros tipos de unidades lexicais. Considerando essas características, observa-se um pouco de cada uma delas:

- a frequência, ou seja, a aparição conjunta dos elementos constituintes de uma unidade fraseológica é superior à aparição individual de cada um destes elementos na língua. Além do mais, o uso destes elementos combinados é considerável na língua.
- a força de seu uso repetido, as unidades fraseológicas conseguem ser aceitas na norma e esta aceitação se traduz em sua institucionalização.
- sempre em relação com esta institucionalização, as unidades fraseológicas se distinguem por sua fixação. Elas são fixas formal ou semanticamente.
- quando nenhum de seus componentes contém um significado que possa indicar a significação de uma unidade fraseológica, sua especificação semântica alcançou o grau mais alto. Neste caso, recorre-se à idiomaticidade.
- mesmo sendo caracterizadas pela fixação formal e semântica, as unidades fraseológicas podem sofrer variações em sua estrutura, isto é, um de seus elementos pode ser mudado por uma variante sem afetar o significado global da unidade, ou também pode ser que

uma unidade fraseológica sofra em si mesma uma modificação criativa por parte dos falantes.

- a gradação se refere ao fato de que, em todos estes traços mencionados, existe uma escala gradual, ou seja, nem todas as unidades fraseológicas são estritamente fixas em sua estrutura (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20),

### 2.2.1 A polilexicalidade

A polilexicalidade constitui a característica dos fraseologismos que diz respeito ao número de elementos que constituem a combinatória, no mínimo dois itens lexicais.

Se todo fraseologismo é formado por pelo menos duas unidades lexicais que estão armazenadas na memória como se fosse uma só, tal qual em *pisar na bola*, *matar no peito*, *bola cheia*, *ficar pra escanteio*, *bater na trave*, *pendurar as chuteiras*, *tirar o time de campo*, *vestir a camisa*, etc., é porque, independentemente do número de elementos que os constituem, eles representam uma unidade.

O critério da polilexicalidade permite verificar, a partir da escrita, a separação estabelecida pelos espaços em branco entre os constituintes da combinatória sintagmática. Esse processo, relativamente simples do ponto de vista da distribuição linear de cada constituinte no sintagma, não se estende quando é preciso estabelecer os limites, a fronteira dos fraseologismos. Como saber onde termina uma unidade e onde a outra começa, ou mesmo quantas unidades há em: (*dormir [fora da <zona de rebaixamento>]*).

A dificuldade listada acima para a segmentação do fraseologismo está atrelada à noção de palavra, a qual tem servido sistematicamente para denominar entidades intermediárias, tanto na tradição gramatical quanto na Linguística moderna. Mejri (1997), atenta para o fato de que “[...] se a noção de palavra, a despeito de todos os ataques, faz prova de grande resistência, é porque faz parte de uma realidade linguística apreendida de forma intuitiva” (MEJRI, 1997, p. 132), sem que os critérios formais até então delineados sejam suficientes para sua delimitação.

A polilexicalidade torna-se um critério complexo quando relacionada às formas livres e presas da língua. A atenção, nesse caso, reside no fato de que todo fraseologismo é polilexical, entretanto, nem toda unidade polilexical é um exemplar fraseológico, veja-se o caso de guarda-roupa e rádio-relógio. Nesses casos, têm-se casos de palavras compostas, cuja formação obedece a regras produtivas (composição, derivação e justaposição). Já nos casos fraseológicos como, por exemplo, *bater um bolão*, *mão furada*, *gol de bicicleta*, *tiro de meta*, a formação apresenta algum tipo de desvio do sentido literal em, pelo menos, um dos constituintes e precisa de ser compreendida pelo seu conjunto, em bloco.

De tais considerações acerca do caráter polilexical das combinatórias sintagmáticas, é possível depreender que essa propriedade, embora seja uma condição necessária, não é suficiente como critério de identificação de um fraseologismo.

### **2.2.2 A fixidez**

Gaston Gross (1996), assinala que a fixidez é uma propriedade das línguas naturais cuja importância foi por muito tempo menosprezada, pois “A fixação é um processo linguístico no qual um sintagma em que os elementos são livres transforma-se em um sintagma em que os elementos não podem ser dissociados” (GROSS, 1996, p. 2), nesta categoria ele inclui as expressões idiomáticas, os idiotismos (galicismos, anglicismos, germanismos...), os nomes compostos, as locuções (verbais, adjetivais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas), as frases fixas e os verbos suporte. Segundo o autor, uma expressão fraseológica opaca ou proverbial configura um sentido não composicional, ao contrário de estruturas transparentes não fraseológicas.

Diz-se, a partir do exposto, que o sentido de um provérbio é, necessariamente, opaco e não transparente; porém, esta opacidade não pode ser considerada como uma não composicionalidade exata, uma vez que esta característica expressa nos provérbios a forma por meio da qual tais fraseologismos são percebidos pelos falantes, e a não composicionalidade contribui para a relação existente entre os constituintes do enunciado e o produto final como um todo.

Gross (1996) estabelece seis condições para se falar sobre cristalização, as quais são apresentadas resumidamente abaixo:

- a) A polilexicalidade: uma expressão corresponde a uma sequência de palavras que devem ter cada uma um significado autônomo. No exemplo, “Com quatro minutos, o Sampaio Corrêa abriu o placar. Thiago Cavalcante passou por dois adversários e cruzou para Arlindo Maracanã, que completou para o fundo da rede de Jair para <<*abrir o placar*>> no Mangueirão.”: o exemplo em destaque, *abrir o placar* tem existência autônoma comprovada pelos dicionários;
- b) A opacidade semântica: na sequência *abrir o placar*, quer dizer marcar o primeiro gol de uma partida, não é produto de *abrir* nem de *placar*. Seu sentido se dá por uma leitura não composicional, ao contrário da sequência *se eu abrir o placar...*, cuja interpretação se dá pela leitura composicional dos seus termos e indica o ato de abertura, do ponto de vista denotativo.
- c) O bloqueio das propriedades transformacionais: uma expressão cristalizada não suporta transformações sintáticas: *se o placar for aberto por mim*.
- d) A não atualização dos elementos: os elementos de uma expressão não são suscetíveis às atualizações: *se eu abrir aquele placar*.
- e) O bloqueio dos paradigmas sinonímicos: é impossível substituir um elemento por seu sinônimo em uma expressão cristalizada: *se eu adentrar o placar*.
- f) A impossibilidade de inserções: é impossível inserir elementos complementares: *se eu abrir bruscamente o placar*. (GROSS, 1996, p. 32).

Gréciano (1999) preocupou-se com a metalinguagem fraseológica para poder debater com propriedade todos os aspectos dessa área. Uma das vertentes da investigação deste linguista é a fraseologia nas línguas de especialidade. Sobre isso, ele destaca que os fraseologismos são chamados de

frasemas, fraseolexemas em língua geral, enquanto que na língua especializada tem-se os fraseotermos. Além disso, ele destaca que o papel fundamental dos frasemas em língua de especialidade é a contribuição para a formação de conceitos.

A fixidez representa para Mejri (2012) uma noção forjada pela qual é possível explicar o fenômeno fraseológico e possibilita descrever o processo de cristalização pelo qual as solidariedades semânticas encontram um congelamento das regras da combinatória sintagmática.

Dentre as propriedades que possibilitam a identificação dos fraseologismos, a fixidez ou *séquence figée* é considerada por Mejri (2012) como um dos traços mais relevantes (ao lado da idiomaticidade) e o *figement*, para ele, constitui o fenômeno fraseológico de uma forma geral M. Gross (1986), Fiala (1989) e Anscombre (2003).

Neste sentido, Mejri (2012) define:

[...] a cristalização enquanto processo pelo qual as associações sintagmáticas se realizam. Trata-se de um processo universal próprio das línguas vivas que se inscreve no tempo, se realiza independentemente da vontade dos interlocutores, age como fator sistêmico sobre o funcionamento da língua em todos os níveis (léxico, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, partes do discurso). Coloca a sintagmática a serviço do léxico, fazendo de cada sintagma um candidato em potencial para tornar-se uma unidade polilexical<sup>10</sup>. (MEJRI, 2012, p. 38).

A centralidade da fixidez pressupõe a consideração das demais propriedades (polilexicalidade, idiomaticidade e convencionalidade) como periféricamente a ela relacionadas.

Ao se efetuar a análise sobre a fixidez das combinatórias sintagmáticas, faz-se necessário uma série de questionamentos, tais como a delimitação e a categorização das unidades léxicas (simples ou compostas); a regularidade em oposição às irregularidades que podem ser contempladas na descrição de um

---

<sup>10</sup> Le figement en tant que processus par lequel les associations syntagmatiques se réalisent. Il s'agit d'un processus universel propre aux langues vivantes qui s'inscrit dans le temps, se réalise en dehors de la volonté des locuteurs, agit comme facteur systémique sur le fonctionnement de la langue à tous les niveaux de ses composantes (lexique, morphologie, syntaxe, sémantique, pragmatique, parties du discours). Il met le syntagmatique au service du lexical faisant de chaque syntagme un candidat potentiel pour devenir une unité polylexicale. (MERJI, 2012, p. 38).

sistema linguístico e a relação entre a mobilidade e a variação dos constituintes de um fraseologismo.

Enquanto característica formal, a fixidez pode se manifestar por meio de restrições:

- no eixo sintagmático – restrição para flexões, pronominalizações e passivização (ex.: *\*baixar a(s) bola (s) de*; *\*baixar a bol (inha) de*; *\*baixar(-lhe)* ou ainda, *\*a bola foi baixada de*);
- no eixo paradigmático – restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos (ex.: para *bater o lanterna*, com o sentido de vencer o último colocado da competição), apresenta restrições semânticas para – *\*bater o (facho)*, *\*bater (sua) lanterna*.

Uma sequência é dita cristalizada se ela encontra fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática e da comutatividade paradigmática.

### 2.2.3 A idiomaticidade

A idiomaticidade constitui uma das propriedades que permite, quando atrelada a pelo menos duas outras propriedades, identificar um fraseologismo. Nas palavras de Cendón (2002):

A categoria de idiomaticidade, como fixação, é gradual, pois, por um lado, existem combinações que apresentam uma idiomaticidade total, mas, por outro lado, há combinações que são fixas, mas não idiomáticas (como é o caso de uma grande Número UF em idiomas especializados). Assim, uma escala de mais e menos idiomática pode ser estabelecida. Entretanto, UFs com idiomaticidade também possuem fixação, o que geralmente é apontado que uma maior idiomaticidade corresponde a uma maior fixação<sup>11</sup> (CENDÓN, 2002, p. 118).

---

<sup>11</sup> La categoría de la idiomaticidad, al igual que la fijación, es gradual, dado que, por un lado, hay combinaciones que presentan una idiomaticidad total pero, por otro, hay combinaciones que son fijas pero no idiomáticas (tal es el caso de un gran número de UF en los lenguajes especializados). Se puede establecer, así, una escala de más a menos idiomaticidad. No obstante, las UF que presentan idiomaticidad presentan también fijación, con lo que se suele apuntar que a una mayor idiomaticidad corresponde una mayor fijación. (CENDÓN, 2002, p.118).

Depreende-se da citação em relevo que, em relação aos fraseologismos, a idiomaticidade, além de revelar o traço metafórico dessas unidades, exhibe diferentes gradações, isto é, há casos em que as unidades são mais conotativas, como em *véu da noiva*, em referência à rede do gol *Um gol emoldurado por uma diáfana e freudiana rede que os locutores esportivos do país chamam de <<véu da noiva>>* {SBSEMH2009.10}, em que se faz a associação entre a tecitura de uma mantilha usada pelas noivas sobre a cabeça e as malhas da rede colocadas na parte de trás das balizas, e ocorrências em que esse traço é quase imperceptível, como acontece com as colocações *auxiliar técnico*, o profissional que desempenha diversas funções junto aos jogadores, assistindo o técnico ou substituindo-o em sua ausência. *Rogerinho Gameleira irá como <<auxiliar técnico>> e não técnico interino. Já em Belém, o novo treinador do Paysandu, Vágner Benazzi, vestirá o uniforme da comissão técnica e irá à beira do campo na partida deste sábado (21), às 21h, na Curuzu, em Belém, contra o Atlético Goianiense, pela 24ª rodada da Série B do campeonato brasileiro, com transmissão lance a lance pelo Portal ORM.* {SBNOAJ2013.271}. Os exemplos *véu da noiva* e *auxiliar técnico* -se quando colocados em um *continuum* apresentam a seguinte escala: *véu da noiva* + idiomático e *auxiliar técnico* – idiomático. Assim, a idiomaticidade ausência de conteúdo semântico que independe do fraseologismo.

Zuluaga Ospina (1980) também explica que a idiomaticidade “[...] é um traço semântico próprio de certas construções fixas cujo sentido não pode estabelecer-se a partir do significado dos elementos componentes de sua combinação” (ZULUAGA OSPINA, 1980, pp. 121-134).

Segundo Mejri (2012), a gradação idiomática dos fraseologismos pode ser aferida por meio do grau de opacidade que apresentam, isto é, casos em que o sentido não é estabelecido pelo significado individual de cada constituinte, mas sim pelo conjunto, pelo bloco, são estruturas não composicionais, o mesmo parâmetro é usado na identificação de estruturas que são ditas transparentes ou grau de transparência, quando o significado dos constituintes pode ser parcialmente recuperado, os casos composicionais. Assim, quanto mais opaca a estrutura, *bico da área* (interseção das linhas que demarcam a grande e a

pequena área no gramado), mais idiomático é o fraseologismo, e quanto mais transparente, *bola alçada* (lance em que uma bola é levantada na grande área adversária para a tentativa de cabeceio ou de chute pelos atacantes), menos idiomático. Tais características ajudam a compor um critério semântico na identificação dos fraseologismos. O autor tunisiano explica ainda que a não transparência se explica, na maioria das vezes, pela intervenção de *tropes* (o fenômeno da metáfora e da metonímia) na formação das sequências.

Também Rodriguez (2004) define a idiomaticidade como:

É outra característica distintiva da UF, mas, neste caso, afeta apenas parte delas, sendo, portanto, uma propriedade possível, mas não necessária, para que uma determinada expressão seja considerada fraseológica. Diz-se que uma UF é idiomática quando seu significado não é dedutível da soma dos significados de seus componentes, que perderam sua identidade semântica e sua autonomia, consolidando agora uma unidade de significado solidária. É o resultado de um processo diacrônico de desmotivação linguística<sup>12</sup> (RODRIGUEZ, 2004, p. 18).

Em uma construção do tipo não composicional, não se pode extrair o significado de cada elemento da combinatória, pois cada constituinte perde o seu significado usual e assume um novo significado, neste caso, global, isto é, o sentido do fraseologismo é estabelecido pelo conjunto de seus constituintes e não mais por seus significados primeiros. Para demonstrar a diferença entre uma combinação livre e uma sequência fixa, com base no critério da idiomaticidade, observe-se o exemplo:

- a) as <<quatro linhas>> que comprei estão dentro da gaveta.
- b) Marcos Pimentel, que chegou para brigar por uma vaga como titular, parece que vai comer banco mais um pouco. Ele entrou em algumas oportunidades, mas chegou perto da decepção. Pimentel ainda não

---

<sup>12</sup> Es otro rasgo distintivo de las UF, pero en este caso sólo afecta a parte de las mismas, tratándose, por tanto, de una propiedad posible pero no necesaria para que determinada expresión sea considerada fraseológica. Se dice que una UF es idiomática cuando su significado no es deducible de la suma de los significados de sus componentes, que han perdido su identidad semántica y su autonomía, consolidando ahora una unidad solidaria de sentido. Es el resultado de un proceso diacrónico de desmotivación lingüística. (RODRIGUEZ, 2004, p. 18).

está em forma - ficou três meses sem jogar -, o que tem prejudicado seu rendimento dentro das <<quatro linhas>>. {SCNEOM2010.01}

No exemplo *a* os constituintes em destaque *quatro linhas*, aparecem como combinações livres, pois indicam a quantidade de linhas. No exemplo *b*, a mesma estrutura assume um sentido diferente daquele exposto em *a*, conotativo, isto é, faz referência ao espaço do campo futebol, o qual é demarcado pelas linhas de fundo e pelas laterais, ou seja, as quatro linhas. Neste caso, passa a constituir um exemplo de fraseologismo, pois apresenta além do caráter polilexical, a rigidez da estrutura e o traço metafórico.

Portanto, a idiomaticidade revela a discordância entre os significados interno e externo do fraseologismo. Existe, neste caso, uma relação irregular entre as estruturas do nível do conteúdo e do nível da expressão, não sendo representados os elementos irregulares por meio de certos componentes ou características formais, mas sim pelo seu conjunto. Com isso, os fraseologismos se investem de um significado particular, diferente de seu significado literal.

#### **2.2.4 A congruência**

Além dos critérios anteriormente citados, Mejri (2012) acrescenta à sua lista, a congruência como critério de identificação dos fraseologismos, definindo-a como “[...] um processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEJRI, 2012, p. 79) e o critério da congruência é tido, nesse âmbito, como uma definição da palavra.

Esse critério intervém tanto no plano morfológico quanto nos planos sintático e semântico. “O corolário da congruência para as sequências cristalizadas (*figées*) é a incongruência: é incongruente toda sequência que contraria as regras da combinatória” (MEJRI, 2012, p. 80) como, por exemplo: *Dentro das quatro linhas/ \*Dentro das / (cinco, três,) linhas*.

Neste sentido, o interesse da noção de (in) congruência torna-se também importante, pois para o autor tunisiano essa noção é diferente da noção da gramaticalidade que focaliza somente sobre a boa formação gramatical; não se confunde com a aceitabilidade que aponta certa normatividade; cobre todos os

aspectos: sintaxe, semântica e pragmática: tudo que se enquadra nas regras é congruente; o que não se enquadra é incongruente; decorre desta noção a da previsibilidade: é previsível o que se pode prever em função dos possíveis inscritos na aplicação das regras. A congruência trabalha para que o sentido do fraseologismo seja mantido, mesmo em casos de variação.

### 2.2.5 A previsibilidade e a frequência

Os critérios da previsibilidade e da frequência estão intimamente ligados, a tal ponto que se pode dizer que a relação entre eles é tautológica, ou seja, estão intimamente ligados, de modo que uma fraseologismo pode tornar-se frequente por sua previsibilidade e pode também tornar-se convencional pela sua frequência.

A previsibilidade diz respeito à seleção de determinadas estruturas em detrimento de outras, para atender a propósitos discursivos precisos; enquanto a frequência diz respeito à repetição, muitas vezes automática, de estruturas pré-fabricadas.

Tais automatismos nem sempre são perceptíveis aos falantes, quando se trata de sua língua materna, mas são rapidamente detectados quando se trata de uma língua estrangeira.

As fórmulas rotineiras, ou pragmatemas,<sup>13</sup> como denominadas por Mejrj (2012), por exemplo, são formas convencionais que se utiliza para saudar (*Bom dia, tudo bem? Tudo azul? Beleza*), fazem parte do processo de natural de

---

<sup>13</sup> Em sua tese de doutoramento, Pinheiro (2015, p.15) diz que os pragmatemas, “Na perspectiva da Fraseologia, são contemplados enunciados fixos situacionalmente condicionados (aqueles cuja fixação não é semântica, mas situacional) assim como estruturas que se constituem como atos de fala, ocorrem de modo rotineiro, ritualizado, cumprem funções específicas e estão prontas para ser usadas em determinadas situações comunicativas. São, por isso, nomeadas como fórmulas conversacionais, fórmulas de interação social e pragmatemas, visto cumprirem função mais pragmática do que semântica. Tais fórmulas, que podem ser não idiomáticas e total ou parcialmente idiomáticas, têm despertado o interesse de estudiosos dessa área. São totalmente idiomáticas quando nenhum dos elementos da expressão contribui para o significado de toda a expressão (Ex.: pagar o pato = sofrer as consequências) e parcialmente idiomáticas quando apenas um ou alguns de seus elementos contribuem para o significado (Ex.: sair de fininho = sair devagar, com calma)”.

aquisição da linguagem e nem sequer necessitam de serem ensinadas formalmente.

Sobre essa questão, Monteiro-Plantin (2014, p. 91) discorre que “Faz parte do conhecimento escolarizado saber que a água ferve a 100°, mas é a experiência que vai nos mostrar que água a 60°, por exemplo, é quente demais para o banhar-se nela, mas não o suficiente para fazer um café.”

## 2.3 TIPOLOGIAS FRASEOLÓGICAS

### 2.3.1 As colocações

Sobre a delimitação das colocações, Mejri (2012, p. 27) explica que “Na escala dos fraseologismos, as colocações são as mais difíceis de delimitar e de serem manejadas pelos estrangeiros (exemplo: se estender / se prolongar sobre uma questão).” E esse posicionamento decorre do fato de as colocações se constituírem como conjuntos de palavras que coocorrem de forma idiossincrática, no sentido de que há uma preferência por certa associação, não decorrente exclusivamente do conteúdo semântico das palavras envolvidas. Sobre esses casos, Tagnin (1989) relata que:

O termo *collocation* foi introduzido pelo lingüista britânico J. R. Firth para designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente “andam juntas”. [...] Em português, temos o caso de *coroca*, que somente existe na combinação *velho/a coroca*, e de *varrido*, que ocorre com *louco* ou *doido*, dando *louco/doido varrido*. (TAGNIN, 1989, p. 30-31).

As colocações referem-se à especialização de uso de palavras que se associam, de termos que andam lado a lado. Cada colocação reúne um pequeno número de palavras, sendo que raramente o agrupamento é maior do que duas ou três palavras – alguns autores inclusive definem essa classe como “expressões semi-fixas binárias” (GROSSMANN; TUTIN, 2002; 2003, apud FRANÇOIS; MANGUIN, 2006, p. 11).

Nas colocações, geralmente um dos termos é usado no seu sentido próprio, como por exemplo *erro crasso*, *bater em retirada*, *braço de mar* e *armar-se de coragem*, onde as palavras *erro*, *retirada*, *mar* e *coragem* são tomadas no seu sentido literal e apontam para o referente próprio, habitual. Enquanto nas

colocações, geralmente, um dos termos se associa de forma convencional com o restante do grupo, são tomados no seu sentido próprio nas demais tipologias e a escolha dessa associação é idiossincrática, não motivada semanticamente, nos demais casos fraseológicos, fixos e semifixos, há um traço conotativo mais evidente.

As colocações atingem não somente o verbo, na estrutura [verbo + complemento], ou o uso de preposições, mas podem envolver outros termos, como nomes, adjetivos, preposições e conjunções.

Ortíz Alvarez (2000) caracteriza as colocações como combinações não idiomáticas, com alto grau de atração entre os elementos que as compõem, definição que parece ser a mais acertada, uma vez que justifica a proximidade de termos constituintes em unidades do tipo: *árbitro principal e árbitro auxiliar*.

## 2.3 AS PERSPECTIVAS DAS ESCOLAS FRASEOLÓGICAS

### 2.3.1 A Escola Russa

Uma teoria altamente completa da Fraseologia só foi criada depois de 1931 por Polivanov, o qual usa o termo *Idiomática* para referir-se à Fraseologia, definindo-a como “uma disciplina especial da área da linguagem que ocupa, em relação ao léxico, a mesma posição que a sintaxe desempenha em relação à morfologia.”, além dele, Vinogradov (1946) são o clássico entre os fraseólogos soviéticos, segundo a avaliação do investigador fraseológico germano-ocidental Harald Thun, que é particularmente importante para o português.

Vinogradov é seguido pelos investigadores fraseológicos reconhecidos em escala internacional, V. N. Telija, A. V. Kunín, M. Sabitova e outros que não só se ocuparam da fraseologia do russo, mas também da fraseologia do francês, do inglês ou do alemão. A investigação soviética, como vista na primeira parte deste trabalho, tende a compreender a Fraseologia como disciplina linguística autônoma e a excluí-la assim do campo da Lexicologia, e estabelecê-la num grau equivalente, ao lado da Lexicologia como disciplina linguística autônoma. Este ponto de vista parte do fato de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas etc.), contrariamente às palavras simples e compostas, dispõem também de especificidades e particularidades, restando a questão destas

especificidades serem suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da Lexicologia.

Na concepção de Corpas Pastor (2001), a Escola Russa mostra-se especialmente prolífera entre os anos de 1975 e 1985, como atestam os trabalhos de Arutiinova (1976), Èerdántseva (1977), Èerni\_eva (1977) e Kurtchatkina; Suprun (1981), sem esquecer-se do trabalho de Kótova (1998), o qual oferece um breve panorama, porém um apanhado completo dos principais aportes da Escola Russa de Fraseologia.

### **2.3.2 A Escola Canadense**

Pavel (1993, 2003) e Blais (1993), ambas da Escola Canadense, contribuíram para o estudo das fraseologias especializadas naquele país. Nota-se, porém, uma variação quanto ao uso do termo utilizado pelas autoras: Pavel prefere o termo Unidade Fraseológica, enquanto Blais escolhe Fraseologismo.

### **2.3.3 A Escola Hispânica**

Júlio Casares (1992 [1950]) é o pioneiro no âmbito da Fraseologia espanhola, pois ele classificou as UFs espanholas em locuções e modismos (UFs idiomáticas), reservando os provérbios e refrões para a Paremiologia. Por seu significado e função gramatical, Casares (1992) distingue dois grandes grupos: as locuções significantes e as locuções conexivas. As locuções significantes podem ser nominais, adjetivais, verbais, participios, adverbiais, pronominais e exclamativas ou interjectivas, as locuções conexivas, por sua vez, prepositivas e conjuntivas.

Trinta anos depois, em 1980, Zuluaga Ospina, de origem colombiana, mas residente na Alemanha desde 1967, publica sua tese de doutorado sobre as expressões fixas do espanhol, até então, o único manual de Fraseologia espanhola. Neste manual, o autor muda a dicotomia de Casares, dividindo as UFs entre locuções e enunciados, entre os quais inclui os provérbios. Amplia assim, a reflexão sobre os 'conjuntos de signos' da língua que, segundo ele, também podem ser chamados de expressões fixas ou unidades fraseológicas,

estabelecendo que há certas peculiaridades na estrutura interna dessas expressões capazes de diferenciá-las tanto na forma quanto na semântica.

Zuluaga Ospina (1980) cria três combinações de palavras: as combinações livres, as unidades fraseológicas e as séries fraseológicas, conforme apresentamos abaixo:

- a) As combinações livres permitem várias combinações livres, por exemplo: ter uma casa/ter um cachorro.
- b) Unidades fraseológicas são combinações completamente fixas. Exemplos: de repente/pois bem.
- c) Séries fraseológicas são agrupamentos usuais. Exemplos: gravemente ferido/ter sorte.

Neste sentido, para Zuluaga Ospina (1980), Bally não chegou a separar de forma efetiva as unidades fraseológicas das séries fraseológicas alegando pouca diferença entre elas e chamando-as apenas de fraseologia.

Há duas formas de se entender a fixação fraseológica, segundo Zuluaga Ospina (1980): de forma descritiva ou sincrônica, bloqueando algumas regras combinatórias dos elementos do discurso e explicativa; ou diacrônica, como resultado da reprodução, do uso da fala como unidades de língua.

Em 1996, Corpas Pastor publica seu *Manual de fraseologia española*, uma obra que tem como proposta uma nova e dupla partição: os enunciados fraseológicos, fixos na fala, divididos em paremias e fórmulas rotineiras, e as UFs que não constituem enunciados completos, entre as quais distingue as colocações, fixas na norma e as locuções, fixas no sistema da língua. Para a classificação das locuções, Corpas Pastor baseia-se essencialmente, na teoria de Zuluaga Ospina. O trabalho da referida autora juntamente com o trabalho de Martín (1996) serve de ponto de partida para os estudos da fraseologia na Espanha. Na seção que aborda os critérios de classificação das unidades fraseológicas serão vistos os critérios estabelecidos pela autora.

Em seguida, as investigações de Ruiz Gurillo (1998) integram os aspectos morfológicos, sintáticos, lexicológicos, semânticos, pragmáticos e sociopsicolinguísticos, diferenciando entre locuções (UFs equivalentes ao

lexema simples ou ao sintagma) e enunciados fraseológicos (UFs equivalentes a um enunciado) e adotando os postulados da Escola de Praga, aplicando às unidades fraseológicas o modelo de núcleo e periferia numa progressão gradual, que vai desde a regularidade até a irregularidade. Dessa maneira, segundo uma concepção discreta da Fraseologia, só são UF's as locuções (entre as quais se encontram as colocações), por um lado, e as frases proverbiais, por outro, enquanto que numa concepção de Fraseologia num sentido amplo, são assim mesmo UF's os refrões, os aforismos, o vocabulário técnico e as fórmulas rotineiras.

Em *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*, Garcia-Page (2008, p.66) separa explicitamente a locução pronominal da locução nominal com o fim de estabelecer a correspondência com o paradigma de classe de palavras ou partes da oração. Resumidamente, para ele as “locuções são o verdadeiro objeto de estudo da Fraseologia”.

#### **2.3.4 A Escola Francesa**

Além de Bally (1951), outros linguistas se dedicaram ao estudo da fraseologia francesa. Ainda em 1960, Greimas publica um importante artigo no periódico francês *Cahiers de Lexicologie* no qual procede a uma análise semiótica de idiotismos, provérbios e ditos populares.

Na sequência, Benveniste (1966) distingue sinapse, palavra composta e derivados: máquina de costura e selo postal.

Pottier (1974) postula a noção de lexia complexa como sequência fixa, constituída por um conjunto formado por várias palavras integradas: limpa vidros, por exemplo. O linguista francês, em suas pesquisas, enfatizou a importância do termo lexia e apresentou a partir deste termo toda uma teoria.

Lexias são elementos lexicais ou lexemas – unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso, além disso, as lexias são formas e estruturas linguísticas de natureza diferente. Suas características comuns consistem em que elas estão acumuladas no léxico, na área da consciência linguística, que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade.

Como a menor unidade lexemática é a palavra, Pottier a denomina de lexia simples. A lexia simples se combina com outras lexias simples para formar novas unidades lexemáticas: a lexia composta (palavra composta), a qual o autor define como resultado de uma integração semântica, como em saca-rolhas. A lexia composta é, portanto, polilexemática, isto é, contém mais de um tema ou radical.

A lexia complexa, por sua vez, também é polilexemática, pois é constituída por uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas, que, em virtude de seu uso constante na língua, acaba por se transformar em construção fixa, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos: imposto de renda, máquina de escrever etc. Das lexias complexas fazem parte os fraseologismos possuindo, como unidades denominativas, equivalência de palavras. Por isso é que as lexias complexas podem ser chamadas de lexias fraseológicas.

Martinet (1975) forja o termo sintema, definindo-o como uma sequência formada por vários monemas lexicais que funcionam como uma unidade sintática mínima. Além disso, sem fazer referência semântica, classifica entre os sintemas, palavras derivadas (desejável, refazer), estrutura que para grande parte dos autores é derivação, e não composição.

Outro marco é a publicação do livro *Phraseologie der englische Sprache*, de Rosemarie Gläser em 1986.

Maurice Gross (1982) não fala em fraseologia, mas em frases fixas, formas ou expressões fixas, o que incluiria as formas proverbiais, as expressões idiomáticas e as formas compostas.

Em sua investigação, Meiri (1997) define fraseologia como o fenômeno que se exprime pelas associações sintagmáticas recorrentes, e a fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. O autor tem se dedicado a pesquisas sobre o processo de fixação (*Figement*) contemplando elementos, como: verbos suporte, colocações, expressões idiomáticas, pragmatemas, locuções, provérbios, estereótipos, entre outros.

Em texto de 2012, Salah Meiri apresenta uma síntese dos critérios que podem ser utilizados durante o processo de identificação dos fraseologismos,

critérios esse que tratam essas unidades sob o ponto de vista de sua polilexicalidade, cristalização, fixação, congruência, idiomaticidade, cujas propriedades são por ele descritas:

- a) A Polilexicalidade representa a característica morfológica fundamental de frases fixas (MEJRI, 2012). Polilexical é toda unidade lexical composta de duas ou mais palavras.
- b) A Cristalização enquanto processo pelo qual as associações sintagmáticas se realizam. Trata-se de um processo universal próprio das línguas vivas, que se inscreve no tempo, se realiza independente da vontade dos interlocutores, age como fator sistêmico sobre o funcionamento da língua em todos os níveis (léxico, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, partes do discurso). Uma sequência é dita cristalizada se ela encontra uma fixidez total ou parcial de regras da combinatória sintagmática e da comutatividade paradigmática (os fatos diversos/\*os fatos muito diversos). Por este posicionamento, a sintagmática fica a serviço do léxico, fazendo de cada sintagma um candidato em potencial a tornar-se uma unidade polilexical.
- c) A Fixação uma nova noção forjada para explicar o fenômeno fraseológico e descrever o processo de cristalização pelo qual as solidariedades semânticas encontram um congelamento das regras da combinatória sintagmática sobre os planos sintático (*abrir o placar/\*abrir um placar*) e semântico (*engolir água/ter um gato na garganta*). Essa fixidez é igualmente de natureza paradigmática (*perder jogo/\*perder partida / campeonato / decisão*).
- d) A congruência configura-se como o processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória (MEJRI, 2012, p. 79), tendo como objetivo dar, nesse âmbito, uma definição da palavra. Neste sentido, o interesse da noção de (in) congruência torna-se diferente da noção da gramaticalidade que focaliza somente sobre a boa formação gramatical, não se confundindo com a aceitabilidade que aponta certa normatividade; cobre todos os aspectos: sintaxe, semântica e pragmática: “[...]tudo que se enquadra nas regras é congruente; o que não

se enquadra é incongruente; decorre desta noção a da previsibilidade: é previsível o que se pode prever em função dos possíveis inscritos na aplicação das regras (MEJRI, 2012, p. 79).

Dada as características específicas, os fraseologismos, nas palavras do autor, “[...] têm a tripla característica de serem polilexicais, bem formadas e fixas, prestam-se muito bem a previsibilidade sintagmática, como nas formas polilexicais truncadas” (MEJRI, 2012, p. 80), por exemplo: *Quando se fala do lobo...*, *No reino dos cegos...* E nas colocações especializadas (graças às restrições paradigmáticas fortes) ou na língua geral: uma vogal aberta/fechada/oral/nasal.

Tendo em vista a extensão das informações tratadas, apresenta-se abaixo, um resumo esquemático, extraído de Cunha (2016), no qual a autora organizou cronologicamente um resumo das obras publicadas em relação aos estudos fraseológicos, a **Figura 2** ilustra essa tarefa:

**Figura 2 - Resumo das obras fraseológicas de 1900 a 2000**

1900	
<p><u>Bally – 1965, 1909-1951, 1905</u> Précis de stylistique. (Esquisse d’une méthode fondée sur l’étude du français moderne). Traité de stylistique française. Linguistique générale et linguistique française.</p> <p><u>Saussure – 1916</u> Cours de linguistique générale.</p> <p><u>Séchehaye - 1921</u> Locutions et composés.</p> <p><u>De Boer - 1922</u> Essais de syntaxe moderne française.</p> <p><u>Casares – 1959, 1950</u> Introducción a la lexicografía moderna. Diccionario ideológico de la lengua española.</p> <p><u>Galisson – 1991, 1983, 1979, 1970</u> L’apprentissage systématique du vocabulaire. Lexicologie et enseignement des langues. Des mot pour communiquer, éléments de lexicométhodologie. De la langue à la culture par les mots.</p>	<p><u>1946, 1947 - Vinogradov</u> As questões principais acerca da fraseologia russa como disciplina linguística. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa.</p> <p><u>1948 - Isačenko</u> Morphologie, syntaxe et phraséologie.</p> <p><u>1969, 1974 – Weinreich</u> Problems in the Analysis of Idioms. Languages in contact: Findings and problems.</p>

<p><u>Burger - 1973</u> Idiomatik des Deutschen.</p> <p><u>Rey, A. - 1997, 1976</u> Structure sémantique des locutions françaises. Phraseologie et pragmatique.</p> <p><u>1978 - Pilz</u> Phraseologie. Versuch einer interdisziplinären Abgrenzung, Begriffbestimmung und Systematisierung unter besonderer Berücksichtigung der deutschen Gegenwartssprache</p> <p><u>Günther - 1981</u> Sprachwissenschaftliche Informationen.</p> <p><u>Kurehatikna; Supnan - 1981</u> Frascologia ispannskogo yazika.</p> <p><u>Gross, M. - 1988, 1986, 1985, 1984</u> Une classification des phrases 'figées' du français. Sur les déterminants dans les expressions figées. Les nominalisations d'expressions figées. Les limites de la phrase figée.</p> <p><u>Carneado Moré; Tristán Pérez - 1985</u> Estudios de fraseología.</p>	<p><u>1975, 1978 - Thun</u> Quelques relations systématiques entre groupements de mots figés. Probleme der Phraseologie. Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spanischen und Römänischen.</p> <p><u>1977, 1978 - Häusermann</u> Phraseologie. Hauptprobleme der deutschen Phraseologie auf der Basis sowjetischer Forschungsergebnisse. Un dictionnaire des collocations est-il possible.</p> <p><u>1981 - Mel'čuk; Iordanskaja; Arbatchewsky; Jumaric</u> Un nouveau type de dictionnaire: le Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain</p> <p><u>1984, 1986, 1989 - Gréciano</u> L'irréductibilité de l'expression idiomatique vivante à sa paraphrase. Les inférences de l'idiome. Le signe idiomatique et la production textuelle.</p> <p><u>1987, 1994 - Conca</u> Paremologia. Teoria i història de La paremiologia catalana.</p> <p><u>1988, 1993, 1994 - Sevilla Muñoz; González Rodríguez</u> Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas. La traducción y la didáctica de las expresiones idiomáticas.</p>
---	--

<p><u>Higl-Wydler - 1989</u> Zür Übersetzung von Idiome. Eine Beschreibung und Klassifizierung deutscher Idiome und ihrer französischen Übersetzungen.</p> <p><u>Aguilar-Amat Castillo- 1990</u> Caracterización sintáctica de los idiotismos y propuestas de PARSER para un sistema de traducción automática</p> <p><u>Mendivil Giró- 1999, 1993, 1991</u> Consideraciones sobre el carácter no discreto de las expresiones idiomáticas. Contribución al estudio de predicados complejos y expresiones idiomáticas en español actual. Las palabras disgregadas: sintaxis de las expresiones idiomáticas y los predicados complejos.</p> <p><u>Gross, G. - 1997, 1996, 1995</u> Enseignement des connecteurs. Les expressions figées en français. Du bon usage de la notion de locution.</p> <p><u>Corpas Pastor – 2000, 1998, 1997</u> Manual de fraseología española. Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas, con ejemplos tomados del español y del inglés. Acerca de la (in)traducibilidad de la fraseología.</p> <p><u>Fernández Martínez - 1999</u> La enseñanza de las unidades fraseológicas.</p>	<p><u>1990, 1993, 1995, 1996, 2000 - García-Page</u> Léxico y sintaxis locucionales: algunas consideraciones sobre las palabras 'idiomáticas'. El modismo en la enseñanza del español. Fraseologismos oracionales. Sobre las variantes fraseológicas en español. Expresiones fijas idiomáticas, semiidiomáticas y libres.</p> <p><u>1991 - Eckert</u> Studien zur historischen Phraseologie der slavischen Sprachen</p> <p><u>1995, 1999, 2000, 2002 - González Rey</u> Le rôle de la métaphore dans la formation des expressions idiomatiques. La mise en discours des expressions idiomatiques françaises. La presencia de la comparación en la construcción de expresiones idiomáticas del español y del francés. La phraseologie du français.</p> <p><u>1997, 1998 - Ruiz Garrillo</u> Aspectos de fraseología teórica española. La fraseología del español coloquial.</p> <p><u>1997 - Mellado Blanco</u> Fraseologismos alemanes y españoles del campo de las emociones.</p> <p><u>1998 - Wojak</u> Estudios de fraseología y fraseografía del español de actual.</p>
2000	

Fonte: Cunha (2016).

### 2.3.5 Estudos fraseológicos no Brasil

Como a Fraseologia surgiu inicialmente na Ásia e Europa, os estudos nesses continentes se encontram em estado mais avançado se comparado aos estudos brasileiros, apesar de haver o registro de obras que evidenciam um grande salto nas pesquisas nas últimas décadas no Brasil. Em âmbito nacional, os primeiros estudos que versam sobre a fraseologia datam do início do século XX, com a obra *Frases feitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*, de João Ribeiro, em 1908, além de diversos dicionários de expressões populares e de provérbios.

A partir de 1960, os estudiosos brasileiros de fato descobrem a área da Fraseologia e começam a se dedicar mais intensamente ao seu estudo. Assim, dos anos 1960 aos anos 1990, foram desenvolvidos alguns trabalhos importantes, nos quais, após análise mais detalhada, é possível notar que a perspectiva adotada pelos diversos autores, tratavam de provérbios e ditos populares.

José Perez (1961) *Provérbios brasileiros*; Cid Franco (s/d.) *Dicionário de expressões populares brasileiras*; Ático Vilas Boas da Mota (1974) *Provérbios em Goiás*; Luiz da Câmara Cascudo (1977) *Locuções tradicionais no Brasil*; Raimundo Magalhães Junior (1977) *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos*; Oswaldo Serpa (1982) *Dicionário de expressões idiomáticas inglês – português português – inglês*; Márcio Pugliesi (1981) *Dicionário de expressões idiomáticas*; Leonardo Mota (1982) *Adágios brasileiros*; Martha Steinberg (1985) *1001 provérbios em contraste*; Antenor Nascentes (1986) *Tesouro da Fraseologia Brasileira*; Sidney Camargo & Martha Steinberg (1989) *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas português – inglês*; Stella Tagnin (1989, 2005) *Expressões idiomáticas e convencionais e O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas inglês e português*. (ORTIZ ALVAREZ; UNTERBAUMEN, 2011, p. 13).

Em 1986, Antenor Nascentes lança o seu *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. No prefácio à segunda edição, o autor afirma que chamou de brasileira “[...] a parte da fraseologia portuguesa corrente no Brasil, acrescida pelos contingentes próprios do Brasil” (NASCENTES, 1986, p. 256). O foco dessa obra são as expressões idiomáticas, ao passo que os provérbios, frases feitas e refrões aparecem em número muito reduzido.

Nogueira (2008), em sua Dissertação de Mestrado intitulada *A presença das expressões idiomáticas na sala de aula de espanhol - língua estrangeira para brasileiros* apresenta um levantamento das principais pesquisas desenvolvidas na área de Fraseologia entre os anos 1980 e na atualidade.

O esforço em propagar os estudos de cunho fraseológicos no Brasil, atividade desenvolvida em boa parte pela professora Maria Luísa Ortíz Alvarez, se materializa em 2011 quando Brasília sedia o II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia e o I Congresso Brasileiro de Fraseologia. Pesquisadores das áreas de Fraseologia e Paremiologia de várias partes do mundo participaram do evento e, a partir das palestras e comunicações apresentadas, foi publicada a obra *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* em dois volumes.

Para sintetizar parte do acervo de estudos fraseológicos brasileiros, pois tem-se a consciência de que muitos trabalhos não estão aqui listados, uma vez que não se trata de uma descrição exaustiva de informação de tais pesquisas, apresentam-se no quadro abaixo os principais trabalhos, seus autores e a cronologia em que foram escritos, resenha elaborada a partir das informações colhidas em Ortiz Alvarez e Unternbaumen (2011):

**Tabela 01– Estudos fraseológicos no Brasil**

<b>1986</b>	Antenor Nascentes <i>Tesouro da Fraseologia Brasileira</i>
<b>1989, 2007</b>	Fláminia Manzano Moreira Lodovici: <i>Elementos Constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil.</i> <i>O Idiomatismo como lugar de reflexões sobre o funcionamento da língua.</i>
<b>1996, 2001,</b>	Eliane Roncolato: <i>Estudos contrastivos das expressões idiomáticas do português e do espanhol.</i>
<b>2004</b>	<i>Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências.</i> <i>Crêterios para a organização de dicionários fraseológicos.</i>
<b>1999</b>	Marcos Vinícius Fornicola: <i>Expressões idiomáticas da língua francesa e respectivas formaas equivalentes em língua portuguesa: tratamento léxico-semântico.</i>
<b>2000</b>	Alexandra Caramori: <i>É o bicho</i>
<b>2001</b>	Oto Araújo: <i>Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia.</i>
<b>2002, 2009</b>	Paula Christina Falcão Pastore:

---

	<i>A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais. A Simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica.</i>
<b>2004</b>	Tatiana Helena Rios: <i>Idiomatismos com nomes de partes do corpo humano</i>
<b>2006</b>	Thais Marini Succi <i>Os Provérbios Relativos Aos Sete Pecados Capitais.</i>
<b>2006</b>	Moisés Batista da Silva: <i>Uma palavra só não basta: estudo teórico sobre as unidades fraseológicas.</i>
<b>2007</b>	Magali de Lourdes Pedro: <i>As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios.</i>
<b>2008</b>	Ramos Nogueira: <i>A presença das expressões idiomáticas (Eis) na sala de aula de E/LE para brasileiros.</i>
<b>2008</b>	Simone Rosa Nunes Reis: <i>Uma comparação do tratamento de expressões idiomáticas em quatro dicionários bilíngües francês/português e português/francês.</i>
<b>2008</b>	Beatriz Facincani Camacho: <i>Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá.</i>
<b>2009</b>	Huélinton Cassiano Riva: <i>Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas.</i>
<b>2010</b>	Gislaine Rodrigues: <i>Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários especiais da língua portuguesa no ensino fundamental.</i>
<b>2011</b>	Maria Luisa Ortiz Alvarez e Henrique Huelva Unternbäumen: <i>Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas.</i>

---

**Fonte:** Adaptado a partir de Ortiz Alvarez e Unternbaumen (2011).

Na primeira seção deste capítulo, buscou-se evidenciar a gama de estudos e nomenclaturas referentes aos estudos fraseológicos. Dessa relação têm-se os autores que consideram a Fraseologia uma subárea da Lexicologia e os que a consideram como uma disciplina independente. A controvérsia entre os dois lados, estabelece-se a partir da concepção assumida, relativa ao conceito de palavras que circunda também a categoria dos fraseologismos.

Nesse âmbito, deve-se aos russos a iniciativa e a tentativa de sistematização da Fraseologia como uma disciplina que apresenta escopo e métodos em grau de equivalência com suas disciplinas correlatas.

Tendo feita a revisão dos aspectos concernentes aos estudos fraseológicos, da explanação sobre o lugar em que a discussão atual se encontra, dos estudos realizados no mundo e no Brasil, parte-se, no tópico seguinte, para aqueles trabalhos realizados no âmbito da temática do futebol relacionando aos fraseologismos como parte do acervo lexical e cultural de uma língua, neste caso, a língua portuguesa falada no Brasil. No que diz respeito à atualidade das correntes linguísticas que se estabelecem em Fraseologia,

revela-se, na realidade, uma variada gama de caminhos que se abrem, de nuances investigativas e de pontos de vista em conformidade com o mesmo objeto visto sob diferentes perspectivas. Essas tendências perfazem, sem dúvida, uma dinâmica que não seria possível de registrar apenas em um trabalho.

## 2.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS SOBRE O FUTEBOL

O futebol, além de ser conhecido como o *esporte das massas*, representa do ponto de vista da linguagem, uma área técnica por conter termos e expressões relacionadas ao seu contexto de produção, por possuir vocabulário específico em torno de uma temática própria. Desta forma, possui uma linguagem particular utilizada para descrever acontecimentos, emoções que circulam nesse domínio. Com base no domínio discursivo futebolístico, apresenta-se a seguir, um panorama, organizado cronologicamente, dos estudos realizados, e em andamento, referentes a este tema.

As pesquisas brasileiras sobre a temática do futebol são muitas, dentre os trabalhos mais expressivos, tem-se Feijó (1993), D'Ambrosio (2006), Maranhão (1998) e Capinussu (1988), dicionários monolíngues e os trabalhos de Maria Cristina Andrade Santos, na área de Linguística, na Universidade de São Carlos, que propõem a construção de uma ontologia do domínio do futebol. Todos esses trabalhos que foram desenvolvidos com o rigor metodológico e descrevendo particularidades da linguagem específica do futebol são monolíngues, assim como o contido nesta tese.

No campo das pesquisas hispânicas, Ortega (2003) apresenta o seu *Diccionari di futbol*, dicionário catalão composto de 1.600 entradas e 367 sub-entradas, num total de 1.273 entradas, em que o autor apresenta as equivalências em espanhol.

Rull (2004), por sua vez, realiza o trabalho *Terminología del fútbol y diccionario: elaboración de un diccionario de especialidad para el grand publico* que contém cerca de 900 entradas, cujo objetivo é proporcionar ao público em geral, um compêndio com a análise das terminologias, especialmente

terminologias que transcendem a barreira que limita o discurso especializado do geral. Em sua pesquisa, o autor contribui para a banalização do conhecimento mediante a elaboração de uma análise lexicológica e lexicográfica do *corpus* analisado.

Em sua tese de doutoramento, Queiroz (2005) apresenta a investigação sistemática sobre a mídia impressa contemporânea brasileira, nas modalidades convencional e *on-line* dando ênfase, em seu estudo, para textos coletados no eixo Rio-São Paulo. Em sua pesquisa, o autor procedeu ao levantamento das constantes lexicais empregadas, especificamente, na linguagem própria do futebol e apresenta como produto de sua pesquisa um apanhado dos termos e expressões do futebol com cerca de 3.000 verbetes.

Apresentado em plataforma digital, o *Kicktionary*<sup>14</sup> (SCHMIDT, 2008) dicionário *on-line* multilíngue de futebol (inglês-francês-alemão), desenvolvido no *FrameNetProject*, da Universidade de Berkeley, explora aspectos, como a Teoria da Semântica Lexical, Linguística de *Corpus* e Processamento de Línguas Naturais. Atualmente, o dicionário conta com 1.900 unidades lexicais.

No livro *The Linguistics of Football* (2008), há uma série de artigos sobre Terminologia, expressões idiomáticas, metáforas, discurso, ensino de língua e mídias do futebol, além de um apanhado de termos do futebol. Todos os artigos são escritos em inglês, mas os estudos são feitos em várias línguas, dentre elas: francês, inglês, alemão, croata, búlgaro, árabe, espanhol, polonês e malaio.

Seeman (2012), em sua pesquisa *A construção de um glossário bilíngue de futebol com o apoio da Linguística de Corpus*, desenvolve, com a ajuda da Linguística de *Corpus*, um glossário bilíngue e bidirecional que contempla os termos futebolísticos mais frequentes no par linguístico português/espanhol, usados rotineiramente na comunicação escrita.

Em sua Dissertação de Mestrado, De Brites (2011) registra os neologismos da linguagem do futebol. Os itens lexicais extraídos das publicações utilizadas pelo autor resultaram na elaboração de um Glossário de

---

<sup>14</sup> Para acesso ao dicionário digite: <http://www.kicktionary.de/index.html>

Neologismos do Futebol (GNFB). O glossário desse autor caracteriza-se como uma obra monolíngue, que oferece algumas opções de hipóteses etimológicas, como fenômenos da linguagem que sob vários aspectos, apresentam-se na linguagem do futebol em todas as estruturas da língua, tais como, a morfologia, a sintaxe, a fonética e a semântica. A investigação realizada por ele, evidencia a associação semântica entre as palavras empregadas no futebol e as empregadas na guerra, sobretudo os vocábulos e expressões caracterizadores de conquista, violência e aniquilação, que no futebol são empregados com outra acepção. Os signos e expressões lexicais coletados foram organizados conforme os preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Lexicografia, a qual apresenta suporte para que se possa construir um glossário com verbetes organizados de modo a facilitar a consulta pelo usuário.

No Brasil, a equipe da professora Rove Chishman, criou e coordena o *Field: dicionário de expressões do futebol*<sup>15</sup>, em sua 1ª edição em versão eletrônica. O *Field* se caracteriza como um dicionário trilingue (português-inglês-espanhol), com cerca de 700 verbetes de unidades lexicais e expressões, além de aproximadamente 40 verbetes de cenários. O objetivo do referido dicionário é fornecer um panorama de termos futebolísticos, que não ofereça apenas uma lista de palavras, mas que também as organize conforme os seus contextos de uso, agrupando-as de acordo com as situações nas quais elas aparecem. O dicionário *Field* é fruto de um dos empreendimentos acadêmicos do grupo de pesquisa *SemanTec*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O grupo vem se dedicando ao estudo da teoria denominada Semântica de *Frames*, que assume o conceito de *frame* como uma determinada estrutura, envolvendo participantes e objetos, que se expressa por meio de um conjunto específico de palavras.

Os estudos linguísticos acerca dos termos do futebol continuam suscitando investigações atuais, como se pode perceber no *Dicionário Galego do Futebol* (2015), obra mais recente publicada nesta área, na qual a Comissão

---

<sup>15</sup> Para explorar o dicionário, acessar: <http://dicionariofield.com.br/langselect>

Linguística da Associação Galega da Língua apresenta ao público em torno de 500 conceitos e cerca de 1.000 termos galego-portugueses (acompanhados dos seus correspondentes equivalentes em espanhol, inglês e alemão), todos relacionados ao universo futebolístico. A obra compreende os elementos vocabulares essenciais da linguagem deste desporto, conhecido por ser o mais praticado e o mais seguido em todo o mundo e aquele que também na Galiza (foco da investigação) desfruta de uma maior projeção social.

Todos os estudos explanados até aqui são de cunho puramente terminológico, com exceção da Dissertação de Mestrado desenvolvida por Matuda (2011) intitulada *A fraseologia do futebol: um estudo bilíngue português-inglês direcionado pelo corpus*, na qual a autora estuda a terminologia do futebol em inglês e português por meio do estabelecimento de equivalentes fraseológicos. Neste caso, o trabalho desenvolvido descreve as principais fraseologias encontradas a partir do termo *gol*.

Como é possível perceber, apesar de o futebol ser motivo de estudo de muitos autores, a questão da fraseologia ainda é pouca explorada. Portanto, busca-se nesta pesquisa, documentar a maneira como a mídia impressa (emissor), para atingir a massa (receptor) consumidora, ávida por informes futebolísticos (mensagem), utiliza-se com grande eficácia de recursos ofertados pela Língua Portuguesa (o código linguístico) empregando uma linguagem “direcionada” para atingir eficazmente seu público-alvo.

## 2.5 A LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

Amplamente estudada e divulgada por Berber Sardinha (2004) e Tagnin (2005), a Linguística de *Corpus* (LC) se constitui como a área de pesquisa que estuda a língua ou a variação linguística fazendo uso do computador, tendo como base textos reais produzidos em situações empíricas, coletados a partir de criteriosa seleção (BERBER SARDINHA, 2004).

A partir de sua definição é preciso esclarecer o que seria *corpus* ou *corpora* (plural). *Corpus* é o conjunto homogêneo de amostras da língua escolhida como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado. As

amostras que servirão de base para o *corpus* deverão ser autênticas, naturais, “são aqueles que existem na linguagem e que não foram criados com o propósito de figurarem no *corpus*” (BERBER SARDINHA, 2004, p.16). Neste contexto, os textos coletados para esta tese, sob condições restritas e criteriosas, constituem-se como amostras naturais e, portanto, inéditos.

A Linguística de *Corpus* (LC) não se refere a um domínio de estudo específico, tampouco apresenta um objeto de pesquisa delimitado, como acontece em outras áreas, como a Fonética, a Fonologia, a Sintaxe ou a Sociolinguística. Na concepção de Leech (1992), a LC pode ser vista como uma base metodológica para pesquisa de cunho linguístico, uma combinação entre técnicas de investigação e diferentes ramos da Linguística, como os acima mencionados. Apesar desse cunho metodológico, no entanto, Leech (1992) ressalta que a LC vai além de uma metodologia que apresenta diversas ferramentas para investigação, gera, portanto, novo conhecimento, uma nova forma de se pensar sobre a língua. As características da LC, conforme Leech (1992) são:

- a) foco no desempenho
- b) foco na descrição linguística
- c) foco em modelos de línguas quantitativos e qualitativos
- d) visão empírica de língua (LEECH, 1992, p. 107)

Para considerar a LC como ponto de partida, Leech (1992) toma como base a análise do comportamento linguístico em que há observação de discursos naturais, onde é preciso recorrer à visão chomskyniana e notar que seu foco está na *performance* e não na competência, questões sobre as quais não se vai debruçar por não ser o foco desta investigação.

Assim como em outras áreas de estudo, também a LC apresenta autores, como é o caso de Biber e Hoey, que concordam com o fato de tratar-se de uma abordagem filosófica. Nesta mesma perspectiva, Tognini-Bonelli (2001) enfatiza, inclusive, que o papel da LC vai além do metodológico, uma vez que se sustenta e se define como uma disciplina por direito, adquirindo seu próprio domínio.

Em contrapartida, autores como McEnery; Xiao; Tono (2006) apesar de concordarem que a LC é um domínio de pesquisa, uma nova empreitada de investigação linguística e também uma abordagem filosófica, se mantêm no

posicionamento de que a LC é muito mais uma metodologia que pode ser aplicada a várias áreas e teorias dentro da Linguística. Essa visão é compartilhada por alguns pesquisadores no Brasil, dentre os quais Rocha (2010) e Vasilévski (2008).

Como se pode observar, ainda não há consenso para a definição de Linguística de *Corpus*. O posicionamento nesta tese, no entanto, corrobora aquele apresentado por Berber Sardinha (2004), para quem a LC não se resume a um conjunto de ferramentas, pois representa muito mais do que um instrumental computacional, uma vez que ela possibilita ao linguista, e não só a ele, trabalhar sob uma perspectiva empirista, que vê a linguagem como um sistema probabilístico. Partindo das concepções empiristas, em que a LC ancora parte de seu arcabouço teórico, considera-se o que é provável em dado contexto – as ocorrências de dada palavra, ou termo, ou fraseologia, em determinada situação (contexto de uso), seguem determinados padrões que se evidenciam pela recorrência, que por sua vez será observada e analisada em um *corpus* eletrônico compilado para fins de investigação.

Neste contexto, Teixeira (2008) relata que não se trata apenas de ter maior quantidade de dados disponíveis para análise e de ferramentas computacionais para fazê-lo. Sob essa ótica, pode-se produzir novos conhecimentos e evidenciar novos fenômenos sobre seu objeto de estudo.

À luz de todos os posicionamentos a respeito da LC, em que ela é tida como disciplina, teoria ou mesmo metodologia de pesquisa, corrobora-se a ideia de que o termo abordagem é o que melhor caracteriza e que reúna todas essas perspectivas, enfatizando o papel primordial dessa forma de estudar a língua por meio da análise e exploração da linguagem, por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

### **2.5.1 O conceito de *corpus/corpora***

Correa (2008) define *corpus* ou *corpora* (*plural*) como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados

critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (CORREIA, 2008, p. 5).

Para Sanchez; Cantos (1996), um *corpus* se constitui como:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso geral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SANCHEZ; CANTOS, 1996, p.13).

Essa definição menciona os principais aspectos a serem considerados para a compilação de um *corpus*, a saber: a origem dos dados, e o que garante a autenticidade deles; o propósito da pesquisa, a seleção criteriosa do material a ser compilado, a sua formatação, ou seja, o fato de que deve ser legível por computador, a questão da representatividade e o tamanho.

Na concepção de Tagnin (2005, p. 03), “um *corpus* é uma coletânea de textos, necessariamente em formato eletrônico, compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objeto de pesquisa a que se destina”. Para a autora, o formato eletrônico permite que esses textos sejam investigados e analisados automaticamente, com o uso de ferramentas computacionais específicas.

Desta forma, vários fatores devem ser observados como critérios para compilação de um *corpus*, dentre os quais se destacam o modo (falado ou escrito) e o conteúdo (especializado, regional ou dialetal, se monolíngue, bilíngue ou multilíngue), e que são relevantes para esta pesquisa.

### **2.5.2 Tipos de corpora**

Segundo as orientações de Berber Sardinha (2004) para a composição de *corpora*, entende-se que eles podem ser classificados conforme as seguintes características:

## a) modo

- falado: representado por textos transcritos de fala.
- escrito: composto por textos escritos.

## b) tempo

- sincrônico: um período de tempo específico.
- diacrônico: vários períodos de tempo.
- contemporâneo: composto por textos de um período de tempo corrente.
- histórico: compreende textos de um tempo passado.

## c) Seleção

- de amostragem: representa uma amostra finita da linguagem; constitui-se por textos variados.
- monitor: seleção atualizada para refletir o estado atual da língua.
- dinâmico e orgânico: característica do *corpus* monitor, pois apresenta inserções e retiradas de constituintes.
- estático caracteriza o *corpus* de amostragem, não sofre alterações.
- equilibrado: quando os critérios estabelecidos são distribuídos uniformemente.

## d) Conteúdo

- especializado: constituído por textos de tipos específicos.
- regional ou dialetal: textos relacionados a uma ou mais comunidades sociolinguísticas específicas.
- multilíngue: constituídos por textos de línguas diversas.

## e) Tamanho

O tamanho ideal do *corpus* também é motivo de controvérsias entre os estudiosos da área. Há a ideia de que quanto maior o *corpus*, melhores são os resultados obtidos, porém o parâmetro de compilação para *minicorpora* para a extração de dados em trabalhos terminológicos tem-se mostrado também

relevante (MAIA, 2000). Conforme a classificação proposta por Berber Sardinha (2004) em relação ao tamanho, os *corpora* podem ser:

- pequeno: menos de 80.000 de palavras.
- pequeno-médio: de 80 a 250.000 de palavras.
- médio: de 250.000 a 1.000.000 de palavras.
- médio - grande: de 1.000.000 a 10.000.000 de palavras.
- grande: mais de 10.000.000 de palavras. (BERBER SARDINHA, 2004, pp. 55-58).

Os parâmetros para o tamanho de *corpora* apresentados tornam-se desatualizados quando comparados a *corpora* atuais, como o *Banco de Português* que apresenta 240 milhões de palavras.

#### f) Conteúdo

O conteúdo de um *corpus* é definido pelos objetivos que a pesquisa deseja alcançar, conforme critérios específicos.

#### g) Representatividade

De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 05), não há tamanho definido para se determinar a representatividade de um *corpus*, “Na sua essência, um *corpus*, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele”. Partindo desse parâmetro, entende-se que um *corpus*, para ser representativo, deve apresentar o maior número de palavras possível de modo que seja possível perceber, a partir dele, tanto os traços de sistematicidade mais comuns quanto os menos comuns.

Dentre os vários aspectos que colaboram para a constituição de um *corpus*, a autenticidade dos textos a serem compilados mostra-se como uma das características mais relevantes, pois são representações reais da língua ou da linguagem que se pretende estudar e não textos produzidos com vistas à análise linguística, neste sentido, este trabalho apresenta textos autênticos, pois foram extraídos em jornais veiculados na internet e tratam de futebol.

Considerando a classificação proposta por Berber Sardinha (2004) e os aspectos específicos estabelecidos para esta tese, o *corpus* de estudo apresenta a seguinte classificação:

- a) escrito, pois é constituído apenas de textos coletados da internet;
- b) amostragem/estático, pois os textos foram coletados em relação a um período de publicações contidas entre os anos de 2008 a 2015;
- c) especializado, apenas em notícias sobre futebol veiculadas na internet;
- d) tamanho médio-grande, pois compilou-se mais de um milhão de palavras;
- e) monolíngue, apenas textos em Língua Portuguesa;
- f) de língua nativa, pois são textos produzidos por falantes nativos.

### 2.5.3 *Corpus* de referência

As palavras-chave, fundamentais no processo de identificação dos fraseologismos, são evidenciadas por meio da comparação de frequências entre um *corpus* de estudo (que o usuário deseja analisar e por ele constituído) e um *corpus* de referência<sup>16</sup>. O *corpus* de referência desempenha papel fundamental no resultado da análise. Não há palavras-chave absolutas: elas são sempre relativas ao *corpus* de referência empregado. Duas análises com o mesmo *corpus* de estudo, usando dois *corpora* de referência diferentes, apresentarão resultados distintos.

Não há regras sobre qual o *corpus* de referência correto. A responsabilidade é do analista em utilizar um *corpus* que seja apropriado. Entretanto, a relação de balanceamento entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência deve ser, segundo a orientação de Berber Sardinha (2004), obrigatoriamente maior que o *corpus* de estudo na proporção mínima de 5 para 1. O *corpus* de referência deve ser maior, em primeiro lugar, porque sua função é a de representar as frequências da língua de um modo geral. Em segundo lugar, deve ser maior a fim de garantir que o maior número de palavras do *corpus*

---

<sup>16</sup> Agradeço ao professor Berber Sardinha pela empatia, pelas explicações recebidas e por ter gentilmente cedido o *corpus* de referência utilizado nesta pesquisa.

de estudo esteja representado no *corpus* de referência, “[...] o que permite a comparação das frequências, caso contrário, elas não existiriam para serem comparadas” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 53).

## 2.6 O TRATAMENTO SEMIAUTOMÁTICO DOS DADOS

Para poder utilizar a ferramenta *KeyWords* e, conseqüentemente, a comparação entre os dois *corpora*, primeiro entrou-se em contato com o professor Berber Sardinha, que gentilmente cedeu e autorizou o uso do banco de dados do *Banco do Português*, o qual foi extremamente útil ao foco de investigação.

**Quadro 1 – *Corpus* de estudo e *corpus* de referência**

<b><i>Corpus</i> de estudo</b>	<b><i>Corpus</i> de referência</b>
1.730.510 (tokens)	10.830.45
38.681	1.234.81

**Fonte:** Extraído do software *WordSmith Tools*

### 2.6.1 *WordSmith Tools* 6.0<sup>17</sup>

*Grosso modo*, o *WordSmith Tools*, criado em 1996 por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, UK, é um conjunto de ferramentas integradas utilizadas para análise linguística. A partir dos recursos desse *software* é possível efetuar análises baseadas nas frequências e nas coocorrências de palavras em *corpora*. A **Figura 3** ilustra a interface do programa.

---

<sup>17</sup> A versão 6.0 do *WordSmith Tools* (a atual), bem como as versões anteriores estão disponíveis para download no site [www.lexically.net](http://www.lexically.net).

**Figura 3 - Interface do software WordSmith Tools 6.0**



**Fonte:** Extraído do software WordSmith (SCOTT, 2008).

#### a) *WordList*

A ferramenta *WordList* produz listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais. Também compara listas, criando listas de consistência, onde informa em quantas listas cada palavra aparece. O programa oferece dois tipos de listas, uma ordenada pela frequência em que o termo mais frequente encabeça a lista, e outra em ordem alfabética, do A ao Z.

Para gerar uma *WordList* é preciso clicar em 'Tools' gerar *WordList* no *Controller*, selecionar o (s) texto (s) em formato '.txt' e confirmar em "make a wordlist now". A lista então será gerada, como mostra a **Figura 4** abaixo:

**Figura 4 - Lista de palavras do *corpus* de estudo**

N	Word	Freq.	%	Texts	%_lemmas	Set
1	#	99.013	5,08	8	100,00	
2	O	96.739	4,97	8	100,00	
3	A	59.406	3,05	8	100,00	
4	DE	57.596	2,96	8	100,00	
5	E	51.545	2,65	8	100,00	
6	DO	44.548	2,29	8	100,00	
7	QUE	32.117	1,65	8	100,00	
8	EM	27.277	1,40	8	100,00	
9	PARA	27.133	1,39	8	100,00	
10	NO	26.995	1,39	8	100,00	
11	COM	25.760	1,32	8	100,00	
12	DA	23.027	1,18	8	100,00	
13	NA	22.346	1,15	8	100,00	
14	UM	13.773	0,71	8	100,00	
15	N=O	12.495	0,64	5	62,50	
16	POR	11.778	0,60	8	100,00	
17	OS	11.205	0,58	8	100,00	
18	FOI	9.693	0,50	8	100,00	
19	UMA	9.017	0,46	8	100,00	
20	MAS	8.642	0,44	8	100,00	
21	SE	8.396	0,43	8	100,00	
22	AO	7.536	0,39	8	100,00	
23	MAIS	7.315	0,38	8	100,00	
24	AOS	6.632	0,34	8	100,00	
25	S	6.383	0,33	6	75,00	
26	TIME	6.092	0,31	8	100,00	
27	PELO	5.991	0,31	8	100,00	

Fonte: Extraída do software *WordSmith*

A lista de palavra, **Figura 4**, aparece na coluna '*Word*', seguidas da sua frequência, na coluna '*Freq.*' e da porcentagem que essa frequência representa frente ao total de palavras existentes no(s) arquivo(s) selecionados(s), isto é, no *corpus*, na coluna '%'; a coluna '*Lemmas*', reservada para os lemas (formas canônicas de palavras, como 'bola', que encampa 'bolas', 'bolinhas', 'bolão' etc.) permanece vazia porque não foi acionada essa função.

A ferramenta *WordList* possibilita também ordenar além das ocorrências em ordem de frequência, as posições por ordem alfabética, como exposto na **Figura 5**.

**Figura 5 - *WordList* por ordem alfabética**

N	Word	Freq	%	Texts	%_lemmas	Set
17.098	GOINANIENSE-GO	2		1	14,29	
17.099	GOING	3		1	14,29	
17.100	GOI=NIA	63		3	42,86	
17.101	GOI=NIA-GO	2		1	14,29	
17.102	GOIS	1		1	14,29	
17.103	GOIS	853	0,05	5	71,43	
17.104	GOIS-GO	1		1	14,29	
17.105	GOITACAZ-RJ	1		1	14,29	
17.106	GOITIA	4		1	14,29	
17.107	GOITOM	2		1	14,29	
17.108	GOL	5.420	0,31	7	100,00	
17.109	GOL=	1		1	14,29	
17.110	GOLA	4		2	28,57	
17.111	GOLAÇO	13		1	14,29	
17.112	GOLAN	1		1	14,29	
17.113	GOLANSKI	5		1	14,29	
17.114	GOLA=O	195	0,01	4	57,14	
17.115	GOLA=OS	11		2	28,57	
17.116	GOL-CONTRA	2		2	28,57	
17.117	GOLD	3		2	28,57	
17.118	GOLDEN	2		1	14,29	

Fonte: Extraída do programa WordSmith

### b) KeyWords

Por meio da ferramenta *KeyWords* é possível efetuar a comparação entre o *corpus* de estudo e o *corpus* de referência e verificar quais as palavras estatisticamente mais frequentes no *corpus* de estudo. Esta ferramenta permite saber qual a temática do *corpus*. No *corpus* sob análise, excetuando-se as palavras gramaticais, a palavra mais frequente é 'time' com 6.439 ocorrências em relação ao *corpus* de referência, evidenciando a sua chavicidade, ou seja, seu grau de importância dentro do *corpus* analisado, como exemplificado na **Figura 6**.

**Figura 6 - KeyWords do corpus**

N	Key word	Freq	%RC	Freq RC	%Keyness	P	Lemmas	Set
1	O	102.069	5,02	429	358.526	0,0000000		
2	A	62.298	3,07	211	218.335	0,0000000		
3	DO	46.826	2,30	46	165.160	0,0000000		
4	NO	28.274	1,39	14	3.702.84	0,0000000		
5	DA	24.432	1,20	33	5.830.14	0,0000000		
6	N=O	12.071	0,59	14	2.374.4	0,0000000		
7	MAIS	7.725	0,38	2	7.203.74	0,0000000		
8	AOS	7.106	0,35	1	5.036.14	0,0000000		
9	TIME	6.439	0,32	2	2.666.38	0,0000000		
10	PELO	6.320	0,31	2	2.246.53	0,0000000		
11	GOL	6.247	0,31	4	1.959.13	0,0000000		
12	JOGO	6.078	0,30	1	1.409.2	0,0000000		
13	DOS	5.701	0,28	20	3.839.60	0,0000000		
14	CLUBE	5.342	0,26	1	3.813.07	0,0000000		
15	PARTIDA	5.318	0,26	1	3.728.42	0,0000000		
16	CONTRA	5.072	0,25	6	7.788.83	0,0000000		
17	MINUTOS	5.049	0,25	1	7.779.68	0,0000000		
18	PELA	4.982	0,25	3	7.512.67	0,0000000		
19	J=	5.148	0,25	125	7.012.04	0,0000000		
20	AS	4.803	0,24	22	3.657.83	0,0000000		
21	TEMPO	4.570	0,22	1	5.090.44	0,0000000		

Fonte: Extraída do programa WordSmith

### c) Concord

O dispositivo *Concord* possibilita gerar linhas de concordância a partir de um termo ou expressão escolhido dentre aqueles encontrados no *corpus*, assim como também oferece o contexto em que ele ocorre, como pode ser visualizado na figura 6. A partir da observação das linhas de concordância é possível verificar se há padrões linguísticos estruturais que levem a fraseologias.

Nesta pesquisa, as linhas de concordâncias foram observadas visando identificar os possíveis fraseologismos, além dos termos coocorrentes localizados à direita e à esquerda.

Figura 7 - Lista de concordância na cara do gol

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Para	Para	lead	lead	Sec	Sec	File	%
14	o argentino. O gringo deixou <b>Marinho</b> na cara do gol e o atacante driblou o			165	726%	033%			033%				BNOAJ2008 - 0	63%
15	de Bill, que por duas vezes escapou na cara do gol e perdeu. No fim, o			286	1436%	030%			030%				BCODA2014 - 14	90%
16	. Em dois ou três toques já estamos na cara do gol. O adversário também			234	1075%	079%			079%				BNOAJ2013 - 8	78%
17	acabei simulando. Não tem sentido eu, na cara do gol, simular. Saimos com			277	1450%	032%			032%				SEMH2012 - 1	83%
18	da Lusa vem sendo a falta de frieza na cara do gol. Apesar dos dois gols			18	047%	0 6%			0 6%				3SUDG2011 - 0	6%
19	casquinha de cabeça e deixou Juninho na cara do gol. O lateral do Verdão			431	1437%	050%			050%				NOAJ2013 - 4	50%
20	minutos depois, Flamel colocou Keno na cara do gol, o atacante errou o			579	2836%	034%			034%				CNOAJ2013 - 14	84%
21	Rogerinho, aqueles que chegaram livres na cara do gol adversário, perderam a			228	750%	048%			048%				SEMH2009 - 0	47%
22	, mas no rebote o meia Alex Maranhão, na cara do gol e sem marcação, só			195	843%	059%			059%				SEMH2011 - 1	62%
23	de costas, girou, e colocou Marquinhos na cara do gol, já dentro da área. O			1.081	3176%	046%			046%				NOAJ2013 - 14	47%
24	de garçom. O gringo deixou dois meias na cara do gol para o Timão abrir 2 a 0			283	1229%	054%			054%				SBNEOM2008 -	54%
25	, quando Valdivia recebeu de Mendieta na cara do gol, mas o árbitro errou ao			343	1650%	047%			047%				NOAJ2013 - 26	46%
26	e esse deixar a bola para Willian, que, na cara do gol, chutou na rede pelo			198	772%	051%			051%				BCODA2008 - 0	51%
27	sem ser incomodado e deixou Robston na cara do gol. O chute do volante			636	3238%	033%			033%				BCODA2011 - 2	92%
28	Jonathan Balotelli teve a chance de sair na cara do gol de Júlio Cesar, mas a			622	2846%	039%			039%				SEMH2014 - 0	90%
29	lance, Elvis tabelou com o meia e saiu na cara do gol, mas pecou na			677	3445%	058%			058%				BCODA2014 - 0	59%
30	jogada rápida de Euler, o atacante saiu na cara do gol e tocou por cobertura,			586	2942%	037%			037%				BCODA2009 - 0	97%
31	pela direita. O centroavante saiu na cara do gol e bateu rasteiro. A bola			571	3745%	033%			033%				NOAJ2013 - 16	93%
32	ganhou novamente de Bruno Maia, saiu na cara do gol, mas Diego não deixou			432	2550%	038%			038%				NOAJ2013 - 38	88%
33	. Em um deles, Leandro saiu na cara do gol e definiu a vitória por 2			137	535%	031%			031%				BCODA2013 - 5	33%
34	na grande área. Sem espaço, ele toca na cara do gol para Ramon que não			328	2226%	050%			050%				SBNEOM2009 -	50%

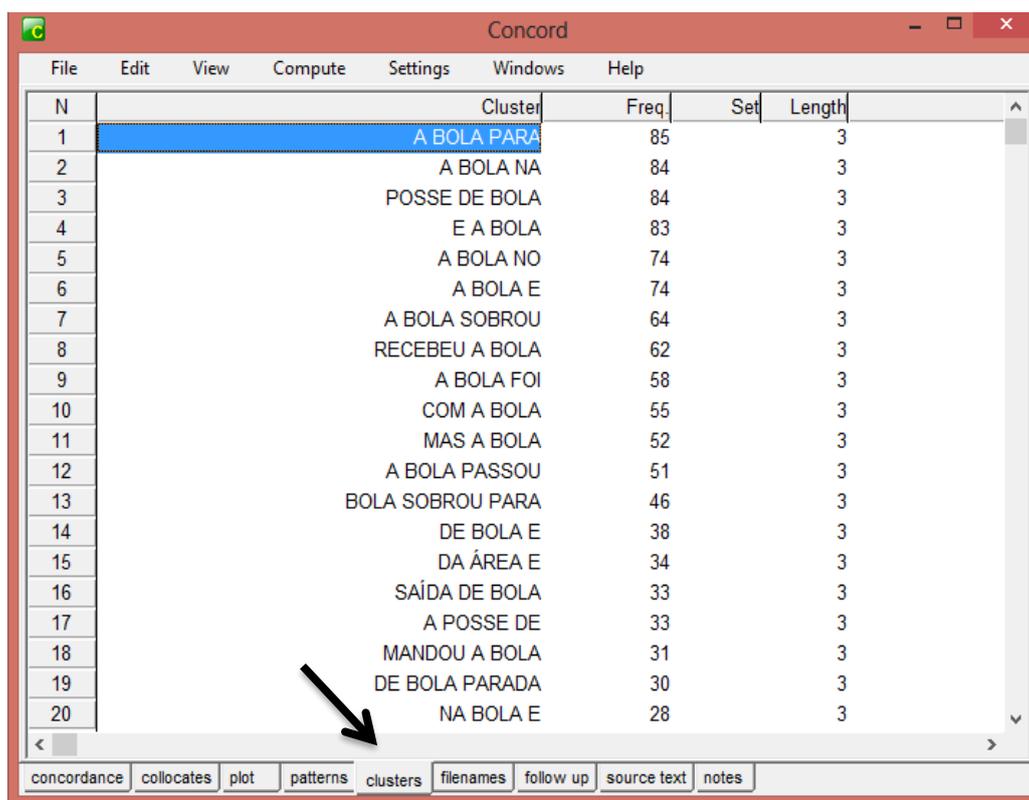
Fonte: Extraída do *WordSmith Tools*

A observação das linhas de concordância possibilita a identificação de padrões linguísticos, isto é, fraseologismos e outras buscas (Figura 7). Entretanto, quando há muitas ocorrências, como acontece com a palavra 'bola' para a qual, no *corpus* da tese, foram geradas 1.610 ocorrências é preciso recorrer ao dispositivo 'cluster', que fornece as associações de palavras no *corpus*, evidenciando também a coocorrência de termos, como mostra a **Figura**

7. Neste caso, observa-se também os elementos à direita e à esquerda. Selecionou-se, neste caso, as três palavras coocorrentes à direita e as três coocorrentes à esquerda.

Um desses processos de busca com o dispositivo *cluster* está registrado na **Figura 8**, a qual mostra o agrupamento a partir do item lexical *bola*.

**Figura 8 - Clusters a partir das linhas de concordância geradas para a palavra 'bola'**



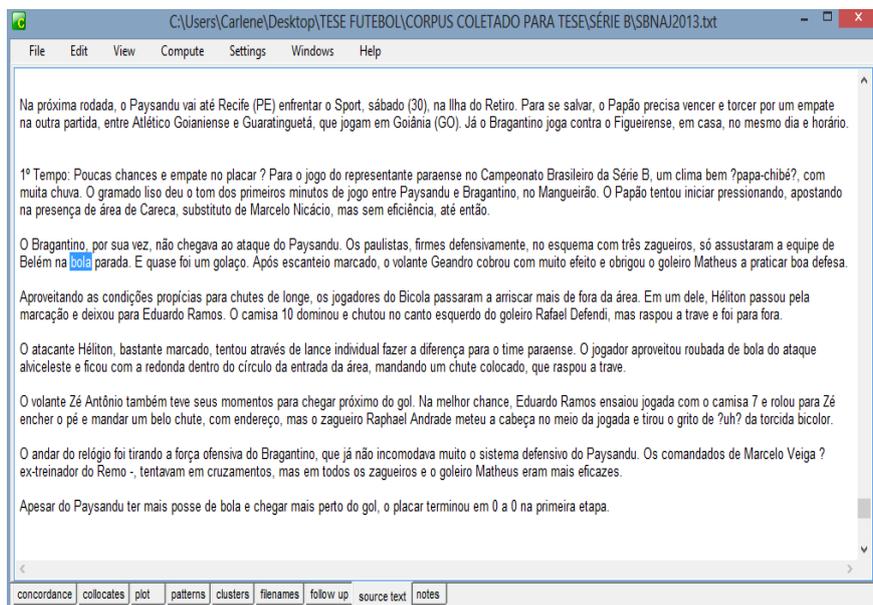
N	Cluster	Freq.	Set	Length
1	A BOLA PARA	85		3
2	A BOLA NA	84		3
3	POSSE DE BOLA	84		3
4	E A BOLA	83		3
5	A BOLA NO	74		3
6	A BOLA E	74		3
7	A BOLA SOBROU	64		3
8	RECEBEU A BOLA	62		3
9	A BOLA FOI	58		3
10	COM A BOLA	55		3
11	MAS A BOLA	52		3
12	A BOLA PASSOU	51		3
13	BOLA SOBROU PARA	46		3
14	DE BOLA E	38		3
15	DA ÁREA E	34		3
16	SAÍDA DE BOLA	33		3
17	A POSSE DE	33		3
18	MANDOU A BOLA	31		3
19	DE BOLA PARADA	30		3
20	NA BOLA E	28		3

Fonte: Extraída do *WordSmith Tools*

A **Figura 8** direciona a procura pelos candidatos a fraseologismos a partir da palavra 'bola' no *corpus* compilado. O uso desse dispositivo permite ao usuário selecionar possíveis fraseologias em poucos segundos, tarefa que seria mais demorada caso fosse executada manualmente.

O trabalho com dados autênticos permite, no caso de glossários e dicionários, apresentar os contextos de uso originais, reais. Neste caso, também o programa ajuda o pesquisador a encontrar os exemplos mais adequados para as abonações de suas definições. A **Figura 9** mostra o contexto de onde cada exemplo foi retirado.

**Figura 9 – Contexto de uso para a palavra ‘bola’**



**Fonte:** Extraída do *corpus* (SALVADOR, 2017)

A partir dos recursos fornecidos pelo software *WordSmith* foi possível agilizar e identificar padrões linguísticos que levassem às unidades fraseológicas, o que evidencia a sua pertinência para o trabalho com dados em larga escala. A utilização do *software* foi de suma importância, pois muitas vezes estruturas poliléxicas foram encontradas, às quais se supunha tratar de uma unidade fraseológica e quando lançadas em seu contexto, evidenciado pela ferramenta, percebeu-se que eram apenas casos de combinações livres ou ainda de unidades compostas, às quais devido aos critérios estabelecidos para a coleta não foram classificadas como fraseologismos.

## 2.7 OS TEXTOS JORNALÍSTICOS

### 2.7.1 Os *leads*

A definição de *lead*, conforme o dicionário, vem da expressão inglesa *lead*: “primeiro”, “guia” ou “(o que vem) à frente”. Em jornalismo, o lide, ou *lead* no original inglês, é a primeira parte de uma notícia, geralmente o primeiro parágrafo posto em destaque, aquele que fornece ao leitor a informação básica sobre o conteúdo que lhe segue e que pretende prender-lhe o interesse. De uma maneira

geral, o *lide* deve responder às perguntas: o quê? quem? quando? onde? como? e porquê? se deu o acontecimento central da história.

De acordo com Genro Filho (1987), o *lide* deve “informar qual é o facto jornalístico noticiado e as principais circunstâncias em que ele ocorre” (GENRO FILHO, 1987, p. 24), portanto, ele deve descrever a maior singularidade da notícia e sua principal função é oferecer uma prévia, como a descrição de uma imagem, do assunto a ser abordado, devendo ser objetivo, evitando a subjetividade, e pautando-se mais pela exatidão, com linguagem clara e simples. O leitor ganha interesse pela notícia quando o lide é bem elaborado e coerente.

Na **Figura 10**, abaixo, tem-se um exemplo de *lead* que acompanha a manchete da notícia em um dos jornais fonte de coleta.

**Figura 10 – O *lead* da notícia coletada**

**No sufoco, Remo vence o Nacional (AM) na Arena Verde**

Leão abriu 3 a 0, mas tomou dois gols nos 15 minutos final do segundo tempo para desespero do torcedor azulino

Por: Redação ORM News  
Em 22 DE AGOSTO, 2015 - 20H40 - SÉRIE D

f 15 t G+ e +

Na despedida de Paragominas, Remo derrotou o Nacional (AM) por 3 a 2 na Arena Verde. O time paraense abriu 3 a 0, mas metade final da partida relaxou e permitiu que o time amazonense encostasse no placar e transformando os minutos finais num verdadeiro drama para o torcedor

**Fonte:** <http://www.ormnews.com.br/noticia/no-sufoco-remo-vence-o-nacional-am-na-arena-verde>

Nesta pesquisa foram incluídos os *leads*, por se entender que eles são parte integrante do texto, pois oferece o resumo do assunto que será abordado e, portanto, sendo importante para o completo entendimento da notícia.

### 2.7.2 A coluna *Caderno de Esportes*

*Sempre leio primeiro a página de esportes, que registra os triunfos das pessoas. A primeira página não me diz nada além dos fracassos do homem.*

*Earl Warren*

Inicia-se este tópico com a citação de Earl Warren, importante jurista americano, considerado um dos mais importantes líderes políticos de sua categoria. No trecho posto em evidência ele deixa a sua impressão a respeito da vida, usando como ponto de partida a noção de satisfação que, em muitos contextos cotidianos, o esporte pode proporcionar. Dada a condição de esporte nacional, *esporte das massas* atrelada ao futebol, a coluna *Caderno de Esportes* mostra-se como um dos cadernos mais lidos em todos os jornais.

Além de oferecer especificidade em seu conteúdo, informações técnicas, o *Caderno de Esportes* aborda assuntos relacionados à política (dos clubes nacionais e internacionais, principalmente sob o viés administrativo e econômico), *marketing* esportivo, negociações entre empresas e confederações, disputas mercadológicas pelas principais competições, negociações entre clubes e as redes de televisão para transmissão de eventos esportivos, discussões sobre exploração da imagem de atletas e demais agentes do esporte e divulgação da exploração de novos ramos empresariais no setor esportivo, “[...] retratando o esporte como espetáculo de magnitude mercadológica” (FOLHA ON-LINE, 2011), o mesmo ocorre em sua versão digital, dados comprovados pelas notícias do *corpus* de estudo desta tese.

Dentre as principais características dos jornais dos quais os textos foram coletados, em relação ao *Caderno de Esportes*, tem-se a diagramação de cada

caderno que varia significativamente (algo entre 8 e 10 páginas), dependendo do dia da semana, podendo duplicar o número de páginas aos domingos (16 páginas). A ênfase das notícias é dada ao futebol, com destaque para as equipes locais (regionais), assim como informes acerca da Seleção Brasileira, além do espaço destinado aos campeonatos estrangeiros. Os demais esportes, embora com espaço limitado, também têm cobertura diária. Há também um espaço dedicado às tabelas de classificação e aos resultados das partidas nacionais e internacionais, além da programação esportiva televisionada – sempre com ênfase no futebol.

Todos os cinco jornais-fonte da coleta intitulam os seus cadernos de *Esportes*.

### 3 DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO

De acordo com Biderman (1998, p. 129), “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. No entanto, conforme aponta Strehler (1998, p. 169), a descrição a que se refere a primeira autora, “[...] nunca pode ser completa porque o vocabulário é uma classe aberta, isto é, uma vez impresso o dicionário, já podem existir neologismos. Além disso, conforme esse autor, a cada tipo de dicionário se fixam objetivos diferentes em relação às entradas selecionadas e ao público a que é destinado.

É frequentemente complexo estabelecer a classificação das obras lexicográficas dentro de uma tipologia rígida porque são muitos os elementos que entram na composição de um dicionário para que ele seja classificado apenas como um tipo de obra. O *Dicionário gramatical de verbos* (BORBA, 1990), por exemplo, é um dicionário monolíngue, semasiológico, sincrônico e especial ao mesmo tempo e a classificação em tipos e subtipos dependerá, portanto, do enfoque adotado pelo lexicógrafo. Considerando o tipo de nomenclatura selecionada, têm-se dicionários de língua geral, dicionários terminológicos ou de especialidade e dicionários especiais (analógico, ideológico, histórico, etimológico, *fraseológico*, de frequência, de sinônimos e antônimos, de falsos cognatos, de regência verbal, de regência nominal, de neologismos).

Importante é saber que a distinção entre dicionário analógico e ideológico não é consensual para grande parte dos lexicógrafos, porém acata-se a esse respeito as definições de Haensch *et al.* (1982): “O dicionário analógico apresenta uma seleção de conceitos organizados alfabeticamente e divididos em campos semânticos” (HAENSCH *et al.* 1982, p. 22), enquanto os dicionários ideológicos são aqueles que possuem sistemas de conceitos não organizados alfabeticamente.

Considerando o tratamento dado aos fraseologismos nos dicionários de língua geral, percebe-se que não há uma sistematização quanto à lematização

dessas estruturas, uma vez que elas estão listadas, na sua maioria, como sub-entradas, como bem informa Pontes (2010, p.12) “[...] mais precisamente, localiza-se, em geral, hierarquicamente abaixo da palavra-entrada, após as acepções da entrada principal”, o que gera outro problema, uma vez que os autores não uniformizam a definição das sub-entradas. Enquanto uns preferem a base do sintagma como descritor para iniciar a definição, outros preferem distinguir para cada sub-entrada um tipo de descritor para a definição. Há ainda dicionários que trazem um grande número de fraseologia, de tipos variados, como é o caso de Ferreira (2010); outros, porém, como o de Rocha (2010) apresentam poucos exemplos dessas estruturas.

Como uma forma de suprir as lacunas referentes à lematização e aos contextos de usos das unidades fraseológicas tratadas em dicionários, é que se tem percebido uma atenção maior dos pesquisadores dessa área e uma gama de trabalhos tem surgido há alguns anos como será visto no tópico a seguir.

Segundo Boutin-Quesnel (1985), o dicionário especial é um dicionário de língua que descreve as unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características. Para Boulanger (1995), nos dicionários especiais, a seleção das unidades registradas é feita com base em uma ou duas características específicas, no plano funcional ou semântico, sendo que suas informações são sempre do mesmo tipo.

No que concerne a um Dicionário Fraseológico (DF) da língua comum, o tipo de obra que tratará dos provérbios, das expressões idiomáticas, das gírias, da linguagem erótico-obscena, das injúrias, xingamentos e blasfêmias, das expressões interjetivas, é preciso, primeiramente, dar conta de uma literatura especializada riquíssima e abundante no que diz respeito a alguns temas, como o dos provérbios, por exemplo, ou se dispor a partir de um arcabouço teórico incipiente, como é o caso das blasfêmias. É preciso, em seguida, decidir entre inventariar o maior número possível de fraseologismos, ou descrevê-los mais minuciosamente. Assim, ter-se-á ou um dicionário que traz um grande acervo daquele determinado tipo de unidade lexical e, se bilíngue, “apenas” acompanhado de propostas de equivalência, ou um dicionário de menores proporções quanto ao número de entradas, mas podendo apresentar

contextualizações das unidades lexicais levantadas. É preciso, em terceiro lugar, definir quais as fontes a serem utilizadas: se documentais, com base em bancos de textos; ou se secundárias, com base em uma grande coletânea de outros dicionários. Aqui observa-se que enquanto o inconveniente de uma fonte documental é o fato de haver necessidade de um número muitíssimo grande de ocorrências em um banco de textos, suficientemente abrangente para que dele se extraíam os fraseologismos representativos de uma comunidade linguística, o inconveniente das fontes secundárias é, muitas vezes, a não marcação da frequência do uso de determinados fraseologismos, sobretudo quando se trata de dicionários bilíngues (DBs).

Isso posto, é possível certificar-se de que os fraseologismos não se esgotam em um, três ou dez dicionários. Especialmente em se tratando de Língua Portuguesa e, ainda mais, em Língua Portuguesa do Brasil em contraste com qualquer ou quaisquer língua estrangeira, pois há uma grande lacuna a ser preenchida por esses dicionários especiais, que abordem mais detalhada e completamente diversos tipos de unidades fraseológicas, revelando diferentes tipos de dificuldades para o usuário comum, para o tradutor ou para o aprendiz e o professor, uma vez que o ensino/aprendizagem de língua estrangeira tem sofrido modificações que devem ser assimiladas, como a utilização da tecnologia em sala de aula, a disponibilização de grande quantidade de dados na Web, o crescente número de dicionários on-line.

Além disso, os dados a serem trabalhados são muito volumosos, pois a linguagem fraseológica brasileira é riquíssima e amplamente presente na linguagem coloquial, e as opções estruturais adotadas para se apresentarem os dados fraseológicos coletados são também diversificadas, com enfoques e desdobramentos completamente novos. Considerando essas dificuldades, acredita-se que a elaboração de um dicionário de fraseologismos do futebol seja pertinente uma vez que acrescenta informações à Fraseologia em geral e enriquece, ainda mais, a Lexicografia/Fraseografia brasileira.

### 3.3 O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DOS FRASEOLOGISMOS

Estudiosos da linguagem concebem a existência dos fraseologismos e a inclusão de elementos fraseológicos aparece já ensaiada em muitos verbetes dos vocabulários da Idade Média, mas começa a se efetivar nos dicionários brasileiros do século XVI, especialmente no *Dictionnaire françois-latin* (1541), de Robert Estienne (VERDELHO, 1995). A importância desses estudos é inegável, porque os fraseologismos são unidades de base, assim como as palavras simples, devendo ser integradas sistematicamente no inventário dos elementos lexicais constitutivos das estruturas semiológicas da linguagem. E, justamente por representarem um dos problemas prioritários da descrição léxica é que o tratamento lexicográfico dos fraseologismos, seja em dicionários de língua geral (DLG), seja em dicionários especiais (DEs), revela problemas teóricos (definicionais), práticos (apresentação nos dicionários de língua geral) e técnicos (nos casos de obras lexicográficas em CD-ROM ou *on-line*).

Quanto à Fraseografia propriamente dita, que se incumbe da produção dos DFs, o trabalho de Sinclair, entre os anos 1980-87, tem a relevância ratificada por Moon (2007), pois ele foi um dos primeiros lexicógrafos que teve a preocupação de documentar, em seu projeto *Cobuild*, os padrões fraseológicos encontrados em *corpus*, e apontar para a prática lexicográfica a interdependência da Fraseologia e do significado e os problemas do insatisfatório estatuto da palavra ortográfica.

No entanto, o sistema de inclusão dos fraseologismos nos DLGs ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da nomenclatura “pequena área” ou “na risca da pequena área”, se os fraseologismos devem configurar como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como sub-entradas. Os dicionários monolíngues (DMs), muitas vezes não delimitam claramente essas combinações frequentes e fixas (BÁRDOSI, 1992; HEINZ, 1993), incluindo essas estruturas somente em sua microestrutura, e somente um pequeno número dessas unidades cristalizadas constam num dicionário brasileiro e são especificadas com traduções também frequentes e cristalizadas – sempre que possível –, a fim de se favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira.

De um modo geral, pode-se confirmar que não há sistematização de fraseologismos que estão contemplados na maioria dos dicionários. Nos dicionários de língua geral brasileiros, boa parte das ocorrências, são apresentadas como expressões idiomáticas ao lado de colocações, provérbios, expressões regionais, sem qualquer distinção clara.

No Houaiss (2001), dentro do verbete “pressão”, por exemplo, encontra-se pressão alta ou pressão atmosférica ao lado da expressão gírica *marcar sob pressão* (indicada na obra citada como circunscrita ao meio futebolístico e que se confirma em busca realizada na *Web*) e também a *El sob pressão*. Não se encontrou, todavia, nessa mesma entrada, *nem sofrer (muita) pressão*, tampouco *pressionar contra a parede*, ambas frequentes na *Web* (*sofrer muita pressão*: 7.450 ocorrências com o verbo no infinitivo; 7.803 com o verbo no passado simples; e *pressionar contra a parede*: 326 ocorrências com o verbo no particípio passado).

A busca por uma expressão idiomática em DLGs deve ser feita, em geral, buscando-se por uma palavra-chave presente no idiomatismo. No verbete “pão”, por exemplo, encontrou-se tanto *pão dos anjos* como *pão da alma* referindo-se à Eucaristia e outras *Els* como *pão*, *pão*, *queijo*, *queijo*, que significa fazer algo sem rodeios ou subterfúgios, *a pão e água*, designando falta de comida, *a pão e laranja*, que significa estar na miséria, ou ainda, tirar o *pão da boca de* (alguém), com sentido de privar dos meios de subsistência.

Pode-se constatar que, no caso dos idiomatismos *deixar* (colocar, pôr) *a pão e água* (mal alimentado, com comida escassa ou deixar pouca comida como forma de punição) e *a pão e laranja* (indivíduo que está em penúria, quase na miséria), buscou-se pela palavra-chave “pão” porque, se buscasse por ‘laranja’ não se encontraria tais *Els*, pois, apesar de possuírem duas palavras-chave, a prioridade foi elencar as *Els* dentro do verbete “pão”, ou seja, pela primeira palavra-chave.

Strehler (2003) apresenta uma explicação sobre a questão que envolve o funcionamento do paradigma e a necessidade de se recorrer a uma interpretação cultural para preservar possíveis analogias, inclusive exemplificando com a expressão *a pão e laranja* e com sua variante *a pão e banana*:

Xatara e Parreira (2011) no artigo *A elaboração de um dicionário fraseológico* estabelecem que o trabalho do lexicógrafo não seja apenas o de um técnico, mas antes de tudo, de um conhecedor da metalexicologia, o que o torna capaz de refletir e analisar, com base em critérios claramente científicos, o tipo de unidade lexical que ele escolherá para compor a nomenclatura de sua obra. Da mesma forma, o elaborador de um dicionário fraseológico deve recorrer aos princípios da Fraseologia e da Metafraseografia para oferecer ao público uma obra coerente e satisfatória.

Neste sentido, a autora estabelece o percurso da produção de um dicionário fraseológico e os questionamentos que o elaborador deve fazer:

- a) quais elementos entrarão na microestrutura de cada verbete?
- b) tratar-se-á de uma obra monolíngue, bilíngue ou multilíngue?
- c) qual será o público-alvo? (XATARA; PARREIRA, 2011, p. 23).

Tendo respondido a estas questões iniciais é possível passar a etapa seguinte de construção do dicionário fraseológico, em que se definirá se será produzido um dicionário:

- a) de unidades complexas só conotativas ou também denotativas;
- b) de todas as unidades coletadas ou apenas das unidades usuais;
- c) de uma ou duas direções, no caso dos bilíngues;
- d) de microestrutura o mais completa possível (para um público acadêmico, por exemplo) ou de microestrutura mais simplificada (para o público em geral);
- e) de organização alfabético-semasiológica ou onomasiológica;
- f) de editoração impressa ou digital. (XATARA; PARREIRA, 2011, p. 24).

A despeito de todas as características supracitadas, no que se refere à qualidade do dicionário fraseológico, não se pode descartar o conhecimento linguístico complexo que revela a interface da Fraseologia com outras áreas do conhecimento, fronteiriças para a descrição das expressões de uma língua.

Nestes termos, caso o fraseógrafo decida incluir a transcrição fonética, por exemplo, em seu dicionário, será necessário recorrer aos domínios da Fonética ou caso deseje tratar de uma ou mais entradas com recursos morfológicos deverá recorrer à Morfologia, o que se repete com a Sintaxe, e a Semântica, entre outras.

Apesar de não ser trabalhado nesta Tese, por se tratar de um dicionário monolíngue, outro critério importante na definição do projeto fraseográfico é a noção de equivalência, muito utilizada em trabalhos de tradução (RIOS; XATARA, 2009).

Gladis (2011), baseada na extração de dados conforme a Linguística de Corpus, estabelece os seguintes critérios para a inserção de fraseologias nos dicionários gerais:

- a) frequência, ou seja, o número de vezes em que a fraseologia ocorre no *corpus*.
- b) relevância semântica da unidade para um dado campo especializado, uma vez que é possível que uma fraseologia, embora relevante, não apareça com alta frequência no *corpus*.
- c) pertinência de determinado domínio do saber para a atualidade, pois as fraseologias têm sempre uma especialidade temática (GLADIS, 2011, p. 45).

Os critérios devem ser decididos após a constituição do *corpus*. Após a extração dos dados fraseológicos do *corpus*, eles deverão encabeçar os verbetes do dicionário e apresentar as informações obrigatórias em todos os verbetes:

- a) unidade-entrada.
- b) marca de uso.
- c) definição da unidade fraseológica naquele domínio do saber.
- d) exemplos de uso retirados do *corpus*, informação imprescindível em se tratando de fraseologia, uma vez que essas unidades possuem características tais como: unidades sintagmáticas, ou seja, são formadas por mais de um elemento linguístico, possuem um núcleo, têm estabilidade sintática e semântica, possuem determinado grau de fixação, têm frequência relevante em determinado domínio e são utilizadas em determinado âmbito especializado (GLADIS, 2011, p. 45).

A autora elenca como informações não obrigatórias, os seguintes itens:

- a) pronúncia dos constituintes da fraseologia, pois em alguns casos essa informação pode se revelar importante.
- b) remissiva, ou seja, quando se revela útil sugerir ao consulente outra fraseologia que mantenha relação semântica com a fraseologia entrada ou quando é necessário sugerir a forma mais adequada. (GLADIS, 2011, p. 46).

A lematização dos fraseologismos em dicionários constitui-se como uma das tarefas mais difíceis para o fraseógrafo, observe-se as palavras de Biderman (2001, p.140): “[...] é um problema espinhoso, pois sua identificação constitui uma séria dificuldade teórica” corriqueiramente, em dicionários gerais, costuma-se, como dito anteriormente, colocá-las incorporadas ao verbete como sub-entradas, o que pode ser comprovado, por exemplo, no dicionário Houaiss.

Pontes (2011), ao tratar sobre a inclusão das unidades fraseológicas em dicionários, ressalta que a “concepção tradicional de palavra, sem dúvida, teve repercussões nos estudos de Lexicografia tradicional, quando, por muito tempo, deixou de fazer reflexões sobre fraseologia e suas diversas unidades.” Neste caso, a consequência, seria que os produtos lexicográficos não as contemplavam em sua composição e nem sempre as tratavam adequadamente. Tanto na tradição gramatical quanto na Linguística moderna, a noção de palavra tem servido sistematicamente para denominar unidades intermediárias (situadas entre o morfema e o sintagma) que, como lembra Mejri (2009), possam ser reduzidas a um só morfema; pertençam a uma parte do discurso; sirvam de suporte à atualização de diversas categorias gramaticais graças a características morfológicas apropriadas.

Ao analisar o tratamento dado às unidades fraseológicas em dicionários escolares, Pontes (2011) apresenta algumas das características fundamentais desses dicionários em relação à disposição de como essas fraseologias são elencadas, as quais, nas palavras do autor, se situam “após as acepções, raramente se exemplificam, mas sempre se definem. E se encontram destacadas com letras diferenciadas e introduzidas em geral por um símbolo” (PONTES, 2011, p. 36),

No mesmo artigo, o autor explicita ainda que os dicionários escolares brasileiros estudados apresentam um número grande de fraseologias em suas

composições, como é o caso de Ferreira (2010), o qual apresenta variados tipos dessas estruturas e o dicionário de Rocha (2010), que apresenta poucos exemplos. Neste contexto, alguns dos pontos positivos encontrados estão relacionados às questões tipográficas e ressalta que as fraseologias, de qualquer tipo, vêm sempre marcadas por diacríticos diferenciados pela cor e as relações diatécnicas, servindo para delimitar efeitos de sentido, também são apresentadas após a fraseologia; e negativamente, cita o fato de serem raras, nessas obras, as marcas diatópicas.

A questão da inclusão das unidades fraseológicas também é abordada por Alves (2014) em que a autora destaca os problemas relacionados à macro, médio e microestrutura, na qual a delimitação da UF seria a maior dificuldade em relação à macroestrutura, pois apesar de toda unidade fraseológica ser plurilexical, encontra-se divergência em estabelecer-lhes o limite, observe-se, por exemplo, *zona de rebaixamento* e *dormiu na zona de rebaixamento*, neste caso, qual das duas combinatórias deveria ser a unidade-entrada.

A esse respeito, Tristá Pérez (1997) afirma que “o equívoco em determinar os componentes de uma UF pode modificar sua categoria gramatical (uma UF com função de advérbio apresentada como verbal, por exemplo)”, em último caso, pode também comprometer a descrição linguística, acarretando uma possível interferência na visão dos fatos de norma por parte do usuário. Em outras palavras, corre-se o risco de fazer uma descrição que não condiz com a realidade linguística.

A autora lista também o problema de qual palavra deve encabeçar a fraseologia, em *gol da virada*, a fraseologia poderia aparecer tanto em *gol* quanto em *virada*, dependendo do critério adotado pelo elaborador, caso seja um dicionário de língua geral ou estruturado onomasiologicamente. O terceiro problema é o registro de variantes, em que é preciso decidir se, na condição de variantes, elas serão registradas juntas, sob algum lema que compartilham ou se devem ter entradas independentes.

Todos os fatores citados devem ser levados em consideração quando chegada a etapa de inclusão da fraseologia para a composição do dicionário.

Roncolatto (2004), após análise de cinco dicionários fraseológicos, sintetiza alguns dos critérios os quais a autora considera os mais importantes para a elaboração de um dicionário fraseológico:

- a) ter um conceito preciso de expressão idiomática e de expressão fixa, deixá-lo claro ao leitor e ser fiel a ele durante a seleção das construções.
- b) incluir observações quanto a usos regionais e gerais.
- c) realizar atualizações a cada edição.
- d) apresentar os significados de modo claro e completo a fim de viabilizar o entendimento da abrangência de tais significados.
- e) apresentar a expressão acompanhada de, pelo menos, um exemplo que pode ser uma oração ou um período em que a unidade fraseológica possa estar inserida. (RONCOLATTO, 2004, p.12).

Mejri (2012) também elenca algumas dificuldades referentes ao tratamento das combinatórias sintagmáticas, dentre os quais está o reconhecimento dos fraseologismos, uma vez que os softwares disponíveis ainda apresentam seu sistema de identificação por meio do item lexical, da palavra simples. Relata também a dificuldade de construção de lematizadores dessas unidades, assim como a descrição das regras de cristalização.

Neste caso, concorda-se com Xatara (1998) e Ortíz Alvarez (2000) quando tratam de um problema metodológico recorrente nos dicionários de fraseologia: a mistura de conceitos na distinção de cada unidade fraseológica.

Com base no exposto acerca das decisões que devem ser tomadas durante a construção de um dicionário fraseológico, apresenta-se, então, uma obra em que o verbete está organizado a partir da unidade-entrada, a qual é constituída por um campo semântico, uma categoria gramatical, uma definição, um contexto de uso acompanhado da fonte indicativa de onde o exemplo foi retirado, uma variante (se houver), uma remissiva (se houver), uma nota explicativa, nos casos em que a definição não seja suficiente para o entendimento da unidade, uma imagem (quando for possível ilustrar) e um vídeo (quando a ilustração não for suficiente); trata-se de uma obra monolíngue

destinada tanto ao público acadêmico quanto a todas as pessoas que se interessarem pelo tema.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho decidiu-se elencar tanto os fraseologismos conotativos quanto os denotativos, assim como tantos quanto fosse possível catalogar, em quantidade, de microestrutura o mais completa possível, tendo sido organizado semasiologicamente, igual nas versões impressa e eletrônica (CD-ROM).

Para figurar como entrada no dicionário aqui elaborado, os fraseologismos listados apresentaram frequência igual ou superior a cinco vezes no *corpus*, porém houve casos em que a unidade apareceu apenas três vezes e ainda assim foi contemplada, por apresentar características semânticas relacionadas ao futebol e, por fim, alguns fraseologismos são listados em função do domínio do saber para a atualidade e pertinência do campo temático.

Todas essas informações serão retomadas na apresentação do dicionário no **Volume II**.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata dos aspectos relacionados ao contexto da pesquisa e à seleção do *corpus* para o posterior tratamento semiautomático dos dados e à organização do dicionário da fraseologia do futebol. Para efeito de organização, este capítulo foi dividido em duas grandes seções que visam mostrar os caminhos que foram traçados desde a decisão de quais textos seriam coletados, qual registro oral ou escrito iria se abordar, até as ferramentas eletrônicas de que se faria uso para efetuar esta tarefa.

A primeira seção trata do contexto da pesquisa e, nesse sentido, apresenta-se um panorama histórico do futebol, apesar de não se tratar de um trabalho de base antropológica, histórica ou sociológica entende-se como necessária a contextualização deste esporte do ponto vista histórico, pois a partir desse aspecto é possível perceber como o futebol conseguiu o *status* de “esporte das massas” e consolidou-se como o esporte favorito do brasileiro. Sob essa ótica, torna-se necessário contextualizar a história do futebol brasileiro, mesmo que de forma superficial, relacionando-a com a própria história do Brasil. Para a execução desta tarefa, foi resenhada a obra de Guterman (2014), *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. Em seguida, apresentam-se as etapas percorridas para a compilação do corpus, a coleta dos dados, os jornais-fonte da coleta e o *software Lexique Pro* para a organização estrutural do dicionário.

Na segunda seção, são apresentadas questões referentes à organização do dicionário fraseológico, desta forma, são importantes as informações sobre a macroestrutura do dicionário, mais especificamente no que tange à lematização das unidades e os critérios adotados na seleção dessas unidades, principalmente no que diz respeito a inclusão das entradas e subentradas; a atribuição de marcas de uso, a microestrutura e suas especificidades, sob o enfoque das entradas, referências gramaticais, referências sintáticas, questões

de homonímia/polissemia e metáfora, campo semântico, definição e contextos de uso.

## 4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

### 4.1.1 Futebol em perspectiva histórica

Muitas são as teorias sobre o nascimento do futebol. Estudos indicam que o esporte pode ter surgido na China antiga, entre os anos de 2000 e 1500 a.C., quando guerreiros para relaxar após as batalhas, criaram um modo muito peculiar de diversão: chutavam o crânio dos inimigos de pé em pé sem deixá-lo cair no chão, lançando-o para dentro de duas varas fincadas no campo. No século III a.C. essa prática deu origem ao *tsu-chu*, que significa literalmente, “chutar a bola”, neste caso, os doze ou oito participantes chutavam uma bola recheada de crina para dentro de varas de bambu. Mais tarde, no século II a.C., essa técnica foi importada pelo Japão com o nome de *Kemari*, onde perdeu seu caráter de competição e passou a ser considerada mais um ritual e consistia basicamente em indivíduos reunidos em um círculo com o objetivo de não deixar a bola cair.

Registra-se também na Grécia clássica, no século IV a.C., o *epyskiros*, de cuja prática tem-se poucos detalhes nos dias atuais, mas que consistia basicamente, em nove homens correndo atrás de uma bola de areia visando um alvo específico, mas que muito se assemelha ao futebol de hoje. Tendo sido adotada pelo exército romano no século III a.C., como *harpastum*, ou seja, como forma de aprimorar a técnica, a lógica e a capacidade atlética dos soldados, vindo a se popularizar a partir do século I d.C. Provavelmente, a introdução das tropas romanas nas ilhas britânicas possibilitou a difusão de vários esportes com bola, dentre eles o futebol.

Na Itália, mais especificamente na Florença, também há o registro de um jogo, chamado *calcio*, praticado nas praças públicas em que dois times de 27 homens, uniformizados, se enfrentavam sob regras específicas e o aval de um árbitro. De caráter eminentemente nobre e atrelado a técnicas de aperfeiçoamento militar, o *calcio*, inicialmente praticado por todas as camadas sociais, atraindo um grande público, aos poucos foi se tornando um esporte

elitista e chegou a ter Maquiavel como praticante e Leonardo DaVinci como torcedor de sua época.

#### **4.1.2 Consolidação do futebol moderno**

O futebol moderno, como é praticado hoje, segundo Souza, Leitão e Rito (1998), teve seu início na Inglaterra, em meados do século XIX. A partir da criação de um livro de regras no século XX, escrito por ingleses, o futebol tornou-se um esporte regulamentado. Na Inglaterra, o jogo ganhou regras diferentes e foi organizado e sistematizado. Algumas delimitações importantes foram estabelecidas: o campo deveria medir 120 por 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida com ar. Com regras claras e objetivas, o futebol começou a ser praticado por estudantes e filhos da nobreza inglesa e, aos poucos, foi se popularizando.

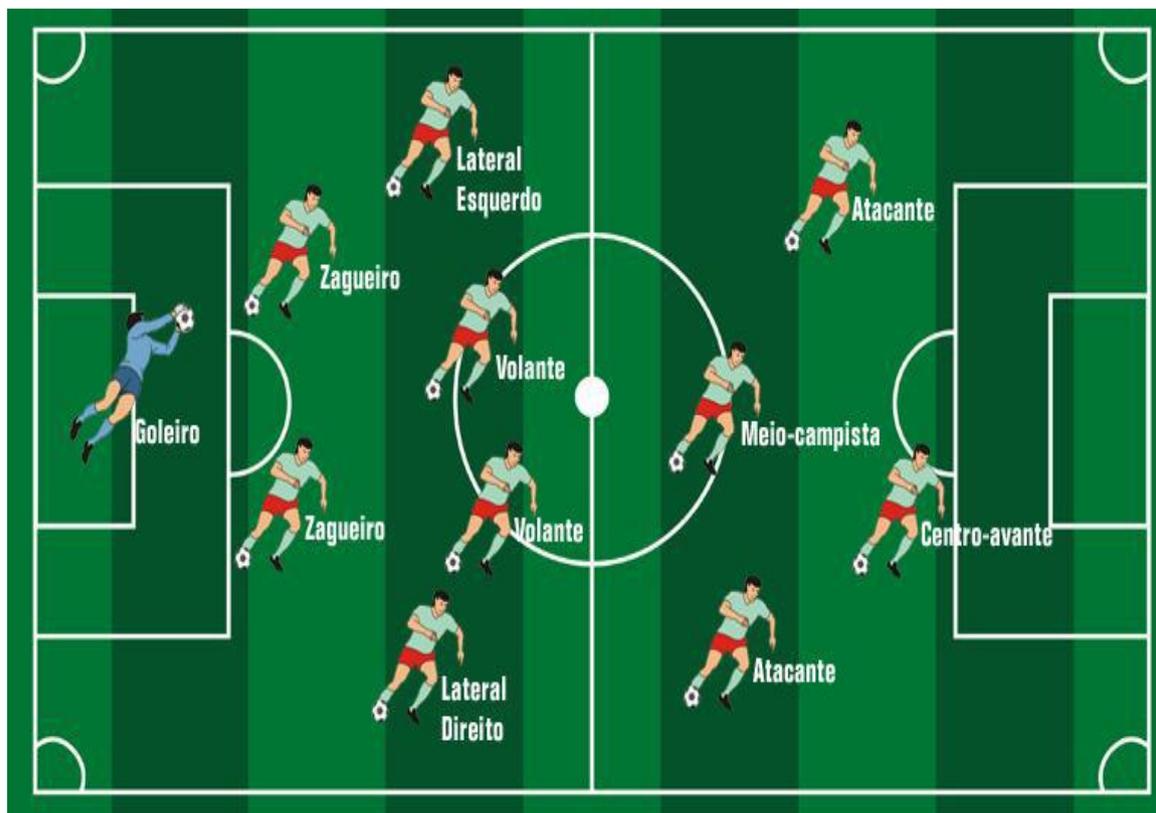
No ano de 1848, numa conferência em Cambridge, estabeleceu-se um único código de regras para o futebol. No ano de 1871 foi criada a figura do guarda-redes (goleiro), que seria o único integrante de cada equipe que poderia colocar as mãos na bola e deveria ficar próximo ao gol para evitar a entrada da bola.

Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos e em 1891 foi estabelecido o pênalti, para punir a falta dentro da área. Somente em 1907 foi estabelecida a regra do impedimento.

Em relação à partida de futebol, Stubbs (2012) explica que ela é disputada em um campo retangular de grama natural ou sintética, onde dois times se enfrentam, cada um com 11 jogadores titulares, 10 na linha e um no gol, além dos jogadores reservas, tendo como objetivo geral fazer gols. O autor explica que a bola pode ser deslocada pelo campo por qualquer parte do corpo, exceto pelas mãos e braços, com ressalva das cobranças de lateral e do goleiro. Além do futebol de campo, ou apenas futebol, Stubbs (2012) fala de outras modalidades do esporte: o futebol de salão e o futebol de areia, mas, neste

trabalho, só serão abordados os assuntos referentes ao futebol de campo. A configuração de uma equipe futebolística está ilustrada na **Figura 11**, abaixo:

**Figura 11 – Participantes de uma partida de futebol conforme suas posições**



Fonte: [http://www.futebolplayer.com/img/atletas\\_campo.jpg](http://www.futebolplayer.com/img/atletas_campo.jpg)

Nesse mesmo cenário, a figura do árbitro, para Costa *et al* (2010), se configura como um participante de extrema importância no futebol, já que ele assegura o cumprimento das regras. Segundo o autor, a importância do trabalho da arbitragem é explicitada quando se analisa as consequências dos atos por ela tomados, já que uma decisão equivocada por parte do árbitro pode alterar o resultado de um jogo, ou em longo prazo, de um campeonato: “O juiz tem autoridade total e decisiva durante a partida” (STUBBS, 2012, p. 100), ou seja, em uma partida de futebol, o árbitro é a competência máxima dentro do campo.

O órgão que normatiza o futebol mundial é a Federação Internacional de Futebol Associados – FIFA. Fundada em 1904 e, atualmente, com 208 países-membros federados, os deveres da FIFA, segundo o artigo 2º de seu estatuto são:

promover o jogo de futebol da maneira apropriada; promover relações amistosas entre associações nacionais, confederações, árbitros e jogadores organizando partidas de futebol de todos os níveis e apoiando o futebol por outros meios que julgar apropriado; controlar o futebol tomando as medidas que julgar necessárias ou aconselháveis para impedir infrações aos estatutos ou regulamentações da FIFA ou às Leis do Jogo estipuladas pelo Conselho Internacional de Futebol, impedir a introdução de práticas ou métodos impróprios no jogo e protegê-lo de abusos (FIFA, 2014, 53).

À FIFA cabe a responsabilidade de organizar o mais importante torneio do futebol: a Copa do Mundo da FIFA, torneio que acontece a cada quatro anos em um país escolhido como sede. O campeonato é disputado por 32 seleções de todos os continentes, ocorre em um período de 30 dias, com 64 jogos entre as seleções participantes, com uma só campeã. A última edição da Copa do Mundo da FIFA aconteceu no Brasil, entre os meses de junho e julho de 2014. Nesta pesquisa, elegeu-se o recorte temporal de 2008 a 2015 para a coleta dos textos que compunham o *corpus* com o intuito de cobrir o período de duas Copas, pois se considera que nos anos em que a Copa ocorre, há a inserção de muitos termos ao já avantajado domínio do futebol.

Dando continuidade ao estudo dos aspectos relacionados ao universo do futebol, é apresentada no próximo tópico *O futebol no Brasil: fixação e disseminação* a estreita relação do povo brasileiro com esse esporte, acrescentando a isso o contexto histórico pelo qual o país passava à época de sua chegada. Neste sentido, concorda-se com Guterman (2014, p. 12) quando diz que “[...] o futebol, pelo contrário, não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil paralelo”. O futebol representa também construção histórica, gerada como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil e, foi a partir da resenha de sua obra *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país* que foi feito o apanhado histórico dos parágrafos seguintes.

### 4.1.3 O futebol no Brasil: fixação e disseminação

Para iniciar este tópico recorre-se às palavras de Rachel de Queiroz, que já em 1949 percebia a influência que o futebol exercia perante uma parte da população brasileira:

Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao “esporte das multidões” nossos patrícios de todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido da nossa preguiça (QUEIROZ, 1949, p. 106).

Apesar de sua origem eminentemente europeia, foi no Brasil que o futebol ganhou *status* de “esporte das massas”. Trazido pelas mãos de Charles William Miller, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller (GUTERMAN, 2014), o futebol, inicialmente, representava a camada mais alta da sociedade.

Considerado um esporte da elite nacional, não estava ao alcance dos trabalhadores, nem tampouco dos ex-escravos, oriundos da velha estrutura escravista do país do início do século XX. Assim como os trilhos da Railway Company Limited, empresa que refletia o desenvolvimento, foi também o ciclo do café, principal produto brasileiro, o qual dominava 80% das exportações na época, que gerava um ciclo não apenas econômico, mas sobretudo social, com a entrada de imigrantes e, conseqüentemente, a introdução de hábitos e costumes estrangeiros, dentre os quais o “esporte bretão”.

O impulso econômico estabelecido pela cultura do café atraiu diversos investidores britânicos, sobretudo no transporte, o qual resultou na expansão das cidades, gerando outros tipos de demanda. As comunidades inglesas eram poucas, se comparadas às comunidades alemã, portuguesa, japonesa, entre outras. Os registros indicam que os britânicos viviam em grupos de 300 pessoas e trabalhavam em tarefas específicas, como ajustar trilhos e operar máquinas. Por outro lado, poucos eram os ingleses pobres. São Paulo recebeu ingleses das classes média e alta, e nesta categoria se inseria Charles Miller, por exemplo, que foi mandado pelos pais à Inglaterra para estudar quando ainda tinha nove anos, em 1884.

O futebol inglês nasceu em meio ao crescimento da massa operária, era um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país. A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, mesmo porque o jogo sempre terminava em pancadaria. Como consequência, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas escolas públicas. No Brasil, por outro lado, o pedigree elitista do futebol permeava tudo. Assim, o primeiro campo oficial do país foi o terreno da Chácara Dulley, no Bom Retiro. A chácara pertencia à família de Charles Dulley, engenheiro americano que chefiava a construção da ferrovia São Paulo-Rio. Nesta mesma chácara, Dulley introduziu o golfe e o críquete, mas por razões diversas, foi o futebol que acabou se destacando.

Os primeiros times brasileiros formais surgiram em meio a esse mundo aristocrático. Quando Charles Miller aportou no Brasil depois de sua temporada acadêmica na Inglaterra, em 1894, ele procurou o único clube paulistano existente, o São Paulo Athletic. Fundado em 1888, era o reduto dos funcionários ingleses que trabalhavam na cidade, principalmente nas ferrovias. Apenas em 1896, o São Paulo Athletic, além do críquete, adotou o futebol e Miller foi seu principal destaque. O primeiro clube totalmente composto por brasileiros, todos claro, com boa linhagem, foi o Mackenzie, fundado em 1898<sup>18</sup>.

Apesar da facilidade de se jogar futebol, no início do século XX, todo o material utilizado para essa prática era importado. Charles Miller trazia inclusive a bomba para encher as bolas de couro, também importadas, assim como os uniformes, as chuteiras, os apitos, as redes e os demais acessórios. Como se pode perceber, realmente o futebol não era para todos, apenas para alguns.

---

<sup>18</sup> Sobre o “primeiro clube de futebol fundado no Brasil”, contudo, há controvérsias. Para a antiga CBD (Confederação Brasileira de Desporto), atual CBF (Confederação Brasileira de Futebol), o primeiro clube brasileiro fundado para praticar futebol foi o Sport Club Rio Grande, da cidade gaúcha de mesmo nome, em 19 de julho de 1900. Por esse motivo, o dia 19 de julho é considerado no Brasil como o “Dia do Futebol”. Mas a escolha da CBD é arbitrária, porque o Mackenzie e o Internacional foram clubes fundados pelo menos um ano antes do Rio Grande com o objetivo de praticar futebol. Assim, o Rio Grande pode ser o clube mais antigo em atividade, mas não é, seguramente, o pioneiro (GUTERMAN, 2014).

Trilhando o mesmo caminho do futebol na Inglaterra, no final do século XIX, o Brasil vive a popularização do esporte, embora rejeitada pelos aristocratas da época, e posterior inserção de operários nos clubes existentes, o futebol foi também elemento apaziguador dos movimentos operários. A despeito de todo o romantismo dos primeiros dias, a profissionalização não demorou a se concretizar em terras brasileiras. A fase de transição do amadorismo para o profissionalismo acompanhou a mudança da própria sociedade brasileira, mudanças essas que possibilitaram a negros e operários a inserção na tão aristocrata sociedade futebolística nacional.

Marcado pela urbanização do início do século XX, o futebol ganha *status* de prática popular. Muitos são os craques conhecidos, o primeiro brasileiro a brilhar nesse campo foi Arthur Friedenrich, filho de pai judeu e uma ex-escrava, autor de jogadas geniais. Sendo um mestiço, não aceitava de forma alguma ser chamado de negro, condição que logo se esvaiu devido a sua ascendência europeia e atuação dentro de campo. Desta forma, a primeira década do novo século, possibilitou ao Brasil a ruptura hierárquica dentro dos gramados de forma que negros e operários compartilhassem o mesmo “território”.

A década seguinte traz consigo a profissionalização dos times brasileiros. Aos poucos, alguns times foram se estabelecendo como empresas e passaram a remunerar, mesmo que de forma indireta, os operários que se destacavam dentro de campo. Nesta fase, clubes como Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Bangu, Fluminense, Flamengo e Vasco da Gama se estabelecem como as grandes equipes do futebol brasileiro. Sendo o Vasco da Gama o responsável pela maior abertura aos negros, tendo contribuído sobremaneira para o desenvolvimento do esporte brasileiro. O país passava por uma profícua atividade política, artística e industrial, fatores que contribuíram diretamente para o estabelecimento do futebol como atividade profissional e de lazer. A primeira Copa do Mundo de Futebol foi realizada em 1930, no Uruguai.

A despeito da relação de amadorismo e simplicidade e da precariedade em que era praticado, “o primeiro jogo de futebol disputado no Brasil mais ou menos dentro das regras oficiais, de acordo com registros mais aceitos, ocorreu em São Paulo em 14 ou 15 de abril de 1945.” (GUTERMAN, 2014, p. 20).

A década de 1930 veio marcada pelo período pós 1ª Guerra Mundial e o colapso econômico dos Estados Unidos trouxeram consigo a instabilidade, a incerteza e a conseqüente queda do café no mercado internacional. Por sua vez, o Brasil também passava por uma profunda mudança política. Nesse âmbito, futebol e fascismo pareciam completar-se, o que se consolidou com a realização da Copa na Itália. No Brasil, crescia o interesse pelo futebol e, nesta fase, destacava-se a criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio que deram outra dimensão ao futebol. O esporte que já era popular tornou-se um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas descrito pelos narradores em discurso próprio e singular. Neste ínterim houve duas Copas, uma na Itália, outra na França, em ambas o Brasil ainda figurava como o “país do café”.

A relação direta futebol-Brasil veio a se consolidar apenas em 1938, data histórica da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unindo de modo incontestado, a noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, a qual servia de base para o autorretrato que o brasileiro fazia de si. Getúlio Vargas tratou de vincular o futebol ao Estado e explorou cada centímetro da paixão nacional em prol de seus projetos de coesão social. Na década de 1940, com a chegada da Segunda Guerra Mundial, mais uma vez o cenário internacional se viu em condições de incertezas e temores, a Alemanha sediaria a próxima Copa, entretanto, devido aos conflitos, os jogos foram adiados para onze anos depois, e o Brasil seria o responsável pela organização do campeonato, porém o que houve na decisão do Maracanã, ficou para sempre marcado na história do futebol brasileiro. Apesar de todo o clima positivo existente, a Seleção perdeu o título para o Uruguai no dia 16 de julho de 1950, no Maracanã. O estádio emudeceu e a derrota calou os brasileiros.

As décadas seguintes ao desastre da Copa de 1950 retratam os anos áureos do futebol brasileiro, apesar de todo o fervor político pelo qual o país passava. As figuras de Pelé e Garrincha brilharam e, finalmente, em 1958 o Brasil ganharia a sua primeira Copa do Mundo, na Suécia. No quadriênio seguinte, a Copa retorna à América do Sul, no Chile, e o Brasil se estabelece com bicampeão mundial, em 1962. Novamente, a seleção canarinho volta a brilhar na Copa de 1970, com o tricampeonato mundial, no México.

A relação de fanatismo estabelecida pelos títulos adquiridos ao longo de algumas décadas tornou o brasileiro um assíduo frequentador de estádios e apaixonado torcedor. Esta relação intrínseca passava evidentemente, também, pela linguagem peculiar que passou a ser utilizada em todas as esferas que envolviam o universo futebolístico, as expressões empregadas nos discursos dos jogadores, dos torcedores, dos narradores, ganhavam impulso, vida e reformulação no discurso da massa, estavam estabelecidos, os termos específicos do futebol.

O Brasil passa as duas décadas seguintes por um período de apatia e decepções. As mudanças políticas, a Guerra Fria, e uma seleção que não ganhava títulos marcou o referido período. Apesar da abertura econômica, dentro de campo, a equipe brasileira não respondia aos anseios dos seus torcedores tão apaixonados. Por outro lado, o Campeonato Brasileiro ganhava força e estatuto próprio. Nesse contexto, um dos aspectos mais importantes do momento era a formalização da integração nacional pela via do futebol. Construído desde a década de 1930, pelo regime varguista, esse fenômeno foi definitivamente sacramentado na Copa de 1970.

Passados mais de trinta anos desde a última conquista de uma Copa do Mundo, o Brasil volta a brilhar em terras norte-americanas. Em 1994, a seleção ganha o seu tetracampeonato sob o comando de Romário e cia., mostrando que os brasileiros, afinal, aprenderam a vencer no novo ambiente do esporte – o da ultracompetição, feito repetido em 2002, no Japão, desta vez pelos pés e a explosão de Ronaldo. Assim, o Brasil sagrou-se tetra e pentacampeão em menos de uma década.

Após anos de tentativas, o Brasil conseguiria o direito de sediar uma nova Copa do Mundo e teria a chance de vencer o fantasma do Maracanã ocorrido em 1950, mas o sonho tornou-se um novo pesadelo, desta vez, no entanto, todo o mundo pôde assistir ao vivo e em cores a derrota por um placar elástico de 7x1, em que o Brasil perdia para a Alemanha, novamente no Estádio do Maracanã. A Copa de 2014 trouxe à tona uma realidade constatada outrora, os

craques brasileiros estão em extinção. Neste novo contexto mundial, espera-se a reformulação dos conceitos e a reerguida da Seleção, enquanto isso não ocorre, vale descrever um dos frutos desse campo linguístico tão profícuo, a linguagem especializada do futebol.

#### **4.1.4 O Campeonato Brasileiro das séries B, C e D**

O Campeonato Brasileiro de Futebol é o principal torneio entre clubes de futebol do Brasil, disputado anualmente desde 1959. Dividido em quatro séries, A, B, C e D o campeonato apresentou vários formatos, incluindo fase eliminatória e pontos corridos.

A história do Campeonato Brasileiro de Futebol com este nome (Campeonato Nacional de Clubes) se iniciou em 1971, mas em 2010 quando a Confederação Brasileira de Futebol unificou os títulos nacionais antigos, a Taça Brasil de 1959 se tornou a sua primeira edição. Após o início do Campeonato Nacional de Clubes a partir de 1971, este teve edições com inúmeros nomes, tais como Taça de Prata, Campeonato Nacional de Clubes, Taça de Ouro, Copa Brasil, Copa União e a partir de 1989, Campeonato Brasileiro de Futebol, organizado pela CBF.

Uma das características do Campeonato Brasileiro durante anos consistiu na falta da padronização no sistema de disputa, que mudava a cada ano, assim como as regras e o número de participantes. Após ter sido aprovado no Congresso Nacional o "Código do Torcedor", a CBF fez um planejamento que visava organizar o confuso calendário do futebol nacional. Reduziu o tempo disponível para as competições estaduais e adotou o sistema de turno e retorno como forma de disputa. Como esse sistema exige muito tempo do calendário, também foi reduzido o número de competidores em 2004, que eram 24, para 22 em 2005 e 20 em 2006, tanto na Série A (Primeira Divisão) quanto na Série B (Segunda Divisão). Para a Série C, a partir de 2009, com a criação da Série D, o número de clubes igualou-se aos das Séries A e B, embora com formato de disputa distinto. A Série D, por sua vez, conta com 40 clubes, adotando o sistema de eliminatórias regionais e depois "mata-mata" até as últimas fases, para que

times pequenos e com baixo orçamento tenham chance de competir. Em 2006, o Campeonato Brasileiro, foi considerado como o quinto melhor campeonato nacional de futebol do mundo pela IFFHS<sup>19</sup>.

Nesta pesquisa optou-se por trabalhar com textos de jornais populares on-line, da coluna *Caderno de Esportes*, que também sejam vendidos em sua versão impressa a um valor máximo de R\$ 1,50, com expressiva tiragem impressa que veiculassem notícias das séries B, C e D, por acreditar que a linguagem utilizada, nestes jornais, em decorrência das características de suas linhas editoriais, voltadas para as camadas “populares” da sociedade, ou seja, aquelas de menor poder aquisitivo e de menor nível de escolaridade, adequava-se consoante o domínio léxico-fraseológico de seus leitores.

Tendo como base os critérios supracitados, apresenta-se adiante algumas características referentes às séries B, C e D do Campeonato Brasileiro as quais se julga pertinentes ao trabalho ora proposto.

A segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol começou a ser disputada no ano de 1971, entretanto, apenas a partir da década de 1980 é que houve a regularidade dos jogos. Nos anos anteriores a essa data, o certame nacional era bastante democrático, pois com o objetivo de integração nacional, era disputada sem divisões de acesso.

Atualmente, o Campeonato Brasileiro da Série B é a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, já teve inúmeros formatos, incluindo fases eliminatórias e pontos corridos. A partir de 2006, então conhecido como Série B, passou a ser disputado em pontos corridos, com turno e retorno. No sistema atual, os quatro primeiros times classificados na tabela sobem para a Série A e os quatro últimos são rebaixados para a Série C.

---

<sup>19</sup> Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (em inglês: *International Federation of Football History & Statistics* - IFFHS). Para maiores informações: <http://iffhs.de/>

O Campeonato Brasileiro da Série C é um torneio equivalente à terceira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Sua primeira edição foi em 1981 e desde então o torneio mudou de regulamento diversas vezes e também teve sua disputa interrompida em algumas temporadas. A Série C funciona como uma divisão de acesso ao Campeonato Brasileiro da Série B, sendo que os quatro clubes com melhor colocação obtêm vaga no Campeonato da Série B no ano seguinte e os quatro de pior colocação são rebaixados à Série D. Desde 2009, a Série C é disputada por apenas 20 times, quando houve a criação da Série D com 40 times.

Por fim, o Campeonato Brasileiro Série D equivale à quarta divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Teve sua primeira edição realizada em 2009<sup>20</sup>, com o primeiro campeão sendo o São Raimundo Esporte Clube, do Pará. Em suas edições até 2015, teve 40 clubes. Excepcionalmente em 2009, contou com 39 clubes e em 2014, contou com 41 clubes.

#### 4.2 ETAPAS METODOLÓGICAS PARA A COLETA, A COMPILAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS*

Após decidir o tema desta investigação, qual seja *ESTUDO DA FRASEOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO DAS SÉRIES B, C E D EM JORNAIS DIGITAIS POPULARES: construção de um dicionário eletrônico*, foi preciso pesquisar os trabalhos já realizados, no Brasil, sobre essa temática, o que levou à Dissertação de Mestrado de Matuda (2011), pesquisa cujo foco principal versava sobre a fraseologia do futebol. Neste sentido, esta tese se distancia do trabalho citado anteriormente pela constituição do seu *corpus*, pois, esta investigação, trata especificamente, da fraseologia do futebol na linguagem dos jornais populares direcionando para as notícias sobre as séries B, C e D do

---

<sup>20</sup> Na amostra desta tese devido à primeira versão da Série D acontecer apenas a partir de 2009, não se tem textos dessa série referentes ao ano de 2008, sendo, portanto, a única lacuna de dados na amostra.

Campeonato Brasileiro de Futebol de Campo<sup>21</sup>. Após essa constatação, passou-se a pesquisar sobre quais jornais estariam na lista dos comumente chamados de “populares”. Logo após, visando o apanhado panorâmico da situação dessas fraseologias no Brasil, optou-se por coletar os textos em cinco jornais brasileiros: o *Massa* (Região Nordeste); o *Diário Gaúcho* (Região Sul); o *Amazônia* (Região Norte); o *Meia Hora de Notícias* (Região Sudeste) e o *Daqui* (Região Centro-Oeste). Delimitou-se também o recorte temporal em que os textos seriam coletados, optando por ficar com o período de 2008 a 2015, a opção se deu pelo fato de considerar um período pós-Copa do Mundo (2006), a realização da Copa de (2010) e também por abarcar todo o período pré-Copa do Mundo no Brasil (2014), pois entende-se que esses períodos foram extremamente profícuos para a produção de fraseologia, uma vez que grande parte da população acabou por envolver-se nesse processo.

Seguindo a orientação de Berber Sardinha (2004), quanto ao fato de que a compilação de um *corpus* deve ser sistemática e seguir critérios específicos para que os dados possam representar uma língua ou variedade linguística, o desenho do corpus ficou assim representado:

**Quadro 2 – Critérios adotados na seleção do *corpus***

<b>Conteúdo</b>	<b>Características</b>
<b>Tema</b>	Futebol
<b>Autoria</b>	De língua nativa
<b>Língua</b>	Português
<b>Meio</b>	Eletrônico
<b>Modo</b>	Escrito
<b>Tipologia textual</b>	<i>Leads</i> e notícias sobre futebol
<b>Recorte temporal</b>	8 anos (2008 a 2015)
<b>Tamanho</b>	Mais de um milhão de palavras

**Fonte:** Elaboração da autora, 2015

<sup>21</sup> Nesta investigação não serão tratados de aspectos linguísticos relacionados ao futebol feminino, nem ao futebol de salão, nem *futebol society* ou qualquer outra modalidade de futebol que não seja o masculino.

Tendo estabelecido o foco de estudo, passou-se então à constituição do *corpus*, embora fosse possível utilizar os muitos *corpora* disponíveis, tanto os que são livremente distribuídos, quanto os que se exige pagamento (as taxas geralmente são modestas para pesquisa acadêmica) – a partir dos quais se pode gerar um sub-*corpus* de estudo ou mesmo tomar o *corpus* todo como uma unidade, optou-se por coletar os próprios dados, desse modo, a constituição do *corpus* ocorreu em três estágios principais:

- 1) o projeto do *corpus*, que inclui a seleção dos textos, os anos de coleta e os cuidados com os requisitos<sup>22</sup>.
- 2) a compilação (ou captura), a manipulação, a limpeza dos textos, a conversão dos textos em formato '.txt', o armazenamento, a criação de código para a nomeação dos arquivos de textos e os pedidos de permissão de uso<sup>23</sup>.
- 3) a notação manual das possíveis fraseologismos.

#### 4.2.1 Os jornais fontes da coleta

A função referencial é a característica básica do discurso jornalístico, principalmente no registro escrito, isto é, constitui-se como um veículo que introduz o leitor na realidade do mundo, conciliando a eficiência e a aceitabilidade social. Neste caso, entende-se que há uma relação estrita entre a linguagem utilizada pela imprensa e o público ao qual ela se destina, haja vista ser possível

---

<sup>22</sup> Se o *corpus* de estudo serve ao propósito inicial da pesquisa (Kennedy, 1998; Biber *et al.*, 1998; Renouf, 1998; Sinclair, 2005): autenticidade, representatividade, balanceamento, amostragem, diversidade e tamanho.

<sup>23</sup> Neste caso, os agradecemos à professora Maria José Bocorny Finatto por ceder e autorizar a utilização de textos do jornal *O Massa* e o *Diário Gaúcho* referentes aos anos de 2010, oriundos do projeto *PopulArt* sob sua coordenação. Agradecer também ao professor Tony Berber Sardinha por ceder e autorizar a utilização dos textos do banco de dados do Banco do Português (BP) que compõem o *corpus de referência*. Agradecimentos também ao Paulo Seeman que cedeu o *corpus* inicial coletado dos jornais *A Gazeta* e *Lancenet* referentes aos anos de 2008 e 2009, mas que pelos critérios de delimitação não foram utilizados, uma vez que os textos, na sua maioria, tratavam da série A do Campeonato Brasileiro, o que se decidiu descartar nesta tese.

inferir a que segmento da população determinado veículo jornalístico se destina, mas, para tanto, é preciso observar a relação: linguagem adequada x público-alvo. Nesta tese, supôs-se que ao escolher jornais com características de viés popular se cobriria parte do discurso destinado ao público menos favorecido da sociedade, o que levou à escolha dos cinco jornais. Apresenta-se a seguir, os jornais, escolhidos como fonte de coleta do *corpus*, os quais além do formato e público-alvo, apresentam como traço comuns a versatilidade e a criatividade linguística na constituição de suas matérias.

a) Amazônia Jornal – Belém / PA

O *Amazônia Jornal* circula na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. É vendido de segunda a sábado a R\$ 1,00 e aos domingos a R\$ 1,50. Fundado em 2000, o jornal apresenta características de diagramação e constituintes internos próprios da linguagem popular. A **Figura 12** mostra uma de suas capas, a qual traz em sua manchete um exemplo de fraseologismo, a saber: *virada de mesa*.

Figura 12 – Amazônia Jornal



Fonte: <http://www.ormnews.com.br/esporte/brasileirao/serie/d/page/72#>

Tendo sofrido mudanças ao longo dos anos, em 2005 passou a chamar-se *Amazônia Hoje*, nome que não se sustentou por muito tempo e, em meados de 2006, voltou a ser chamado de *Amazônia Jornal*. Constituído de 4 cadernos principais, esse tabloide aborda os mais variados assuntos, dando ênfase em suas manchetes a temáticas do *Caderno de Polícia*, *Cadernos de Esportes* e *Entretenimento*.

b) Daqui – Goiânia / GO

O jornal *Daqui*, **Figura 13**, é o veículo de maior circulação na Região Metropolitana de Goiânia. Com formato econômico e preço popular, além de ser integrado com outras plataformas como rádio e internet, busca levar notícias e entretenimento que influenciam o dia a dia da população e mostra o que de mais importante acontece com linguagem simples e dinâmica.

Figura 13 – Jornal Daqui



Fonte: [www.jornaldaqui.com.br/](http://www.jornaldaqui.com.br/)

O jornal *Daqui* começou a circular na capital goiana, apostando na estratégia de unir informação de qualidade a um preço baixo (apenas R\$ 0,50) e uma linguagem popular, que facilita para o leitor, que em pouco tempo consegue ficar informado com o que acontece na região de Goiânia e do Brasil.

c) Diário Gaúcho – Porto Alegre / RS

O *Diário Gaúcho* é um jornal pertencente ao mesmo grupo do jornal *Zero Hora*, o Grupo RBS. É editado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, segue o estilo dos tabloides britânicos, com títulos altamente grifados e em cores chamativas nas capas de suas edições. É categorizado como um jornal popular, direcionado às classes C, D e E da Grande Porto Alegre.

Figura 14 – Jornal Diário Gaúcho



Fonte: [www.diariogaucho.com.br/](http://www.diariogaucho.com.br/)

O jornal Diário Gaúcho, **Figura 14**, apresenta sete colunas, dentre elas o *Caderno de Esportes*. De circulação diária, excetuando-se os domingos, o jornal chega às bancas de segunda a sexta-feira a R\$ 1,00 e aos sábados a R\$ 1,25.

d) Meia Hora de Notícias – Rio de Janeiro/RJ

Fundado em 2005, o jornal *Meia Hora de Notícias* se constitui como um tabloide de notícias populares publicado na cidade do Rio de Janeiro. A missão do jornal é fornecer ao público em geral informações com pitadas de humor e uma leitura fácil de ser feita. As manchetes sempre cheias de trocadilhos são o ponto alto do jornal.

**Figura 15 – Jornal Meia Hora de Notícias**



Fonte: [www.jornalmeiahora.com.br](http://www.jornalmeiahora.com.br)

Com o *slogan* "Nunca foi tão fácil ler jornal", o periódico tem como público um segmento, identificado em pesquisa, que não tem recursos e/ou tempo

disponível para ler jornal. Este tabloide é muito criticado pelos leitores de jornais mais tradicionais sempre tendo crítica por seu conteúdo, geralmente mais popular, e por sua linguagem, que abusa de gírias e de um português bastante coloquial. Em 2013, foi eleito o periódico mais lido do Rio de Janeiro.

e) *O Massa!* – Salvador / BA

O jornal *O Massa!* apresentou-se como uma alternativa de acesso a informação para as classes C e D dos bairros populares de Salvador. Sua principal característica é a linguagem, cheia de inovações e diferencial no conceito editorial.

O primeiro jornal popular da Bahia, aposta na linguagem coloquial, mas nem por isso menos informativa. *O Massa!* objetiva mostrar mais da rotina nos bairros populares de Salvador, refletindo a sua diversidade cultural. Além disso, mostra-se atento às ações de incentivo ao exercício da cidadania. As matérias são curtas e objetivas e, geralmente, tratam de assuntos, como esportes, famosos, casos de polícia e interesses do leitor. Apresenta um design colorido, com muitas ilustrações e fotos.

Figura 16 – Jornal *O Massa!*



Fonte: [www.omassajournal.com.br](http://www.omassajournal.com.br)

#### 4.2.2 Da coleta, limpeza e nomeação do *corpus*

Inicialmente, procedeu-se à decisão de qual modalidade (oral, escrita ou ambas) iria se tratar. Optou-se pela coleta de textos na modalidade escrita<sup>24</sup> hospedados on-line, os quais estavam disponíveis na coluna Caderno de Esportes nos sites escolhidos.<sup>25</sup>

O recorte definido como padrão para esta pesquisa requeria textos coletados num período de 8 anos (2008 a 2015), o que causou o primeiro impasse da fase de coleta, pois nem todos os jornais mantêm disponíveis em suas plataformas todas as edições, ou seja, algumas notícias veiculam seus exemplares apenas pelo período de 30 dias e logo em seguida são retirados dos *sites*, o que forçou a autora a efetuar a assinatura dos jornais para ter acesso às edições anteriores. Após as assinaturas, a procura pelos textos ocorreu normalmente e se teve acesso às notícias sem problemas, entretanto, com o *Amazônia Jornal*, de Belém-Pará, aparece o segundo impasse, isto é, mesmo tendo sido feita a assinatura, o jornal não dispunha dessas edições anteriores porque só começou a circular *on-line*, com esse nome, a partir de 2010, o que fez com que a coleta dos textos de arquivos em pdf fosse feita no próprio jornal.

A **Figura 17** mostra como as notícias estão hospedadas na página do *site*, respeitando a organização cronológica das publicações. No caso do exemplo, todas as notícias são referentes à Série C do Campeonato Brasileiro do ano de 2013 do jornal *Amazônia*. É possível, inclusive, verificar o horário em que a notícia foi publicada.

---

<sup>24</sup> Conforme Berber Sardinha (2004).

<sup>25</sup> Os sites dos jornais selecionados para a captura dos textos desta pesquisa foram: Região Sul: [www.diariogaoucho.com.br/](http://www.diariogaoucho.com.br/); Região Sudeste: [www.meiahorajournal.com.br/](http://www.meiahorajournal.com.br/); Região Centro Oeste: [www.jornaldaqui.com.br/](http://www.jornaldaqui.com.br/); Região Norte: [www.ormnews.com/amazonia](http://www.ormnews.com/amazonia); Região Nordeste: [www.jornalomassa.com.br/](http://www.jornalomassa.com.br/).

**Figura 17 – Exemplo de notícias retiradas de um dos sites consultados**

The screenshot shows the website <http://www.ormnews.com.br/esporte/brasileirao/serie-c/page/84>. The page is titled "brasileirão - Série C" and features a navigation menu with categories like Futebol, Vôlei, Basquete, Atletismo, Velocidade, Tênis, Esportes Aquáticos, Artes Marciais, and Mais. The main content area is titled "Veja Mais" and lists several news items:

- 07 de julho, 2013 - 18h00: **Águia de Marabá joga mal e perde para o Sampaio Corrêa (MA) no Manguirão**. Arlindo Maracanã e Pimentinha marcaram para o time maranhense.
- 03 de julho, 2013 - 14h16: **Com estreias agendadas, Águia enfrentará tabu de derrotas no Manguirão**. Azulão não vence no Olímpico há quatro anos, quando derrotou o Fluminense, pela Copa do Brasil.
- 28 de junho, 2013 - 16h20: **Águia faz amistoso contra o Jacaré neste sábado (29)**. João Galvão pretende dar ritmo de jogo aos seus atletas antes de enfrentar o Sampaio Corrêa (MA).
- 25 de junho, 2013 - 16h55: **Dirigente do CRB fala sobre negativa da CBF no repasse de cotas de TV**. Ednilton Lins reconhece que entidade não tinha obrigação de repassar valores.
- 25 de junho, 2013 - 16h55: **Dirigente do CRB fala sobre negativa da CBF no repasse de cotas de TV**. Ednilton Lins reconhece que entidade não tinha obrigação de repassar valores.
- 13 de junho, 2013 - 19h39: **Águia anuncia mais uma contratação para a Série C do Brasileirão**. Diego Palhinha chega para reforçar o meio-campo do Azulão.
- 11 de junho, 2013 - 11h05: **Águia deve contratar mais três reforços para a Série C**. Parada para Copa das Confederações deve ter quatro amistosos para o Azulão.
- 02 de junho, 2013 - 07h45: **Águia estreia hoje na Série C contra o CRB de Alagoas**. Azulão procura recuperar prestígio dos torcedores, após cair no Estadual.

On the right side of the page, there are video thumbnails with the "Assista" logo, including one titled "Assista aos melhores momentos do empate entre Parauapebas e Paysandu".

Fonte: <http://www.ormnews.com.br/esporte/brasileirao/serie-c/page/84>

Na **Figura 17**, visualizam-se todas as notícias da página com suas manchetes e *leads*. Para agilizar a coleta dos textos, eram abertas várias janelas ao mesmo tempo e as notícias copiadas para o documento *Word*, sem formatação, para em seguida transformá-lo na extensão 'txt'.

Ao continuar a navegação, ao dar um clique na notícia, a tela seguinte já apresentava a notícia completa, incluindo um pequeno resumo introdutório, como mostra a **Figura 18**.

**Figura 18 – A notícia como ela aparece no site**

noticia.asp?noticia\_id=6

ORMNews - Águia de Mara...

brasilairão - Série C

UM MUNDO DE INFORMAÇÕES EM SUAS MÃOS POR APENAS R\$ 1,99\* VOCÊ ASSINA O LIBERAL DIGITAL \*A partir do segundo mês R\$ 19,90 PARA ASSINAR LIGUE: 3204.4000

Pague em até 10x sem juros

compre aqui

Azul

**Águia de Marabá joga mal e perde para o Sampaio Corrêa (MA) no Manguelirão**

Arlindo Maracanã e Pimentinha marcaram para o time maranhense

04/17 DE JULHO DE 2013 - 18:40 - **0x2**

Facebook 0 Twitter Google+ YouTube

O Águia de Marabá jogou mal e perdeu para o Sampaio Corrêa (MA) por 2 a 0 em Selim, no Manguelirão, pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro da Série C. O Azulão estacionou nos quatro pontos. Já os maranhenses chegaram aos sete e agora dividem a liderança com o Fortaleza (CE).

**O JOGO**

**Águia de Marabá 0x2 Sampaio Corrêa (MA)**

**1º tempo** - Com quatro minutos, o Sampaio Corrêa abriu o placar. Thiago Cavalcante passou por dois adversários e cruzou para Arlindo Maracanã, que completou para o fundo de rede de Jair para abrir o placar no Manguelirão. 1 x 0 Sampaio.

Aos 10 minutos, quase o Azulão maranhense empatou a partida. Após cruzamento, Junior Timbó subiu mais que a marceação e cabeceou para o gol. A bola passou perto da meta de Rodrigo Ramos e foi para fora.

Com 26 minutos, o time marabaense quase empatou a partida. Após cobrança de escanteio, o zagueiro Remando se agachou para cabecear a bola e acabou acertando o travessão de Rodrigo Ramos, que só o deixou.

Mas, melhor em campo, a Bolívia maranhense teve as melhores oportunidades até o final do primeiro tempo. Com 35, Cleitinho teve a chance de ampliar, mas desperdiçou. Só que Pimentinha foi mais eficiente aos 45 minutos, ao entrar na área, driblar o goleiro Jair e mandar a bola para o fundo do barbaente. 2 x 0 Sampaio.

**2º tempo** - Correndo atrás do empate, aos três minutos, o Águia de Marabá chegou ao gol de Rodrigo Ramos em cobrança de falta de Flamiel, mas o goleiro do time maranhense segurou a bola. Com 11, em outra cobrança de falta, Anderson Luis tentou e Rodrigo Ramos fez a defesa.

Só que aos 12, o Sampaio Corrêa teve a melhor oportunidade na etapa complementar. Pimentinha chutou na saída de Jair e perdeu a chance de marcar o terceiro gol do Bolívia maranhense.

Aos 14 minutos, Junior Timbó chutou e quase diminui o placar para o Águia. Com 18 minutos, Pimentinha chutou e o goleiro Jair fez a defesa em dois tempos, evitando o terceiro gol do Sampaio. Aos 23 minutos, Kenon chutou e Mimica afastou o perigo. Aos 26 minutos, André Beleza acertou a trave de Jair e quase o Sampaio Começa marca o terceiro gol no Manguelirão.

**Ficha Técnica**

**Águia de Marabá 0x2 Sampaio Corrêa (MA)**

**Mais Acessadas**

VOLÚNDIA  
Jovens é testado durante acadêmia e estreia no Tettygalo

SICHI NÃO PODE PARAR  
Cantora é goleada por cobra e acaba marcando no palco. Veja!

VOLÚNDIA SEM FIM  
Oito flocos felizes após assalto a ônibus no Tettygalo

DEU PRO GATO?  
Fidelino Alves marca e Parysandro vence o São Bráscio na Canaúva

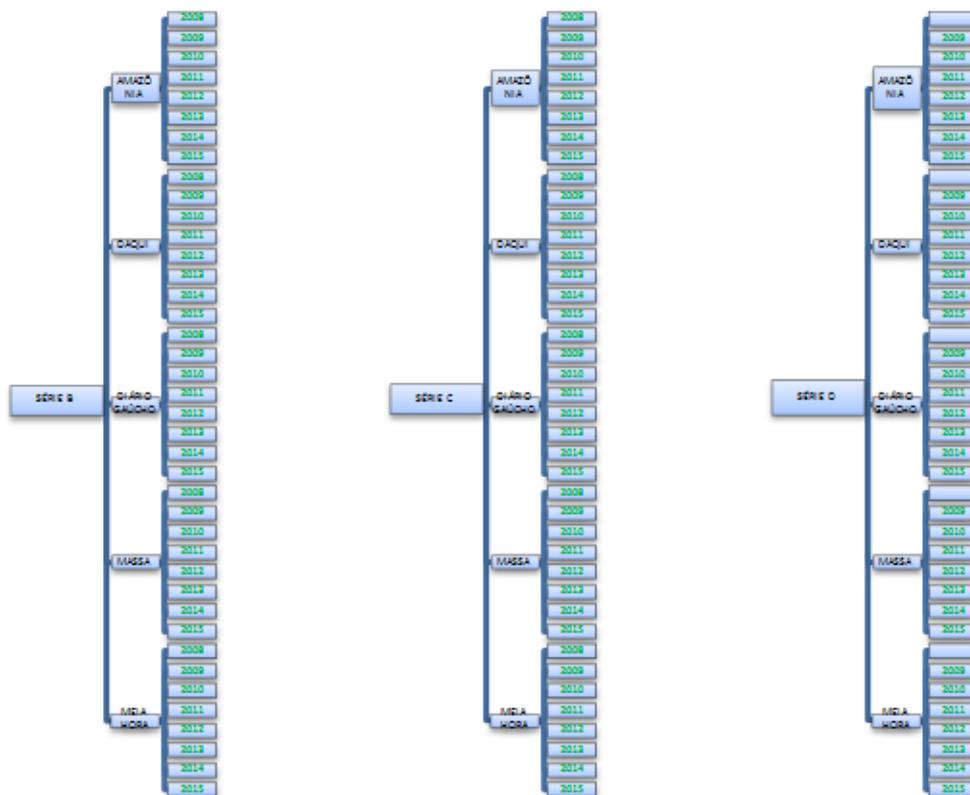
**OLIBERAL** **LIBERAL**  
Atualize-se

**galerias** veja mais

Fonte: [www.ormnews.com.br/amazonia/noticias](http://www.ormnews.com.br/amazonia/noticias)

Considerando os aspectos citados anteriormente, coletou-se os textos de modo que as células do organograma fossem preenchidas, conforme a **Figura 19** a seguir:

**Figura 19** – Organograma do *corpus*



Fonte: Elaboração: da autora, 2016.

A observação da **Figura 19**, mostra que apenas as células referentes à Série D do ano de 2008 não estão preenchidas devido ao fato de que esta série só passou a acontecer a partir do ano de 2009. Nos demais casos, as células estão preenchidas normalmente.

A coleta dos textos ocorreu no período de julho de 2014 a janeiro de 2016. Após a coleta procedeu-se à limpeza dos textos, de modo que foram retiradas as imagens, as propagandas e todos os caracteres que não faziam parte do texto e não interessavam nesta pesquisa. A limpeza tornou-se uma tarefa laboriosa uma vez que as notícias vinculadas estão ancoradas em *sites*, e estes por sua vez são patrocinados, de forma que há muita “poluição” em torno desse tipo de registro.

Inicialmente, procedeu-se a coleta das notícias em todos os dias da semana, entretanto, percebeu-se que, em alguns dias, essas notícias eram mais escassas, isso se deve ao fato de haver um período propenso a esse tema.

Como os jogos das séries B, C e D acontecem na sexta e no sábado e, algumas vezes, no meio da semana, optou-se por captar notícias às terças, quintas e sextas-feiras e aos domingos, pois assim abarcaria-se o período anterior aos jogos, de preparação, e os momentos posteriores aos jogos, de comentários acerca das partidas.

A coleta sistemática dos dados necessários a partir do primeiro dia do ano até o final do campeonato<sup>26</sup> possibilitou ter uma visão geral de como o processo do futebol acontece nas divisões menos conhecidas do futebol brasileiro. Percebeu-se que no início de cada ano, as notícias versavam mais sobre contratações, jogadores que transitavam entre um time e outro, ações que acabaram refletindo nos fraseologismos identificados, pois há unidades que são específicas desses campos semânticos, jurídico e preparação física, tais como *bater o martelo*, *arrumar as malas* e *treino tático*. Foi possível também cobrir o período de férias, momento em que as notícias aparecem em menor número, assim como foi possível verificar também a *dança das cadeiras* dos técnicos e as prévias do campeonato em que os times praticam muitos *treinos amistosos* e se preparam para o *início das temporadas*, isto é, o *pontapé inicial*.

Tendo realizada a extração dos elementos desnecessários, iniciou-se a conversão dos textos em arquivo '.txt' no programa Bloco de Notas, pois essa é uma das extensões que o *software* WS reconhece. Organizou-se os textos em pastas conforme a série a que pertenciam: B, C ou D e esta escolha não foi aleatória, uma vez que a série do campeonato é uma característica diferenciada para o foco de investigação, principalmente quando confrontada com a série A, para onde os holofotes da imprensa se voltam com maior fervor e produtividade.

Em seguida, os dados coletados foram separados conforme a região da federação em que estavam localizados os jornais-alvo da pesquisa e o ano em que a notícia havia sido veiculada. Neste caso, os cinco jornais estavam localizados nas capitais de cinco estados. Acredita-se que ao eleger capitais de

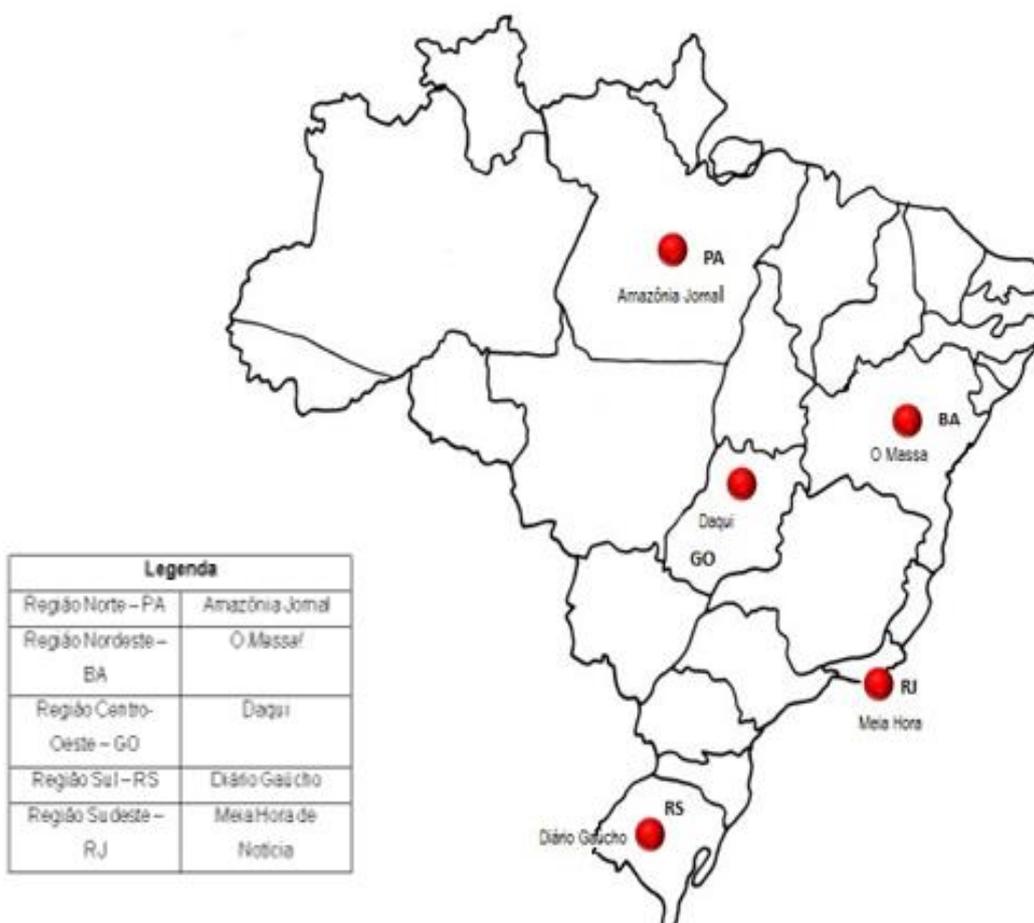
---

<sup>26</sup> Os Campeonatos Brasileiros das séries B, C e D iniciam, geralmente, em maio e terminam nos meses de outubro (Série D) e novembro (séries B e C). Há, em média, 38 rodadas em todas as séries.

regiões diferentes, se está coletando a variedade linguística dessas comunidades, separadas geograficamente, mas que ao mesmo tempo são tão próximas no discurso, uma vez que tratavam da mesma temática e seus textos ancorados na mesma plataforma, isto é, unidos pela *web*.

A referência diatópica que aparecer no *corpus* está referendada no código do contexto de ocorrência do fraseologismo. A **Figura 20** ilustra a distribuição geográfica dos jornais selecionados conforme as suas regiões de origem.

**Figura 20 – Jornais em que os textos foram coletados conforme a região**

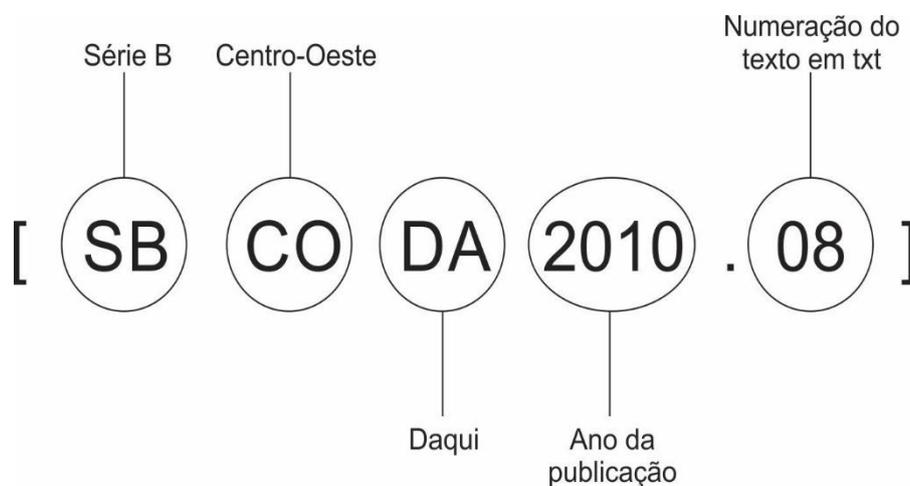


**Fonte:** [www.google.com.br](http://www.google.com.br) e preenchida pela autora no programa *Paint*

Apesar de a distribuição geográfica não ter sido eleita um critério inicialmente, a seleção dos textos conforme os jornais que podiam fornecer notícias sobre o futebol no recorte temporal escolhido acabaram por caracterizar, naturalmente, a distribuição diatópica.

Após a definição dos fenômenos que seriam importantes para a pesquisa (série, região, jornal e ano), a nomeação dos arquivos por meio dos códigos estabelecidos apresentou configuração como a do exemplo abaixo. Os códigos gerados estão apresentados ao final de cada exemplo citado na escrita da tese, assim como nas abonações referentes ao contexto, nas entradas do dicionário. Para efeito de identificação os códigos estão entre colchetes, tal qual na **Figura 21**.

**Figura 21 – Exemplo de código de nomeação de artigo**



**Fonte:** Elaboração: da autora, 2016.

A nomeação registrada na **Figura 21** possibilitou a codificação contínua do *corpus* sob análise, esse padrão foi o mesmo para os demais arquivos, conforme a série, a região, o jornal e o ano. O trabalho envolvendo todas as etapas supracitadas resultou na constituição de um *corpus* com 2.674 textos coletados, como mostra a Tabela 2, abaixo:

**Tabela 2 – Quantidade de textos do *corpus* conforme a Série**

Série	Quantidade de textos
Série B	1.592
Série C	654
Série D	428
<b>Total</b>	<b>2.674</b>

**Fonte:** Elaboração: da autora, 2016.

Após a constituição do *corpus* foi possível iniciar o processo de compilação e extração dos candidatos a fraseologismos. tarefa subsequente listada nos próximos parágrafos.

Como estabelecido no roteiro de coleta do *corpus*, usou-se a notação como forma de identificar também os fraseologismos, considerando que o programa *WST* considera a frequência como critério mais que específico para a seleção. Assim, o *corpus* foi explorado também à moda antiga, isto é, *a olho nu*.

Essa foi uma das tarefas mais interessantes da etapa de identificação das unidades fraseológicas, pois houve o contato com os dados, muito além da manipulação, e permitiu a identificação de fraseologismos que apresentam pouca produtividade no *corpus*, mas que são ocorrências identificadas no uso comum e refletem o aspecto cristalizado de sua estrutura, como é o caso de *pimba na gorduchinha*, fraseologismo muito utilizado na língua geral, criado por Osmar Santos, locutor dos anos 1970, muito famoso no Brasil e que indica *chute na bola*, que no *corpus* só apareceu três vezes, mas é uma combinação cristalizada e cujo domínio discursivo já extrapolou as *quatro linhas* do gramado. A observação dos dados levou à identificação de 586 ocorrências no *corpus*, as quais foram referendadas nas listas geradas pelo programa e que compõem o dicionário fraseológico proposto nesta tese. Abaixo o quadro com algumas das unidades encontradas manualmente:

**Quadro 3 – Fraseologias encontradas a olho nu**

01	ABERTURA DA MARCAÇÃO
02	ABERTURA DE RODADA
03	ABERTURA, RODADA DE
04	ABERTURA DA RODADA
05	ABERTURA DO PLACAR
06	ABERTURA DO RETORNO
07	ABERTURA DAS QUARTAS DE FINAIS
08	ABERTURA DAS OITAVAS DE FINAIS
09	ABERTURA DA OITAVA RODADA
10	ABERTURA DA QUARTA RODADA
11	ACESSO, ZONA DE
12	ACESSO, FASE DE
13	ACESSO, DIVISÃO DE
14	ACESSO, GRUPO DE
15	ACESSO, ROTA DE
16	ACESSO, FAIXA DE
17	ACESSO, JOGO DO
18	ACESSO, APROXIMAR DO
19	ACESSO, BRIGAR PELO
20	ACESSO, LUTAR PELO
21	ACESSO, BRIGA PELO
22	ACESSO, BRIGANDO PELO ACESSO
23	ACESSO, BRIGAR ATÉ O FINAL PELO
24	ACESSO, PRESSÃO PELO
25	ACIONAR OS ATACANTES
26	ACIONAR OS LATERAIS
27	ACIONAR O MEIA
28	ACIONAR O CENTROAVANTE
29	MARCAÇÃO ADIANTADA
30	AMADOR, DEPARTAMENTO
31	AMISTOSO, JOGO
32	AMPLA VANTAGEM
33	AMPLA SUPERIORIDADE
34	AMPLIA VANTAGEM
35	AMPLIA JEJUM
36	AMPLIA A VANTAGEM
37	AMPLIAR O PLACAR
38	AMPLIAR A VANTAGEM
39	AMPLIAR O MARCADOR
40	APITO FINAL
41	APITO INICIAL
42	APITO, DONO DO

43	APLICAR A REGRA
44	APLICAR UMA GOLEADA
45	ARBITRAGEM, TRIO DE
46	ARBITRAGEM, ESCALA DE
47	ARBITRAGEM, DESPESAS DE
48	ARBITRAGEM, DE ESCALA
49	ARBITRAGEM, EQUIPE DE
50	ARCO, LONGE DO
51	ARCO, FORA DO
52	ARCO, PERTO DO
53	ARCO, POR CIMA DO
54	ARCO ADVERSÁRIO
55	ARCO LISTRADO
56	ÁREA, INVADIU A
57	ÁREA, CRUZOU PARA A
58	ÁREA, CRUZAMENTO PARA A
59	ÁREA, DENTRO DA
60	ÁREA, FORA DA
61	ÁREA, ENTRADA DA
62	ÁREA, ENTROU NA
63	ÁREA, NA PEQUENA
64	ÁREA, BOLA NA
65	ÁREA, NA FRENTE DA
66	ÁREA, NA GRANDE
67	ARENA, DENTRO DA
68	ARENA DA FLORESTA
69	ARMAR A JOGADA
70	ARMAS AS JOGADAS
71	ARMAR CONTRA ATAQUES
72	ARREMESSO DE OBJETOS
73	ARRUMAR O PALCO
74	ARRUMAR A CASA
75	ARRUMAR AS MALAS
76	ARTILHEIRO DO TIME
77	ARTILHEIRO DA EQUIPE
78	ARTILHEIRO, FARO DO
79	ARTILHEIRO, MARCA DO
80	ATAQUE, PARA O
81	ATAQUE, CAMPO DE
82	ATAQUE, DUPLA DE
83	ATAQUE, JOGADAS DE
84	ATAQUE FULMINANTE
85	ATAQUE EM VELOCIDADE

86	ATAQUE MUITO JOVEM
87	ATIRAR CONTRA AS PRÓPRIAS REDES
88	ATUAÇÃO NO CAMPO
89	ATUAÇÃO NO GRAMADO
90	ATUAÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO
91	ATUAÇÃO DO TIME
92	ATUANDO EM CASA
93	ATUANDO FORA DE CASA
94	ATUANDO COM UM JOGADOR A MAIS
95	ATUANDO DENTRO DE CASA
96	ATUANDO COMO LÍBERO
97	ATUANDO PELAS EXTREMAS
98	ATUANDO DIANTE DE SUA TORCIDA
99	ATUANDO EM SEUS DOMÍNIOS
100	ATUANDO COMO TITULARES
101	ATUANDO ENTRE OS TITULARES
102	ATUANDO COMO VOLANTE
103	ATUANDO COM O VOLANTE
104	BAILE, LEVOU UM
105	BAILE, DEU UM
106	BANCO DE RESERVAS
107	BANCO, CORTADO DO
108	BANCO, SAI DO
109	BANCO, SAIR DO
110	BANCO, SAIU DO
111	BANCO, FICAR NO
112	BANCO, APOSTOU NO
113	BANCO, DOS RÉUS
114	BANDEJA, DE
115	BARBANTE, FUNDO DO
116	BARBANTE, PARA O FUNDO DO
117	BARREIRA, ENCOBRIR A
118	BARREIRA, ENCOBRIU A
119	BARREIRA ABRIU
120	BARREIRA, FORA DA
121	BARREIRA, TIRAR DA
122	BARREIRA, POR CIMA DA
123	BARREIRA, PENETRAR A
124	BARREIRA, PENETRAR A FORTE
125	BARREIRA, BATEU NA
126	BARREIRA, DESVIO NA
127	BARREIRA, FALTA NA
128	BARREIRA, ESBARRADAS PELA

129	BASE DO TIME
130	BASE, DESDE A
131	BASE, JOGADORES DA
132	BASE DO CLUBE
133	BASE, GAROTOS DA
134	BASE, DA
135	BASE, CRIA DA
136	BASE, FORMADO NA
137	BASE, REVELADO NA BASE
138	BASE, DESPONTOU DA
139	BASE, TABELA
140	BATER CRUZADO
141	BATER NA TRAVE
142	BATER NO CANTO
143	BATER O MARTELO
144	BATER DE CANHOTA
145	BATER DE DIREITA
146	BATER PARA O GOL
147	BATER UMA BOLINHA
148	BATER RASTEIRO
149	BATER RASTEIRO NO CANTO
150	BATER COM EXTREMA CATEGORIA
151	BATER BOCA
152	BATIDA NO CANTO ESQUERDO
153	BATIDA NA TRAVE
154	BATIDA PARA FORA
155	BATIDA PARA DENTRO
156	BATIDA, PASSOU
157	BEQUES, DUPLA DE
158	BICICLETA, DE
159	BICICLETA, UMA
160	BICO, CHUTE DE
161	BICO, MANDOU DE
162	BICO, MEIO DE
163	BICO DA GRANDE ÁREA
164	BICO DA ÁREA
165	BICO NA REDONDA
166	BICO ESQUERDO DA ÁREA
167	BILHETERIA, RENDA DE
168	BLOQUEIO, FURAR O
169	BLOQUEIO, FUROU O
170	BOCA DA ÁREA
171	BOLA QUADRADA

172	BOLA NA REDE
173	BOLA NA TRAVE
174	BOLA PARADA
175	BOLA ALÇADA NA ÁREA
176	BOLA NO TRAVESSÃO
177	BOLA ESTICADA
178	BOLA ESTICADA NA ÁREA
179	BOLA LEVANTADA
180	BOLA LEVANTADA DA PONTA
181	BOLA NA ENTRADA DA ÁREA
182	BOLA PERIGOSA
183	BOLA DEFESA
184	BOLA CHEIA
185	BOLA CHEIA DE EFEITO
186	BOLA COM EFEITO
187	BOLA ROLANDO
188	BOLA PERDIDA
189	BOLA, SEGUNDA
190	BOLA AÉREA

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

Assim como a etapa de compilação, esta etapa também foi essencial para a identificação das unidades em questão.

#### 4.2.2.2 Da compilação do *corpus*

Como dito anteriormente (Capítulo 2) para a compilação e a extração dos candidatos a unidades fraseológicas foi usado o *software WordSmith Tools*, versão 5.0 Demo. Compilou-se um *corpus* de 1.234.81 palavras distribuídas em 2.674 textos, conforme o quadro abaixo:

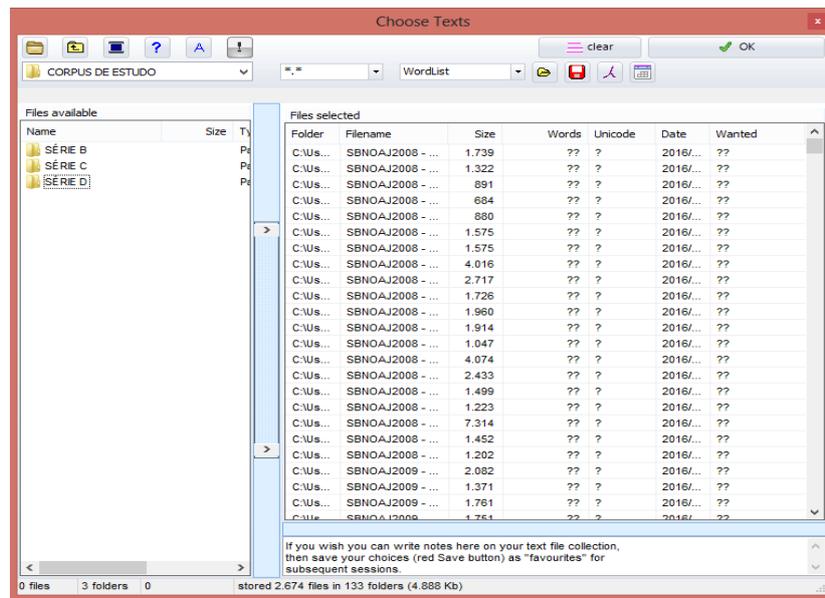
**Quadro 4 – Dados do *corpus***

Língua	N. de arquivos	N. de textos	N. de palavras
Português	133	2.674	1.234.81

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

Para gerar uma *WordList* é preciso clicar no comando *arquivo* 'file' no menu principal, depois em *novo* 'new', depois em escolher textos 'choose new texts', e escolher os arquivos, conforme mostra a figura a seguir:

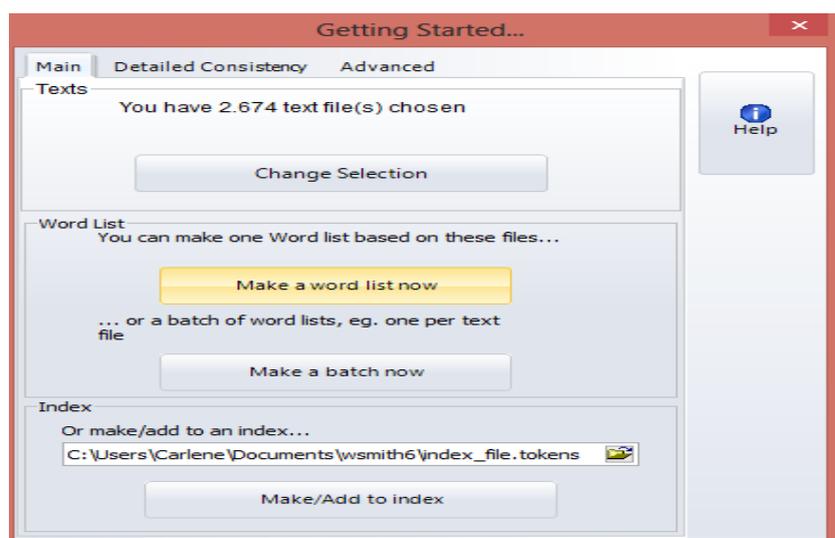
**Figura 22 – Textos selecionados para a *WordList***



Fonte: Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*

Em seguida, clicar em '*make a WordList now*' e a lista é gerada, conforme a figura 23.

**Figura 23 – Lista de palavras gerada pelo *WordList***



Fonte: Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*.

**Figura 24 – Lista de palavras do *corpus* de estudo**

N	Word	Freq	%	Texts	% Lemmas	Set
11	DA	19.936	1,15	7	100,00	
12	NA	19.392	1,12	7	100,00	
13	UM	12.045	0,70	7	100,00	
14	N:O	11.599	0,67	6	85,71	
15	POR	10.594	0,61	7	100,00	
16	OS	9.984	0,58	7	100,00	
17	FOI	8.484	0,49	7	100,00	
18	UMA	8.041	0,46	7	100,00	
19	MAS	7.619	0,44	7	100,00	
20	SE	7.517	0,43	7	100,00	
21	AO	6.696	0,39	7	100,00	
22	MAIS	6.613	0,38	7	100,00	
23	S	6.046	0,35	6	85,71	
24	AOS	5.993	0,35	7	100,00	
25	GOL	5.420	0,31	7	100,00	
26	TIME	5.276	0,30	7	100,00	
27	PELO	5.241	0,30	7	100,00	
28	JOGO	5.055	0,29	7	100,00	
29	DOS	4.995	0,29	7	100,00	
30	J:	4.580	0,26	6	85,71	
31	PUBLICADA	4.532	0,26	2	28,57	

Fonte: Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*.

Além da *WordList* do *corpus* total foram geradas *WordLists* por cada série, nas quais se verificou que a palavra mais frequente em todas as séries é “time”. A distribuição dos textos conforme a cada Série pode ser visualizada na figura abaixo.

**Figura 25 – *WordLists* das Séries B, C e D**

N	Word	Freq	%	Texts	% Lemmas	Set
23	TIME	2.467	0,45	1.062	66,83	
24	MAS	2.450	0,45	1.014	63,81	
25	SE	2.400	0,44	1.062	66,83	
26	MAIS	2.223	0,41	999	62,87	
27	AO	2.178	0,40	1.022	64,32	
28	JOGO	1.858	0,34	876	55,13	
29	AOS	1.810	0,33	595	37,44	
30	JÁ	1.769	0,32	988	62,18	
31	CONTRA	1.707	0,31	878	55,25	
32	PELO	1.701	0,31	916	57,65	
33	TEXTO	1.568	0,29	1.560	98,17	
34	GOL	1.542	0,28	530	33,35	
35	PELA	1.431	0,26	849	53,43	
36	PARTIDA	1.427	0,26	739	46,51	
37	DOS	1.425	0,26	813	51,16	
38	COMO	1.402	0,26	768	48,33	
39	CLUBE	1.374	0,25	714	44,93	
40	AS	1.331	0,24	789	49,65	
41	MINUTOS	1.296	0,24	441	27,75	
42	PAYSANDU	1.293	0,24	409	25,74	
43	À	1.287	0,23	766	48,21	

N	Word	Freq	%	Texts	% Lemmas	Set
21	TIME	877	0,49	402	61,47	
22	É	829	0,46	374	57,19	
23	UMA	815	0,45	412	63,00	
24	SE	774	0,43	393	60,09	
25	MAS	729	0,40	355	54,28	
26	MAIS	653	0,36	342	52,29	
27	CAMPEONATO	636	0,35	438	66,97	
28	TEXTO	635	0,35	632	96,64	
29	JÁ	625	0,35	353	53,98	
30	JOGO	619	0,34	306	46,79	
31	BRASILEIRO	614	0,34	447	68,35	
32	AOS	610	0,34	215	32,87	
33	PELO	573	0,32	331	50,61	
34	PAYSANDU	572	0,32	217	33,18	
35	AO	563	0,31	323	49,39	
36	GRUPO	557	0,31	259	39,60	
37	ÁGUIA	551	0,30	187	28,59	
38	PONTOS	526	0,29	225	34,40	
39	CLUBE	523	0,29	244	37,31	
40	PELA	489	0,27	321	49,08	
41	PARTIDA	485	0,27	263	40,21	

N	Word	Freq	%	Texts	% Lemmas	Set
21	TIME	647	0,53	272	63,55	
22	UMA	581	0,48	271	63,32	
23	JOGO	562	0,46	220	51,40	
24	É	534	0,44	245	57,24	
25	MAS	520	0,43	235	54,91	
26	SE	499	0,41	241	56,31	
27	JÁ	445	0,37	249	58,18	
28	AO	435	0,36	235	54,91	
29	BRASILEIRO	433	0,36	312	72,90	
30	CAMPEONATO	430	0,35	301	70,33	
31	PELO	404	0,33	223	52,10	
32	ESTÁDIO	397	0,33	235	54,91	
33	FINAL	394	0,32	187	43,69	
34	MAIS	392	0,32	208	48,60	
35	TEXTO	373	0,31	373	87,15	
36	CLUBE	368	0,30	200	46,73	
37	AOS	361	0,30	118	27,57	
38	PUBLICADO	360	0,30	360	84,11	
39	PARTIDA	351	0,29	190	44,39	
40	SÃO	315	0,26	162	37,85	
41	DOMINGO	303	0,25	200	46,73	

**Fonte:** Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*

Salvas as listas de palavras, assim como as demais geradas pelo *software*, no diretório C:/ do computador na pasta *WordSmith*, em seguida, elas foram comparadas com a lista de palavras do *corpus* de referência<sup>27</sup>, como já comentado no Capítulo 2, para poder gerar a lista de *KeyWords*.

Ao gerar a *WordList* obtêm-se dados estatísticos, o que possibilita verificar o balanceamento do *corpus*, pois em alguns momentos da coleta foi preciso alimentar o banco de dados com mais textos de determinados jornais, como foi

---

<sup>27</sup> Não há um tamanho certo para o *corpus* de referência, mas o ideal é que ele seja bem maior que o *corpus* de estudo.

o caso do jornal *O Massa*, de Salvador, cujas notícias coletadas eram poucas e que precisavam aumentar o número de textos até que houvesse o alinhamento entre os dados pesquisados. Por meio da estatística do *corpus* é possível verificar o número total de palavras (*tokens*) e de palavras diferentes (*types*):

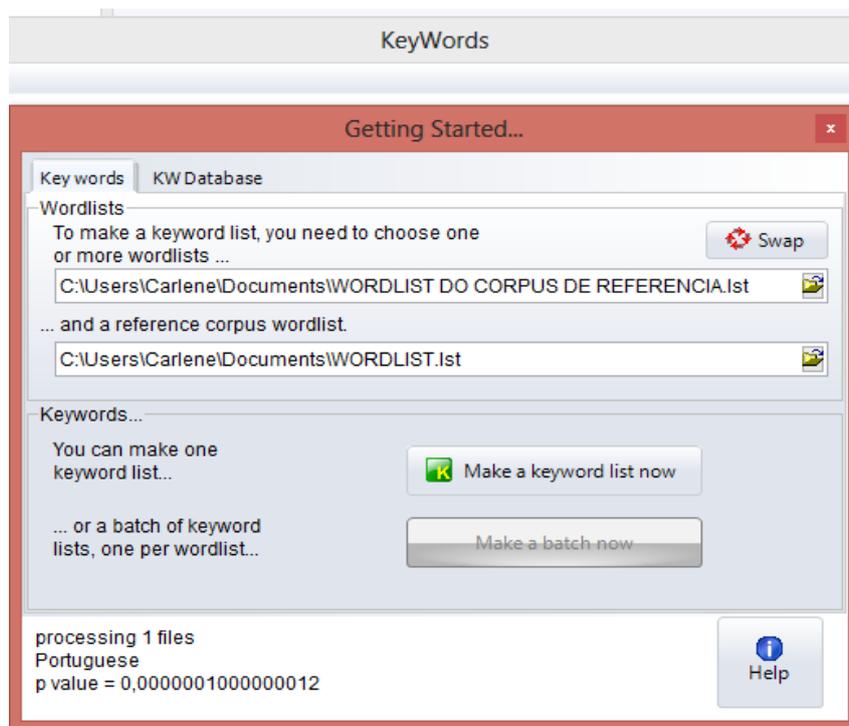
**Quadro 5 – Tokens e Types no corpus**

Nº de palavras	Tokens	Types	Type/token ratio (TTR)
5.005.556	1.730.510	36.509	2,23

Fonte: Extraída do software *WordSmith Tools*

Para gerar a *KeyWord* é preciso ter um *corpus* de referência. A orientação de Berber Sardinha (2004) é de que o *corpus* de referência seja entre 3 ou 5 vezes maior que o *corpus* de estudo, e que os dados do *corpus* de estudo não sejam inseridos na lista de palavras do *corpus* de referência para que o programa não faça a leitura duplicada de dados. Clicando em '*KeyWords*' na tela principal do programa, clica-se em '*File*' depois em '*New*' e abrirá a seguinte tela para que se faça a escolha das listas do *corpus* de estudo e da lista do *corpus* de referência:

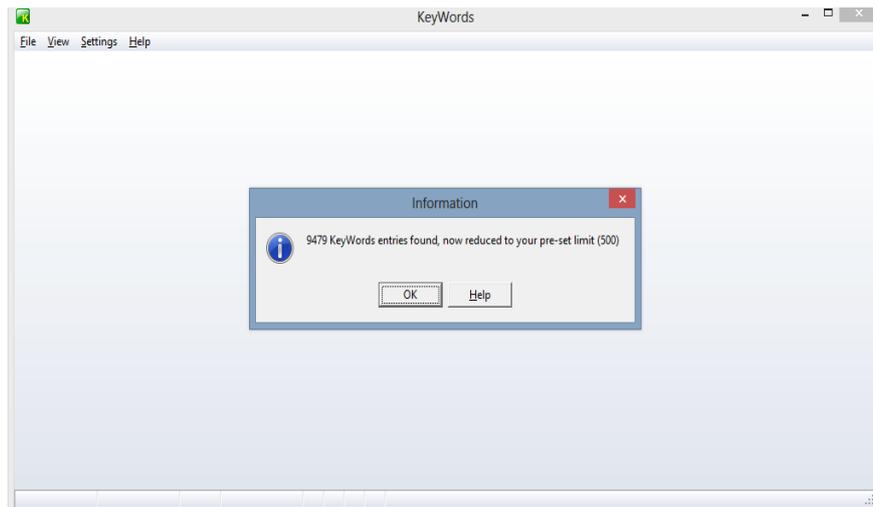
**Figura 26 – Criar uma KeyWord**



Fonte: Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*

É possível configurar a *KeyWord* conforme os parâmetros estabelecidos na pesquisa. Quando se gerou a *KeyWord* o programa retornou a informação de que havia encontrado 9.479 ocorrências, de modo que se reduziu para 500 com frequência mínima de 3 vezes.

**Figura 27 – KeyWords: palavras-chave do corpus**



**Fonte:** Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*

Quando se reordena a procura, obtêm-se a lista de palavras-chave:

**Figura 28 – Linhas de concordância para a palavra ‘time’**

N	Key word	Freq.	%C	Freq.	RC	%Keyness	Lemmas	Set
8	AOS	7.106	0,35	1	5.036,14	0,000000		
9	TIME	6.439	0,32	2	2.666,38	0,000000		
10	PELO	6.320	0,31	2	2.246,59	0,000000		
11	GOL	6.247	0,31	4	1.959,19	0,000000		
12	JOGO	6.078	0,30	1	1.409,21	0,000000		
13	DOS	5.701	0,28	20	3.839,60	0,000000		
14	CLUBE	5.342	0,26	1	3.813,07	0,000000		
15	PARTIDA	5.318	0,26	1	3.728,42	0,000000		
16	CONTRA	5.072	0,25	6	7.788,89	0,000000		
17	MINUTOS	5.049	0,25	1	7.779,68	0,000000		
18	PELA	4.982	0,25	3	7.512,67	0,000000		
19	J=	5.148	0,25	125	7.012,04	0,000000		
20	AS	4.803	0,24	22	5.657,88	0,000000		
21	TEMPO	4.570	0,22	1	5.090,49	0,000000		
22	AINDA	4.559	0,22	1	5.051,68	0,000000		
23	COMO	4.589	0,23	13	5.002,28	0,000000		
24	PUBLICADA	4.537	0,22	1	5.974,08	0,000000		
25	EQUIPE	4.450	0,22	2	5.651,64	0,000000		
26	T=CNICO	4.421	0,22	1	5.565,03	0,000000		
27	ATACANTE	4.227	0,21	1	4.880,99	0,000000		
28	BOLA	4.129	0,20	1	4.535,41	0,000000		

**Fonte:** Gerado a partir do programa *WordSmith Tools*

A figura 28 mostra as palavras mais relevantes do *corpus* em relação à chavicidade. Nela, a palavra ‘time’ é a mais frequente no *corpus* com 6.439 ocorrências, seguida pelas palavras ‘gol’ com 6.247 ocorrências e ‘jogo’, com 6.078 ocorrências. Neste caso, é importante notar que a lista não está lematizada, o que influi sobremaneira no resultado, uma vez que as diferentes formas de um mesmo item não estão agrupadas, mas conforme o reordenamento, esse *ranking* pode mudar.

A partir das palavras-chave foi possível começar a efetuar a identificação das unidades fraseológicas no *corpus*, por meio do dispositivo *Concord*, efetuando as linhas de concordância. Em seguida, aplicou-se o dispositivo *Re-sort* para ordenar as palavras próximas àquelas em que se efetuou a linha de concordância.

Figura 29 – Clusters para a palavra ‘time’

N	Concordance	Set	Tag	Word	#	%	Sen	Para	lead	Sec	Sec	File	%
1	fnais foram de pressão desesperada do time da casa, mas sem sucesso.			time da casa	468	3057%	039%					NOAJ2014 - 14	99%
2	de Bruno Batata. Mas a vantagem do time da casa não durou muito tempo.			time da casa	262	1150%	055%					SEM2008 - 04	65%
3	, contra, ampliou a vantagem do time da casa e dificultou a reação. No			time da casa	85	279%	043%					CSEM2008 13	44%
4	, acostumado a vibrar com gols do time da casa, silenciou. Culpa da			time da casa	728	4430%	091%					NOAJ2013 - 48	91%
5	. Bruno Luís anotou os dois gols do time da casa, aos 18 minutos do			time da casa	67	139%	019%					SUDG2009 - 10	18%
6	cearense soube conter o ímpeto do time da casa e equilibrou a partida,			time da casa	1.134	4143%	032%					NOAJ2013 - 40	83%
7	acabou falhando e complicou a vida do time da casa, que estava vencendo po			time da casa	110	355%	027%					SUDG2009 - 03	27%
8	pôde fazer. E para complicar a vida do time da casa, o Luverdense teve Zé			time da casa	142	633%	039%					NOAJ2014 - 19	89%
9	boas defesas, impedindo o avanço do time da casa. Sem chances de			time da casa	496	2633%	039%					DNOAJ2009 - 00	90%
10	difícil. Apesar de muita reclamação do time da casa, o árbitro marcou gol.			time da casa	466	3254%	033%					NOAJ2014 - 20	83%
11	defesa adversária. A melhor chance do time da casa aconteceu aos 28			time da casa	200	916%	055%					BNOAJ2014 - 8	65%
12	setor esquerdo que nasceu o gol do time da casa. Aos 22 minutos do			time da casa	154	637%	043%					CODA2008 - 03	43%
13	o Nacional, já que o primeiro ataque do time da casa terminou em gol:			time da casa	130	554%	029%					DNAJ2013 13.tx	29%
14	jogador. A marcação gerou revolta do time da casa. Na segunda etapa, a			time da casa	233	1378%	051%					DNAJ2012 27.tx	59%
15	da arquibancada na qual a torcida do time da casa se encontrava. Além da			time da casa	93	232%	058%					CODA2012 - 14	56%
16	Marcelo Moscatelli, marcou o quinto do time da casa e selou a goleada no			time da casa	363	1774%	038%					SEM2009 - 18	87%
17	horário original. O motivo foi o atraso do time da casa em entrar em campo.			time da casa	78	357%	0 9%					NOAJ2013 - 18	8%
18	minutos depois, foi a vez do Thiago do time da casa cometer pênalti em			time da casa	335	1446%	031%					SUDG2009 - 12	81%
19	de 3 a 1, mas desta vez a favor do time da casa, a vaga na grande final			time da casa	359	1439%	033%					SEM2014 - 01	93%
20	conseguiu segurar os ataques do time da casa e chegou a liderar o jogo			time da casa	93	348%	020%					SCNEOM2014 - 1	20%
21	conseguiu segurar os ataques do time da casa e chegou a liderar o jogo			time da casa	93	348%	049%					SCNEOM2014 - 1	51%

Fonte: WordSmith linha de concordância

As linhas de concordância, geradas por meio do dispositivo *Clusters*, acoplado ao *Concord*, seqüências de palavras que coocorrem com determinada frequência ajudam a localizar os possíveis fraseologismos.

**Figura 30 – Clusters para ‘time’**

N	Cluster	Freq	Set	Length	Related
35	O TIME NA	32		3	
36	TIME NA SÉRIE	31		3	
37	O TIME SE	30		3	
38	O TIME ESTÁ	30		3	
39	MAS O TIME	29		3	
40	TIME DE SÃO	28		3	
41	QUANDO O TIME	28		3	
42	COM O RESULTADO	27		3	
43	JÁ O TIME	27		3	
44	O TIME TEM	26		3	
45	O RESULTADO O	26		3	
46	O TIME ALVIVERDE	26		3	
47	RESULTADO O TIME	26		3	
48	CASA O TIME	26		3	
49	O TIME COM	26		3	
50	BRASILEIRO O TIME	26		3	
51	SE O TIME	26		3	
52	VITÓRIA DO TIME	24		3	
53	O TIME PARAIBANO	24		3	
54	DE SÃO JANUÁRIO	24		3	
55	O TIME ALAGOANO	24		3	

Fonte: WordSmith – Concord/Clusters

A partir dessa ferramenta percebe-se que apesar de algumas palavras aparecerem sequencialmente, este fator não lhes confere o *status* de fraseologismo, pois apesar de aparecerem juntas não estabelecem sentido, como em *casa o time* (48<sup>28</sup>), *o time com* (49) ou *brasileiro o time* (50).

Após encerrar as etapas de compilação e de extração das unidades fraseológicas procedeu-se à organização do dicionário fraseológico. Para conseguir o intento foi necessário percorrer um caminho metodológico de construção de materiais que subsidiariam a organização do dicionário: a ficha fraseológica, a organização do dicionário, a estruturação e o registro das unidades fraseológicas no dicionário.

Com os dados obtidos a partir da extração no *corpus* efetuou-se a lista das unidades fraseológicas, as quais serão analisadas e discutidas no capítulo 5.

---

<sup>28</sup> A linha da ocorrência

### 4.3 ORGANIZAÇÃO DO DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO

Dentre as muitas dificuldades que o elaborador de um dicionário fraseológico enfrenta está aquela que se refere à lematização dessas unidades como observado no capítulo 3. Uma das dúvidas mais frequentes está relacionada ao fato de onde a unidade fraseológica deve aparecer: como unidade-entrada ou apenas como sub-entrada, a forma mais aceita pelos lexicógrafos nos dicionários gerais. Neste sentido, corroboram-se os questionamentos levantados por Montoro Del Arco (2004), quais sejam:

**Quadro 6 – Questões norteadoras para o registro de fraseologismos em dicionários**

	QUESTÕES NORTEADORAS PARA O REGISTRO DE FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS, DE ACORDO COM MONTORO (2004, p.591)
1	Qual item lexical componente da unidade fraseológica deve figurar como entrada ou lema?
2	Como se deve explicar seu significado nos verbetes?
3	Como deve ser especificado o potencial comunicativo dessas unidades lexicais?
4	Como e onde devem ser especificadas as marcas de variação lingüística?
5	As unidades fraseológicas só poderão constituir entradas e lemas em dicionários especificamente fraseológicos?
6	Como o lexicógrafo deve citar a unidade fraseológica?

**Fonte:** Montoro Del Arco (2008, p. 04)

A partir destes questionamentos passou-se, então, a elencar as unidades fraseológicas, relativas ao universo do futebol, encontradas no *corpus*. O registro dessas unidades obedece aos passos descritos a seguir.

#### 4.3.1 A ficha fraseológica

No processo de organização de um dicionário seja ele de natureza geral, terminológica ou fraseológica é importante que haja a figura da ficha, neste caso,

fraseológica<sup>29</sup>, importante instrumento de consulta para o elaborador, a qual funciona como uma espécie de guia, em que se pode retornar e efetuar consultas durante o processo de organização das entradas do compêndio.

Para a constituição do verbete do dicionário fraseológico, fez-se uso da ficha proposta por Lucas (2010), com adaptações, ressaltando que nem todos os campos propostos são obrigatórios e sim devem ser organizados conforme as especificidades de cada investigação, como exemplificado na tabela.

**Tabela 3 – Ficha fraseológica**

Item	
1.	N.
2.	Unidade fraseológica
3.	Campo semântico
4.	Categoria gramatical (tipo de construção)
5.	Definição
6.	Contexto de uso Fonte do contexto de uso
7.	(Variante):
8.	(Remissiva)
9.	(Nota):
10.	Data:

**Fonte:** Extraída de <http://www.paremia.org/joomla/paremia/paremia19/19-serrano.pdf>. Com adaptações

O modelo de ficha fraseológica adotado neste trabalho é composto por dez campos, os quais são apresentados abaixo com suas respectivas descrições:

1. A ficha apresenta um número de recolha dos fraseologismos.

---

<sup>29</sup> Faulstich (2001, p.13) considera a ficha terminológica como 'a certidão de nascimento' de um termo, em nosso caso, da unidade fraseológica. Neste trabalho, prefere-se o termo ficha fraseológica.

2. Refere-se ao fraseologismo que foi objeto da descrição.
3. O campo semântico<sup>30</sup> refere-se à macroárea de acordo com o domínio pesquisado e, devido ao uso do programa eletrônico, é possível efetuar a organização de forma analógica sem maiores problemas.
4. A categoria gramatical indica as informações gramaticais acerca da unidade-entrada. Grafadas em itálico, na cor azul, as categorias gramaticais usadas neste trabalho são:
  - *sn* = sintagma nominal
  - *sv* = sintagma verbal
  - *loc. adj.* = locução adjetiva
  - *loc. adv.* = locução adverbial
  - *loc. prep.* = locução preposicional
5. A definição diz respeito à indicação do significado do fraseologismo no fragmento selecionado.
6. O contexto de ocorrência refere-se ao contexto de onde o fraseologismo foi retirado e a apresentação de um fragmento, considerando que esse processo envolva textos autênticos e sem exemplos forjados, procedentes de uma fonte real, deverá ser suficientemente amplo para que haja o completo entendimento da unidade e seu significado. Após o fragmento tem-se o código com a indicação da fonte em que a ocorrência aparece, conforme visto na seção 1 deste capítulo.
7. A variante: neste campo registra-se a variante fraseológica encontrada nos textos do *corpus* e estão indicadas quando ocorrerem, por isso está marcada entre parênteses. A variante de maior frequência no *corpus* é a que consta do termo entrada principal, sendo, portanto, a portadora da definição.

---

<sup>30</sup> Neste trabalho, adotaram-se três campos semânticos que visam dividir as atividades do futebol (Pré-partida/Partida/Pós-partida).

8. No campo destinado à remissiva registram-se os fraseologismos que apresentam alguma relação semântica com a unidade-entrada. As remissivas são grafadas em itálico pela abreviatura *Cf.* (Conferir).
9. Nas notas elenca-se uma série de aspectos relacionados ao fraseologismo desde o ponto de vista sintático, semântico, pragmático ou cultural, que tenham um maior ou menor desenvolvimento em função do tipo de unidade.
10. A data indica quando a ficha foi preenchida pela primeira vez.

#### 4.3.2 A organização do dicionário

Depois de estabelecer os itens que iriam compor a ficha fraseológica, partiu-se para o tratamento fraseológico da organização dos dados, com o objetivo de elaborar a composição dos verbetes. Para a organização do dicionário seguiu-se a organização proposta por Xatara (2011), observando algumas adaptações.

**VERBETE** = UNIDADE (FRASEOLÓGICA) - ENTRADA + CAMPO SEMÂNTICO + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO ± (VARIANTE) ± (REMISSIVA) ± NOTA ± IMAGEM ± VÍDEO

##### 4.3.2.1 Campo semântico<sup>31</sup>

Durante a manipulação dos dados para fazer a listagem das fraseologias e o procedimento de elaboração da ficha fraseológica, percebeu-se que seria necessário agrupá-las em três macrocampos, os quais dizem respeito ao

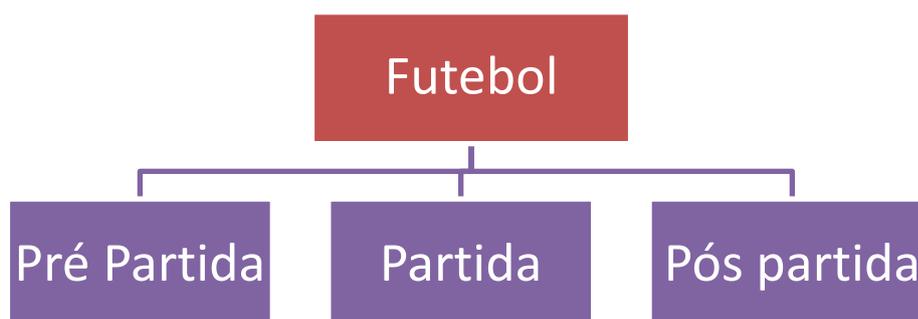
---

<sup>31</sup> As teorias dos campos semânticos e dos campos léxicos surgiram no início do século XX em oposição às visões do léxico como desprovido de estruturação ou pouco estruturado. Genouvrier; Peytard (1974) afirmam que campo semântico se refere aos empregos de uma palavra segundo os quais ela adquire determinada carga semântica, enquanto campo léxico é o conjunto das palavras agrupadas por uma língua para designar diferentes aspectos de um objeto ou de uma noção, como “aviação” ou “moda”. Estes autores apontam uma complementariedade entre esses dois conceitos no fato de o campo léxico ser a organização das unidades contextuais que delimitam os empregos (campo semântico) de uma palavra (FERREIRA, 2009).

processo envolvido na prática do futebol, são eles referentes à *pré-partida* momento em que há toda uma preparação dos sujeitos envolvidos nesse processo, e neste caso, não apenas os jogadores, como também os dirigentes dos clubes, a comissão técnica, a comissão de preparação física e os aspectos administrativos próprios da movimentação dinâmica que o futebol proporciona; a *partida* em si, momento em que ações próprias da realização de uma partida acontecem, neste cenário, figuram jogadores, torcedores, juízes e comentaristas e à *pós-partida*, à qual se relacionam os comentaristas com seus textos avaliativos dos jogos que aconteceram.

A figura abaixo mostra a divisão dessas etapas por campo semântico.

**Figura 31 – O verbete no *Lexique Pro* no modo *editar***



**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

Ressalta-se que se optou por inserir o campo semântico, pois entende-se que há momentos em que apenas o contexto em que a ocorrência está inserida não seja suficiente para eliminar ambiguidades, como bem informa Pavel; Nolet (2001) quando dizem que:

As disciplinas conexas e as tecnologias convergentes podem compartilhar certos conceitos e termos que as designam. Por vezes, um mesmo conceito pode receber designações diferentes, de acordo com a área temática em que se utilize, ou o mesmo termo pode designar conceitos diferentes em outras especialidades. Nestes casos, a indicação da área temática suprime qualquer ambiguidade. (PAVEL; NOLET, 2001, p. 3)

Entende-se que, nesta tese, a divisão proposta pelos campos seja necessária, também para justificar a entrada de unidades tais como *bater o martelo*, *despesa de arbitragem*, *banco dos réus*, *comissão disciplinar*.

Após terminar o processo de elaboração das definições e o preenchimento das fichas fraseológicas, passou-se à etapa de alimentação dos dados no *software Lexique Pro*.

#### **4.3.2.2 O software Lexique Pro**

Como exposto no capítulo 2, utilizou-se o *software Lexique Pro* para a inserção dos dados extraídos do *corpus* em função da organização do dicionário a que se propõe elaborar, alimentando o banco de dados à medida que se identificavam os fraseologismos. Apresenta-se, adiante, alguns aspectos importantes relativos ao *software* e seu uso neste trabalho.

Desenvolvido pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL), o *Lexique Pro* (SIL, 2010) é um *software* utilizado para editar, exibir e distribuir dados lexicais de línguas ao redor do planeta. Por meio desse *software* é possível criar bases de dados, gerenciar arquivos e gerar documentos em formato de dicionário em formato *Word* ou *Web*. O programa também permite produzir uma versão eletrônica, a partir de sua plataforma e utilizá-la como suporte. De livre distribuição, o *software* é um visualizador e editor de léxicos interativos. Desta forma, o *Lexique Pro* lê dados a partir de um banco de dados do tipo *Shoebox* ou *Toolbox* e formata esse banco de dados em uma plataforma interativa. O *software* possui um sistema inteligente e pré-definido de comandos, que ajuda o pesquisador a organizar o repertório em construção.

Em relação ao *Lexique Pro*, ao pesquisador cabe a tarefa de alimentar o banco de dados com as informações, inserindo-as em locais pré-estabelecidos, utilizando etiquetas, também pré-estabelecidas. À medida que as informações vão sendo inseridas, o programa começa a organizá-las automaticamente, em ordem alfabética, entre outras opções, assim como efetua toda a organização macro e microestrutural do dicionário. Por meio das ferramentas disponibilizadas pelo sistema é possível também efetuar atualizações constantes nos verbetes, inserir novas entradas e editar o dicionário como um todo.

Neste processo de estabelecimento das entradas no dicionário, tem-se que a microestrutura pode ser definida como o conjunto de informações que se segue à entrada. O verbete corresponde à entrada mais a microestrutura. O verbete possui duas partes integrantes: a entrada mais uma microestrutura mínima (uma definição, por exemplo).

Partindo da ficha fraseológica, passa-se a elaborar o verbete correspondente à entrada e à microestrutura.

#### 4.4 ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL<sup>32</sup>

Sobre a organização de um dicionário fraseológico inicia-se esta seção com as palavras de Nascimento (1998):

:

Convém assinalar que o problema das combinatórias a incluir num dicionário, seja ele um dicionário de língua monolíngue ou plurilíngue, é dos mais difíceis problemas da lexicografia tradicional, precisamente porque a intuição dos falantes não é suficiente para determinar o grau de fixidez das combinatórias, nem a extensão, estabilidade e vitalidade do seu uso. (NASCIMENTO, 1998, p.185).

A natureza da obra fraseográfica – semasiológica ou onomasiológica – é estabelecida pela adoção de um determinado tipo de macroestrutura, sobretudo no que diz respeito a sua nomenclatura ou conjunto das entradas, e de microestrutura, isto é, o conjunto de informações.

Seguindo a orientação de Silva (2011) no que diz respeito ao registro de fraseologismos em dicionários, optou-se, neste trabalho, pela organização semasiológica, ou seja, as entradas são macroestruturadas consoante sua ordem alfabética, como é de praxe em trabalhos desta natureza, visto que a unidade fraseológica apresenta, necessariamente, dois ou mais elementos

---

<sup>32</sup> Para Barros (2004, p. 151), a macroestrutura de um glossário ou dicionário é a “organização de uma obra lexicográfica ou terminográfica – relacionada às – características gerais da estruturação das informações em verbetes (vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual, entre outros, representada, na nomenclatura, por uma seleção de palavras existentes, em ordem alfabética; embora, possa haver, também, a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) seja seguida por suas derivações.

constituintes e, neste caso, a lematização acontece pela palavra principal do bloco.

Desta forma, quando o fraseologismo iniciar por um substantivo ou por uma palavra substantivada, é por eles que se deve apresentar a unidade-entrada: *abertura da rodada, bico na redonda, boca da área, bola aérea*; caso não haja substantivo encabeçando a entrada, segue em ordem de preferência, o primeiro verbo: *abrir o placar, ampliar a vantagem, aplicar a regra, chutar a redonda*, adjetivo: *bom de bola, boa fase, bom momento*; pronome (não foram encontradas ocorrências no *corpus*) e advérbio: *cara a cara, com pouco ângulo*.

Nestas condições, ressalta-se que palavras como “pessoa”, “coisa” e “alguém” devem ser desconsideradas, o mesmo acontece para os verbos auxiliares, com exceção daqueles que fizerem parte essencial da expressão.

As unidades (fraseológicas) – entradas encontram-se registradas em sua forma lematizada: o infinitivo impessoal para os verbos, o singular para os substantivos e o masculino singular para adjetivos e pronomes, desde que não haja prejuízo ao fraseologismos.

#### 4.5 ORGANIZAÇÃO MICROESTRUTURAL

A microestrutura corresponde ao conjunto de elementos e a disposição interna de cada unidade-entrada que compõe o dicionário. Minimamente, estrutura-se em três partes: entrada, verbete<sup>33</sup> e definição.

a) Entrada: constituída pela unidade fraseológica grafada em negrito, seguindo a orientação de Barros (2004), em que geralmente a entrada é escrita em negrito e deve começar por letra minúscula, exceto os casos de convenção

---

<sup>33</sup> Conforme Pontes (2009, p. 100), “o verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada.” Portanto, além da definição da palavra, o verbete também fornece várias outras informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras.

que determinem que a primeira letra seja maiúscula, independente de sua posição no enunciado, seguida pelo campo semântico, registrado em letras maiúsculas entre [ ].

b) Verbetes: iniciado pela classe gramatical da unidade-entrada.

c) Definição<sup>34</sup>: o paradigma definicional, relativo a cada unidade-entrada está constituído de uma perífrase definitiva ou de uma unidade fraseológica sinonimicamente equivalente. No último caso, esta assume característica remissiva e aponta para outra unidade anteriormente definida.

d) o contexto de ocorrência constitui o paradigma pragmático, cuja função é direcionar qual o uso considerado na definição. Serve para fornecer dados sintáticos e semânticos sobre a unidade-entrada, além de ilustrar o uso real do fraseologismo dentro do discurso.

e) variantes/remissivas: prevê a relação hierárquica entre os termos: hiperonímicas, hiponímicas e contexto conexo. As remissivas organizam a rede conceitual. Juntas, as remissões formam um sistema de remissões, caracterizados com algum tipo de realce (nos dicionários eletrônicos principalmente) para destacar que tais unidades terminológicas foram definidas em outra parte do dicionário.

f) nota: campo em que são inseridas informações complementares que ajudam no esclarecimento da definição e também evidencia particularidades das fraseologias.

g) imagem: neste campo, quando possível, são inseridas imagens que retratem a unidade fraseológica.

h) vídeo: para as unidades que não são possíveis de ilustrar, fez-se uso do vídeo para exemplificar a ação em si, assim como a narração da fraseologia.

---

<sup>34</sup> “O enunciado que descreve o conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbo é chamado definição ou enunciado definicional. Consiste de uma paráfrase sinónima que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas, é um conjunto de informações que são dadas sobre a entrada.” (BARROS, 2004, pp. 158-159).

Após definir quais campos comporiam a estrutura do verbete do dicionário, passou-se à elaboração da etiqueta. Desta forma, o modelo de verbete para a entrada-principal ficou assim estruturado:

**Quadro 7 – Verbetes principal**

<b>Etiqueta de inserção no <i>Lexique Pro</i></b>	<b>Campos do verbete</b>
<b>\lx</b> – lexeme	Unidade (fraseológica) – entrada
<b>\sd</b> – semantic domain	campo semântico
<b>\ps</b> – part of speech	categoria gramatical
<b>\gv</b> – gloss	definição
<b>\xv</b> – example	contexto de ocorrência (+ fonte)
<b>\va</b> – variant form	Variante
<b>\cf</b> – cross reference	remissiva para UFs citadas <i>nas definições, contextos e notas</i>
<b>\nt</b> – notes (general)	notas em geral
<b>\pc</b> – Picture	Imagens
<b>\sf</b> – Sound	Som
<b>\ff</b> – Attached File	Vídeos
<b>\dt</b> – date	Data

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

Como mostra o quadro acima, as etiquetas servem de códigos e é por meio delas que os dados são inseridos no banco de dados. Conseqüentemente, definições, campo semântico, contextos, notas, imagens, sons, vídeos e outras informações, possuem etiquetas próprias e é a partir delas que o programa organiza a microestrutura dos verbetes. Vale ressaltar que essas etiquetas são predefinidas pelo programa, restando ao pesquisador escolher as etiquetas dentre muitas outras etiquetas que o programa disponibiliza. A tarefa do pesquisador consistirá, então, em alimentar (inserir) as informações pertinentes ao lado de cada etiqueta.

Considerando que há variantes listadas, elaborou-se também um verbete, para os casos em que figurarem como entradas, conforme mostrado abaixo:

Quadro 8 – Verbetes para variante e sinônimo

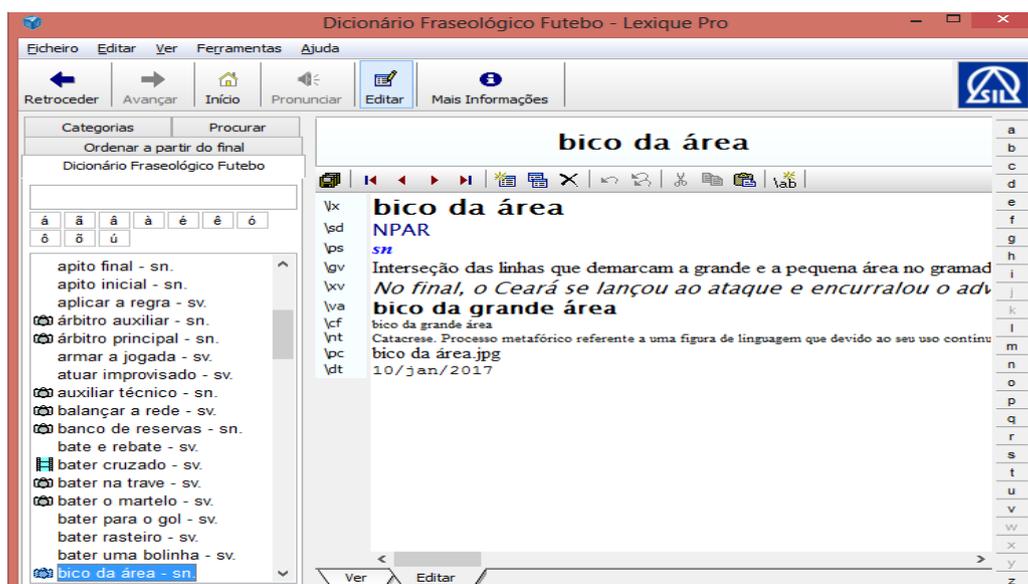
Etiqueta de inserção no Campos do verbete	
<b>Lexique Pro</b>	
\lx – lexeme	Unidade (fraseológica)- entrada
\sd – semantic domain	campo semântico
\ps – part of speech	categoria gramatical
\xv – example	contexto de ocorrência (+ fonte)
\va – variant form	Variante
\cf – cross reference	remissiva para UFs citadas <i>nas definições, contextos e notas</i>
\nt– notes (general)	notas em geral
\pc– Picture	Imagens
\sf – Sound	Som
\ff – Attached File	Vídeos
\dt – date	Data

Fonte: Extraído do *Lexique Pro*

Note-se que no verbete acima o campo *definição* não aparece, uma vez que, para acesso à informação, é necessário remeter à entrada principal da unidade fraseológica listada, por meio do sistema de remissiva. De posse do verbete estruturado, passa-se à etapa de preenchimento do dicionário fraseológico.

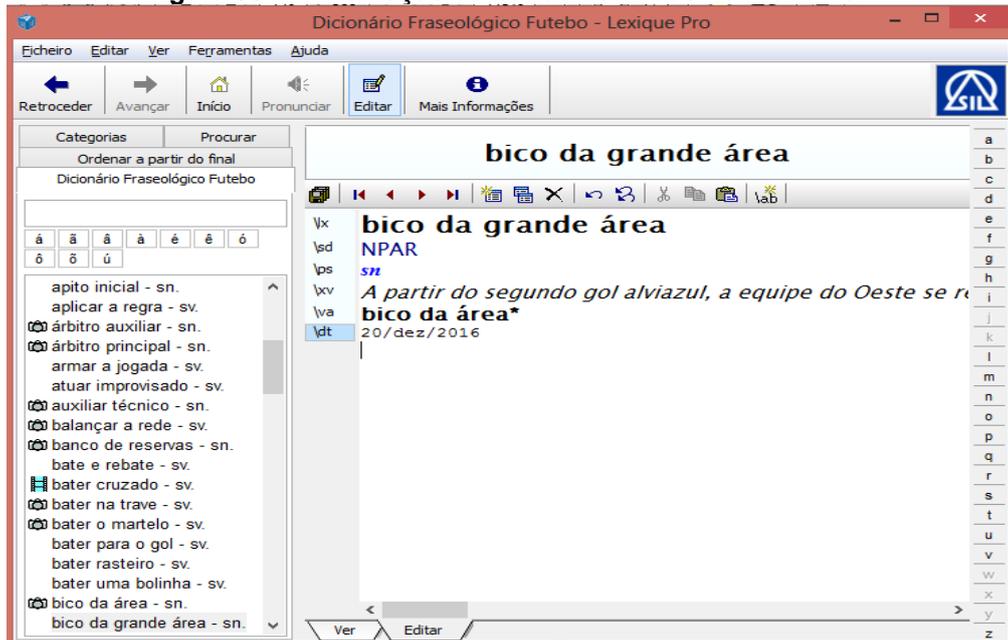
Assim, passou-se à etapa de alimentação dos dados, como no exemplo abaixo.

Figura 32 – Verbetes da variante



Fonte: Extraído do *Lexique Pro*

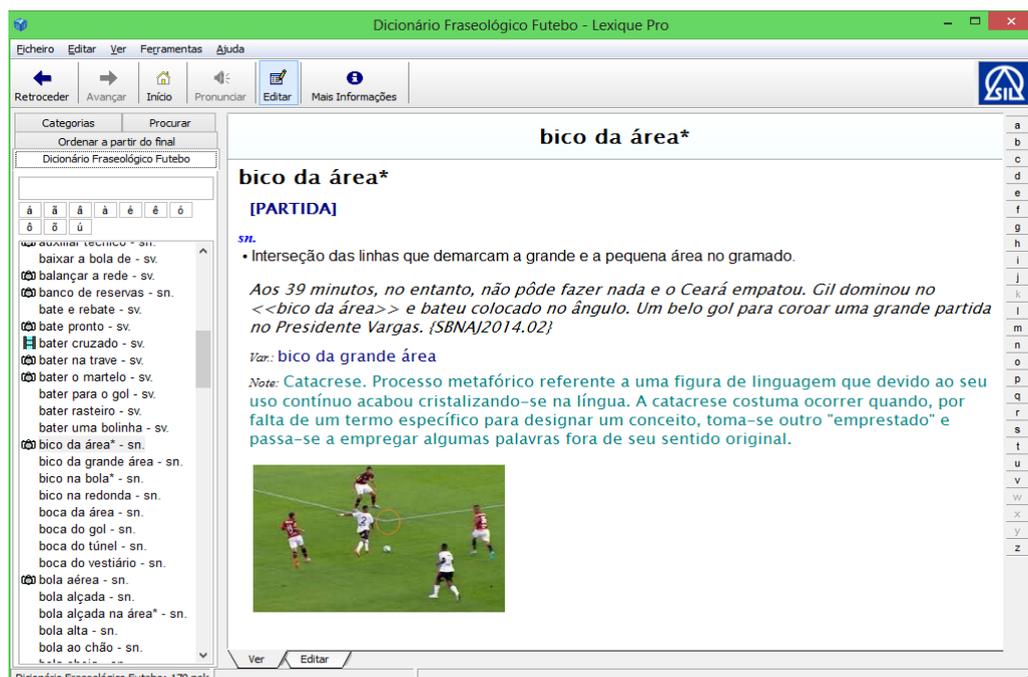
Figura 33– Alimentação do banco de dados no modo ver



Fonte: Extraído do *Lexique Pro*

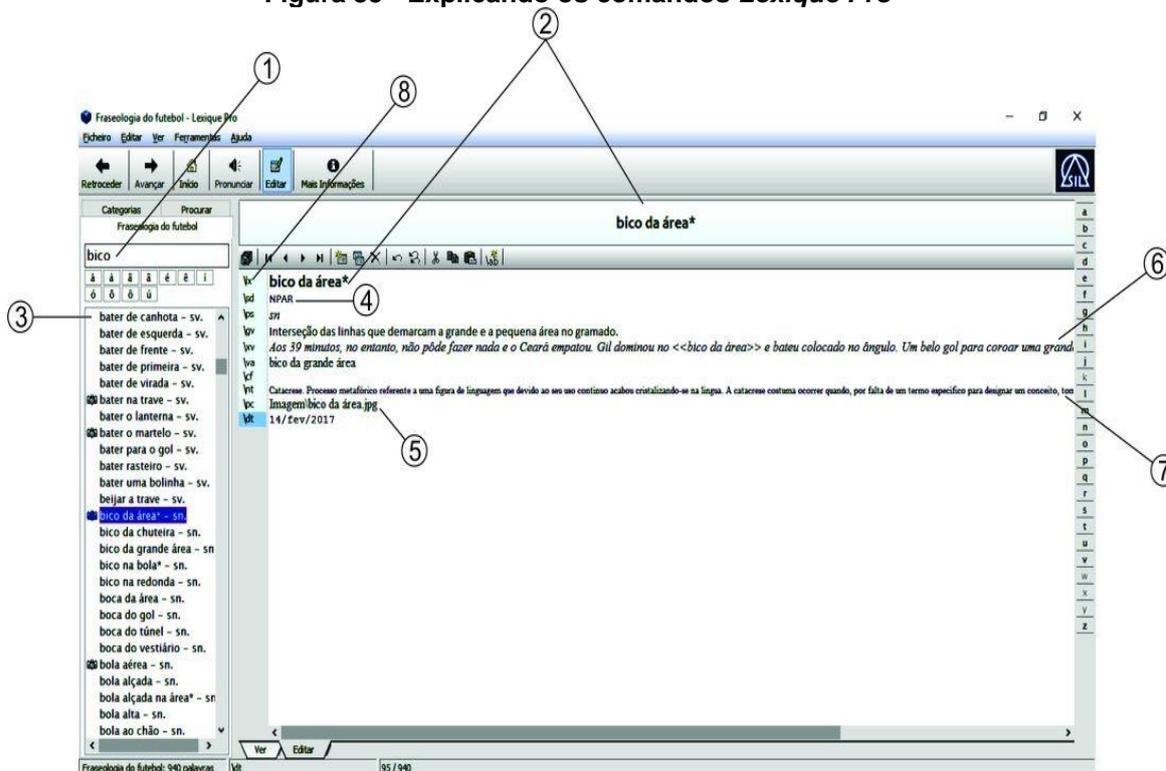
Para alimentar o banco de dados é necessário inserir cada informação pertinente ao lado de cada etiqueta e estas correspondem a cada parte do verbete.

Figura 34 – Explicando os campos do verbete



Fonte: Extraído do *corpus*

Figura 35 - Explicando os comandos *Lexique Pro*



**Fonte:** Elaborada pelo autor. **1** – nome da base de dados; **2** - termo entrada; **3** - lista dos termos em ordem alfabética; **4** – classe gramatical; **5** – sinônimo; **6** – remissiva; **7** – nota explicativa; **8** – definição; **9** – contexto de ocorrência; **10**– etiquetas para inserir dados.

Como se pode observar acima, o programa apresenta vários campos de enunciados predefinidos e, dependendo do verbete escolhido, alguns campos podem ser eliminados ou mantidos. Aqui, foram mantidos apenas os campos referentes aos do modelo do verbete escolhido, pois o programa define os campos do verbete de acordo com o modelo de microestrutura escolhido, disponibilizando os campos configurados pelo pesquisador.

Outros tipos de formatação como a língua a ser descrita, o tamanho e o estilo de fonte dos diferentes campos do verbete podem ser configurados de acordo com as opções do pesquisador. É possível ilustrar cada entrada do dicionário com imagens e vídeos, e ainda colocar áudio. O programa suporta imagens no formato JPG, PNG, GIF, BMP e áudio no formato *WAVE* e MP3.

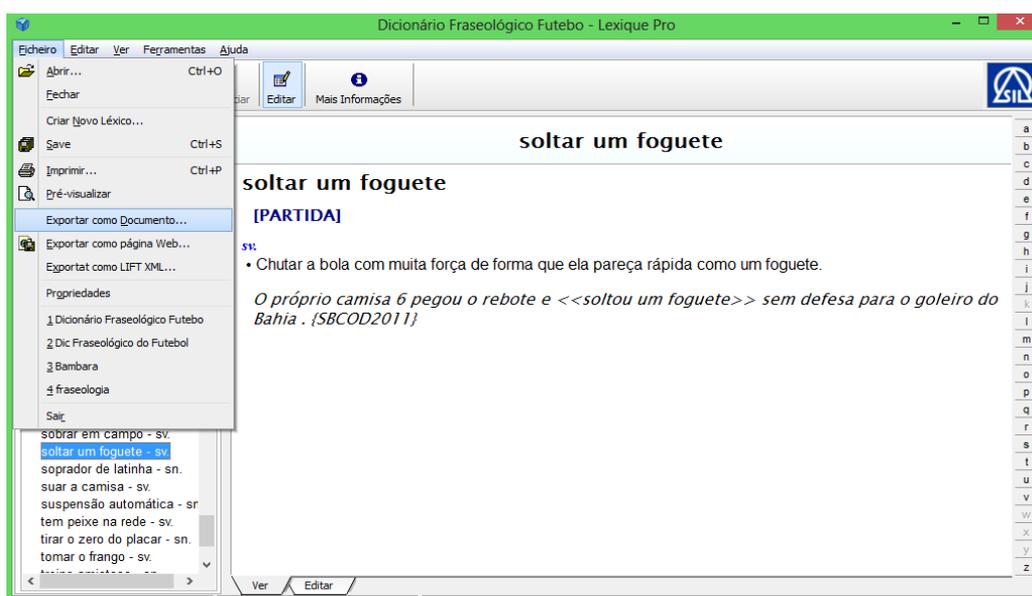
Assim que se começa a redação dos verbetes, o próprio programa os organiza em ordem alfabética a partir da unidade-entrada, como se vê na indicação, do lado esquerdo da **Figura 35**. O programa também disponibiliza outros tipos de organização além da alfabética. Por exemplo, campos como os de sinônimos e de remissivas apresentam um sistema de *links* aos termos aos

quais se referem, bastando selecionar a palavra sinônima ou remissiva para se obter a unidade referida. O *software*, de um modo geral, permite o manuseio mais prático dos dados, pois agiliza a busca e a recuperação de informações no banco de dados.

O *Lexique Pro* constitui-se como um verdadeiro editor eletrônico que permite ao pesquisador organizar os verbetes e formatá-los para publicação como página da *Web* ou imprimi-los como documento do *Word*. Assim, a partir do dicionário digital é possível gerar uma versão para impressão no formato *Documento Word for Windows*. A macro e a microestrutura do dicionário impresso podem ser organizadas utilizando-se as ferramentas de formatação disponíveis no programa *Lexique Pro*. Ao final da redação dos verbetes na plataforma do programa e da formatação da macro e microestruturas, com alguns comandos, o programa cria, automaticamente, um documento *Word* no formato de um dicionário, em conformidade com o que foi previamente definido.

Para dar o comando de exportar, tanto como documento *Word* quanto como página *Web*, ao programa, o usuário deve clicar em *ficheiro*, na barra de menu. Este comando abrirá as opções de exportação do banco de dados, como mostra a ilustração abaixo.

**Figura 36 – Exportar documento**



Fonte: Extraído do *Lexique Pro*

O que resultará no texto em formato *Word* como apresentado abaixo, para a unidade-entrada:

**bico da área** [PARTIDA]

**Sn.** Interseção das linhas que demarcam a grande área no gramado. *No final, o Ceará se lançou ao ataque e encurralou o adversário. João Carlos, goleiro do Boa, teve que parecer e fez duas grandes defesas no mesmo lance. Aos 39 minutos, no entanto, não pôde fazer nada e o Ceará empatou. Gil dominou no <<bico da área>> e bateu colocado no ângulo. Um belo gol para coroar uma grande partida no Presidente Vargas.* {SBNOAJ2014.02} **Var.:** no bico da grande área.

**Nota:** Catacrese. Processo metafórico referente a uma figura de linguagem que devido ao seu uso contínuo acabou cristalizando-se na língua. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado" e passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original.



Fonte: IB-007

E no caso da variante, sem o campo da definição:

**bico da grande área** [PARTIDA]

**sn.** *A partir do segundo gol alviazul, a equipe do Oeste se retraiu, oferecendo ainda mais o seu campo defensivo para as investidas do Bicolor paraense na partida. Tanto que aos 38, Héilton recebeu a bola << bico da grande área>> a certou um forte chute. Por detalhe o atacante bicolor não empatou a partida, a bola, caprichosamente, acertou o travessão.* {SBNOAJ2013.04}. **Var.:** bico da área\*

Em suma, os fraseologismos, constituindo sintagmas nominais e/ou verbais, contrariando o procedimento geralmente utilizado em dicionários de língua geral, estão, neste trabalho, sempre tratadas na mesma entrada não tendo seu registro na forma de sub-entrada e, em nenhuma hipótese, segmentadas em elementos menores. Exemplo: *bater de chapa*. Chutar a bola utilizando-se da parte interna do pé.

Quanto à acepção, os sintagmas nominais encontram-se definidos a partir do elemento que se constitui em seu núcleo semântico, ou seja, o substantivo, base do sintagma.

Por outro lado, não se deixou de buscar, quando se fez necessário, em outras obras lexicográficas, subsídios para complementar ou elucidar algumas perífrases definicionais obscuras ou, casos de parassinonímia, levantados durante a coleta fraseológica.

As abonações apresentadas foram destacadas em itálico e a unidade fraseológica de referência, além do destaque já mencionado, está realçada em negrito entre dois << >>.

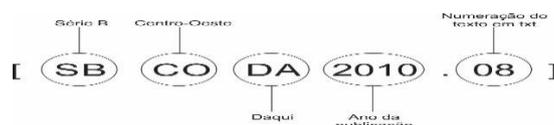
Exemplo:

**arbitragem caseira** [PARTIDA]

*s.n.* Ação intencional do trio de arbitragem favorecendo a equipe que joga em seu estádio ou em sua cidade.

*Não fosse a <<arbitragem caseira>> do paraibano Evandro Roman, que deixou de observar dois pênaltis de Cléber quando o placar marcava 1 a 0 para os manauaras, a estas horas, estariam exigindo cabeças no Luverdense. {SCCODA2011.03}.*

Além do itálico, as abonações também estão referenciadas por um código específico que se refere à organização do *corpus* coletado. A série do Campeonato Brasileiro sobre a qual versa a notícia futebolística está sinalizada entre colchetes sob os códigos (SB = Série B, SC = Série C e SD = Série D) logo no início do código; salienta-se também, no código, a região onde o jornal está localizado, segundo as siglas (NO = Norte, NE = Nordeste, CO = Centro Oeste, SU = Sul e SE = Sudeste) em seguida, registra-se o jornal de onde a notícia foi retirada, sendo (AJ= Amazônia Jornal, DA= Daqui, DG = Diário Gaúcho, MH = Meia Hora e OM= O Massa) e, por fim, evidencia-se em qual ano a notícia foi veiculada (2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013,2014 ou 2015), seguido por um ponto (.) e o número do texto. O código completo encontra-se assim estruturado:



Após todas as especificações concernentes aos critérios macro e microestruturais, o verbete ficou assim constituído:

**chute de bico** [PARTIDA]

*s.n.* Chute executado com a parte frontal da chuteira.

*O segundo gol do Vitória, desanimou o Bahia, que só teve mais uma chance no primeiro tempo, num <<chute de bico>> de Didi, mas a bola passou por cima do travessão.* {SBSEMH2008.06}.

*Nota:* A criação do sintagma envolve um processo metonímico (o todo pela parte) e uma catacrese (perda do sentido etimológico da palavra –*bico*).



Fonte: P-011

#### 4.6 A VOZ DOS ESPECIALISTAS DA ÁREA: O TESTE DE FIABILIDADE

Tendo em mãos a versão provisória do dicionário, procurou-se na comunidade três especialistas<sup>35</sup> da área do futebol que pudessem ajudar com a leitura e a compreensão dos dados que compunham o dicionário, o que em pesquisa lexicográfica, chama-se Teste de Fiabilidade.

Desta forma, procurou-se um representante de cada segmento: um torcedor, um jogador e um comentarista esportivo<sup>36</sup>. O teste foi aplicado em seis encontros (duas vezes com cada colaborador), pois foi entregue a cópia do trabalho a cada especialista para que eles pudessem efetuar a leitura e sugerir alterações, caso fosse necessário.

---

<sup>35</sup> Agradeço imensamente ao JB, o torcedor que colaborou sobremaneira com a feitura deste trabalho, sendo o especialista da área: o torcedor. Agradeço também ao jogador Flamel (Remo), por ter aberto um momento em sua agenda para me atender e ao comentarista Carlos Ferreira (Globo Esporte/O Liberal) por também ter disposto um tempo para contribuir com informações técnicas.

<sup>36</sup> Apesar de mostrar-se como uma figura emblemática, no processo que envolve o futebol, optou-se por não procurar um narrador esportivo para validar os dados da tese, por entender não se tratar de discurso oral, o comentarista supriria essa lacuna.

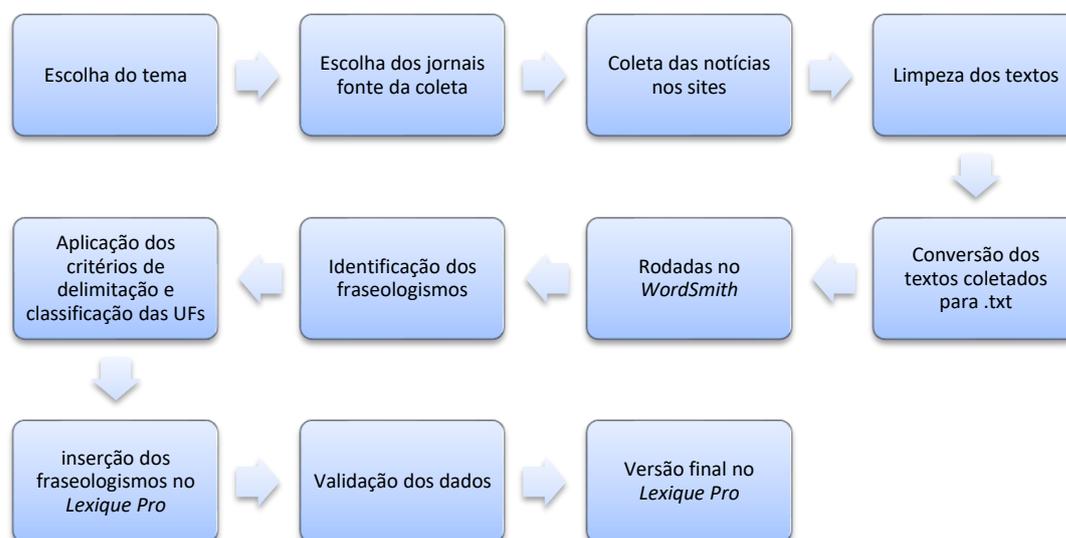
O primeiro encontro foi com o jogador de futebol, um dos mais produtivos, pois foi possível ter a leitura de alguém que é parte integrante de um jogo de futebol. As minúcias táticas relatadas pelo jogador foram essenciais para a revisão de alguns conceitos que se mostravam muito amplos. Questões de localização dentro do campo, trato com a bola, nomes de jogadas, interação e o discurso próprio em campo foram algumas das observações efetuadas pelo jogador.

Por sua vez, quando o diálogo aconteceu com o comentarista, se teve a oportunidade de validar os fraseologismos mais técnicos, assim como fazer a revisão etimológica de alguns deles. A leitura das definições feita por ele foi essencial, pois à medida que alguns pontos divergiam, se tentou encontrar uma definição a mais coesa possível.

E por fim, o torcedor. A conversa versou sobre as expressões mais amplas, justamente as que migraram para o uso comum e também sobre as novas expressões (neologismo), que não são tratadas nesta tese, mas que sinalizam como uma fonte de riqueza fraseológica, talvez a ser abordada em trabalhos futuros.

Nesta pesquisa, não se tratou do discurso oral, fonte inesgotável de produção fraseológica, mas ficou latente na conversa com os colaboradores da área, de que há a percepção de que alguns registros aparecem com maior frequência na fala do que na escrita. Nos momentos de conversa foi possível aprimorar e rever conceitos, definições, alterar exemplos e, principalmente, acrescentar comentários técnicos, específicos. Assim como a etapa de manipulação dos dados, esta se tornou uma das etapas mais produtivas, pois foi possível ampliar o conhecimento na área.

Resumidamente, ao longo de três anos, incluindo o período da coleta, passou-se por várias etapas as quais dentro de cada momento mostrou-se específica. Desta forma, não se pode deixar de mencionar a dificuldade em encontrar algumas fontes bibliográficas que serviriam de aporte teórico, logo muito importantes para o objetivo aqui proposto, o que com o apoio de algumas pessoas foi solucionado. Para ilustrar as etapas metodológicas desenvolvidas até aqui, foi elaborado o esquema abaixo.

**Figura 37 – Etapas da pesquisa**

**Fonte:** Elaboração da autora, 2017.

Tendo encerrado as etapas que possibilitaram efetuar o levantamento da fraseologia do futebol, passa-se à apresentação dos resultados obtidos e a análise da fraseologia do futebol encontrada no *corpus* sob análise.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, à medida que são apresentados os 1.318 fraseologismos identificados no *corpus*, efetua-se também a interpretação e a análise deles. Antes de iniciar, é importante reafirmar que se considera, aqui, os fraseologismos como as unidades cuja definição referencia uma combinação de dois ou mais itens lexicais com diversos graus de fixidez e que podem, às vezes, apresentar um traço metafórico, o que lhes confere certo grau de idiomaticidade, sendo tal definição baseada em Mejri (1997) quanto à delimitação, tipologia e funcionalidade desses fraseologismos.

Quando foi explicitado nos capítulos 2 e 4 que se utilizou o software *WordSmith Tools* como ferramenta para a compilação do *corpus* estava-se supondo que o programa levaria a alguns resultados imediatos, o que acabou se confirmando, pois ao gerar as listas de frequências do *corpus* de estudo obteve-se o primeiro parâmetro a ser analisado, as 22 primeiras palavras, excetuando-se as palavras gramaticais, que são aquelas mais frequentes na língua (TAGNIN, 2011), são pertencentes ao domínio do futebol, o que confirma se direciona a análise para um domínio parcialmente de especialidade.

**Tabela 4 – Itens lexicais monovocabulares do *corpus* de estudo**

<b>N</b>	<b>Word</b>	<b>Frequência</b>
<b>1</b>	TIME	6.439
<b>2</b>	GOL	6.246
<b>3</b>	JOGO	6.078
<b>4</b>	CLUBE	5.342
<b>5</b>	PARTIDA	5.318
<b>6</b>	CONTRA	5.072
<b>7</b>	MINUTOS	5.049
<b>8</b>	TEMPO	4.570
<b>9</b>	EQUIPE	4.450
<b>10</b>	ATACANTE	4.227

11	BOLA	4.129
12	CAMPEONATO	4.120
13	VITÓRIA	4.052
14	JOGADOR	4.050
15	PONTOS	3.846
16	PRIMEIRO	3.828
17	CAMPEONATO	3.752
18	BRASILEIRO	3.219
19	CAMPO	3.025
20	GOLEIRO	2.960
21	FUTEBOL	2.924
22	RODADA	2.716

Fonte: Elaboração da autora, 2016.

De posse dos itens lexicais mais frequentes no *corpus* foi possível então, começar a gerar as listas de concordâncias com as palavras em questão em busca do objetivo traçado, a procura pelos fraseologismos. Após a aplicação dos testes fraseológicos sugeridos por Mejri (2012) chegou-se ao total de 1.318 unidades. A **Figura 38** traz uma das listas de concordâncias geradas.

Figura 38 – Encontrando a fraseologia no *corpus*

The screenshot shows the WordSmith Tools interface with a concordance list for the search term 'comissão técnica'. The table below represents the data visible in the software window.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen	Par	Par	lead	lead	Sec	Sec	File	%
166	uma reformulação no elenco e <b>na comissão técnica</b> está acontecendo.			59	175%		051%				051%		SDNEOM2014 -	55%
167	pelos seus diretores e chegando <b>na comissão técnica</b> . Como Vágner			214	97%		035%				035%		NOAJ2013 - 46	84%
168	, o clube promoveu um reformulação <b>na comissão técnica</b> e demitiu Luiz			212	1039%		033%				033%		BSUDG2011 - 08	92%
169	um regenerativo. No início da <b>noite</b> , <b>comissão técnica</b> e atletas viajam			196	1233%		039%				039%		BSUDG2014 - 14	87%
170	enquanto aguarda por uma <b>nova comissão técnica</b> já contratada e teve			105	539%		011%				011%		DNAJ2012 16.tx	12%
171	grupo para a Série C', lamentou. A <b>nova comissão técnica</b> e os jogadores do			251	1117%		033%				033%		NOAJ2014 - 10	83%
172	. Entre as opções encontradas <b>pela comissão técnica</b> , o atacante Dennis			794	4237%		034%				034%		NOAJ2013 - 46	84%
173	sido um ponto bastante explorado <b>pela comissão técnica</b> e dirigentes.			85	231%		034%				034%		CCODA2009 - 10	33%
174	atacante Dennis, foi ?convocado? <b>pela comissão técnica</b> e pode fazer a sua			141	913%		037%				037%		NOAJ2013 - 28	87%
175	novidades do trabalho conduzido <b>pela comissão técnica</b> , o atacante Bruno			101	547%		047%				047%		NOAJ2013 - 38	47%
176	escapar da marcação armada <b>pela comissão técnica</b> bicolor, e comandou			503	2057%		053%				053%		BNOAJ2013 - 98	63%
177	o jogador, o clube, o diretor, a <b>própria comissão técnica</b> não participarem da			441	1750%		037%				037%		NOAJ2013 - 36	87%
178	por decisão da diretoria e da <b>própria comissão técnica</b> alviceleste, é o			226	1046%		070%				070%		NOAJ2013 - 34	71%
179	semana passada, Gilson Kleina e <b>sua comissão técnica</b> fizeram uma reunião			282	1026%		033%				033%		CCODA2013 - 66	84%
180	frisou. O técnico grená contará em <b>sua comissão técnica</b> com o auxiliar			239	1240%		053%				053%		BSUDG2011 - 04	64%
181	tristeza. 'O treinador chegou com a <b>sua comissão técnica</b> e ainda temos			218	732%		053%				053%		NOAJ2013 - 28	64%
182	o treinador Marcelo Vilar e toda <b>sua comissão técnica</b> o presidente Nelson			40	073%		012%				012%		BSUDG2013 - 10	13%
183	da contratação de PC é mais pela <b>sua comissão técnica</b> do que pelo trabalho			87	552%		037%				037%		CCODA2013 - 24	36%
184	Estádio Castelão, Flávio Araújo e <b>sua comissão técnica</b> comandaram um			64	135%		026%				026%		SEM2012 - 04	26%
185	depender só do trabalho dele e da <b>sua comissão técnica</b> o Atlético reage no			232	1355%		037%				037%		CCODA2013 - 24	97%
186	adverso ao fim do primeiro <b>tempo</b> , <b>comissão técnica</b> desenhou a			28	051%		05%				05%		BSUDG2010 - 64	9%

Fonte: Extraída do WordSmith Tools

A partir da localização dos fraseologismos do *corpus* foi possível elencar os mais frequentes, conforme mostrado na **Tabela 04**, abaixo:

**Tabela 5 – Fraseologismos mais frequentes no *corpus* iguais ou superiores a 1100 ocorrências**

01	Segundo tempo	1602
02	Primeiro tempo	1562
03	Partida de futebol	1540
04	Time da casa	1447
05	Gol de centroavante	1401
06	Primeira etapa	1339
07	Gol de falta	1321
08	Gol da virada	1286
09	Gol de honra	1282
10	Gol de bicicleta	1281
11	Gol de cabeça	1280
12	Gol de diferença	1280
13	Gol de pênalti	1230
14	Gol de calcanhar	1220
15	Gol de puro oportunismo	1213
16	Clube de ponta	1201
17	Gol de cobertura	1200
18	Comissão técnica	1187
19	Gol de placa	1180
20	Segunda divisão	1178
21	Dentro da área	1163
22	Lance a lance	1163
23	Gol de fora da área	1162
24	Cartão amarelo	1157
25	Fora da área	1157
26	Donos da casa	1156
27	Gol de voleio	1143
28	Primeira fase	1139
29	Segunda etapa	1138
30	Gol de escanteio	1136
31	Gol de barriga	1134
32	Gol de bola parada	1123
33	Gol de empate	1123
34	Abrir o placar	1121
35	Cobrança de falta	1120
36	Gol de virada	1120
37	Quartas de final	1115
38	Entrada da área	1110
39	Linha de fundo	1105
40	Terceiro cartão amarelo	1104

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

Durante o processo de identificação dos fraseologismos e após ter gerado as diversas listas, percebeu-se que seria necessário agrupá-las em três grandes campos semânticos. A opção de dividi-los em campos semânticos contribuiu para a compreensão das etapas que envolvem a prática do futebol, uma vez que os falantes nativos apresentam a capacidade natural de acessar mentalmente esses campos e fazer escolhas fraseológicas baseadas nas relações existentes entre eles, sem esquecer também que, apesar de algumas dessas expressões serem próprias de uma determinada fase do processo do futebol, elas não dizem respeito, propriamente ao que acontece durante o jogo, durante a partida.

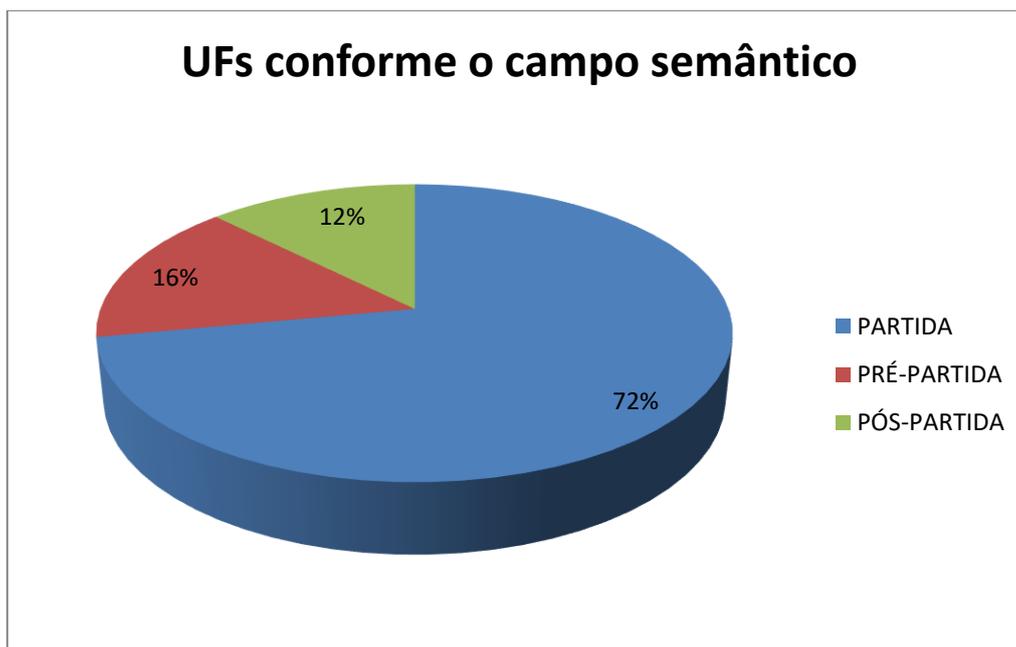
Dessa forma, a organização dos padrões, conforme o campo semântico mostrou-se produtivo, uma vez que foi possível observar, como evidenciado no gráfico 1, que a maioria das 1316 fraseologias encontradas no *corpus* é produzida dentro do campo Partida (72%): *bola na trave, falta na barreira, chute de bico, dentro da área*, isto é, as unidades fraseológicas encontradas assumem quase que uma configuração metafraseológica em que o discurso está voltado para a própria descrição do fenômeno praticado: o futebol. Observe-se esses dados na **Tabela 6** abaixo e sua apresentação no gráfico subsequente:

**Tabela 6 – Fraseologismos conforme o campo semântico**

<b>Campo semântico</b>	<b>Quantidade de ocorrência</b>
Pré-partida	204
Partida	948
Pós-partida	164
<b>Total</b>	<b>1316</b>

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

**Gráfico 1 – Fraseologismos conforme o campo semântico**



**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

Um fator evidenciado pelo *corpus* diz respeito aos valores próximos dos campos pré-partida (16%): *zona de acesso, treino tático, chave do jogo, zona de classificação* e pós-partida (12%): *pimba na gorduchinha, bola da vez, elite do futebol, gigante da colina*, os quais englobam os fraseologismos do ponto de vista de sua preparação e dos comentários dos especialistas da área, isto é, há quase uma equivalência, evidenciada pelo *corpus* de que os fatores externos à partida de futebol mostram-se menos produtivos.

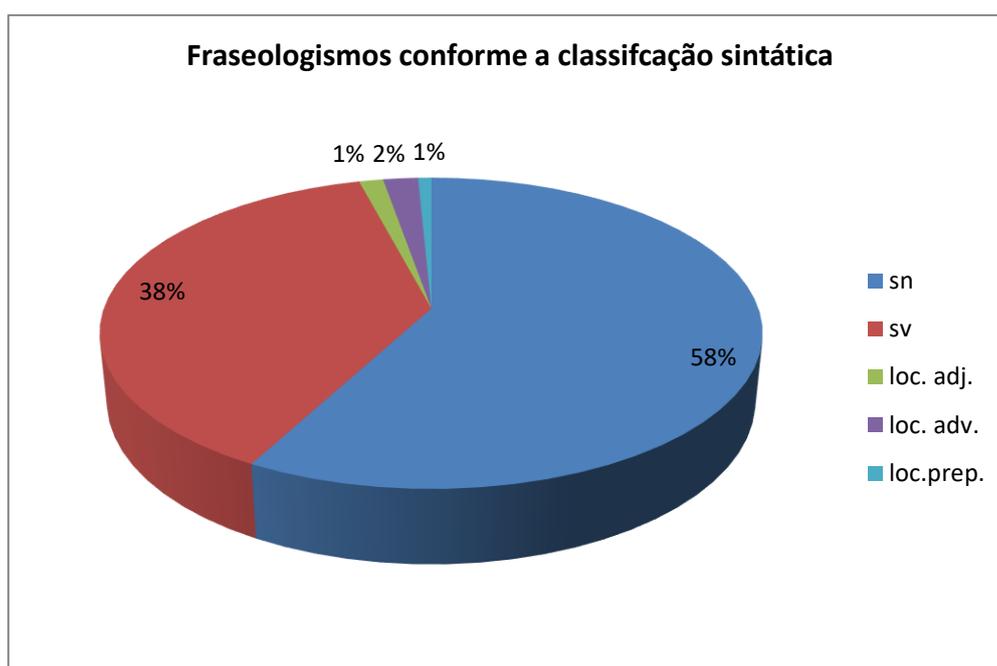
O processo de classificação dos 1.316 fraseologismos, os quais foram submetidos aos testes propostos por G. Gross (1996), abordados no capítulo 2, e delimitadas conforme os critérios estabelecidos por Mejri (2012) evidenciou a constituição dessas unidades conforme o padrão sintático, conforme evidenciado na **Tabela 7**.

**Tabela 7 – Padrão sintático dos fraseologismos**

Estrutura sintática	Quantidade de ocorrência
sn	761
sv	501
Loc. adv.	26
Loc. adj.	18
Loc. prep.	10
<b>Total</b>	<b>1316</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2016

Gráfico 2 – Fraseologismos conforme o padrão sintático



Fonte: Elaboração da autora, 2016

Na perspectiva de formação, as unidades fraseológicas evidenciadas no *corpus* e que integram o presente dicionário, se constituem em sua maioria, em sintagmas nominais. Os resultados mostrados no **Gráfico 2** apontam a supremacia do padrão das unidades formadas por uma base nominal (*bola do empate, grupo de elite, tamanho da peneira, equipe lanterna*) às quais constituem mais da metade das ocorrências (58%), seguida por aquelas de base verbal 38% (*resolver a partida, jogar improvisado, brigar pela vaga, abrir o placar*); as locuções adjetivas (*bom de bola, magro placar, má fase, com categoria*) 1% do resultado; as locuções adverbiais (*na cara do gol, no fundo do barbante, onde a coruja dorme, no ninho da coruja*), 2%; as locuções

preposicionais (de chapa, de trivela, de cobertura e de bico), 1%, o que representa apenas dez ocorrências no *corpus* em valores absolutos.

Como é possível perceber, os resultados alcançados corroboram a grande ocorrência de formações sintagmáticas (nominais<sup>37</sup> e verbais), as quais ocorrem, segundo Alves (1990a, p. 57) por meio da estruturação sintagmática nominal e/ou verbal<sup>38</sup>, isto é, quando os elementos que compõem um segmento frasal encontram-se em uma íntima relação no plano morfossintático, vindo a constituir uma única unidade léxico-semântica e cuja produtividade é observada em vocabulários de linguagens especializadas, que vão se formando mediante frases que se cristalizam e, que por sua vez, geram novas unidades.

a) Sintagma nominal

**abertura da rodada**

**sn.** Jogo que dá início ao ciclo de jogos de uma competição, podendo ser o primeiro jogo de uma das fases do campeonato ou o primeiro jogo do campeonato. *Pelo Grupo B, o Duque de Caxias recebe o Guaratinguetá, às 16 horas, no estádio Los Larios, na <<abertura da rodada>>.* {SCNEMH2008.05}

Observa-se, neste caso, e em muitos outros, que pode ocorrer, em determinadas circunstâncias, a expansão do sintagma mediante o acréscimo de determinantes em torno do determinado, como em <<**abertura da rodada do retorno**>>, gerando dúvidas quanto ao limite da unidade, um problema existente ainda na segmentação dos fraseologismos, uma vez que não se sabe precisar onde cada unidade começa e termina. Note-se que nesses casos, o elemento determinado, **-abertura**, está seguido do modificador – **da rodada**, constituído

---

<sup>37</sup> As estruturas nominais (formadas por dois substantivos) sendo que um deles é sempre convencionalizado e, às vezes, os dois constituintes podem ser, segundo Tagnin (2013), comuns em linguagens técnicas, designando ferramentas, peças etc.

<sup>38</sup> Denomina-se sintagma o grupo de elementos lingüísticos que constituem uma unidade em uma organização hierarquizada e, composição sintagmática a relação existente entre duas ou mais unidades que mantêm entre si dependência organizacional.

pelos determinantes sequenciados: sintagma nominal –**da rodada** (preposição + sintagma nominal) – do **retorno**.

b) Sintagma verbal

**bater de canela**

sv. Acertar a bola de maneira atabalhoada, com a canela, demonstrando total inabilidade e falta de recursos técnicos, num lance mal executado no futebol. *Antes a bola não entrava, agora ele <<bate de canela>> e ela entra de qualquer jeito.* {SDCODA2010.01}

Considerando o conceito de *lexia complexa* proposto por Pottier (1974) tem-se que as formações sintagmáticas nominais, por se apresentar em processo de lexicalização, raramente têm seus elementos componenciais ligados por hífen, como acontece com as sequências livres ou em casos de composição, caracterizada pela total associação de seus elementos, portanto, já plenamente lexicalizada, o que não ocorre com os fraseologismos, ainda passando por esse processo.

Na formação sintagmática –*grupo da morte* (situação em que um campeonato ou torneio, que tem as equipes divididas em diversos grupos, que jogam entre si, disputando as vagas para a etapa seguinte num processo eliminatório, apresenta um grupo com maior grau de dificuldade para seus integrantes, em decorrência da igualdade de forças e da qualidade técnica dos participantes). Não é permitido, por exemplo, inserir o adjetivo **bom** entre seus constituintes: –*grupo (bom) da morte*, tampouco, substituir –**grupo** (elemento determinado) por um parassinônimo: –**conjunto da morte**. No primeiro caso (inserção) haveria incongruência e no segundo (substituição por um parassinônimo) comprometimento semântico do conjunto.

Dessa padronização, observa-se também que muitos fraseologismos apresentam tanto uma base verbal quanto uma base nominal ressalta-se, por exemplo, o caso do verbo jogar.

**Figura 39 – Verbo *jogar* como base de categoria verbal e nominal**



Fonte: Elaboração da autora, 2016

A observação da **Figura 39** corrobora a proposta de Bevilacqua (2004) quando a autora defende que a unidade fraseológica decorre de um núcleo eventivo verbal e um núcleo terminológico nominal.

Em suma, neste trabalho, as unidades sintagmáticas apresentam-se, em sua maioria, sob as formas *nominal* (761<sup>39</sup>) e *verbal* (501). As formações nominais são em maior número que as verbais e, geralmente, são formadas apenas por um determinado e um determinante, embora em alguns contextos possam vir ampliadas. Tais formações são denominadas por Pottier (1974, p. 7) *lexias textuais*, constituindo-se em provérbios e ditos populares, e por Mejri (2012) casos infrafrásticos, tais como os exemplos:

- **bola pro mato que o jogo é de campeonato**

*sn.* Situação em que uma equipe, com placar favorável, chuta atabalhoadamente para a frente ou para o alto, as bolas lançadas em direção à sua meta, procurando dessa forma manter uma vitória ou um empate. *Gosto de aparecer como surpresa na frente e quando dá arrisco umas tabelas. Quando não dá, é <<bola pro mato que o jogo é de campeonato>>, disse o zagueiro, arriscando um chavão. [SDNEOM2012.03].*

---

<sup>39</sup> A quantidade de vezes que ocorreu no *corpus*

- **quem não faz leva**

*sn.* Bordão futebolístico que, ironicamente, refere-se a uma equipe que domina todas as ações durante o decorrer de uma partida, encurralando o adversário em seu próprio campo, mas num lance fortuito sofre um gol e acaba sendo derrotada. *O surrado clichê do futebol <<quem não faz leva>> marcou as desculpas da Portuguesa para a nona derrota no Campeonato Brasileiro.* {SBSEMH2012.04}.

Após essas observações iniciais, tem-se a tarefa de analisar os dados do *corpus* considerando os critérios abordados no capítulo 2 desta tese, dentre os quais o sintagmático, o semântico e o pragmático, conforme as características que os identificam, mais especificamente, a polilexicalidade, a fixação e a frequência, a idiomaticidade e a congruência (MEJRI, 2012), como bem observa o autor em:

O reconhecimento de fraseologismos depende inteiramente do cruzamento da fixidez e da congruência que funcionam como elementos das duas dicotomias seguintes: fixidez / variação; congruência / incongruência. Os estrangeiros (não nativos) tropeçam nesses dois aspectos. Quando usam as sequências, suas deficiências situam-se no nível desses dois aspectos: quer não respeitando a fixidez, quer não sendo sensíveis às (in) congruências sintáticas, semânticas ou pragmáticas. (MEJRI, 2012, p. 27).

Crítérios, estes que serão retomados na medida em que os resultados forem apresentados. Neste sentido, trata-se de fraseologismos conforme os traços relacionados à:

a) Polilexicalidade

A combinatória sintagmática é polilexemática, isto é, contém mais de um tema ou radical. Ela resulta de uma associação de palavras, que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas. Acham-se, pois, num processo de lexicalização semântica, vale dizer, de uma forma múltipla, adquirindo significado único. Neste caso, a formação de sintagmas passa a ter significação específica e corrente, mas a institucionalização na língua fica dependente de fatores de ordem social

imprevisíveis. São constituídos de palavras graficamente separadas ou relacionadas por morfemas vocabulares, como *apito inicial*, *apito final*, *bola cheia*, *dar bola* e muitos outros. Desta característica emanam todos os demais critérios de classificação, isto é, é condição básica que para ser fraseologia a estrutura morfológica seja poliléxica.

Apesar de mostrar-se uma condição básica na configuração fraseológica, o critério da polilexicalidade mostra-se bastante frágil se comparado aos demais critérios, uma vez que nem toda construção poliléxica é uma fraseologia, como bem visto na seção que trata das candidatas à fraseologia emitidas pela ferramenta *Clusters*, do *WordSmith*. Ainda em relação à polilexicalidade, é necessário considerar a relação entre neologismos e fenômeno das colocações. Se, no caso das unidades fixas tem-se uma unidade operacional compreendida em bloco, o mesmo não ocorre com as colocações, as quais apresentarão uma atração lexical entre os constituintes da combinatória.

O caráter pluriléxico das unidades fraseológicas é uma condição intrínseca destas estruturas, pois faz parte de sua natureza ser formada por mais de um elemento linguístico para ser considerada como fraseológica, isto é, para ser sintagmática deve ser uma unidade formada por mais de uma unidade léxica como em *rodada de abertura*, *zona de rebaixamento*, *jogo de acesso*, *apito final*.

Nesse processo de identificação dos fraseologismos por meio do critério sintagmático, percebeu-se que apesar de ele mostrar-se útil e caracterizador, é importante chamar a atenção para o fato de que, embora seja obrigatório, não é exclusivo das unidades fraseológicas, pois pode caracterizar também as unidades terminológicas sintagmáticas, isto é, os termos, simples ou sintagmáticos, os quais se caracterizam por possuírem função referencial, enquanto que as fraseologias possuem a função de formulação.

Esse aspecto permite fazer a distinção entre esses dois tipos de unidades, tais como em *abertura da rodada* ou *rodada de abertura* ou ainda unidades livres, como *abertura dos portões*. Neste caso, percebe-se que na sequência *abertura dos portões* o caráter denotativo prevalece e a ação de abrir pode ser preenchida

por *abertura da porta*, *abertura da janela*, ao passo que em *abertura da rodada* o caráter conotativo permeia o sentido da expressão. Portanto, apesar de ambas as estruturas apresentarem dois ou mais elementos constituintes, este critério não caracteriza especificamente uma unidade fraseológica.

b) Cruzando fixidez e congruência: o que está cristalizado

Mejri (2012) atenta em sua análise da delimitação dos fraseologismos que para se realizar a distinção entre um fraseologismo e uma sequência sintagmática livre é preciso, antes de tudo, cruzar as noções de (in) congruência e fixidez. Neste sentido, passa-se então, a submeter as sequências fraseológicas aos testes, começando pela fixidez sintagmática, a qual pode ocorrer em dois níveis: o paradigmático e o sintagmático, sendo que a fixidez paradigmática pode ser total como em *bico na redonda*, em que não é possível realizar nenhuma comutação entre constituintes da sequência combinatória. E, pode ser parcial, sendo preciso distinguir dois casos:

- a) quando as variantes da mesma sequência não põem em dúvida o caráter cristalizado da sequência (ASCOMBRE, 2000; 2003), como em: armar a jogada (*as jogadas*); figura (*figurinha*) carimbada, dono (*donos*) da casa, entre outros.
- b) quando as variantes são portadoras de nuances semânticas em nível da língua: brigar (*lutar*) pelo acesso, jogo (*partida*) do acesso, chutou (*mandou*) no ângulo, chutou (mandou) a bomba, equipe (*trio*) de arbitragem etc.

A fixidez da combinatória, por sua vez, está ligada à concatenação sintagmática em dois níveis, quais sejam: a fixidez geral, a qual permite a inserção de elementos novos na sequência, é o caso de: penetrar a (*forte*) barreira, bater com (*extrema*) categoria, bola contra o (*próprio*) gol etc. e a fixidez específica, concernente ao conjunto de reestruturações previstas pela sintaxe das sequências cristalizadas, baseadas principalmente, em G. Gross (1996) e sua classificação tipológica das sequências cristalizadas. Desta forma, em uma

unidade fraseológica do tipo Adj + Subs., se teria *belas (boas) jogadas*. Nesta condição é preciso listar as possíveis reestruturações advindas desse processo:

- em que é possível a posposição do adjetivo: *jogadas belas (boas)*.
- a coordenação e o agrupamento do adjetivo: *espetaculares (e) belas jogadas*.
- modificação pelo advérbio: *poucas belas jogadas*.
- acréscimo de adjetivos pospostos ou de modificadores preposicionais: *belas jogadas individuais e belas jogadas de ataque*.

Feitos os testes e observados os padrões encontrados, têm-se que as incongruências encontradas servem para mensurar o grau de cristalização sintática da combinatória. Assim como as reestruturações são equivalentes ao número de categorias de sequências cristalizadas e, por fim, as sequências que apresentam a mesma categoria gramatical (S→S, Adj.→Adj., V→V etc.) são menos fixas (cristalizadas) ou sequências heteroentidades (V→S, SP→Adv.).

Do ponto de vista semântico, a fixidez apresenta dois níveis. O primeiro relacionado às estruturas internas, no qual focaliza as figuras presentes nas sequências: *tem peixe (tubarão) na rede, engolir o frango (galinha)* e o segundo relacionado às estruturas externas, os estereótipos: *jogar como o baixinho*<sup>40</sup> (*Romário*), *jogar como o Fenômeno (Ronaldo)* e a transferência de domínios: *bater na trave* → no uso comum significa *quase conseguir alguma coisa*.

À fixidez pragmática, por sua vez, cabe a aceitação de uma sequência a uma situação. Cada vez que essa fixidez não é respeitada tem-se uma incongruência pragmática. Como no caso de *estar com a bola toda*, utilizada no uso comum para indicar a pessoa que goza de prestígio em determinada comunidade e que só faz sentido se empregada em contexto específico (positivo), a qual não poderia ser utilizada ((in) congruente), por exemplo, em

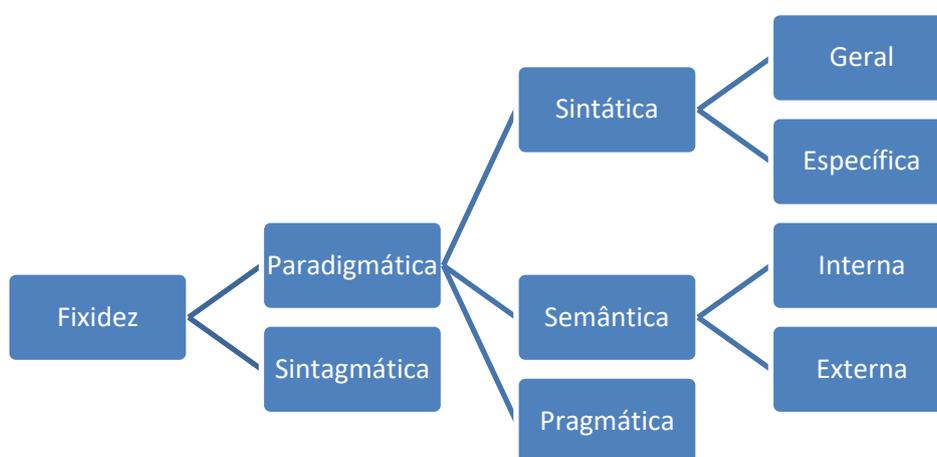
---

<sup>40</sup> As duas fraseologias encontradas não estão contempladas no dicionário devido a sua baixa frequência, isto é, apareceram apenas uma vez no *corpus* coletado.

uma situação em que o sujeito envolvido estivesse com problemas ou algo parecido.

O caráter classificatório oriundo do cruzamento da fixidez e da congruência revela o grau de cristalização da unidade fraseológica, assim como se esta mesma unidade ainda se encontra em estado transitório no processo de lexicção. Em síntese, a fixidez pode ser representada pela **Figura 40**:

**Figura 40 – Síntese dos aspectos referentes à fixação**



Fonte: Elaboração da autora, 2016

O grau de fixidez do fraseologismo possibilita eleger a sua tipologia em: colocações, sequências semicristalizadas e cristalizadas. A classificação estabelece uma escala, que pode ser obtida por meio dos testes sugeridos para esse fim por G. Gross (1996), M. Gross (1988) e Mejri (2012). A **Tabela 8** apresenta uma sequência de exemplos de cada tipo encontrado, conforme o grau de fixidez estabelecido pelo cruzamento da fixidez com a congruência, isto é, a verificação das restrições sintáticas de cada combinatória.

**Tabela 8 – Tipologia fraseologismos do futebol**

	<b>Colocações</b>	<b>Semicristalizados</b>	<b>Cristalizados</b>
<b>1</b>	Ala direito	Aplicar a regra	Abrir o placar
<b>2</b>	Ala esquerdo	Abrir vantagem	Abrir o marcador

3	Ângulo direito	Aparecer no ataque	Anotar o gol
4	Apito final	Brigar pelo título	Anotar um golaço
5	Apito inicial	Chegar ao ataque	Balançar a rede
6	Árbitro central	Chute com categoria	Bola na trave
7	Árbitro principal	Cruzamento na área	Cabeça de área
8	Ataque aéreo	Dar velocidade	Cabeça de chave
9	Auxiliar técnico	Dentro da área	Colocar água no chop
10	Banco de reservas	Dentro das quatro linhas	Condição legal
11	Bola alçada	Elite nacional	Dividir a bola
12	Camisa de treino	Encerrar na lanterna	Elite do futebol
13	Campo de defesa	Falta cobrada	Fechar o ângulo
14	Canto esquerdo	Furar a defesa	Gigante da colina
15	Delegado de jogo	Gol de oportunismo	Gol contra
16	Grupo de acesso	Livre na área	Gol de bicicleta
17	Saldo de gol	Livre pra receber passe	Gol de placa
18	Trabalhar com bola	Material de treino	Jogo da volta
19	Trio de arbitragem	Na risca da área	Jogo de ida
20	Vantagem mínima	Relaxar a marcação	Lanterna do grupo
21	Vitória simples	Subida ao ataque	Tentar o ângulo
22	Zona de acesso	Treino de bola parada	Time campeão
23	Zona de rebaixamento	Vacilo da zaga	Vestir a camisa

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

A síntese de toda a tipologia do *corpus* sob análise também está registrada no **Gráfico 03**, o qual traz a informação de que os fraseologismos cristalizados constituem a maior parte das ocorrências encontradas. Os casos ilustrados apresentam alta produtividade tanto em contextos específicos relacionados ao domínio do futebol quanto em situações diversas cotidianas.

Gráfico 3 – Tipologia dos fraseologismos



Fonte: Elaboração da autora, 2016

O exercício exaustivo de aplicação dos testes nos candidatos a fraseologismos em que se pretendia a certificação da natureza fraseológica de cada ocorrência, e em momento posterior eleger a sua tipologia, resultou nos dados evidenciados no **gráfico 03**, o qual aponta para o maior número de fraseologismos (750) cristalizados na língua (57%), o que reflete o caráter usual e recorrente da linguagem empregada nos jornais-fonte da coleta. Apesar de mostrar uma área em que grande parte de sua composição fraseológica migrou para o uso comum, o discurso futebolístico consegue manter a sua base terminológica, a qual permite a formação de fraseologismos periféricos a ela vinculada. Por outro lado, a cristalização dessas combinatórias é comprovada por meio das poucas possibilidades de substituição e inserção nas unidades fraseológicas encontradas.

As colocações constituem 15% das ocorrências (*comissão técnica, cartão amarelo, cartão vermelho, grande área, pequena área, trio de arbitragem*), podem ser definidas como sequências lexicais que ocorrem frequentemente e que estão institucionalizadas na língua, ou seja, cristalizadas. Sua formação não obedece a regras específicas, são arbitrárias, mas que devido à sua utilização no senso comum acabam por se cristalizar.

As unidades fraseológicas semicristalizadas correspondem a 28% das ocorrências do *corpus*. Ao considerar o padrão da unidade fraseológica a partir do verbo no infinitivo mais nome (V[inf] + N) previu-se que haveria variação morfossintática, entretanto, ela se mostrou mais produtiva do que o esperado, o que corrobora a visão de Gouadec (1994) sobre a qual o autor explicita que as fraseologias são cadeias que admitem a possibilidade de inserção de elementos em sua estrutura, tais como preposições, artigos, numerais etc. Para exemplificar essa relação, elencam-se na tabela abaixo alguns casos retirados do *corpus*.

**Tabela 9 – Variação morfossintática no *corpus***

<b>Parte fixa da UF</b>	<b>Parte Variável</b>
<b>penetrar</b>	a barreira / a (forte) barreira
<b>Cruzar</b>	para a área / para a (grande) área
<b>Invadir</b>	a área / a (pequena) área
<b>Armar</b>	a jogada / a(s) jogada (s) / (uma) jogada
<b>Levar</b>	goleada / (uma) goleada
<b>Abrir</b>	vantagem / (a maior) vantagem
<b>Mandar</b>	no ângulo/ (a bola) no ângulo
<b>Anotar</b>	o gol / o (primeiro) gol

**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

As ocorrências mostradas na **Tabela 9** evidenciam que a unidade fraseológica é formada, neste caso, por um elemento fixo – o verbo – seguido de uma parte variável, a qual possibilita que outros constituintes se infiltrem (artigos, adjetivos e preposições), processo este que revela o critério da comutabilidade e a pouca estabilidade de algumas dessas construções.

No caso das unidades fraseológicas configuradas pela presença de um verbo no infinitivo mais um nome, percebe-se que a inserção de um elemento na combinatória pode variar no que tange à classe e à função exercida pelos elementos que compõem o argumento, isto é, à direita do verbo, evidenciando o

caráter pouco estável dessas unidades, quando se relaciona o critério da fixação, corroborando as palavras de Mejri (1997) citadas no início desta seção, e que evidenciam o caráter essencial da fixidez para o estabelecimento de parâmetros fraseológicos, configurando-se para ele, portanto, como o critério mais importante.

É importante destacar também que nem sempre é fácil enquadrar determinadas expressões, uma vez que o grau de cristalização que as distingue, muitas vezes, é tênue. Em vista disso, sabe-se que é preciso ter consciência de que algumas unidades fraseológicas podem proporcionar dúvidas ou mesmo levantar questionamentos quanto à classificação recebida.

As construções formadas por verbos-suporte e sintagma nominal, por exemplo, funcionam como sinônimo para um verbo existente ou inexistente. Pacheco (2002) esclarece que o verbo pode ligar-se a um substantivo abstrato, deverbal, ou a um substantivo concreto, determinador da predicação. Tome-se como exemplo o fraseologismo *dar um drible* em que em que a combinatória sintagmática poderia ser permutada pela forma verbal simples *driblar*. Neste caso, o verbo *dar*, constituindo um verbo-suporte de ação, apresenta esvaziamento semântico, desempenhando uma mera função nominativa, colocando em evidência o nome ao qual está vinculado.

Nesse universo de expressões polilexicais foi possível identificar alguns padrões das fraseologias do *corpus*, as quais podem apresentar as seguintes configurações constitutivas:

- **substantivo + preposição + substantivo:** *base do time, abertura dos portões, jogo de acesso, fundo do barbante, garotos da base, dupla de beques, bico da área, renda de bilheteria, boca do vestiário, bola na trave, cabeça de chave, gol de cabeça, gol da vitória, camisa de treino, cabeça de área, cabeça de bagre.*
- **substantivo + adjetivo:** *apito inicial, apito final, árbitro auxiliar, árbitro principal, bola aérea, bola parada, bola ensaiada, treino recreativo, treino*

*tático, dupla titular, corpo mole, treino coletivo, comissão técnica, chute cortado, cadeira central, jogo amistoso.*

- **verbo + artigo + substantivo:** *abrir o marcador, acionar os laterais, ampliar o placar, anular o lance, aplicar a regra, armar a jogada, cortar a bola, dominar o jogo, dividir a bola, dominar a redonda, driblar a falta, balançar a rede, levantar o caneco.*

Menos produtivas são as estruturas:

- **verbo + substantivo:** *abrir vantagem, ampliar jejum, bater boca, cortar gastos, caçar borboleta, dar espaço,*
- **verbo + adjetivo:** *jogar feio.*
- **verbo + artigo + substantivo:** *aplicar uma goleada, invadir a área, armar a jogada, arrumar a casa, levar um baile, dar um baile, encobrir a barreira, penetrar a barreira.*
- **verbo + preposição + substantivo:** *bater na trave, jogar em casa, lançar de trivela, brigar pelo título, lutar pelo acesso.*
- **adjetivo + substantivo:** *grande área, pequena área, magro placar, ampla vantagem, má fase.*
- **adjetivo + preposição + substantivo:** *bom de bola, ruim de bola, mal das pernas.*

Encontram-se também estruturas mais extensas:

- *cruzamento de bola parada; onde a coruja dorme; abertura da oitava rodada; brigar até o final pelo acesso; dentro e fora das quatro linhas; dorme fora da zona de rebaixamento; bola ao mato que o jogo é de campeonato; tirar a bola na hora H; livre na entrada da área; mandar a bomba no canto; marcação homem a homem; morrer no cantinho esquerdo do gol; morrer no fundo do barbante; na busca pela qualificação; na risca da pequena área; oportunidade clara de gol; no apagar das luzes;*

*perda de mando de campo; queimar uma substituição; quem não faz leva; reencontrar o caminho do gol; sair do banco de reservas; sentir falta de entrosamento; tirar a bola em cima da linha; dentre outras.*

Em suma, ao elencar como parâmetro o critério da fixação os resultados emitidos pelo programa WST permitiu-se identificar dois tipos básicos de unidades fraseológicas, as quais se referem como unidades fraseológicas fixas (cristalizadas) e semifixas (semicristalizadas). Os fraseologismos se constituem como caso que incluem verbos, em geral, pode haver variação de tempo e pessoa *cruzar pela esquerda / cruzou pela esquerda.*

Os dados mostraram também que há variações, em que elementos de formação sintagmática acusam alternância no plano morfossintático, ou seja, o uso do sintagma preposicionado ocorre em alternância com o emprego da base adjetiva: *Três minutos depois, Marcelo cobrou falta da intermediária, um <<chute com veneno>> e assustou o arqueiro bugrino.* {SCSEMH2013.05} Em oposição a *chute venenoso: chute venenoso\** sn. Chute com efeito em que a bola descreve uma curva no ar, dificultando a intervenção do goleiro.

*O goleiro atleticano, Diego, no entanto tinha planos diferentes e, aos 7 minutos, mostrou reflexos ao espalmar um <<chute venenoso>> em um cruzamento de Carlos Alberto.* {SBSEMH2009.02}

Em se tratando do processo de lexicalização, sintagmas nominais como: *fundo da rede, lei do acesso, mando do jogo*, entre outros, seriam mais bem formados sem a presença do artigo – *o/a* (combinação: *de + o = do - de + a = da*), ou seja: *fundo de rede – lei de acesso – mando de jogo* ao invés da tradicional formação: “*fundo da rede*”, “*lei do acesso*” etc. Contudo, a presença do artigo em formações sintagmáticas é, também, comum em outras linguagens particulares, como a comercial: *ficha do contribuinte*, e não *ficha de contribuinte; via do consumidor*, e não *via de consumidor*.

A presença do artigo em grande parte dos fraseologismos, no material pesquisado, sinaliza que essas formações estão em via de lexicalização. Em todos os exemplos encontrados, sempre é o determinante que, de forma

inconfundível, especifica os traços caracterizadores dos elementos constitutivos. Em, por exemplo, “*chute de bico*” – é o determinante *-de bico* que vai distinguir esse composto de “*chute de trivela* “. Embora esses sintagmas compartilhem o mesmo elemento determinado –*chute* (domínio geral do ato de arremessar a bola com os pés), a alternância dos determinantes *-de bico* e *-de trivela*, são responsáveis pela especificidade e pelo caráter terminológico que é atribuído a cada uma dessas formações.

No *corpus* focalizado é significativa, em termos numéricos, a presença de formações sintagmáticas com determinantes adjetivais, como se comprova nos exemplos a seguir:

- **bola aérea**

*sn.* Lance em que uma bola alta é arremessada, por elevação, sobre a cabeça dos jogadores. Em cruzamento, Jheimy empatou e comemorou por três minutos. Para vencer, o Leão usou sua arma fatal: a <<**bola aérea**>>. Marquinhos cobrou escanteio, e Diego Felipe marcou para dar um gosto inédito neste ano para a maioria dos 7.057 presentes na Ressacada. {SBNOAJ2014.22}

- **chute perigoso**

*sn.* Chute com efeito no qual a bola altera sua trajetória, descrevendo uma curva no ar e dificultando a intervenção do goleiro. Depois do gol, Vinícius ainda chegou a trombar com o árbitro Ricardo Marques Ribeiro, levando ambos ao chão. E o Mecão só criou mesmo em um <<**chute perigoso**>> de Cascata de fora da área. {SBNOAJ2013.38}

- **entrada violenta**

*sn.* Lance no qual um jogador se aproxima ou aborda o adversário de maneira ríspida e truculenta, procurando tomar-lhe a bola mesmo que venha a causar-lhe uma lesão. Aos 24, os dois times voltaram a ficar em igualdade de condições, já que o lateral-esquerdo Luis Jorge também foi expulso por <<**entrada violenta**>> e deixou o time maranhense com dez. {SDSUDG2010.10}

c) A idiomaticidade: uma questão de sentido

Assim como a fixidez e a congruência, o critério da idiomaticidade serve de suporte para elucidar a combinatória sintagmática e mensurar seus diferentes graus, podendo ser total ou parcial. Por exemplo, em *aplicar a regra* no sentido de executar uma lei, tem-se uma idiomaticidade parcial, pois aplicar aparece ainda no significado externo da locução. Em *bico da área*, nenhum dos constituintes está usado no significado externo da sequência. Neste caso, tem-se uma idiomaticidade total.

Da mesma forma, a noção de opacidade e transparência foi colocada à prova, como em *segurar a lanterna*, que é transparente, e ao mesmo tempo idiomática, pois corresponde ao time que ocupa a última posição na tabela de classificação e tem sua origem relacionada à figura da locomotiva, a qual carrega no último vagão a lanterna que ilumina o caminho por onde o trem passa, e é motivada pelo ato, geralmente negativo, de estar no último lugar da competição.

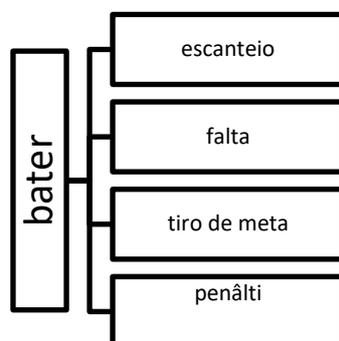
Ao tratar da delimitação e da classificação das sequências fixas e semifixas com base no critério da idiomaticidade (MERJI, 2012, p.31), explica que “, a não transparência se explica, na maioria das vezes, pela intervenção dos tropes<sup>41</sup> (metáfora e metonímia) na formação das sequências.” Desta forma, passa-se a verificar esse fenômeno nas ocorrências.

No *corpus* de estudo aqui analisado, o verbo *bater* é de grande produtividade em formações sintagmáticas com a acepção de: *chutar a bola com uma das pernas*, – “*bater escanteio*” – “*bater falta*” – “*bater pênalti*” – “*bater tiro de meta*” etc. Um exemplo de caso em que a metaforização ocorre é mostrado na figura 41, abaixo, em que o verbo *bater* assume diferentes significados:

---

<sup>41</sup> Texto original – “les phraséologismes transparentes (compositionnels)/ les phraséologismes opaques (non compositionnels) : le critère retenu dans cette opposition est un critère sémantique. La non transparence s’explique le plus souvent par l’intervention des tropes (métaphore et métonymie) dans la formation des séquences.” (MEJRI, 2012, p. 31).

**Figura 41 – Verbo “bater” e sua acepção no corpus**



Fonte: Elaboração da autora, 2016

- Indicando truculência e deslealdade na disputa de jogadas com o objetivo de intimidar o adversário “*No Goiás falaram: vocês estão batendo aqui, quero ver vocês <<bater lá>>, revela Flávio*”. {SCCODA2013.09}
- Indicando a ação de sobrepujar o adversário em um jogo “*O Bahia goleou o Serrano (6 a 1), o Corinthians AL. (4 a 1) e <<bateu>> o Figueirense por 3 a 1, chegando como um dos favoritos às finais*”. {SBNEOM2011.08}

Considerando a concepção de idiomaticidade explicitada por Pottier (1987) no sentido de que para o autor coexistem em um fraseologismo ao menos dois empregos da mesma lexia, um denotativo e um conotativo, o que justifica o seu sentido metafórico e também a posição de Greimas (1960), de que sobre cada segmento da cadeia lexemática, convencionou-se a atribuição de um significado segundo ou, pelo menos, um primeiro nível de abstração, que se constitui na transferência de significado de um lugar semântico a outro, sem que o significante sofra alteração, as sequências combinatórias estruturadas a partir do verbo *bater*, assim como outros presentes no corpus, são classificadas a partir dessa transferência de sentido para um âmbito semântico que não é o do objeto designado por ela. Martins (1989) assim define a metáfora:

A metáfora é o emprego de um significante com um significado secundário ou a aproximação de dois ou mais significantes, estando nos dois casos, os significados associados por semelhança, contigüidade, inclusão. [...] Ela faz o jogo complexo do significante e do significado, pode ser traduzida, parafraseada, pois é um desvio em relação à linguagem comum, transferência ou mudança de sentido. (MARTINS, 1989, p. 96)

Ullman (1964) expõe quatro tipos de metáforas nas quais se embasou a faculdade criativa do ser humano, sendo as duas primeiras, *metáforas antropomórficas* e *metáforas animais*, extremamente produtivas, uma inesgotável fonte geradora de polissemias<sup>42</sup>, originando um número incalculável de neologismos conceptuais. Nesta perspectiva, apresenta-se a seguir, alguns dos casos encontrados nesta pesquisa:

a) Metáforas antropomórficas: [Do gr: *antropos* = homem + *morphé* + forma]. Na linguagem dos esportes, em geral, é muito frequente esse processo de transferência. Grande parte dos vocábulos e expressões do universo ritualizado do futebol que remetem a seres inanimados é tirada por associação e transferência do corpo humano, como nos exemplos abaixo:

- **boca do gol**

Murilo entra na área pela direita, chuta cruzado, Murilo desvia e a bola passa sem perigo na <<***boca do gol***>>. {SCSEMH2008.01}

- **cabeça de área**

Infelizmente, hoje o Zé Elias faz parte de um grupo de <<***cabeças de área***>> que leva muito a sério os conselhos dos técnicos que acham que um volante não pode perder viagem. {SBNEMH2009.03}

- **mão na taça**

Mas na bola parada o Brasil (RS) quase colocou a <<***mão na taça***>>. {SDSUDG2010.05}

---

<sup>42</sup> “A polissemia é um fenômeno que ocorre no interior das redes de significação do léxico geral da língua comum, em virtude da economia lingüística, com o reaproveitamento freqüente de um certo número de lexemas no processo de comunicação. A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a freqüência de muitas unidades lexicais, gerando a polissemia.” (BIDERMAN, 1991, p. 283-284).

- **coração de um time**

Se o meio de campo é o <<**coração de um time**>> e o Paysandu, de acordo com o próprio treinador Arthurzinho, precisa 'transpirar mais emoção' em campo, o próximo passo da diretoria alviceleste para reforçar a equipe para a disputa da Série B do Brasileirão foi trazer jogadores para a meiúca do time. {SBNOAJ2013.149}

- **perna de pau**

Jogou uma bola quadrada e foi eleito o <<**perna de pau**>> da partida. {SBSUDG2010.20}

- **cabelo em pé**

O Treze, porém, quando foi ao ataque, deixou todos os marabaenses de <<**cabelo em pé**>>. {SCNOAJ2014.71}

- **de encher os olhos**

'Este menino da base é um quarto zagueiro <<**de encher os olhos**>>. Ver isto me dá ainda mais vontade de trabalhar', falou. {SBNOAJ2013.278}

- **pé da trave**

Após cruzamento de Caio Mancha o atacante Serginho bateu de virada, numa bela jogada. A bola, porém, tocou no <<**pé da trave**>> de Matheus e foi aliviada pela defesa. {SBNOAJ2014.61}

- **Gol de barriga**

Renato Portaluppi foi o primeiro a ser batizado. Em 1995, na final do Cariocão, deu o título ao Fluminense aos 42 minutos do segundo tempo, com o famoso <<**gol de barriga**>>. {SBSUDG2010.51}

A partir da lista de sequências encontradas, recorre-se às palavras de Sperber (2003, p. 21): “[...] o corpo humano é um valioso centro de expansão metafórica como de atracção [...]; no geral, todavia, as metáforas provenientes desta esfera parecem ser muito mais frequentes que as que lhe são dirigidas”. Desta maneira, os dados analisados aqui e os exemplos citados, refletem parte do carácter metafórico dos fraseologismos e compreende, sobretudo, o fator de imaginação e expressividade, faculdade imaginativa do homem, cujo fenómeno de transferência, ocorre na base de sua estrutura e configura-se comparativamente.

b) Metáforas animais – fonte produtora de metáforas, as imagens de animais povoam as expressões fraseológicas do futebol. Sempre relacionadas a animais cuja destreza física é exaltada, de percepção subjetiva, a transposição de domínio ocorre por meio das metáforas em função das características de cada animal (sabedoria, altivez, delicadeza), dentre alguns exemplos, têm-se:

- **ninho da coruja**

Aos 41 min, Preto fez falta violenta e na cobrança, Iago mandou a bola lá no <<**ninho da coruja**>>, empatando o jogo. {SCNOAJ2014.07}

- **onde a coruja dorme**

Com a vantagem numérica no placar e também dentro de campo, o Ceará ampliou o marcador com o atacante Mota, que arriscou e mandou <<**onde a coruja dorme**>>. Ceará 3 a 1. {SBNOAJ2013.404}

- **tem peixe na rede**

[..] Como bem dizia Walcyr Amaral: <<**tem peixe na rede**>> do Luverdense. {SCCODA2011.02}

- **boca do jacaré**

Após o gol do título, os jogadores do Brasil (RS) deixaram o campo e fizeram a festa na entrada da <<**boca do jacaré**>>. {SDSUDG2010.05}

- **caçar borboleta**

Na disputa Flamel bateu escanteio, o arqueiro Gilberto saiu <<**caçando borboletas**>> e Juliano cabeceou na trave. {SCNOAJ2014.05}

A oposição entre homonímia e polissemia, nas palavras de Biderman (1991), é importante para a classificação de unidades léxicas e o registro lexicográfico em dicionários de língua geral:

A polissemia é um fenômeno que ocorre no interior das redes de significação do léxico geral da língua comum, em virtude da economia lingüística, com o reaproveitamento freqüente de um certo número de lexemas no processo de comunicação. A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a freqüência de muitas unidades lexicais, gerando a polissemia. Inversamente, são palavras homônimas as unidades lexicais em que significantes morfológicamente idênticos têm significados diferentes. (BIDERMAN, 1991, pp. 283-284)

Mostrou-se muito produtiva no *corpus*, a transferência do domínio do léxico bélico para ilustrar situações do futebol, observa-se o caso de:

- *bola à queima roupa, fuzilou de cabeça, bomba na entrada da área, bomba explodiu no quintal do vizinho, chance de defesa, clima de batalha, contra ataque, contra golpe, definição tática, esquema tático, treino tático, fome para ir ao ataque, invadiu a área, lance de ataque, oportunidade de matar o jogo, bomba rasteira, campo de treino, invasão de treino, vacilo da defesa, zona de perigo, armar o jogo, brigar pela artilharia, falta de mira, poder de fogo, lançou ao ataque, campo de ataque, tiro de meta, na mira do gol, comandar o time, dentre muitos outros.*

A alta produtividade dessas unidades no âmbito futebolístico está ligada diretamente à estreita relação desse esporte com os elementos caracterizadores

de uma guerra, como visto no capítulo 4, que tratava da origem do futebol. Atualmente, a violência da prática desse esporte é atenuada pelo estabelecimento da <<aplicação de regras>> restritas (dezessete), porém, a disposição dos jogadores, alguns na casamata, o <<banco de reservas>> à espera da sua vez para jogar e os demais (perfilados) em *campo* ainda lembra uma guerra, em que seus jogadores orientados pelo <<comandante do time>> munidos de um <<esquema tático>> partem para uma <<batalha campal>> em busca do <<gol da vitória>>. Nesta batalha, têm-se os <<alas: direito e esquerdo>> que <<acionam os atacantes>>, que por sua vez <<mandam as bombas>> estabelecendo um <<fogo cerrado>>, as quais podem acertar o <<arco listrado>> ou o <<tiro de meta>> e fazem o <<guardador de rede>> (goleiro) trabalhar, resultando algumas vezes em <<gol de honra>>, deixando seus torcedores, com suas <<torcidas organizadas>>, fazer a sua <<guerra nas arquibancadas>> sendo o motivo dos comentários em programa de <<bate e rebate>>.

Também se encontrou no *corpus*, assim como em Queiroz (2005), porém em menor número, fraseologismos relacionados à erotização e a estados psicológicos, tais como:

- *bola murcha, bola cheia, bola da vez, entrou com bola e tudo (referência ao coito sexual), bola da vez, estar com a bola toda, abrir as pernas, romper o véu da noiva etc.*

Assim como unidades que se referiam a estados de espírito e emoções<sup>43</sup>. Para ilustrar essa relação chamou atenção o fraseologismo de base *clima de, o qual* aceita diversos modificadores e é utilizado para denominar diversos sentimentos relacionados a partida de futebol (paz, festa, fim de festa, parceria,

---

<sup>43</sup> Damásio (1998, p. 22), dentro de uma abordagem neurocientífica, considera a emoção e os sentimentos como a “base daquilo que os seres humanos têm descrito há milênios como alma ou espírito humano”. Ainda para o autor, as emoções básicas seriam a felicidade, a tristeza, o medo, a raiva, a surpresa ou a aversão.

jogo, tensão, racha, batalha, guerra, derrota, tristeza, milagre, vida ou morte, velório e despedida).

Tentou-se registrar a gradação dos sentimentos expressos pelos fraseologismos, casos expressos de colocações, constituídos a partir da configuração *-clima de*, atribuindo-lhes, **Figura 42**, às cores mais claras - referenciada pelas cores das formas (azul, amarelo, laranja), a indicação da posição confortável de cada equipe ou dos times nos jogos, até a despedida, referenciada pelas cores das formas (azul, amarelo, laranja), cores que indicam período de alteração emocional de atletas, treinadores, torcedores e até comentaristas de futebol. Essa relação está ilustrada abaixo:

**Figura 42 – Gradação das cores para a estrutura *Clima de* -**



**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

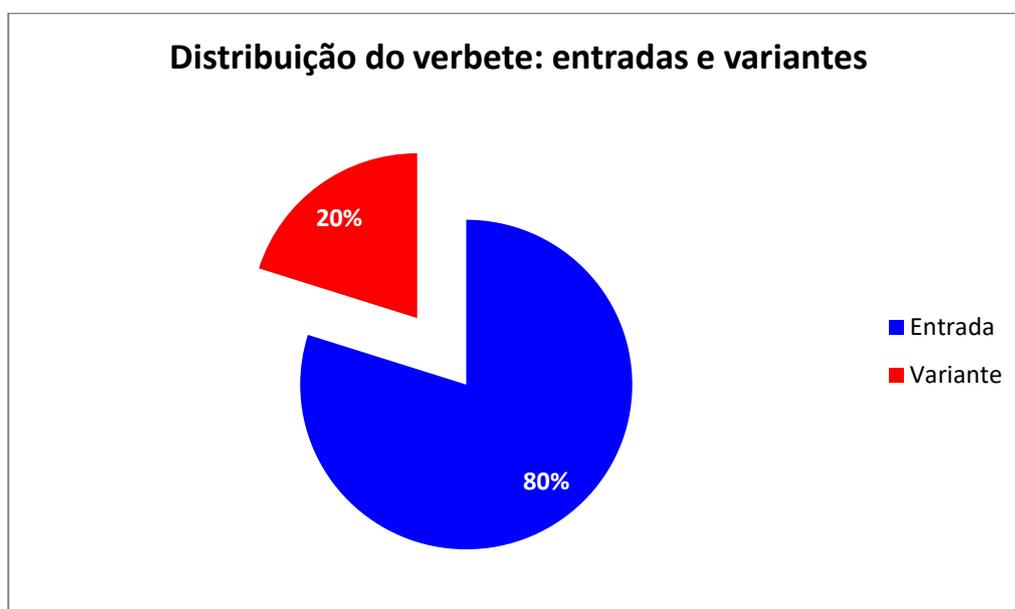
Apesar de não ser o enfoque da pesquisa, verificou-se que alguns padrões morfossintáticos são recorrentes no *corpus*, por exemplo, as unidades formadas a partir da base *jogador* + preposição + modificador. Neste caso, há

*jogador de criatividade, jogador de penetração, jogador de ataque, jogador de defesa, jogador de futebol, jogador de referência, jogador de qualidade, jogador de muita qualidade, jogador de velocidade, jogador de criação, jogador de marcação, jogador de área e jogador de meia.*

A partir desse exemplo, fica clara a importância e, conseqüentemente, a produtividade do verbo *jogar* para a temática do futebol, o qual mostra toda a sua faceta morfológica ocupando lugares diferentes nas estruturas das unidades, aparecendo no *corpus* na condição de V+[Inf] + art+ S (*jogar a toalha*), V+[Inf] + prep.+ S (*jogar em casa*), com base de V (particípio) + adj (*jogada ensaiada*), V[Inf] + particípio (*armar jogada*), como S + prep. + S (*jogo de acesso*), V[Inf] + artigo + S (*dominar o jogo*), com base nominal S + prep. + S (*jogador de velocidade*).

A partir do critério da idiomaticidade, consegue-se classificar as entradas e as variantes que estão dispostas no dicionário, conforme ilustrado no **Gráfico 4** abaixo.

**Gráfico 4 – Entradas e variantes**



**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

O **Gráfico 4** evidencia que as entradas principais elencadas no dicionário constituem 80% das ocorrências, e que apesar de haver um grande número de

substituições na base das unidades verbais (*chutar a (uma) bola*, *mandar a (uma) bola*), elas representam apenas 20% das expressões no *corpus*, as quais, por não implicarem mudança de significado nos fraseologismos, são tratadas como variantes e assim aparecem listadas no dicionário. Por esse motivo, em casos de variantes, a definição acompanha a variante mais produtiva.

- d) Previsibilidade e frequência: atração e repetição, duas faces da mesma moeda

Como tratado anteriormente, os critérios da previsibilidade e da frequência estão intimamente ligados e refletem a atração lexical de determinados fraseologismos. Essas unidades são tão ligadas entre si que desse caráter atrativo, decorre quase que uma relação unívoca, pois uma expressão é frequente porque é previsível e previsível porque é frequente. Desse modo, enquanto a frequência está relacionada à quantidade de vezes que fraseologismo é repetido, a previsibilidade reflete as escolhas do falante em detrimento de outras estruturas de igual valor manifestas no nível paradigmático.

Para Laface, Tashiro, Cruz e Silva (2006), quando se trata de sentidos, a palavra responde pela dimensão cultural e histórica, disponível para produzir e ampliar o conhecimento, pois,

[...] o conhecimento, manifesta-se nos diferentes atos de linguagem. Versátil nas formas de se manifestar torna-se funcional no espaço que lhe é reservado para mobilizar e reconduzir o saber.

Nesse caso, a concomitância de divulgação das informações – ocorrência no universo do saber – não deve ser vista numa só direção, pois isto [...] afrontaria a potencialidade internalizadora dos seus usuários, afetaria a variabilidade dialetal e deixaria de se considerar as particularidades culturais. Uma das questões remete-se ao próprio limite na língua; o que seria e em que se consistiria esse limite, tendo em vista a cadeia aberta, o léxico. (LAFACE; TASHIRO; CRUZ; SILVA, 2006, p. 61).

Neste caso, há processos subjacentes que possibilitam a migração de domínios específicos para gerais e vice-versa. Nesta pesquisa, a frequência foi utilizada para evidenciar o uso efetivo da unidade fraseológica nos textos coletados, neste sentido foi possível observar que no caso de *abrir o placar* e

*abrir o marcador*, ambas se referem ao ato de marcar o primeiro gol da partida, porém, *abrir o marcador* (14<sup>44</sup>) em relação a *abrir o placar* (121) apresenta bem menos produtividade, o que foi explicado durante o Teste de Fiabilidade, em que todos os três colaboradores informaram que *abrir o marcador* é uma fraseologia menos utilizada atualmente, sendo gradativamente substituída por *abrir o placar*, evidenciando uma marca diastrática, isto é, mais utilizada por pessoas nascidas antes do ano de 1990 e que explicitam a relação da convencionalidade, quando da escolha do falante entre “marcador” e placar”.

Não se pode deixar de registrar também, porque se mostrou latente no *corpus* estudado, a grande contribuição da área do futebol para a ampliação e a renovação, na esfera de uma linguagem técnica, dos itens lexicais gerados pelo processo das sequências sintagmáticas. Alves (1990a, p. 54) relata a especificidade resultante desse processo: “Os itens léxicos ocorrem com muita frequência nos vocabulários técnicos. Resultam, nesses casos, de uma indecisão em relação à designação de uma nova noção”. Para concluir adiante: “O vocabulário de uma tecnologia ou de uma ciência em formação condiciona o surgimento de unidades lexicais sintagmáticas em que se observa o empréstimo de termos de disciplinas conexas” (ALVESb, p. 54).

Desta forma, observa-se no *corpus* a grande produtividade de unidades fraseológicas do futebol que servem ao senso comum. E nesse fluxo contínuo, língua de especialidade e língua comum se servem das diversas possibilidades de criação para re (alimentar) o léxico. Neste sentido, assim como o futebol faz uso da língua comum, ele também empresta unidades para a língua geral. Observando as figuras abaixo em que são listadas algumas das ocorrências do *corpus* que evidenciam essa transferência de domínio: *dar bola* (passar a bola ao companheiro de equipe → dar atenção a alguém); *encher a bola* (deixar a bola na pressão adequada → exaltar a qualidade de alguém); *abrir o jogo* (efetuar lançamentos das laterais do campo para os colegas de equipe, possibilitando um jogo mais dinâmico → falar a verdade a alguém); *pisar na bola*

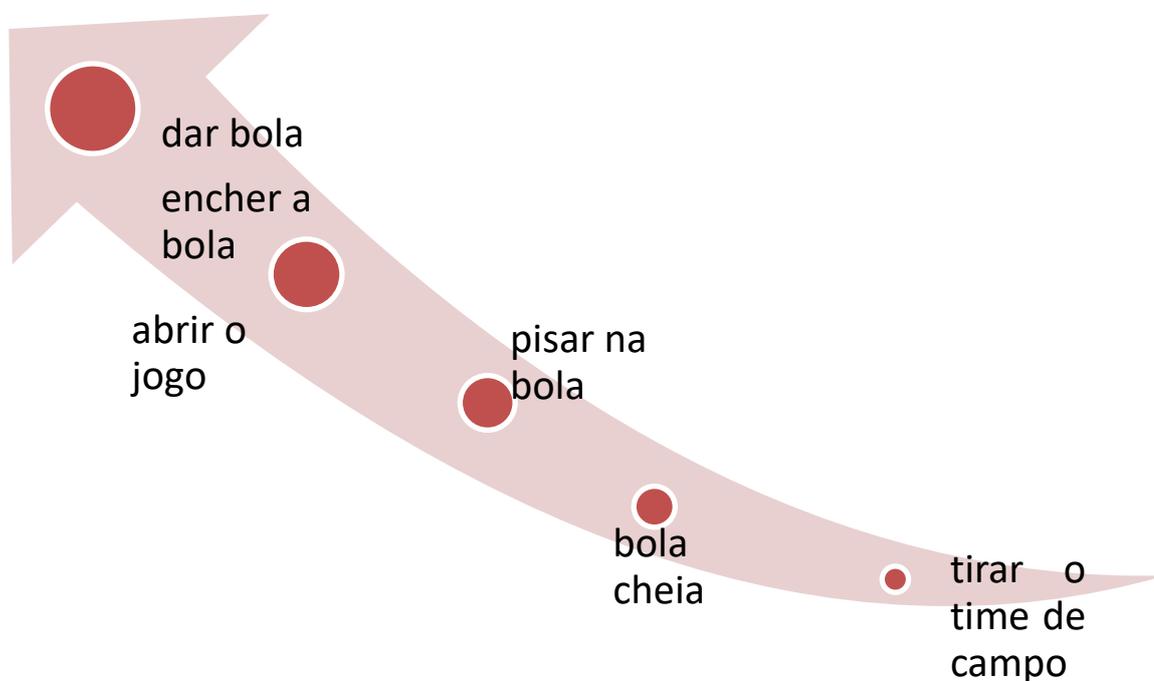
---

<sup>44</sup> A quantidade de vezes que o fraseologismo ocorreu no *corpus*.

(fazer a bola parar ao colocar o pé em cima dela → cometer um erro); *bola cheia* (a bola que está na pressão adequada para o jogo → o indivíduo que está gozando de prestígio) e *tirar o time de campo* (o time deixar o campo ao final de um jogo → desistir de alguma empreitada).

A relação de fraseologismos em trânsito, isto é, a flutuação dos fraseologismos entre um domínio e outro, está descrita na **Figura 43**, a seguir:

**Figura 43 – Fraseologismos em trânsito**

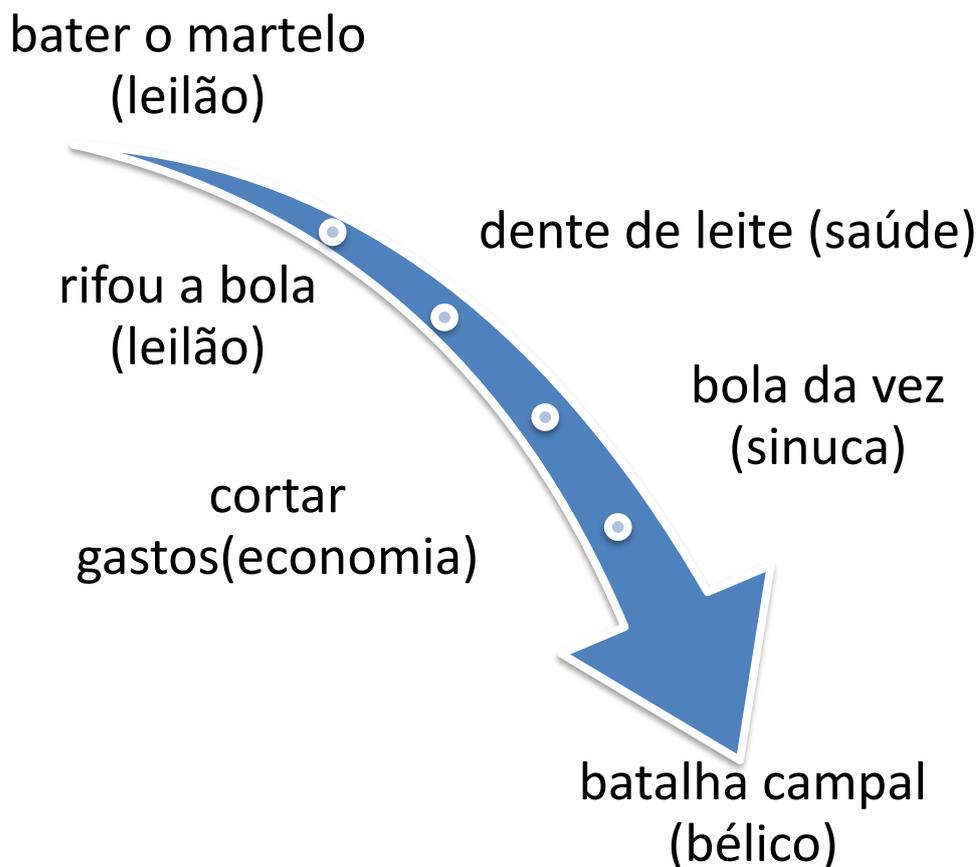


**Fonte:** Elaboração da autora, 2016

A **Figura 43** mostra exemplos de fraseologismo que migraram do domínio do futebol e passaram a circular na língua geral, alguns com sentido positivo como *bola da vez*, cujo significado é de prestígio, e outras de sentido negativo como *bola murcha*. O caráter pragmático dessas classificações evidencia para Mejri (2012), o fluxo natural, dinâmico da língua e reflete o grau de cristalização dessas estruturas, assim como o fato dos *tropes* efetuarem a transferência de sentido e, conseqüentemente a mudança de domínio.

Neste viés, o movimento inverso também foi evidenciado **Figura 44**, casos como *bater o martelo* (linguagem dos leiloeiros, em que o ato de bater o martelo indica a aceitação do último lance, finalizando o leilão → no futebol significa a assinatura de contrato de um jogador); *rifou a bola* (linguagem dos leiloeiros, cada lance de um leilão → chutar a bola de qualquer maneira para sair de uma pressão do jogo); *dente de leite* (Odontologia, os primeiros dentes da criança → uma das categorias do futebol que acolhe crianças de 7 a 11 anos); *bola da vez* (a próxima bola a ser tacada na sinuca → o jogador que está na mídia); *cortar gastos* (reduzir despesas, advindo da economia → reduzir o número de jogadores do time); *batalha campal* (uma das etapas da guerra → a partida de futebol na mesma configuração da batalha).

**Figura 44 – Fraseologismos em trânsito II**



**Fonte:** Elaboração da autora, 2016.

Os dados tratados, neste trabalho de doutoramento, mostram que os fraseologismos não são estruturas rígidas, imutáveis. A cristalização e a fixidez não são totais. Muitos fraseologismos possuem formas alternativas, que eventualmente incluem variações até mesmo com termos que não são sinônimos. Além disso, pode-se acrescentar a constatação de modificação diacrônica, verificada na pesquisa realizada em trabalhos anteriores, o que indica a não cristalização permanente do bloco.

Em síntese, os padrões morfossintáticos encontrados, nesta investigação, são do tipo:

Verbal

- *V **tocou** (determinado) + prep. (de) + S **calcanhar** (determinante) Após bela linda tabela, Lúcio <<**tocou de calcanhar**>> para Luciano Bebê, que fuzilou o goleiro Marcelo Silva, que nada pode fazer. {SCSUDG2011.08}*
- *V[Inf.] **perder** (determinado) + art (a) + S **bola** (determinante) O líder Brasil de Pelotas foi surpreendido pelo Brusque, nesse sábado, e pode <<**perder a ponta**>> do campeonato. {SDSUDG2011.03}*
- *V **ampliar** (determinado) + S **jejum** (determinante) Ponte Preta empata em jogo de seis gols e <<**amplia jejum**>> Macaca campineira vem de resultados ruins na Copa do Brasil e Série B. {SBNOAJ2014.132}*
- *V [Inf.] **jogar** (determinado) + Adj.**feio** (determinante) O Guarani é um time que joga na retranca, não tem medo de <<**jogar feio**>>, deixa o adversário procurar os espaços, marca muito e joga nos erros do oponente. {SCCODA2013.05}*

Pode ocorrer, em determinadas circunstâncias a expansão do sintagma mediante o acréscimo de determinantes em torno do determinado. Exemplo:

*Após confusão na área mineira, Luis Carlos mandou para o gol e Tales <<**tirou em cima da linha**>>. {SCSUDG2011.09}*

## Nominal

- S **bola** (determinado) + Adj. **redonda** (determinante) *Juninho jogou uma <<bola redonda>> que deu origem ao primeiro gol do Santa Cruz. {SBSUDG2010.49}*
- Adj. **má** (determinante) + S **fase** (determinado) *O Náutico, em <<má fase>>, teve todo o azar do mundo quando Dakson chutou sem muita força, mas ela desviou em Gilmak e enganou o goleiro para morrer no fundo das redes. {SBSEMH2014.10}*

## Preposição implícita:

- *Rogerinho Gameleira irá como <<auxiliar (de) técnico>> e não técnico interino. Já em Belém, o novo treinador do Paysandu, Vágner Benazzi, vestirá o uniforme da comissão técnica e irá à beira do campo na partida deste sábado (21), às 21h, na Curuzu, em Belém, contra o Atlético Goianiense, pela 24ª rodada da Série B do campeonato brasileiro, com transmissão lance a lance pelo Portal ORM. {SBNOAJ2013.271}*

## Preposição explícita ligando os elementos:

- S **braçadeira** (determinado) + Prep. (**de**) + S **capitão** (determinante) *Qual a importância do jogador que usa a <<braçadeira de capitão>> para o restante do time? No Paysandu, Vânderson, que garantiu de vez a faixa quando chorou após ser derrotado de virada pelo São Caetano, é considerado fundamental. {SBNOAJ2013.368}*
- Adj. **bom** (determinante) + Prep. (**de**) + S **bola** (determinado) *O segundo tempo colorado produziu um susto terrível a sua torcida. William Matheus e Ramon, de cabeça, com assistência de Walter, o gordinho <<bom de bola>>, aumentaram o placar, aproveitando-se da defesa insegura do Inter. {SBSUDG2013.47}*

Neste capítulo, tratou-se da apresentação dos dados e da análise morfossintático-tipológica, mesmo que explanatória, do *corpus* deste estudo. Observou-se a categorização e a tipologia das UFs do futebol e o posicionamento de cada fraseologismo levantado no *corpus* de estudo no *continuum* de lexicalização e conclui-se que em muitos casos os fraseologismos em que se fez o levantamento (semicristalizados) se encaixam no protótipo de fraseologismo que trilha o processo de lexicalização.

## 6 O DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO DO FUTEBOL

Embora se tenha mencionado anteriormente as informações acerca da constituição do dicionário apresentam-se, resumidamente, as suas características e como se deu a organização da obra com vistas a ajudar o consulente durante o manuseio e a leitura da estrutura oferecida. Neste sentido, os verbetes do dicionário estão apresentados em ordem semasiológica (alfabética), obedecendo a seguinte estrutura:

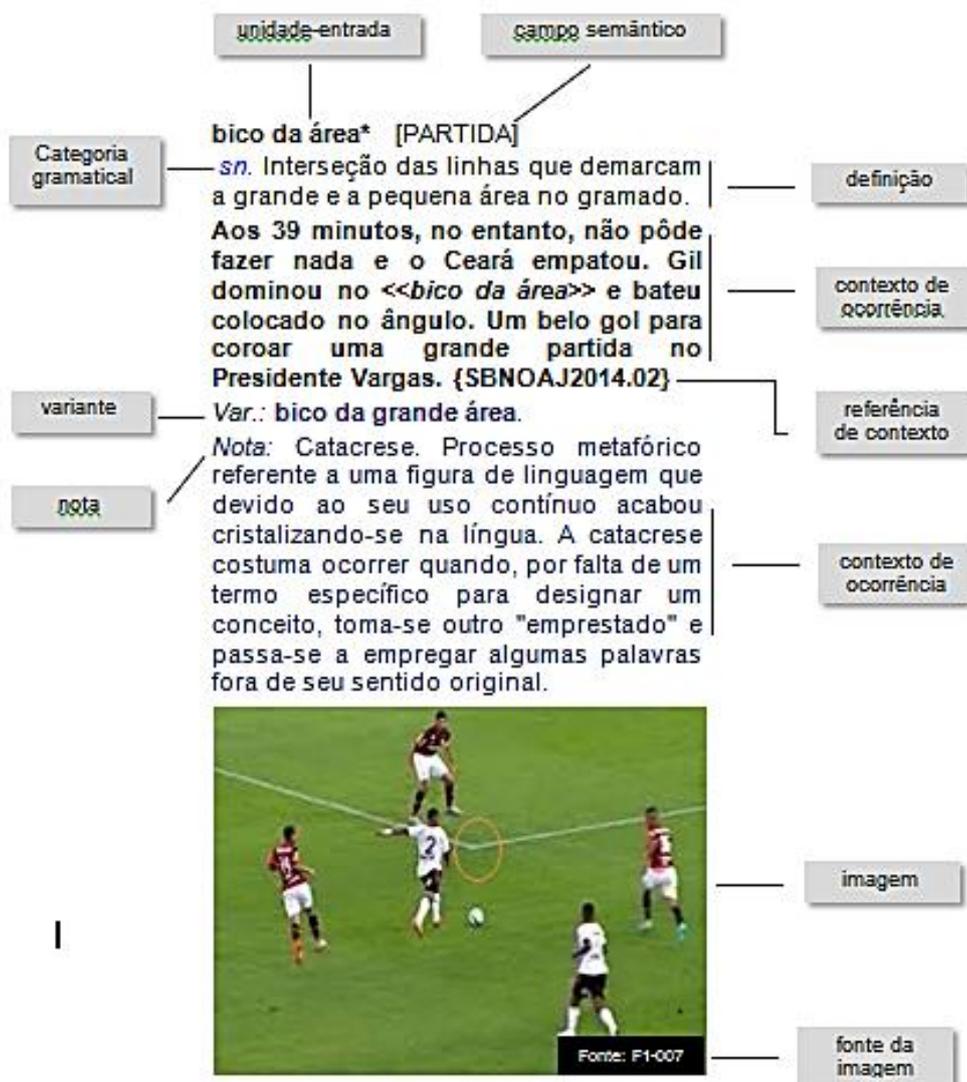
- unidade – entrada (*grafada com letra minúscula e em negrito*) apresentada em sua forma lematizada, isto é, quando iniciado por substantivo masculino singular, verbo no infinitivo, adjetivo singular, advérbio e preposição, nesta ordem.
- campo semântico (*grafado em letra maiúscula e entre [ ]*) apresentando o conceito-chave que engloba um conjunto de fraseologismos relacionados entre si;
- referências gramaticais (*grafadas em letra minúscula e a fonte na cor azul, versão eletrônica*);
- definição – *campo que carrega a acepção final atribuída à fraseologia*;
- contexto (*a fonte de onde o exemplo foi retirada está marcada entre colchetes acompanhada do código do texto de origem; os casos de flexão do verbo e de número são explanados precedidos pelos números 1, 2, 3*

ou 4, sendo o primeiro exemplo o mais frequente e a relação entre eles estabelecida de modo decrescente);

- variante – campo referente às variantes encontradas no *corpus*. A variante de maior frequência aparece evidenciada por um asterisco e a que consta como unidade-*entrada*, sendo também a portadora da definição;
- remissiva (em casos de variação, sinonímia ou quando surge uma unidade-*entrada* na definição ou no contexto que precisa ser esclarecido);
- nota (em casos em que se precisa de maiores esclarecimentos sobre a unidade-*entrada*);
- imagem: quando possível ilustrar o fraseologismo, neste caso, é apresentado o índice de fontes (apêndice A) das imagens e seus respectivos autores, quando se é possível identificar; são ilustradas 252 entradas.
- vídeo: utilizado para evidenciar o fraseologismo (versão eletrônica), principalmente, quando não se é possível ilustrar, também para os vídeos foi elaborado o índice de fontes (apêndice B).

São de dois tipos os verbetes do dicionário: um corresponde à unidade – entrada principal, e outro à unidade-*entrada* variante, como mostra a **Figura 45** abaixo.

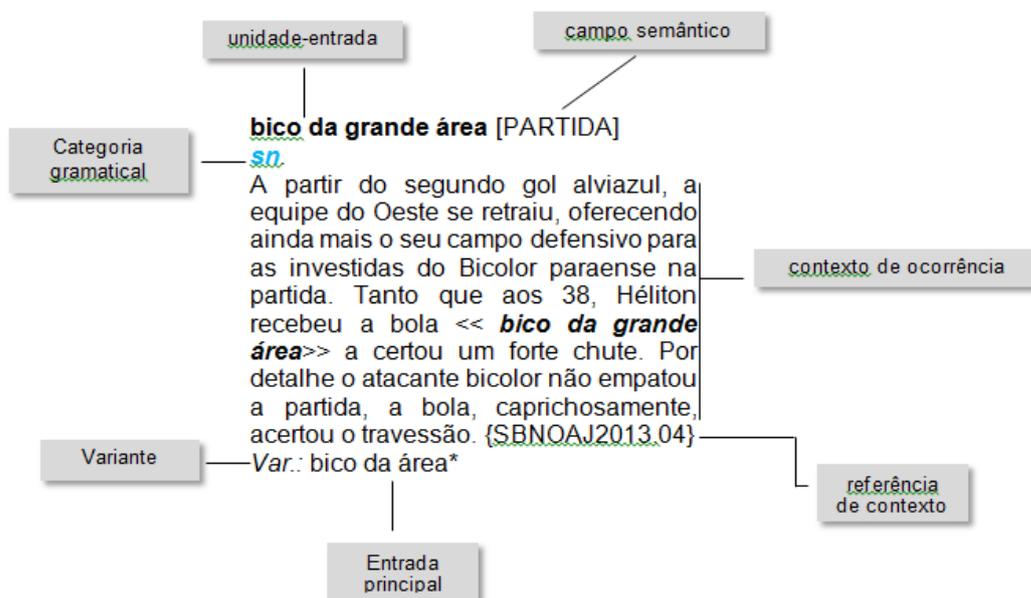
**Figura 45 – Estrutura do verbete entrada-principal**



Fonte: Extraído do *Lexique Pro*

O verbete unidade-entrada variante não apresenta todos os campos como a unidade-entrada principal, é possível observar na imagem abaixo, por exemplo, a definição, a nota e a imagem. Neste verbete, consta apenas o campo semântico, a categoria gramatical, um contexto de ocorrência e, quando houver, variantes e remissivas.

Figura 46 – Unidade-entrada variante



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Apresenta-se abaixo a lista de abreviações usadas no Dicionário:

*loc. adj.:* locução adjetiva

*loc. adv.:* locução adverbial

*loc. prep.:* locução preposicional

*sn:* sintagma nominal

*sv:* sintagma verbal

Ao final do dicionário, é apresentado o índice remissivo no qual constam todas as unidades-entrada do dicionário com a numeração das suas respectivas páginas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando este trabalho de doutoramento foi iniciado e se escolheu tratar do tema relacionado ao futebol, tendo como *pontapé inicial* a recolha de fraseologismos oriundos desse domínio, tais como: *tiro de meta, gol de placa, gol de bicicleta, abrir o placar*, e sua perceptível produtividade no uso comum - *pisar na bola, tirar o time de campo, bola da vez* -, já se sabia que seriam encontradas uma variedade dessas sequências nos textos coletados, principalmente pelas características editoriais dos jornais escolhidos como fonte de coleta e pela linguagem utilizada pelos articulistas no intuito de aproximar o leitor, efeito de suas capas chamativas, porém, essa produtividade se mostrou muito relevante, o que pode ser evidenciado pelas ocorrências listadas nos verbetes que compõem o dicionário, Volume II e Volume III, o que confirmou as primeiras expectativas em relação ao tema.

Dentre os muitos caminhos percorridos nesta investigação para o levantamento dos fraseologismos, etapas descritas nos *Procedimentos Metodológicos*, conduziram à constatação de que a linguagem do futebol, veiculada pela mídia impressa, tanto impressa quanto eletrônica, caracteriza-se por uma busca constante da expressividade, mesmo com o natural cerceamento imposto pelo registro impresso, materializada quer nas manchetes chamativas, quer no corpo das reportagens, quer na extensão da notícia, deparou-se com uma gama de expressões cristalizadas na língua e também de novos sentidos, apesar de não se adentrar o campo dos neologismos.

Desta forma, o que ficou latente do ponto de vista da mídia, é o sensacionalismo caracterizado como uma das marcas da linguagem do futebol, mesmo com o natural cerceamento imposto pelo registro impresso, quer nas manchetes chamativas, coloridas e, na maioria das vezes, ambíguas, quer no corpo das reportagens, onde se apresentam duas modalidades de linguagem técnica: a técnica-profissional propriamente dita; e a linguagem técnico-banalizada que incorpora também formações populares. A primeira é constituída fundamentalmente por estruturas sintagmáticas (verbais e nominais), locuções e colocações; a segunda pelo abundante emprego de metáforas, metonímias e

hipérboles, fato constatado, principalmente, em jornais de forte apelo popular, direcionadas às classes com menor poder aquisitivo, como os cinco jornais com livre trânsito e grande circulação nas capitais de grandes cidades do país, aqui estudados.

Para a difusão dessa variedade de informações relativas ao futebol, os jornais, como visto, valem-se das unidades fraseológicas, as quais constituem expressões de significado global, podendo apresentar diferentes graus de fraseologicidade ou cristalização. Ao efetuar os testes com base em Merji (1986) viu-se a dificuldade em delimitar as unidades fraseológicas, neste sentido, torna-se importante destacar que nem sempre é fácil enquadrar determinadas expressões nos diferentes grupos, uma vez que o grau de cristalização que as distingue, muitas vezes, é tênue. Em vista disso, sabe-se que é preciso ter consciência de que algumas unidades fraseológicas podem apresentar dúvidas ou mesmo levantar questionamentos quanto à classificação recebida.

Ainda neste âmbito, buscou-se nesta pesquisa, observar a maneira como a mídia impressa (emissor), para atingir a massa consumidora (receptor), ávida por informes futebolísticos (mensagem), utiliza-se com grande eficácia de recursos ofertados pela Língua Portuguesa (o código linguístico) empregando uma linguagem adequada/direcionada para atingir eficazmente seu público-alvo. Fraseologias peculiares, inusitadas e altamente sugestivas extrapolam a área de domínio exclusivo dos aficionados por futebol e incorporam-se à linguagem cotidiana, incluindo-se, até mesmo, no repertório vocabular de pessoas não adeptas a essa prática desportiva. Metáforas (*batalha campal*), metonímias (*entrar de sola*), hipérboles (*chuva de gols*), catacreses (*boca do gol*) e etimologias populares povoam a linguagem do universo futebolístico, gerando unidades fraseológicas que são disseminadas pela mídia e, ao mesmo tempo, estão cristalizados tanto no uso específico quanto no uso geral e acabam por se anexar ao tesouro lexical da Língua Portuguesa.

O estudo detalhado mostrou que as unidades fraseológicas se constituem como sequências sintagmáticas de significado global, que apresentam em sua

estrutura sintagmas nominais, verbais e locuções, dentre outras formações. Foi visto também que é grande a discussão acerca da delimitação da Fraseologia como disciplina independente ou como sub-área da Lexicologia. Apesar das diversas nomenclaturas, neste trabalho, escolheu-se tratá-la como disciplina independente, por tratar-se de uma área com escopo e metodologia próprios e direcionando o processo de classificação e delimitação de acordo com a teoria proposta por Merji (1997), de modo que se assumiu a classificação e a tipologia dos fraseologismos como sequências cristalizadas, semicristalizadas e colocações, cujas características são definidas a partir do grau de fixidez que a sequência combinatória encontra na comunidade em que circula, elementos que guiaram sobremaneira na constituição das unidades-entrada as quais compõem o dicionário eletrônico.

Viu-se aqui em relação a algumas formas de alteração da UF que há gradação quanto à variabilidade: tem-se desde expressões estritamente rígidas na forma, cristalizadas, as quais não permitem a inserção de novos constituintes, até outras bem mais suscetíveis a mudanças, as unidades semicristalizadas, que encontram-se em via de adaptação e lexicalização, assim como as colocações, estruturas que devido à atração lexical existentes entre os elementos da combinatória são tão próximas que não é possível definir quem atraiu quem no processo de cristalização. Por outro lado, mesmo as UFs semicristalizadas continuam sendo expressões fixas de pleno direito porque respondem aos critérios semânticos de impossibilidade de interpretação pela composicionalidade (isto é, por meio da montagem do sintagma segundo as regras da língua) e, sobretudo, ao critério de armazenamento léxico (isto é, todas as UFs encontram-se memorizadas no léxico do falante como estruturas prontas, assim como as palavras individuais).

Há, portanto, graus diferentes de fixidez na combinatória sintagmática. Não há somente dois grupos distintos e estanques: construções livres, de um lado, e grupos fixos, de outro lado. Na verdade, existe uma gradação na cristalização, sendo algumas UFs mais rígidas que outras, as quais estão alojadas entre o estado de cristalização e as colocações passando pelas mais

flexíveis, até a montagem livre em concordância com as regras da língua. Essa situação é mais claramente visível ao se atribuírem traços típicos dos membros da classe: há elementos que possuem todos os traços da classe, outros menos traços, de forma que o pertencimento à classe não é igual para todos os membros.

Por outro lado, ao tratar de fraseologia e a mesma se constituir como as expressões fixas da língua, às quais o falante recorre, mesmo que inconscientemente, não se pode esquivar da língua em uso e seus propósitos, como aborda Alves (2004):

a distribuição de unidades fraseológicas se adapta às possibilidades da língua, à complexidade da realidade a ser expressa e à situação comunicativa, portanto a fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos. (ALVES, 2004, p. 298-299)

Nesse sentido, uma análise de cunho funcionalista do fenômeno fraseológico é adequada, à medida que os fundamentos da Gramática Funcional e da Gramática Funcional do Discurso privilegiam, segundo Café (2003, p. 80), a “análise da sintaxe determinada pela semântica e a interpretação desses dois elementos no contexto da pragmática”. Nos dados analisados, verifica-se que a maior produtividade de construções se encontra nas UFs de base nominal, seguidas por aquelas de base verbal. Os fraseologismos nominais são típicos da linguagem especializada, enquanto os verbais, também produtivos na língua, de acordo com Pacheco (2002), funcionam como sinônimos de verbos e evidenciam a produtividade das unidades fraseológicas verbais cristalizadas no PB. Tal fato justifica a maior atenção que vem sendo dada ao estudo das UFs dentro dos Estudos do Léxico nos últimos tempos, apesar de acreditar que a quantidade de estudos acerca das unidades fraseológicas vernaculares desenvolvida no Brasil ainda é pequena em relação ao interessante tema de pesquisa que ela representa.

Uma das maiores dificuldades encontradas em trabalhos de cunho fraseológico está em eleger um critério adequado para ordenar as UFs, tarefa esta que se mostra decisiva para o andamento da pesquisa e posterior classificação das unidades, pois como abordado anteriormente, há uma vasta

denominação e certa confusão terminológica com relação ao campo fraseológico, como não há norma ou regras padronizadas quanto a isso, considera-se a taxonomia proposta por Merji (1986) e com ele concorda-se de que a combinatória sintagmática estabelece-se na língua por meio da convencionalidade, a ordenação, que lhe é estrutural e a frequência, o critério que evidencia o seu caráter cristalizado, podendo ser de ordem semântica e/ou pragmática, pois como bem aponta Jorge (2001, p. 22) nos seus estudos sobre fraseologia portuguesa, “conhecer a fraseologia implica conhecer o povo, a cultura que lhe deu vida”.

Durante o desenvolvimento do presente estudo, algumas ideias conclusivas puderam ser estabelecidas:

- 1) A perspectiva de que o cruzamento dos critérios da fixidez e da congruência é decisivo para a delimitação da unidade fraseológica permite uma visão mais inclusiva de itens lexicais e tenta dar conta daquilo que M. Gross (1982) e Jackendoff (1997) julgam como uma enorme falha dentro dos estudos linguísticos: o não tratamento científico de expressões cristalizadas. Esta perspectiva lexical mais abrangente pautou o decorrer desta investigação.
- 2) Levou-se para o desenvolvimento do presente trabalho a ideia de que o léxico de uma língua não se constitui apenas de estruturas simples e, especialmente, a noção de que as expressões cristalizadas não devem ser renegadas tanto em sua descrição quanto em sua forma de ser ensinada, e sim, pertencem ao conhecimento linguístico do falante (de acordo com Jackendoff, 1997). Tomando como pressuposto esta ideia, é proposto que tais expressões devessem ser inseridas em dicionários encabeçando o verbete e não na forma de sub-entradas, como geralmente são tratadas em dicionários de língua geral.
- 3) Esta tentativa, além de ser coerente com uma visão mais abrangente de léxico, propõe que as unidades fraseológicas não sejam tratadas como sendo apenas um fragmento sintático.

- 4) Demonstra-se como é possível aplicar testes que verifiquem o estatuto de cristalização destas expressões. Foi introduzido um teste complementar que parece indicar que a Semântica da Expressão, mais especificamente o valor aspectual dela, interfere na sua soldadura. Em outras palavras, verificou-se que as expressões com um perfil aspectual pontual tendem a bloquear a inserção de marcador de frequência; o mesmo não parece ocorrer com as expressões com perfil durativo. Em suma, o valor semântico da expressão em um ambiente sintático-semântico específico parece determinar também o seu estatuto de unicidade fraseológica.

Como os lexemas do futebol são numerosos e se multiplicam em novas combinações, o léxico futebolístico se apresenta de forma bastante complexa, constituindo-se por diversos domínios que se interpenetram, cada um gerando seus próprios termos e partilhando com outros a sua significação. Neste sentido, no gênero Coluna Esportiva, são vários os recursos utilizados para exercer poder sobre o seu público leitor. Apesar das modificações que possam sofrer esses textos na mídia, a coluna Caderno de Esporte tem uma característica que lhe é singular, isto é, um gênero que tem a função de apresentar à sociedade não apenas uma informação especializada, mas também uma opinião marcada por diferentes recursos de estilo.

Ficou claro ao longo desta investigação que as unidades fraseológicas são amplamente utilizadas no discurso futebolístico, como já previsto no início da pesquisa, assim como nas diferentes esferas cotidianas, sendo produzidas, ressignificadas ou renovadas e, com isso, se considera a necessidade de se empreender novas buscas, seja para investigar a frequência com que ocorrem, o grau de variedade a que se submetem sem que tenham seu sentido alterado, os fatores que favorecem a criação constante de novos pragmatemas ou desaparecimento de algumas dessas estruturas, entre outros aspectos, sendo inevitável que essas estruturas sejam tratadas com maior atenção tanto no viés de sua documentação em dicionários quanto da perspectiva do ensino de língua.

Para concluir, acredita-se ter atingido o propósito para esta pesquisa, isto é, o de contribuir para a descrição e o uso das unidades fraseológicas presentes no discurso dos jornais brasileiros das cinco capitais estudadas conforme as séries B, C e D do Campeonato Brasileiro. Concebendo que a linguagem especializada está dentro da língua geral, e por esse motivo é passível de variantes, assim como a língua geral e que essa mesma língua restrita também possibilita, no senso comum, o fluxo contínuo da alimentação do léxico e, por isso mesmo, mostra-se um tema instigante para investigações futuras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. B.; CORREIA, M. Terminologia e *corpus*: relações, métodos e recursos. *In*: TAGNIN, S. E.; VALE, O.O.A. **Avanços da Linguística de Corpus no Brasil**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2008.

ANSCOMBRE J.C. **Les proverbes sont-ils des expressions figées?** Cahiers de lexicologie, 82, p. 159-173, 2003.

\_\_\_\_\_. **Parole proverbiale et structures métriques.** *Langages*, n. 139, p. 6-26. 2000.

AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ALVES, I. M. **Estudos lexicais em diferentes perspectivas** [recurso eletrônico] / organizado por Ieda Maria Alves ... [et al.]. -- São Paulo: FFLCH/USP, 2014.

\_\_\_\_\_. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

ALVES, Elisabeth. A variação na fraseologia verbal da economia. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça, organizadoras. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, volume II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2010.

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, 1951. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Précis de stylistique**: esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne. Genebra: Eggimann, 1909.

BAPTISTA, L.M.T.R. Fraseologia: discurso, interculturalidade e tradução. *In*: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia**: entabulando diálogos reflexivos. Londrina: UEL, 2012.

BÁRDOSI, N. **Problèmes posés par le traitement lexicographique des figés dans les dictionnaires français**. *Fremdsprachen Lehren und Lernen*, n. 21, p. 104- 16,1992.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.

BENSON, M.; BENSON, E.; ILSON, R. **The BBI combinatory dictionary of English**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1996.

BENVENISTE, É. **Formes nouvelles de composition nominale**. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, v.61 ,n. 1, 1966.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. 2006. Disponível em: <[http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos\\_1/13879.pdf](http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/13879.pdf)>. Acesso em: 23 jan. 2016.

BEVILACQUA, C.R. **Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto Universitário de Linguística Aplicada, Universidade Pompeu Fabra, 2004.

\_\_\_\_\_. **A fraseologia jurídico-ambiental**. [Dissertação de Mestrado] Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Da fraseologia. *In: Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. Área de Linguística volume 2. João Pessoa: ANPOLL, 1995.

BIBER, D., Conrad, S. & Reppen, R. **Corpus Linguistics. Investigating language structure and use**. 1998. Cambridge: CUP. (1998).

BIDERMAN, M. T. C. Polisssemia *versus* homonímia. *In: Anais do Seminário do Gel*. XXXVIII, Franca: Unifran – União da Faculdades Francanas, 1991.

\_\_\_\_\_. Os Dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. O. As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001, p.131-144.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. *In: OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

BLAIS, E. **La phraséologie: Une hypothèse de travail**. *Terminologies Nouvelles*. Bruxelas, v.10, p. 50-56, 1993.

BORBA, F. S. (Org.) **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOULANGER, J-C. **Lexicographie générale**: Notes de cours. Brasília, UnB, 1995.

BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.* **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. São Paulo: EDUC: Pontes, 1992.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.

BURGER, H. **Idiomatik des Deutschen**. Tübingen: Niemeyer, 1973.

CABRÉ, M. T.; LORENTE, M.; ESTOPÀ, R. Terminología y fraseología. *In: V SIMPOSIO DE TERMINOLOGÍA IBEROAMERICANA*. Cidade do México. Anais. Cidade do México: Colegio del Mexico, 1996. p. 67-81.

CAFÉ, Lígia. Terminologia: aplicação do (re)modelo de Simon Dik. *In: FAULSTICH, Enilde e ABREU, Sabrina Pereira de (org). Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia*: cooperação internacional: Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

CAMACHO, B. F. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2008.

CAPINUSSÚ, J.M. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: Ibrasa, 1998.

CARNEADO MORÉ, Z. **La fraseologia en los diccionarios cubanos**. Havana: Editorial de Ciências Sociales, 1985.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950.

CASTILHO, D. **Novas tecnologias de ensino e aprendizagem**: a internet, a tecnologia e os ambientes virtuais. Olho da História, n. 8, 2006. Disponível em: <<http://oohodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/daniela.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madri: CSIC, 1992 [1950].

CEGALLA, D. P. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CENDÓN, Beatriz Méndez. **Estrategias fraseológicas en el género discursivo de los artículos científicos médicos en lengua inglesa**. Tese (Doutorado em Filosofia y Letras) - Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Valladolid, 2002.

CHACOTO, L. A produção fraseoparemiográfica. *In*: ALVARES, M.L.O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

COLSON, J-P. *Corpus linguistics and phraseological statistics: a few hypotheses and examples*. *In*: BURGER, H., HÄCHI BUHOFER, A., GRÉCIANO, G. (eds.). **Flut von texten – vielfalt der kulturen. Ascona 2001 zu Methodologie und kulturspezifik der phraseologie**. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, 2003. p. 47-59.

\_\_\_\_\_. The World Wide Web as a *corpus* for set phrases. *In*: BURGER, H., DOBROVOL'SKIJ, D.; KÜHN, P.; NORRICK, N. (eds.). **Phraseologie/Phraseology**. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 1071-1077.

COMISSOM LINGÜÍSTICA DA AGAL. **Dicionário Galego do futebol (Galego-Português, Espanhol, Inglês, Alemán)**, 2015. 1.ed.

CORPAS PASTOR, G.C. **Manual de fraseologia española**. Madri: Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_. **Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa**. Euskera, Bilbao, n. 10, p. 21-49, 2001.

\_\_\_\_\_. **Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos**. Madri: Iberoamericana, 2010.

COSERIU, E. **Lecciones de lingüística general**. Madri: Gredos, 1977.

DAMÁSIO, A.R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1998.

D'AMBRÓSIO, O. **O futebol na ponta da língua**. Jornal Unesp, Araraquara, ano 10, n. 212, 2006.

DE BRITES, F.F. **O vocabulário futebolístico: glossário de neologismos do futebol no Brasil**. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

DESMET, I. **Pour une approche terminologique des sciences sociales et humaines: Les sciences sociales et humaines du travail en portugais et en**

**français**. 1995. Tese (Doutorado em Sciences du langage) – Université Paris-Nord (Paris XIII), Paris, 1995. v. 2.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, p. 233-58, 1982.

FAULSTICH, E.L.J. **Aspectos de Terminologia geral e Terminologia variacionista**. *Tradterm*, v. 7, p. 11-40, 2001.

FEIJÓ, L.C.S. **A linguagem do futebol no Brasil**. 1993. Disponível em: [http://alinguagemdabola.com.br/fut\\_linguagem.html](http://alinguagemdabola.com.br/fut_linguagem.html)>. Acesso em: 24 nov. 2015.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FIALA, P. Figements et phraséologie état des recherches actuelles. *In*: DRIGEARD, G., FIALA, P., TOURNIER, M. (Eds). **Courants sociolinguistiques. Séminaire de lexicologie politique de l'Université de Paris III 1986-1987**. Paris: Klincksieck, p. 149-155, 1989.

FIRTH, J.R. 1957. **Papers in Linguistics**. 1934-1951. Oxford: OUP(1957).

FLEISCHER, W. Figement et changement sémantique. *In*: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). **La locution entre langue et usages**. Fontenay-Saint-Cloud: ENS Éditions, p. 131-164, 1997.

FOLHA ON-LINE. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

FRASER, B. **Idioms within a Transformational Grammar**. *Foundations of Language*, n. 6, p. 22-42. 1970.

FULGÊNCIO, L. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em:

<[www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_FulgencioLM\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FulgencioLM_1.pdf)>. Acesso em: 3 mai. 2015.

GARCÍA PAGE, M. **Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones**. Anthropos, 2008.

GASPAR, L. **Futebol brasileiro, gíria e frases feitas**. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987. p. 1-28.

GONZÁLEZ REY, I. **La phraseologie du français**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2004.

GOUADEC, D. Nature et traitement des entités phraséologiques. *In: DEUXIÈME UNIVERSITÉ D'AUTOMNE EN TERMINOLOGIE*, 1994, Paris. Anais... Paris: La Maison du Dictionnaire, 1994. p. 167-193.

GRECIANO, G. **Préfabriqués linguistiques, leur performance cognitive et communicative**. Viena: INST, 1999. Disponível em: <[http://www.inst.at/studies/s\\_0103\\_f.htm](http://www.inst.at/studies/s_0103_f.htm)>. Acesso em: 25 jan. 2015.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GROSS, G. **Enseignement des connecteurs**. Les Cahiers de l'ASDIFLE, n. 6, p. 109-123, 1995.

\_\_\_\_\_. **Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions**. Paris: Ophrys, 1996.

\_\_\_\_\_. Du bon usage de la notion de locution. *In: MARTINS-BALTAR, M. La locution entre langue et usages*. Fontenay/Saint-Cloud: ENS Editions, 1997. (col. Signes).

GROSS, Gaston. Degré de figement des noms composés. **Langages**, v. 90, p. 57-72, 1988.

\_\_\_\_\_. **Les expressions figées en français**. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

\_\_\_\_\_. Classes d'objets et description des verbes. **Langages**, n. 115. Paris: Larousse, p. 15-30. 1994.

\_\_\_\_\_. Les constructions converses du français. **Genève-Paris: Droz**, 1989.

GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. **Langages**, v. 90, p. 7-22. 1988a.

\_\_\_\_\_. Les phrases figées en français. **L'information grammaticale**, v. 59, p. 36-41, 1993.

\_\_\_\_\_. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. **Langages**, v. 63, p. 7-52. 1982.

\_\_\_\_\_. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann. 1975.

\_\_\_\_\_. Sur les déterminants dans les expressions figées. **Langages**. Paris, Larousse, n. 79, p. 89-117. 1985.

\_\_\_\_\_. **Une classification des phrases ‘figées’ du français, De la syntaxe à la pragmatique**. ATTAL P. & MULLER C. (Éds.). Amsterdam: Benjamins, 1984. p. 141-180.

\_\_\_\_\_. Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe de l’adverbe. CERIL: Evry, 1990.

\_\_\_\_\_. **Les Nominalisations d’expressions figées**. *Langue Française*, v. 69, p. 64-84, 1986.

\_\_\_\_\_. Les noms traceurs. **Cahiers de lexicologie**, v. 44, n. 1, p. 105-136, 1984a.

\_\_\_\_\_. Sur les phrases figées complexes du français. **Langue française**, v. 77, p. 47-70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Une famille d’adverbes figés: les constructions comparatives en comme**. *Revue québécoise de linguistique*, v. 13, n. 2, p. 237-269. 1983.

\_\_\_\_\_. Une famille d’adverbes figés; les constructions comparatives en comme. **Revue québécoise de linguistique**, v. 13, n. 2, p. 237-269, 1984a.

\_\_\_\_\_. Une classification des phrases ‘figées’ du français. ATTAL, P.; MULLER, C. (eds.). **De la Syntaxe à la Pragmatique**. Berlin: John Benjamins Publishing Co., 1984b. p. 141-180.

\_\_\_\_\_. Sur les déterminants dans les expressions figées. **Langages**, n. 79, p. 89-117, 1985.

\_\_\_\_\_. Les nominalisations d’expressions figées. **Langue française**, n. 69, p. 64-84, 1986.

\_\_\_\_\_. Les limites de la phrase figée. **Langages**, n. 90, p. 7-22, 1988.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil** – uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HEINZ, M. **Les locutions figurées dans le “Petit Robert”**. Tübingen: Max Niemeyer, 1993.

HAUSMANN, F.J. Le dictionnaire de collocations. *In*: HAUSMANN, F.J. et al. **An International encyclopedia of lexicography**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1990. p. 1010-1019. v. 1.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. **Polifonia**, Lisboa: Edições Colibri, n. 4, p. 215-222, 2001.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. **Revista de Filologia Românica**, Madri, v. 4, 1986. Disponível em: <[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm\\_4KQCg&usq=AFQjCNEODI\\_I0QWsg9m\\_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm_4KQCg&usq=AFQjCNEODI_I0QWsg9m_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w)>. Acesso em: 28 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Lexicologia e fraseologia no português moderno. **Revista de Filologia Românica**, Madri, v. 4, 1986. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/29929939-Lexicologia-e-fraseologia-no-portugues-moderno.html>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

KJAER, A. L. Phraseology Research. State of the Art. **Terminology Science and Research**, IITF, 1-1/2, p. 3-20, 1990.

LAFACE, A.; TASHIRO, E. A.; CRUZ, M. L. O. B.; SILVA, M.R.G.L. (Orgs.). **Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas**. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

LEAL, M.A.F. Descrição e análise de algumas unidades fraseológicas presentes. **In**: SILVA, S. (Org.). **Fraseologia & Cia**: entabulando diálogos reflexivos. Londrina: UEL, 2012.

LEECH, G. Corpora and theories of linguistic performance. *In*: SVARTIVICH Jan (Ed.) **Directions in corpus linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

L'HOMME, M-C. Understanding Specialized Lexical Combinations. **Terminology**, v. 6, n. 1, p. 89-110, 2000.

\_\_\_\_\_. Caractérisation des combinaisons lexicales spécialisées par rapport aux collocations de langue générale. FONTENELLE, T. et al. **Euralex'98 Proceedings**.v. 2. Liège: Université de Liège, 1998. p. 513-522.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a Gramática e a Semântica. *In: ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M.G. (org.). As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.*

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MARANHÃO, H. **Dicionário de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MATUDA, S. **A fraseologia do futebol: um estudo bilíngue português-inglês direcionado pelo corpus**. 2011. 335 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MEL'CUK, I. **Dictionnaire Explicatif et combinatoire du français contemporain**. Montreal: Les Presses de la Université de Montréal, 1984. v.1.

\_\_\_\_\_. **Dictionnaire Explicatif et combinatoire du français contemporain**. Montreal: Les Presses de la Université de Montréal, 1988. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Dictionnaire Explicatif et combinatoire du français contemporain**. Montreal: Les Presses de la Université de Montréal, 1992. v.3.

MERJI, S. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. *In: L'information grammaticale*, n. 76, p. 50-51, 1998. Disponível em: /web/revues/home/prescript/article/igram\_0222-9838\_1998\_num\_76\_1\_2893. Acesso em: 9 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Délimitation des unités phraséologiques. *In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Unité polylexicale et polylexicalité. *Linx* n. 40, 1999, p. 79-93.

\_\_\_\_\_. **Structuration sémantique et variation des séquences figées**. Le Figement lexical, *Actes de la 1ère Rencontre Linguistique Méditerranéenne*, Tunis, (17-19 septembre 1998), Tunis CERES, p. 103-112, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Du figement lexical: continuité référentielle et saillance linguistique**. *Scolia*, 1998c. p. 169-179.

\_\_\_\_\_. Binarisme, dualité et séquences figées. *Mélanges*. *In: ROBERT M., Duculot, Les formes du sens*, 1997. p. 249-256.

\_\_\_\_\_. **Défigement et jeux de mots**. *Etudes Linguistiques*, v.3, Tunis, 1997, p. 75-92, 1997.

\_\_\_\_\_. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique**. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

\_\_\_\_\_. **Le figement lexical**. *Cahiers de lexicologie*, v. 82, p. 23-40, 2003.

MERJI, S. & OUERHANI, B. **Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions.** traduction du livre de Gaston Gross, (en arabe), 2009.

\_\_\_\_\_. Délimitation des unités phraséologiques. *In*: ALVAREZ, M.L.O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia.** Campinas: Pontes, 2012.

MENDÍVIL, J.L.J. **Las palabras disgregadas:** Sintaxis de las expresiones idiomáticas y los predicados complejos. Zaragoza: Universidad, 1999.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia:** era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. v. 1. (Col. Estudos da Pós-Graduação).

MONTORO DEL ARCO, E. T. **Aproximación a la historia del pensamiento fraseológico español: las locuciones con valor gramatical y su norma culta.** 2005. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) - Universidad de Granada, 2005. Disponível em: <<http://hera.ugr.es/tesisugr/15476893.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

NASCENTES, A. **Tesouro da fraseologia brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NOGUEIRA, L.C.R. **A presença de expressões idiomáticas no ensino de espanhol/língua estrangeira.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

NOMDEDEU RULL, Antoni (2004): **Terminología del fútbol y diccionarios: elaboración de un diccionario de especialidad para el gran público.** Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona. Tesis doctoral. Depósito legal: B-6605-2005. ISBN: 84-689-0939-4.

OLIMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. **Cuestiones didácticas relacionadas con el tratamiento de la definición lexicográfica.** Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/15/15\\_0619.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0619.pdf)>. Acesso em: fev. 2012.

ORTEGA, M. B. A. **Las fórmulas rutinarias en el español actual.** 2008. Disponível em: <[rua.ua.es/dspace/bitstream/.../tesis\\_doctoral\\_maria\\_belen\\_alvarado.pdf](http://rua.ua.es/dspace/bitstream/.../tesis_doctoral_maria_belen_alvarado.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2016.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba:** estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. Apresentação ou Entabulando a conversa. *In*: SILVA, S. (Org.). **Fraseologia & Cia:** entabulando diálogos reflexivos. Londrina: UEL, 2012.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 1.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re) visão da teoria e da pesquisa fraseológica**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PAVEL, S. La phraséologie en langue de spécialité. Méthodologie de consignation dans les vocabulaires terminologiques. **Terminologies Nouvelles**, Bruxelles, n. 10, p. 67-82, 1993.

PECMAN, M. L'enjeu de la classification en phraséologie. In: HÄCKI-BUHOFER, A.; BURGER, H. (ed). **Phraseology in Motion**. Baltmannsweiler: Schneider, 2007. p. 29-48. v.2.

PEDRO, Mogorrón & MEJRI, Salah. **Opacidad, idiomaticidad, traducción = Opacité, idiomaticité, traduction**. Alicant: Encuentros Mediterráneos/Rencontres Méditerranéennes. Universitat d'Alicant, 2010. v.3.

PENNA, L.; PENNA, M. **Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PONTES, A. L. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. **Revista de Letras**, v. 30, n. 1, 2010-2011. Disponível em: <rl30art14\_fraseologia\_em\_dicionarios\_escolares.pdf>. Acesso em: ago. 2012.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo: Difel, 1975.

\_\_\_\_\_. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.

\_\_\_\_\_. **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo: Difel, 1975.

QUEIROZ, J. M. **Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola**. 2005. 954 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005. 4 v.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Real Academia Española**. 2001. Disponível em: <www.rae.es>. Acesso em: 11 nov 2016

RODRIGUES, G. **Estudo sobre as expressões idiomáticas e o uso de dicionários especiais da língua portuguesa no ensino fundamental**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2010.

RODRIGUÉZ, M. A. S. **Unidades fraseológicas francesas**. Estudios en un corpus: la Petalogía de Belleville de Daniel Pennac. Planteamiento didáctico. 2004. 508 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departamento de Filología Francesa, Românica, Italiana e Árabe, Universidade de Múrcia, Múrcia, 2004.

RONCOLATTO, E. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia**: análise, classificação e equivalências. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

RUIZ GURILLO, L. **Ejercicios de fraseología**. Madrid: Arco/Libros. 2002.

RUIZ GURILLO, L. Algunas consideraciones sobre las estrategias de aprendizaje de la fraseología del español como lengua extranjera, en SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, I. (eds.): **Problemas y métodos en la enseñanza del español como lengua extranjera. Actas del IV Congreso Internacional de ASELE**. Madrid: ASELE, p. 141-151, 1994.

\_\_\_\_\_. **Aspectos de fraseología teórica española**, (Anejo XXIV de Cuadernos de Filología). Valencia: Universitat de València, 1997.

\_\_\_\_\_. **La fraseología del español coloquial**. Barcelona: Ariel, 1998.

\_\_\_\_\_. Un enfoque didáctico de la fraseología española para extranjeros, en COPERÍAS, M. J.; REDONDO, J.; SANMARTÍN, J. (eds.): **Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics**, vol. V. València: Universitat de València, p. 259-275, 2000a.

\_\_\_\_\_. ¿Puede la fraseología ser relevante en cualquier situación?, en SALVADOR, V.; PIQUER, A. (eds.): **El discurs prefabricat. Estudis de fraseologia teòrica i aplicada**, Universitat Jaume I, p. 81-103, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Las locuciones en español actual**. Madrid: Arco-Libros, 2001a.

\_\_\_\_\_. La fraseología como cognición: vías de análisis, en **Lingüística Española Actual**, XXIII/1, p. 107-132, 2001b.

RULL, A.N. **Terminología del fútbol y diccionarios**: elaboración de un diccionario de especialidad para el gran público. 2004. 255 f. (Doutorado em Filologia Espanhola)– Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2004.

SANCHEZ, A.; CANTOS, P. C. **Curso de Español**. Madrid: SGEL, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRANO LUCAS, Lúcia Clara. **Metodología para la enseñanza de la fraseología en traducción**: *Paremia*, 19: 2010, pp. 197-206.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**, versão 5.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

SEEMANN, P. A. A. **A construção de um glossário bilíngue de futebol com apoio da Linguística de Corpus**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

SFAR, Inès. Les énoncés formulaires: contenu pragmatique et problèmes de traduction. *In*: MEJRI, Salah. **A la croisée des mots. Hommages Taïeb Baccouche**. Paris: Université de Sousse; Université Paris, 2007. p.313-328. Disponível em:<<https://halshs.archivesouvertes.fr/halshs-00410877>>. Acesso em: fev. 2016.

SIL International. **Lexique Pro 3.6**. Software SIL IVB/Mali, Copy-right 20042012. Disponível em:<http://www.lexiquepro.com/download.htm>. Acesso em: 10 out. 2013.

SINCLAIR, J.M. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Collocation a progress report. *In*: **Language Topics** in honour of M. HALLIDAY, Steel, R. *et al.* [Org.]. Amsterdam-Philadelphia, v. 2, p. 319-331, 1988.

SILVA, M. B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. **Revista de Letras**, n. 28, v.1/2, jan/dez, 2006.

Školníková, Pavlína. **Las colocaciones léxicas en el español actual**. Magisterská diplomová práce, Brno, 2010.

SOUZA, J.; LEITÃO, S. S.; RITO, L. **Futebol-Arte**. São Paulo: Empresa das artes, 1998.

STREHLER, René G. Fraseologismos e sinonímia. *In*: **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, v. 42, p. 145-156, 2003.

STREHLER, R. **Análise de categorias de marcas de uso em dicionários**. Brasília: UnB, 1998.

STUBBS, R. **O livro dos esportes**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2012. p. 96 -103.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. **Fraseología y Contexto**. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

TRISTA PEREZ, A.M. & CARDEADO MORE, Z. **Elementos somaticos en las unidades fraseologicas**. *Anuario L/L*, n. 17, p. 55-68, 1986.

VALE, O. A. **Expressões cristalizadas do português do Brasil**: uma proposta de tipologia. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Julio Mesquita Filho, Araraquara, 2001.

VINOGRADOV, V. V. **As questões principais acerca da fraseologia russa como disciplina linguística**, LGU. Leningrado, 1946.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osorio Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

\_\_\_\_\_. **A apresentação de fraseologismos num dicionário alemão-português de verbos (e em seis outros dicionários)**. 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/let/welker/fraseo.doc>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

XATARA, C.M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

XATARA, C. M.; PARREIRA, M. C. S. A elaboração de um dicionário fraseológico. *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 69-76.

\_\_\_\_\_. Elaborando um dicionário fraseológico informal: a coleção Xeretando a Linguagem. *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 77-92.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijadas**. Frankfurt: a. M.; Berna: Cirencester; Reino Unido: Lang, 1980.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AGUILAR-AMAT CASTILLO, A. Caracterización sintáctica de los idiotismos y propuestas de PARSER para un sistema de traducción automática. XX SEL, 1990, Madri. **Anais...** Madri: Gredos, p. 824-833, 1990.

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Librairie C.Klincksieck, 1951. v. 1-2.

\_\_\_\_\_. **Linguistique générale et linguistique française**. Berna: Editions Francke, 1932.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

\_\_\_\_\_. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, n. 40, p. 27-46, 1996.

\_\_\_\_\_. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 27-55, 2000.

\_\_\_\_\_. Unidades complexas do Léxico. *In*: RIO-TORTO, G. et al. **Estudos em homenagem a Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005. v. 2, p.747-757.

BLANCO, Xavier. **Los frasemas composicionales pragmáticos**. *In*: HUERTA, Pedro Mogorrón & MEJRI, Salah. **Opacidad, idiomaticidad, traducción = Opacité, idiomaticité, traduction**. Alicant: Encuentros Mediterráneos/Rencontres Méditerranéennes. Universitat d'Alicant, 2010. v.3.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Unesp, 2003.

CARNEADO MORÉ, Z.; TRISTÁ PÉREZ, A. M. **Estudios de fraseología**. La Habana, Academia de Ciencias de Cuba, Instituto de Literatura y Lingüística. *In*: CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [1950] 1985.

\_\_\_\_\_. **Diccionario ideológico de la lengua española**. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1959.

COLSON, J.-P. Ébauche d'une didactique des expressions idiomatiques en langue étrangère. **Terminologie et Traduction**, v. 2, n. 3, p. 165-181, 1992.

CONCA, M. **Paremiologia**. Valência: Universidade de Valência, 1987.

\_\_\_\_\_. **Teoria i història de la paremiologia catalana**. 1994. Tese (Doutorado em Filologia) – Universitat de Valência, Valência, 1994.

CONCA, M.; GUIA, J. La idiomaticitat de les unitats fraseològiques (Ufs) en relació amb el sistema conceptual metafòric d'una llengua i cultura. Aplicació diacrònica i contrastiva. **Cahiers du P.R.O.E.M.I.O**, Orleans, n. 3, p. 31-48, 2000.

CORPAS PASTOR, G. Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas, con ejemplos tomados del español y del inglés. *In*: ALVAR EZQUERRA, M.; CORPAS PASTOR, G. **Diccionarios, frases, palabras**. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad, 1998. p. 157-187.

\_\_\_\_\_. Acerca de la (in)traducibilidad de la fraseología. *In*: CORPAS PASTOR, G. (ed.). **Las lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción**. Granada: Editora Comares, 2000. p. 483-522.

\_\_\_\_\_. **Diez años de investigaciones en fraseología**: análisis sintáctico semánticos, contrastivos y traductológicos. Madrid: Ed. Vervuert, 2004. (Col. Lingüística Iberoamericana). Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=247302>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

DANLOS L. (Org.). **Les expressions figées**. *Langages*, Paris, Larousse, v. 90, 1991.

DE BOER, C. **Essais de syntaxe moderne française**. Groningen: P. Noord-Hoff, 1922.

ECKERT, R. **Studien zur historischen Phraseologie der slavischen Sprachen**. Munique: Sagner, 1991.

FIALA, P. **Pour une approche discursive de la phraseologie**. Remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent. *Langage et société*, n. 42, p. 27-44, 1988.

GALISSON, R. **L'apprentissage systématique du vocabulaire**. Paris: Larousse, 1970a. Tomo 1.

\_\_\_\_\_. **L'apprentissage systématique du vocabulaire**: exercices. Paris: Larousse, 1970b. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. **Lexicologie et enseignement des langues**. Paris: Hachette, 1979.

\_\_\_\_\_. **Des mot pour communiquer**: éléments de lexicométhodologie. Paris: Clé International, 1983.

\_\_\_\_\_. **De la langue à la culture par les mots**. Paris: Clé International, 1991.

GARCÍA-PAGE, M. **Léxico y sintaxis locucionales: algunas consideraciones sobre las palabras 'idiomáticas'**. *Estudios humanísticos: Filología*, n. 12, p. 279-290, 1990.

\_\_\_\_\_. **El modismo en la enseñanza del español**. *Analecta Malacitana*, v. 16, n. 2, p. 347-363, 1993.

\_\_\_\_\_. **Fraseologismos oracionales**. *Contextos*, v. 13, n. 25-26, p. 79-92, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sobre las variantes fraseológicas en español**. *Revista Canadiense de estudios hispánicos*, v. 20, n. 3, p. 477-490, 1996.

\_\_\_\_\_. Expresiones fijas idiomáticas, semiidiomáticas y libres. **Cahiers du P.R.O.E.M.I.O**, n. 3, p. 95-110, 2000.

GLENK, E. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais. **Pandaemonium Germanicum**, v. 11, p. 189-214, 2007. Disponible em:

<[www.fflch.usp.br/dlm/alemao/.../site/images/pdf/.../13\\_EvaGlenk.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/.../site/images/pdf/.../13_EvaGlenk.pdf)>. Acesso em: fev. 2012.

GONZALEZ REY, M. I. Le rôle de la métaphore dans la formation des expressions idiomatiques. **Paremia**, v. 4, p. 157-167, 1995.

\_\_\_\_\_. **La mise en discours des expressions idiomatiques françaises.** **Paremia**, v. 8, p. 249- 254, 1999.

\_\_\_\_\_. La presencia de la comparación en la construcción de expresiones idiomáticas del español y del francés. **Cahiers du P.R.O.E.M.I.O**, n. 3, p. 213-228, 2000.

\_\_\_\_\_. **La phraséologie du français.** Toulouse: UniToulouse - Le Mirail, 2002.

GRECIANO, G. L'irréductibilité de l'expression idiomatique vivante à sa paraphrase: indice de la pluralité de ses dimensions sémantiques et de l'appel à une étude pragmatique de son contenu. **Recherches linguistiques**, p. 107-122, 1984.

\_\_\_\_\_. Les inférences de l'idiome. **Travaux de Linguistique et de Littérature**, v. 24, n. 1, p. 139-153, 1986.

\_\_\_\_\_. Le signe idiomatique et la production textuelle. In: ESCHBACH, A. (ed.): **Foundations of Semiotics.** Berlim: John Benjamin's Publishing Cia., 1989. p. 415-424.

\_\_\_\_\_. Vers une modélisation phraséologique: Acquis et projets d'europhras. *In: SÉMINAIRE INTERNATIONAL DE PHRASÉOLOGIE*, 1993, Hull. **Anais...** Hull: Agence de Coopération culturelle et technique y communauté française de Belgique, 1993. p. 16-22.

\_\_\_\_\_. La phraséogénèse du discours. *In: MARTINS-BALTAR, M. La locution entre langue et usages.* Fontenay/Saint-Cloud: ENS Editions, 1997. p. 179-200. (col. Signes).

GÜNTHER, K. Die sowjetische Forschung zur Phrasembildung im Russischen. In: AKADEMIE D. WISS. **Sprachwissenschaftliche Informationen Heft 2.** Berlim, 1981. p. 103-111.

HÄUSERMANN, J. **Phraseologie:** Hautprobleme der deutschen Phraseologie auf der Basis sowjetischer Forschungsergebnisse. Tübingen: Max Niemeyer, 1977.

HIGI-WYDLER, M. **Zür Übersetzung von Idiome:** eine Beschreibung und Klassifizierung deutscher Idiome und ihrer französischen Übersetzungen. Berna: Peter Lang, 1989.

ISACENKO, A. V. Morphologie, syntaxe et phraséologie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 7, p. 17-32, 1948.

JORGE, G. **Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica**. *Cadernos de Fraseoloxia Galega*, v. 7, p. 119-133, 2005

KURCHATIKNA, N. N.; SUPRUN, A. V. **Fraseologia ispanskogo yazika**. Moscou: s.e., 1981.

MAKKAI, A. **Idiom Structure in English**. *The Hague*, Mouton, 1972. p. 371

MARÇALO, Maria João. **Metáfora y fraseologia en portugués: cuando la lengua se pretende intraducible**. In: LUQUE DURAN y PAMIES BERTRAN (Orgs.). **La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología**, Collectae, Método Ediciones: Granada, 2006.

MARTIN, R. **Sur les facteurs du figement lexical, La locution entre langue et usages**. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). *Fontenay aux roses*: ENS Éditions, 1997. p. 291-305.

MARTIN, W. **Knowledge-Representation Schemata and Dictionary Definitions**. *Perspectives on English Studies in Honor of Professor Emma Vorlat*, 1994.

\_\_\_\_\_. **Polysémie et polylexicalité Syntaxe et sémantique**, n. 5, Caen, Presses de Université de Caen, 2003.

\_\_\_\_\_. **Séquences figés et expression de l'intensité**. Essai de description sémantique, *Clex*, v. 65, p. 111-122, 1994.

\_\_\_\_\_. **Unité polylexicale et polylexicalité**, *Linx*, v. 40, p. 79-93, 1999.

\_\_\_\_\_. **Le figement lexical: nouvelles tendances**. *Cahiers de Lexicologie*, v. 80, p. 213-223, 2002.

\_\_\_\_\_. **Polylexicalité, monolexicalité et double articulation: la problématique du mot**. *Cahiers de Lexicologie*, v. 89, 2006b. p. 209-221.

\_\_\_\_\_. (Éd.). **Le figement lexical**. *Cahiers de Lexicologie*, v. 82, n. 1, 2003.

\_\_\_\_\_. **Figement et dénomination**, *Meta*, n. 45, Montréal, Presses de l'Université de Montréal. p. 609-621, 2000.

\_\_\_\_\_. **Constructions à verbes supports, collocations et locutions verbales, Las construcciones verbo-nominales libres y fijadas**. Aproximación contrastiva y traductológica. In: MOGORRÓN HUERTA P. & MEJRI S. (Org., Université d'Alicante, 2008. p. 191-202.

\_\_\_\_\_. **Equivalence monolexicale des séquences figées, Les classes de prédicats**, Colloque franco-coréen, 7 novembre 2006, Université Paris XIII, Villetaneuse, 2006.

MEL'CUK, I. A. et al. **Paraphrase et lexique**: la Théorie Sens-Texte et le Dictionnaire explicatif et combinatoire. 1992. p. 9-58.

MEL'CUK, I. La phraséologie et son rôle dans l'enseignement / apprentissage d'une langue étrangère. **Études de Linguistique Appliquée**, n. 92, p. 82-113, 1993.

MEL'CUK, I. A.; CLAS, A.; POLGUERE, A. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Paris: Éd. Duculot, 1995. (col. Universités Francophones).

MEL'CUK, I. A.; IORDANSKAJA, L.; ARBATCHEWSKY-JUMARIE, N. Un nouveau type de dictionnaire: le Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain. (six articles de dictionnaire). **Cahiers de Lexicologie**, v. 38, n. 1, p. 3-34, 1981.

MELLADO BLANCO, C. Fraseologismos alemanes y españoles del campo de las emociones. **Paremia**, n. 6, p. 383-388, 1997.

MENDÍVIL GIRÓ, J. L. Consideraciones sobre el carácter no discreto de las expresiones idiomáticas. VI CONGRESO DE LENGUAS NATURALES Y LENGUAJES FORMALES, 2., 1991, Barcelona. **Anais...** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991. p. 711-735.

\_\_\_\_\_. **Contribución al estudio de predicados complejos y expresiones idiomáticas en español actual**. 1993. 1.810 f. Tese (Doutorado em Linguística Geral e Hispânica) – Departamento de Linguística Geral e Hispânica, Universidade de Zaragoza, 1993. 2 tomos.

\_\_\_\_\_. **Las palabras disgregadas**: sintaxis de las expresiones idiomáticas y los predicados complejos. Zaragoza: Prensas universitarias de Zaragoza, 1999.

ORTIZ ALVAREZ, M. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário fraseológico? **Revista Línguas e Letras**, Cascavel, n.2, v.2, p. 83-96, 2001.

\_\_\_\_\_. A língua (gem) nossa de cada dia: o componente fraseológico no ensino de línguas próximas (ELE e PLE). *In*: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA ESPANHOLA, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Instituto Cervantes, 2008. Disponível em: <[http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos\\_pdf/Minicurso\\_SP\\_2008\\_2.pdf](http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/Minicurso_SP_2008_2.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2010.

PENADÉS MARTINEZ, I. **La enseñanza de las unidades fraseológicas**. Madri: Arco Livros, 1999.

PILZ, K. D. **Phraseologie**: Versuch einer interdisziplinären Abgrenzung. Begriffbestimmung und Systematisierung unter besonderer Berücksichtigung der deutschen Gegenwartssprache. Göppingen: Verlag Alfred Kummerle, 1978.

REY, A. Structure sémantique des locutions françaises. *In*: BOUDREAUULT, M.; MÖREN, F. XIII CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, Laval. **Anais...** Laval, 1971. p. 831-841

\_\_\_\_\_. Phraséologie et pragmatique. MARTINS-BALTAR, M. **La locution entre langue et usages**. Fontenay/Saint-Cloud: ENS Editions, 1997. p. 333-346. (col. Signes).

RUIZ GURILLO, L. Algunas consideraciones sobre las estrategias de aprendizaje de la fraseología del español como lengua extranjera. *In*: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ASELE, Madri, 1994. **Anais...** Madri. Disponível em: [http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/04/04\\_0141.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/04/04_0141.pdf). Acesso em: 28 jan. 2015.

GARGALLO, I. Problemas y métodos en la enseñanza del español como lengua extranjera. *In*: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ASELE, Madri, 1994. **Anais...** Madri, 1994. p. 141-151.

\_\_\_\_\_. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valência: Universidade de Valência, 1997.

\_\_\_\_\_. **La fraseología del español coloquial**. Barcelona: Ariel, 1998.

\_\_\_\_\_. Un enfoque didáctico de la fraseología española para extranjeros, en COPERÍAS, M. J.; REDONDO, J.; SANMARTÍN, J. (eds.). **Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics**. v. 5. Valência: Universidade de Valência, 2000a. p. 259-275.

\_\_\_\_\_. ¿Puede la fraseología ser relevante en cualquier situación? SALVADOR, V.; PIQUER, A. (eds.). **El discurs prefabricat: estudis de fraseologia teòrica i aplicada**. [s.l.]: Universitat Jaume I, 2000b. p. 81-103.

\_\_\_\_\_. **Las locuciones en español actual**. Madri: Arco-Libros, 2001a.

\_\_\_\_\_. La fraseología como cognición: vías de análisis. **Lingüística Española Actual**, v. 23, n. 1, p. 107-132, 2001b.

GLÄSER, R. Relations Between Phraseology and Terminology in Specialized Language with Special Reference to English. *In*: KOCOUREK, R. (Ed.). p. 41-60, 1986.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1916.

SCHAPIRA, C. **Les stéréotypes en français: proverbes et autres formules**. Paris: Ophrys, 1999.

SECHEHAYE, A. Locutions et composés. **Journal de psychologie normale et pathologique**, n. 18, p. 654-675, 1921.

SEVILLA MUÑOZ, J.; ARROYO, A. La noción de 'expresión idiomática' en francés y en español. **Revista de Filología Francesa**, n. 4, p. 247-261, 1993.

SEVILLA MUÑOZ, J.; GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, A. **Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas**. Madrid: Universidad Complutense, 1988.

\_\_\_\_\_. La traducción y la didáctica de las expresiones idiomáticas (francés-español). **Équivalences**, v. 24, n. 2, p. 171-182, 1994.

THUN, H. Quelques Relations Systématiques Entre Groupements de Mots Figés. **Cahiers de Lexicologie**, v. 27, n. 2, p. 52-71, 1975.

\_\_\_\_\_. **Probleme der Phraseologie**: Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumänischen. Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie 168. Tübingen: Max Niemeyer, 1978.

VELLASCO, A.M.S. **Um estudo dos padrões de uso provérbios na sociedade brasileira**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Distrito federal, 1996.

VINOGRADOV, V. V. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo). *In*: SCHAHMATOV, A. A. **1864-1920**: Colectânea de Artigos e Materiais. [s.l.]: Academia de Ciências da URSS, 1947. p. 36-339.

WEINREICH, U. Problems in the Analysis of Idioms. *In*: PUHVEL, J. (Org.). **Substance and Structure of Language**. Berkeley: University of California Press, 1969. p. 23-81.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2a ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

WOTJAK, G. En torno a la traducción de unidades fraseológicas (con ejemplos tomados del español y el alemán). **Linguistische Arbeitsberichte**, n. 40, p. 56-80, 1983.

\_\_\_\_\_. **Algunas observaciones acerca del significado de expresiones idiomáticas verbales del español actual**. Leipzig: Universidad de Leipzig, 1985.

\_\_\_\_\_. **Uso y abuso de unidades fraseológicas, en Homenaje a Alonso Zamora Vicente I**. Madrid: Castalia, 1988. p. 535-548.

\_\_\_\_\_. **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 1988.

XATARA, M.C. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998a.

\_\_\_\_\_. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 1998b.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, W. L. **Novo PIP**: dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português / português-francês. São Paulo: Cultura, 2008.

### Site Consultado

FIFA: <<http://www.fifa.com/>>

### Glossários consultados na internet

[www.termcat.cat/dicci.futbol/index.html](http://www.termcat.cat/dicci.futbol/index.html)

[www.instituto-camoes.pt/cvc/euro2004/futingles.html](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/euro2004/futingles.html)

<http://copa.br.msn.com/extra/dicionario>

[http://es.wikipedia.org/wiki/Categor%C3%ADa:terminolog%C3%ADa\\_futbol%C3%A9stica](http://es.wikipedia.org/wiki/Categor%C3%ADa:terminolog%C3%ADa_futbol%C3%A9stica) <http://mundelfutbol.blogspot.com/2008/11/despeje.html>

